

JULES VÉRNE

(1828-1905)

**A ILHA DE HÉLICE**

# ÍNDICE

## PRIMEIRA PARTE — A CIDADE DOS BILHÕES

- Capítulo 1 — O Quarteto Concertante
- Capítulo 2 — O poder de uma sonata cacofônica
- Capítulo 3 — Um cicerone tagarela
- Capítulo 4 — O Quarteto Concertante desconcertado
- Capítulo 5 — Standard-Island e Milliard-City
- Capítulo 6 — Convidados
- Capítulo 7 — Proa a oeste
- Capítulo 8 — Navegação
- Capítulo 9 — O arquipélago das Sanduíche
- Capítulo 10 — Passagem da Linha
- Capítulo 11 — Ilhas Marquesas
- Capítulo 12 — Três semanas nas Pomotu
- Capítulo 13 — Escala no Taiti

## SEGUNDA PARTE — DISTÚRBIOS NO PACÍFICO

- Capítulo 1 — Nas ilhas de Cook
- Capítulo 2 — De ilhas para ilhas
- Capítulo 3 — Concerto na corte
- Capítulo 4 — Ultimato britânico
- Capítulo 5 — O tabu em Tonga-Tabu
- Capítulo 6 — Uma coleção de feras
- Capítulo 7 — Montarias
- Capítulo 8 — Fiji e Fijianos
- Capítulo 9 — Um Casus Belli
- Capítulo 10 — Mudança de proprietários
- Capítulo 11 — Ataque e defesa
- Capítulo 12 — Leme a bombordo, leme a estibordo
- Capítulo 13 — A situação definida por um dito de Pinchinat

# CAPÍTULO 1

## O QUARTETO CONCERTANTE

Uma viagem, em principiando mal, é raro acabar bem. Pelo menos, é esta uma opinião que teriam direito de sustentar quatro músicos, cujos instrumentos estão caídos no chão. Com efeito, o cocheiro [ coche, carruagem], onde haviam sido obrigados a meter-se na última estação do caminho de ferro, acaba de virar-se de repente de encontro ao talude da estrada.

— Não há ninguém ferido? — pergunta o primeiro, que se pôs agilmente em pé.

— Eu cá apenas apanhei uma arranhadela! — responde o segundo, enxugando uma das faces mosqueada por um estilhaço de vidro.

— E eu uma escoriação! — acrescenta o terceiro, que perde algum sangue pela barriga da perna esquerda.

Tudo, afinal, de pouca gravidade.

— E o meu violoncelo? — exclama o quarto. — Deus queira que não sucedesse nada ao meu violoncelo.

Por fortuna, os estojos estão intactos. Nem o violoncelo, nem as duas rabecas, nem a violeta, sofreram com o choque, e quando muito bastará afiná-los de novo pelo diapasão. Instrumentos de bom fabrico, não é verdade?

— Maldita via férrea, que nos deixou engasgados a meio caminho! — prossegue um deles.

— Maldita carruagem, que nos atirou abaixo, mesmo no meio de uma campina deserta! — ajunta o outro.

— Mesmo quando começa a anoitecer! — acrescenta o terceiro.

— O que vale é o nosso concerto estar só anunciado para depois de amanhã — observa o quarto.

Segue-se a troca de várias observações jocosas entre os artistas, que levam o desastre a rir. E um deles, seguindo o hábito inveterado de arranjar piadas com as locuções musicais, exclama:

— Entretanto, lá está o nosso cocheiro caído sobre si, que até faz dó.

— Pinchinat! — grita um dos companheiros.

— E a minha opinião — continua Pinchinat — é que há acidentes de mais na clavel — Tu calas-te?

— E que não era mau que nós transportássemos os nosos trechos para outro cocheiro! — acrescenta audaciosamente Pinchinat.

Sim! Com efeito, os acidentes são de sobejo, como o leitor vai já saber.

Todo este diálogo é em francês. Mas podia ser em inglês, visto que o quarteto fala a língua de Walter Scott e de Cooper como a sua própria, graças a numerosas peregrinações pelos países de origem anglo-saxônica. Assim, é nessa língua que eles passam a interpelar o condutor do cocheiro.

O pobre diabo foi quem mais sofreu, por ter sido arrojado da almofada no momento em que se quebrou o eixo do jogo dianteiro. Em todo o caso, o seu desastre reduz-se a diversas

contusões menos graves do que dolorosas. Não pode andar por causa de uma torcedura. É, pois, indispensável encontrar para ele qualquer meio de transporte até ao mais próximo povoado.

Foi um verdadeiro milagre o acidente não ter provocado perda de vidas. A estrada serpenteia através de uma região montanhosa, passando rente a profundos despenhadeiros, orlada em muitos pontos de torrentes tumultuosas, cortada por vaus dificilmente transponíveis. Se o jogo dianteiro se houvesse escangalhado alguns passos mais a jusante, não sofre dúvida que o veículo teria rebolado pelas escarpas daqueles abismos, e talvez que ninguém tivesse sobrevivido à catástrofe.

Seja como for, o que é certo é que o cocheiro está inutilizado. Um dos dois cavalos, que bateu com a cabeça num pontiagudo pedregulho, agoniza, deitado no chão. O outro está gravemente ferido numa das ancas. Portanto, era uma vez carruagem e era uma vez parelha.

Em suma, a fortuna não tem sido muito favorável aos quatro artistas naqueles territórios da Baixa Califórnia. Dois acidentes em vinte e quatro horas... Safa! Só com muita filosofia...

Nessa época, São Francisco, capital do Estado, estava em comunicação direta, pela via férrea, com San Diego, situado quase na fronteira da velha província de Califórnia. Era para esta importante cidade, onde daí a dois dias deviam dar um concerto muito anunciado e esperado com impaciência, que se dirigiam os quatro viajantes. Tendo na véspera partido de São Francisco, o comboio estava apenas a umas cinquenta milhas de San Diego quando ocorreu o primeiro contratempo.

Sim, contratempo, como diz o mais jovial do grupo, e é justo que se tolere esta expressão da parte de um antigo laureado em solfejo.

E se houve uma paragem forçada na estação de Pas-chal, foi por a via férrea ter sido arreventada por uma cheia repentina numa extensão de três a quatro milhas. Era impossível ir alcançar o rail-road [ via férrea ] duas milhas adiante; não se organizara ainda o transbordo porque o acidente se dera havia ainda poucas horas.

Tiveram de escolher: ou esperar que a via fosse reparada ou alugar, num lugarejo próximo, uma carruagem qualquer que os levasse a San Diego.

Foi esta última solução a adoptada pelo quarteto.

Numa aldeia vizinha descobriu-se uma espécie de landau velho, com ferragens que traquinavam, comido de caruncho, absolutamente destituído de comodidade. Combinaram o preço com o alquile, engodaram o condutor com a promessa de uma boa gorjeta, após o que se puseram a caminho com os instrumentos e sem bagagens. Eram cerca de duas horas da tarde. Até às sete da noite a viagem prosseguiu sem grandes dificuldades nem grande fadiga. Mas acaba de ocorrer segundo contratempo: virou-se o cocheiro, e com tanta infelicidade que é impossível continuarem a servir-se dele para prosseguir a caminhada.

E o quarteto encontra-se a umas boas vinte milhas de San Diego!

Mas também porque é que se aventuraram através das inverossímeis regiões da Baixa Califórnia esses quatro músicos, franceses de nacionalidade, e, o que é mais, parisienses de gema?

Por quê? Vamos dizê-lo sumariamente e pintar com alguns traços os quatro virtuosos, que o acaso, esse caprichoso distribuidor de papéis, ia introduzir no meio das personagens

desta extraordinária história.

No decurso desse ano — não nos seria fácil determiná-lo, embora com trinta anos de erro — os Estados Unidos da América duplicaram o número das estrelas do pavilhão federativo. Acham-se em plena expansão do seu poder industrial e comercial, depois de terem anexado o domínio do Canadá até aos limites extremos do mar polar, as províncias mexicanas, guatemaltecas, hondurenhas, nicaraguanas e costa-riquenhas até ao canal do Panamá.

Ao mesmo tempo, o sentimento da arte desenvolveu-se entre esses ianques invasores, e se os seus produtos se limitam a uma parcela restrita nos domínios do belo, se o seu gênio nacional se mostra ainda um tanto rebelde em assuntos de pintura, de escultura e de música, pelo menos espalhou-se universalmente entre eles o gosto pelas belas obras. À força de comprar, a peso de ouro, os quadros dos mestres antigos e modernos para construir galerias particulares ou públicas, à força de contratar por preços elevadíssimos os mais afamados artistas líricos ou dramáticos, os instrumentistas de mais reconhecido talento, eivaram-se do sentimento das coisas belas e nobres, o qual durante tanto tempo lhes faltara.

Pelo que respeita à música, foi com a audição dos Meyerbeer, dos Halévy, dos Gounod, dos Berlioz, dos Wagner, dos Verdi, dos Massé, dos Saint-Saëns, dos Rayer, dos Massenet, dos Délibes, os célebres compositores da segunda metade do século xix, que começaram por se apaixonar os diletantes do Novo Continente. Depois, pouco a pouco, chegaram à compreensão da obra mais penetrante dos Mozart, dos Haydn, dos Beethoven, remontando às origens dessa arte sublime, que se difundia a jorros no decurso do século XVIII. Depois das óperas, os dramas líricos; depois dos dramas líricos, as sinfonias, as sonatas, as suites d'orchestre. E precisamente no momento a que aludimos, a sonata faz furor nos diversos Estados da União. Eram capazes de a pagar a um tanto por nota, vinte dólares por mínima, dez dólares por semínima, cinco dólares por colcheia.

Foi então que, conhecendo esta extraordinária predileção, quatro instrumentistas de grande mérito tiveram a ideia de ir em cata da glória e da fortuna aos Estados Unidos da América. Quatro bons companheiros, antigos discípulos do Conservatório, muito conhecidos em Paris, muito apreciados nas audições da chamada "música de câmara", até essa época pouco divulgada na América do Norte. Com que rara perfeição, com que maravilhoso conjunto, com que sentimento profundo eles interpretavam as obras de Mozart, de Beethoven, de Mendelssohn, de Haydn, de Chopin, escritas para quatro instrumentos de corda, um primeiro e um segundo-violino, uma violela, um violoncelo! Sem grande ruído, não é assim? Sem coisa alguma que revelasse artifício de técnica, mas que execução irrepreensível, que incomparável virtuosidade! O êxito daquele quarteto é tanto mais explicável porquanto nessa época começavam a causar fadiga as formidáveis orquestras harmônicas e sinfônicas. Que a música não passe de uma agitação artisticamente combinada das ondas sonoras, de acordo. Mas cumpre em todo o caso não soltar essas ondas em tempestades atoadoras.

Afinal, os nossos quatro instrumentistas resolveram iniciar os Americanos nos suaves e inefáveis gozos da música de câmara. Partiram de companhia para o Novo mundo, e durante os últimos dois anos os diletantes ianques não foram para eles avaros de hurras nem de dólares. As suas matinées ou os seus saraus musicais foram extremamente concorridos. O Quarteto Concertante — era esta a denominação que lhes davam — era pouco para os

convites dos particulares opulentos. Sem eles não havia festa, nem reunião, nem partida, nem five o'clock [ five o'clock tea, chá das cinco], nem até garden-parties [festa dada num parque ou jardim] que merecessem ser apontados à atenção pública.

Com uma voga destas, o quarteto tinha embolsado quantias avultadas, as quais, acumuladas que fossem nos cofres do Banco de Nova Iorque, já constituiriam um bonito capital. Mas, força é confessá-lo, estes nossos parisienses americanizados gastam à larga! Nem lhes passa pela ideia entesourar, a esses príncipes da arcada, a esses reis das quatro cordas! Tomaram gosto a essa existência de aventuras, certos como estão de encontrarem, em toda a parte e sempre, um bom acolhimento e um bom lucro, correndo de Nova Iorque a São Francisco, de Quebec a Nova Orleães, da Nova Escócia ao Texas, enfim um tudo-nada de boêmios — dessa Boêmia da juventude, que é deveras a mais antiga, a mais encantadora, a mais invejável, a mais amada das províncias da velha França!

Ou muito nos enganamos ou chegou o ensejo de os apresentar individualmente e pelos seus nomes àqueles dos nossos leitores que nunca tiveram e nunca terão mesmo o prazer de os ouvir.

Yvernés — o primeiro-violino —, trinta e dois anos, estatura mais que meã, tendo tido a esperteza de se deixar ficar magro, cabelos louros com as pontas encaracoladas, cara lisa, olhos grandes e pretos, mãos compridas, feitas para se desenvolverem desmesuradamente na haste do Guarnerius, atitude elegante, gostando de se envolver numa capa de cor escura, preferindo pôr na cabeça o chapéu alto de pêlo de seda, um pouco impostor talvez, e com certeza o mais desmazelado do grupo, o menos preocupado com as questões de interesse, prodigiosamente artista, admirador entusiasta do belo, virtuose de grande talento e de grande futuro.

Frascolin — o segundo-violino —, trinta anos, baixo e tendendo para a obesidade, o que o enfurece, de cabelos castanhos, barba da mesma cor, cabeça grande, olhos pretos, nariz comprido de ventas móveis, com um sinal vermelho no sítio em que prime a luneta de míope com aros de ouro, sem a qual não pode passar, excelente rapaz, obsequiador, serviçal, aceitando as maçadas para livrar os companheiros, servindo de guarda-livros do quarteto, pregando a economia e sem nunca ser atendido, sem inveja de espécie alguma pelos triunfos do seu colega Yvernés, não tendo a ambição de se elevar até à estante de violino solista, músico distinto em todo o caso — e neste momento envolto num amplo guarda-pó por cima do seu vestuário de viagem.

Pinchinat — violeta, ou alto, que por isso recebe em geral o tratamento de Sua Alteza —, vinte e sete anos, o mais novo dos quatro, o mais folgazão também, um desses tipos incorrigíveis que toda a vida ficam garotos, cabeça fina, olhos cheios de espírito e de vivacidade, trunfa deitando para ruiva, bigodes de guias compridas, língua a estalar entre os dentes brancos e acerados, obstinado amator de petas e de calembures, pronto no ataque como na réplica, com o cérebro em constante ebulição, o que ele atribui à leitura das diferentes claves de dó que exige o seu instrumento — "um verdadeiro enxoval de noiva", dizia ele —, de um bom humor inalterável, divertindo-se com as partidas, sem se ralar com os dissabores que elas poderiam ocasionar aos colegas, e por isso vezes sem conto repreendido, admoestado, atazanado pelo chefe do Quarteto Concertante.

Porque há entre eles um chefe, o violoncelista Sebastião Zorn, chefe pelo talento e também pela idade — cinquenta e cinco anos, baixo, gorducho, louro ainda, de cabeleira opulenta, afinando em belezas sobre os temporais, de bigodeira eriçada, perdendo-se na mata das suíças, que terminam em bico, a tez cor de tijolo cozido, os olhos luzindo através das lentes dos óculos, que ele duplica ainda com uma luneta quando decifra a música, de mãos rechonchudas, com a destra, habituada aos movimentos ondulatórios do arco, adornada de enormes anéis no anular e no mínimo.

Quer-nos parecer que este ligeiro debuxo basta para pintar o homem e o artista. Mas ninguém aperta impunemente quarenta anos uma caixa sonora entre os joelhos. Uma existência inteira ressentem-se desse facto; dele se deixa influir o carácter. A maioria dos violoncelistas são tagarelas e rabugentos, amigos de falar muito alto e com extrema verbosidade, mas em todo o caso sem lhes faltar espírito. E assim é Sebastião Zorn, a quem Yvernés, Frascolin e Pinchinat de bom grado cederam a direção das suas excursões musicais. Deixam-no falar e fazer o que quer, porque o acham entendido na matéria. Habitados às suas maneiras imperiosas, levam-nas à troça quando elas lhes parecem "descompassadas" — o que é deplorável num executante, como observa o irreverente Pinchinat. A composição dos programas, a correspondência com os empresários, são encargos múltiplos que eles lhe deixaram e que permitem ao seu temperamento agressivo o manifestar-se em milhares de circunstâncias. Onde ele não intervinha era na questão das receitas, na administração dos fundos da sociedade, confiada aos cuidados do segundo-violino e primeiro guarda-livros, o minucioso e meticoloso Frascolin.

Está apresentado o quarteto, como se estivesse à beira de um tablado. Conhecem-se os tipos, se não muito originais, pelo menos muito distintos, que o compõem. Permita o leitor que se desenrolem os incidentes desta singular história; verá que figura nela reserva o destino a esses quatro parisienses, os quais, depois de haverem recolhido tantos bravos pelos Estados da Confederação americana, iam ser transportados... Mas não antecipemos, "nada de apressar o andamento", como dizia Sua Alteza, e nada de impaciências.

Pelas oito horas da noite, achavam-se pois os quatro parisienses numa estrada deserta da Baixa Califórnia, junto aos destroços da sua "carruagem virada" — música de Boieldieu, disse Pinchinat. Se Frascolin, Yvernés e ele se resignaram filosoficamente ao contratempo, se ele lhes inspirou mesmo alguns gracejos do ofício, admita-se que é esta uma bela ocasião para o chefe do quarteto desatar num dos seus acessos de cólera. Que querem? O violoncelista tem o coração ao pé da boca, como se costuma dizer. Por isso Yvernés presume que ele descenda da linhagem do Ajax e dos Aquiles, os dois ilustres rabugentos da Antiguidade.

Antes que nos esqueça, mencionaremos que, se Sebastião Zorn é bilioso, Yvernés fleumático, Frascolin pacífico, Pinchinat de uma jovialidade exuberante — todos eles, excelentes colegas, experimentam uns pelos outros um afecto de irmãos. Sentem-se unidos — união que a mínima discussão de interesse ou de amor-próprio não seria capaz de quebrar — por uma comunidade de gostos emanados da mesma origem. Os seus corações, como os instrumentos de bom fabrico, conservam sempre uma perfeita afinação.

Enquanto Sebastião Zorn pragueja, apalpando o estojo do seu violoncelo para se certificar de que ele está são e salvo, Frascolin aproxima-se do condutor.

— Então, meu amigo — pergunta ele —, que há-de a gente fazer, diga lá?

— O que se faz — responde o homem — quando se não tem nem cavalos nem carruagem... Esperar...

— Esperar que caíam do céu! — exclama Pinchinat. — E se não caírem...

— Vão-se procurar — observa Frascolin, que nunca perde o espírito prático.

— Aonde? — ruge Sebastião Zorn, que barafustava febrilmente a passear pela estrada.

— Onde os há! — replica o condutor.

— Essa não é má, seu condutor! — prossegue o violoncelista com uma voz que sobe pouco a pouco aos registos agudos. — Isso é lá resposta que se dê! Não querem ver! Este desastrado ferra connosco no chão, dá cabo da carruagem, estropia a parelha, e não tem mais nada que dizer senão: "Arranjem-se lá como puderem!"

Arrastado pela sua loquacidade natural, Sebastião Zorn começa a espriar-se numa série interminável de objurgatórias pelo menos inúteis, quando Frascolin o interrompe com estas palavras:

— Deixa o caso por minha conta, meu velho Zorn. Depois, dirige-se de novo ao condutor:

— Onde estamos nós, meu amigo?

— A cinco milhas de Freschal.

— Estação do caminho de ferro?

— Não... É uma aldeia perto da costa.

— E lá encontraremos uma carruagem?

— Uma carruagem... qual! Só se for uma carroça...

— Um carro de bois, como no tempo dos reis merovíngios! — exclama Pinchinat.

— Deixá-lo! — diz Frascolin.

— Olha lá! — acode Sebastião Zorn. — É melhor que lhe pergunes se existe alguma estalagem nesse lugarejo de Freschal. Estou farto de andar a correr de noite...

— Meu amigo — interroga Frascolin —, há alguma estalagem em Freschal?

— Há... a estalagem onde devíamos fazer a muda.

— E para irmos para essa aldeola basta seguir pela estrada fora?

— Sempre a direito.

— Partamos! — clama o violoncelista.

— Mas este pobre diabo, era uma crueldade deixá-lo aqui ao desamparo... e neste aperto — observa Pinchinat. — Diga-me uma coisa, meu amigo, não poderia... com uma ajudazinha...

— É impossível! — respondeu o condutor. — Demais, eu cá prefiro aqui ficar... com o meu cocheiro... Quando romper o dia, eu tratarei de me livrar desta...

— Logo que chegássemos a Freschal — prossegue Frascolin —, poderíamos mandar-lhe socorro...

— Sim... o hospedeiro bem me conhece, e não há-de deixar-me nestes assados.

— Vamos ou não vamos — exclama o violoncelista, que acaba de endireitar o estojo do seu instrumento.

— Imediatamente — replica Pinchinat. — Mas, antes, uma ajuda ao condutor para o



encostar ao talude da estrada...

Com efeito, é conveniente tirá-lo do meio da estrada, e como ele não pode servir-se das pernas, muito avariadas, Pinchinat e Frascalin pegam nele, transportam-no e encostam-no às raízes de uma grande árvore, cujas ramadas baixas formam, inclinando-se, um dossel de verdura.

— Então vamos? — urra Sebastião Zorn, pela terceira vez, depois de ter ligado o estojo às costas, por meio de uma dupla correia disposta ad hoc.

— Pronto — diz Frascalin. Depois, vira-se para o homem:

— Fica então entendido... o hospedeiro de Freschal lhe mandará socorros. Entretanto, você não precisa de nada, não é assim, meu amigo?

— Preciso — respondeu o condutor —, preciso de um bom trago de gin, se ainda há nas cabaças.

A cabaça de Pinchinat ainda está cheia e Sua Alteza de bom grado a oferece em sacrifício.

— Com isto, amigo — diz ele —, não tem você esta noite frio... no interior!

Uma última objurgatória do violoncelista decide os colegas a porem-se a caminho. Por fortuna, deixaram as bagagens no furgão do comboio, em vez de as carregarem no cocheiro. Se elas chegarem a San Diego com algum atraso, pelo menos os nossos músicos não terão o incomodo de as transportar até à aldeia de Freschal. Bem lhes bastam as caixas dos violinos, e sobretudo o estojo do violoncelo. É verdade que um instrumentista que se preza nunca se aparta do seu instrumento — como um soldado não larga as suas armas, nem o caracol a sua concha.

# CAPÍTULO 2

## O PODER DE UMA SONATA CACOFÔNICA

Não deixa de causar uma certa inquietação isto de andar de noite, a pé, por uma estrada desconhecida, por meio de uma região quase deserta, onde os malfeitores são geralmente menos raros do que os viajantes. Tal é a situação atual do quarteto. Os Franceses são corajosos, é sabido, e estes são-no tanto quanto possível. Mas entre a coragem e a temeridade existe um limite que a razão íntegra não deve ultrapassar. Afinal de contas, se o comboio não tivesse encontrado uma planície inundada, se o cocheiro não se tivesse virado a cinco milhas de Freschal, os nossos instrumentistas não se veriam obrigados a aventurar-se de noite por esse caminho suspeito. Esperemos em todo o caso que nada lhes acontecerá de desagradável.

São oito horas, pouco mais ou menos, quando Sebastião Zorn e os seus companheiros tomam a direção do litoral, segundo as indicações do condutor. Tendo de carregar apenas com os seus estojos de couro, muito leves e pouco incômodos, era de mau gosto que os violinistas se lamentassem. E a verdade é que se não lamentam, nem o avisado Frascaolin, nem o jovial Pinchinat, nem o idealista Yvernés. Mas o violoncelista com a sua caixa do violoncelo — uma espécie de armário atado às costas! Compreende-se, dado o seu caráter, que ache assunto de sobra para se enraivecer. Daí resultam grunhidos e gemidos, que se exalam sob a forma onomatopaica de "ah!", de "oh!", de "safa!".

A escuridão é já profunda. Nuvens espessas andam à caça pelo espaço, esburacando-se de onde em onde por estreitos rasgões, por entre os quais surge uma Lua trocista, quase no quarto crescente. Sem que se saiba o motivo, a não ser pelo seu feitio rabugento e irritável, a loura Febe não tem a dita de agradar a Sebastião Zorn. Mostra-lhe o punho fechado, bradando:

— Que diabo andas tu aí a fazer com esse perfil estúpido? Raios me partam se sei de nada mais imbecil do que aquela espécie de talhada de melão ainda verde, que anda a passear lá por cima!

— Era melhor que a Lua nos olhasse de frente — diz Frascaolin.

— E por que razão? — pergunta Pinchinat.

— Porque víamos melhor.

— Ó casta Diana — declama Yvernés —, ó das noites pacífica cursora, ó pálido satélite da Terra, ó ídolo adorado do adorável Endimião...

— Acabaste a balada? — grita o violoncelista. — Estes primeiros-violinos, quando lhes dá para dedilhar na prima...

— Estuguemos o passo — recomenda Frascaolin —, quando não arriscamo-nos a dormir ao relento, à luz das estrelas...

— Se as houvesse... e a faltar ao nosso concerto em San Diego! — observa Pinchinat.

— Uma ideia de arromba, sim senhor! — exclama Sebastião Zorn, sacudindo a sua caixa, que produz um som gemebundo.

— Mas essa ideia, meu velho — diz Pinchinat —, foste tu que a tiveste...

— Eu?

— Está claro que sim! Que pena não termos ficado em São Francisco, onde tínhamos

de dar quebranto a uma data de ouvidos californianos!

— Repito — pergunta o violoncelista —, porque é que nós partimos?

— Porque tu quiseste.

— Pois bem! Devo confessar que tive uma inspiração deplorável, e se...

— Ah, meus amigos! — diz então Yvernés, apontando para um certo ponto do céu, onde um tênue raio da Lua orla uma nuvem de um recamo esbranquiçado.

— Que há de novo, Yvernés?

— Ora vejam se aquela nuvem não se desenha em forma de dragão, com as asas abertas, e uma cauda de pavão semeada com os cem olhos de Árgus!

É provável que Sebastião Zorn não possua aquele poder de centuplicada visão, que distinguia o guardador da filha de Ínaco, porque não repara numa profunda regueira, onde atola desastradamente o pé. Segue-se uma queda de bruços, de forma que, com a caixa às costas, parece um enorme coleóptero rojando-se pelo solo.

Fúria violenta do instrumentista — e com razão às carradas —, depois ralhos que caem sobre o primeiro-violino, pasmado para o seu monstro aéreo.

— A culpa é de Yvernés! — afirma Sebastião Zorn. — Se eu não quisesse olhar para o seu excomungado dragão...

— Agora já não é um dragão, agora é uma ânfora! Com uma fantasia mediocrementemente desenvolvida, pode a gente vê-la nas mãos de Hebe a deitar o néctar...

— Vê lá não haja água de mais nesse néctar — exclama Pinchinat —, e não venha a tua encantadora deusa da juventude regar-nos com bátegas!

Era mais uma complicação, e o que é certo é que o tempo vai estando de chuva. Por isso, a prudência aconselha a estugar o passo, a fim de procurar abrigo em Freschal.

Levantam o violoncelista, furioso, põem-no em pé, a resmungar. O obsequioso Frascalín oferece-se para tomar conta da caixa. Sebastião Zorn recusa ao princípio. Separar-se do seu instrumento... um violoncelo de Gand & Bernardel, o mesmo é que dizer uma metade dele próprio... Mas não tem remédio senão aceder, e essa preciosa metade passa para as costas do serviçal Frascalín, o qual confia o seu leve estojo ao sobredito Zorn.

Põem de novo pernas a caminho. Durante duas milhas seguem a passo regular. Nem um incidente.

Caem alguns pingos, muito grossos, prova de que provêm de nuvens elevadas e tempestuosas. Mas a ânfora da linda Hebe de Yvernés não entorna mais nada, e os nossos quatro noctâmbulos estão com esperança de chegar a Freschal perfeitamente enxutos.

Em todo o caso têm ainda de tomar minuciosas precauções para evitar quedas por essa estrada escura, cheia de barrancos profundos, quebrando-se às vezes em torcicolos rápidos, orlada de largas anfractuosidades, passando rente de precipícios lóbregos, onde ressoa com estridor a trompa das torrentes. Com a sua disposição de espírito, Yvernés acha a situação poética, Frascalín acha-a inquietante.

Há igualmente motivo para recear certos encontros desagradáveis, que tornam bem problemática a existência dos viandantes pelos caminhos da Baixa Califórnia. O quarteto as únicas armas que possui são os arcos dos seus instrumentos, armas que poderão parecer insuficientes num país onde se inventaram os revólveres "Colt", extraordinariamente

aperfeiçoados nessa época. Se Sebastião Zorn e os seus colegas fossem americanos, ter-se-iam munido de uma dessas portáteis engenhocas embainhadas num bolso especial das calças. A simples viagem em caminho de ferro de São Francisco a San Diego não a teria empreendido um verdadeiro ianque sem levar esse viático de seis tiros. Mas uns franceses não lhe sentiram a necessidade. Podemos até dizer que nem em tal pensaram, e talvez que ainda venham a arrepende-se.

Pinchinat vai na dianteira, espreitando os taludes da estrada. Nos sítios em que esta corre entre trincheiras altas à direita e à esquerda, é menos de recear a surpresa de uma arremetida súbita. Com os seus instintos de trocista, Sua Alteza sente veleidade de arranjar alguma partida de estalo aos companheiros, ânsias doidas de lhes pregar um bom susto, por exemplo, estacando de repente e murmurando com voz tremelicante de terror:

— Esperem! Ali adiante... bem vejo... Preparam-se para fazer fogo!

Mas, quando o caminho imerge por uma floresta densa, por meio dessas mammoth-trees, dessas sequóias com cento e cinquenta pés de altura, esses vegetais gigantescos das regiões californianas, passam-lhe as cócegas de gracejar. Por detrás de cada um desses enormes troncos podem emboscar-se dez homens... Um clarão vivo seguido por uma detonação seca... o sibilar rápido de uma bala... de um momento para o outro lhes podem ferir a vista, o ouvido, e quem sabe se mais alguma parte do corpo? Em sítios destes, evidentemente azados para um ataque noturno, nada mais natural do que uma espera. Se por fortuna não tiverem de travar conhecimento com os salteadores, é que esse estimável tipo desapareceu de todo em todo da América de Oeste, ou então é que está entretido em operações financeiras nos mercados do Velho e do Novo Continente! Que final este para os descendentes de Karl Moor e de João Sbogar! A quem poderão acudir estas reflexões, a não ser a Yvernés? "Decididamente", pensa ele, "a peça não é digna do cenário!"

De repente, Pinchinat estaca e queda-se imóvel.

Frascolin, que lhe segue na pegada, faz o mesmo.

Sebastião Zorn e Yvernés acercam-se logo deles.

— Que é? — perguntou o segundo-violino.

— Pareceu-me ver... — responde o violeta.

E desta vez não é por gracejo. Por entre as árvores moveu-se realmente um vulto.

— Humano ou animal? — interrogou Frascaolin.

— Sei lá!

Ninguém se atreve a dizer qual dos dois seria preferível. Aconchega-se o grupo, e todos arregalam os olhos, sem se mexerem, sem pronunciarem uma palavra.

Por uma clareira das nuvens jorram agora os raios lunares sobre os cabeços da obscura floresta e, através da ramaria das sequóias, escoam-se até ao solo. Num raio de uns cem passos, ficou visível toda a parte interior da floresta.

Pinchinat não foi vítima de uma alucinação. A massa que se enxerga, demasiado volumosa para um homem, só pode ser de um quadrúpede de grandes dimensões. Que quadrúpede será? Alguma fera! Fera deve ser, por certo... Mas de que espécie?

— Um plantígrado! — diz Yvernés.

— Diabos levem a alimária! — murmura Sebastião Zorn em voz baixa, mas

impaciente. — E por alimária é a ti que me refiro, Yvernés! Porque não hás-de tu falar como toda a gente? Que demônio vem a ser isso de plantígrado?

— Um animal que assenta no chão as próprias plantas! — explica Pinchinat.

— Um urso! — elucida Frascalín.

É, com efeito, um urso, exemplar dos grandes. Não se encontram nem leões, nem tigres, nem panteras naquelas florestas da Baixa Califórnia. Os seus hóspedes habituais são os ursos, com os quais é quase sempre desagradável travar relações.

Não é de espantar que aos nossos parisienses ocorra a ideia unânime de ceder o campo ao plantígrado. Demais a mais, o bicho está em sua casa... Por isso, o grupo aconchega-se mais, movendo-se às recuadas, fazendo sempre frente ao animal, lentamente, serenamente, sem parecer que foge.

O bicho segue a passo miúdo, agitando as patas dianteiras como uns braços de telégrafo, saracoteando-se sobre as ancas como manola em passeio. Ganha gradualmente terreno, e começa a apresentar demonstrações hostis — gritos rouquinhos, um bater de queixadas que não é nada tranquilizador.

— Se nós nos safássemos, cada um para seu lado? — propõe Sua Alteza.

— Não caímos nessa! — discorda Frascalín. — Um de nós era logo apanhado e pagava por todos!

Não se cometeu semelhante imprudência, a qual evidentemente se arriscava a ter consequências desastrosas.

Assim chega o quarteto, em grupo cerrado, ao limite de uma clareira menos escura. O urso aproximou-se uns dez passos apenas. Parecerá o local propício para uma agressão? É provável, porque os urros redobram e o bicho apressa o andamento.

Recuo precipitado do grupo, e recomendações mais instantes do segundo-violino:

— Tenham sangue-frio... sangue-frio, meus amigos!

Atravessada a clareira, tornam a acolher-se à sombra do arvoredado. Mas aí não é menor o perigo. Cosendo-se com os troncos, pode o animal formar um pulo sem possibilidade de prevenir o ataque; e era isso exatamente o que ele ia fazer quando, de repente, cessam os terríveis grunhidos e ele afrouxa o passo...

A sombra espessa encheu-se de uma música penetrante, um largo expressivo, no qual a alma de um artista se revela toda inteira.

É Yvernés, que, tendo sacado o violino do estojo, o faz vibrar sob a carícia potente do seu arco. Uma ideia de gênio! E porque é que uns músicos não pediriam à música a sua salvação? Acaso as pedras, movidas pelos acordes de Anfião, não vinham por seu moto próprio arrumar-se em roda de Tebas? Acaso as bestas-feras, amansadas pelas inspirações líricas de Orfeu, não corriam a curvar-se aos pés? É pois de crer que esse urso da Califórnia, sob o influxo de predisposições atávicas, seja tão artisticamente dotado como os seus congêneres da Fábula, pois que se lhe abrandam a ferocidade, dominam-no os seus instintos de melomaniaco e, à medida que o quarteto recua em boa ordem, o bicho segue-o, deixando escapar uns gritinhos de diletante. Por um triz que não clama: — Bravo!

Passado um quarto de hora, Sebastião Zorn e os seus companheiros acham-se na orla do bosque. Transpõem-na, sem que Yvernés cesse um instante de rabecar...

O animal estacou. Parece que não tem tenção de seguir avante. Bate com as enormes patas de encontro uma à outra.

E então Pinchinat agarra também no seu instrumento e exclama:

— A dança dos ursos! Vivo!

Depois, enquanto o primeiro-violino zangarreia com toda a força esse motivo tão conhecido, em tom maior, o violela acompanha-o em falsete na terceira menor.

O animal desata então a dançar, erguendo a pata direita, erguendo a pata esquerda, saracoteando-se, contorcendo-se, e deixa o grupo afastar-se pela estrada fora.

— Ora adeus! — observa Pinchinat. — Não passava de um urso de circo.

— Deixá-lo! — responde Frascolin. — Este diabo deste Yvernés teve uma ideia esplêndida!

— Piremo-nos... em allegretto — replica o violoncelista. — E nada de olhar para trás.

São cerca de nove horas quando os quatro discípulos de Apolo chegam sãos e salvos a Freschal. Percorreram a marche-marche o último lanço de estrada, se bem que o plantígrado já não lhes venha no encaicho.

Umaz quarenta casas, ou antes, uns casebres de madeira, em torno de uma praça plantada de faias, eis a que se reduz Freschal, aldeola isolada a duas milhas da costa.

Os nossos artistas escoam-se por entre algumas habitações sombreadas por grandes árvores, desembocam numa praça, lobrigam ao fundo o campanário modesto de uma modesta igreja, formam um círculo, como se fossem executar algum trecho importante, e immobilizam-se naquêle sítio, a fim de conferenciar.

— Isto! Uma aldeia? — diz Pinchinat.

— Dar-se-á o caso que esperasses encontrar uma cidade no género de Filadélfia ou de Nova Iorque? — replica Frascolin.

— Mas a tal aldeia está no melhor do seu sono! — acode Sebastião Zorn, encolhendo os ombros.

— Não despertemos uma aldeia que dorme! — suspira melodiosamente Yvernés.

— Pelo contrário! Despertemo-la! — exclama Pinchinat.

Com efeito — a não ser que queiram passar a noite ao relento —, urge tomar essa resolução.

Porque, enfim, a terriola está absolutamente deserta, o silêncio é completo. Nem um contravento aberto, nem uma luz nas janelas. Podia erguer-se ali, nas melhores condições de repouso e de tranquillidade, o palácio de A Bela Adormecida.

— Então... e a estalagem? — pergunta Frascolin.

Sim... e a estalagem de que o condutor lhes falara, onde os viajantes poderão livrar-se de apertos e encontrar bom acolhimento e boa pousada? E o hospedeiro que mandaria a toda a pressa acudir ao infortunado cocheiroman (cocheiro) ?

Dar-se-á o caso que o pobre diabo tenha sonhado aquelas coisas? Ou — outra hipótese — ter-se-iam perdido os quatro instrumentistas? Não será aquela a aldeia de Freschal?

Estas diversas perguntas exigem resposta peremptória. Por conseguinte, é indispensável interrogar um dos habitantes da terra e, para isso, bater à porta de um dos casebres — à da estalagem, sendo possível, se um acaso feliz lhe deparar.

Ali estão, pois, os quatro músicos operando um reconhecimento em volta da tenebrosa praça, cosendo-se com as frontarias, procurando descortinar uma tabuleta pendurada em qualquer parede... A respeito de estalagem, nem sombra dela.

Pois bem! À falta de estalagem, é inadmissível que não haja por aí alguma choupana hospitaleira, e, como não estão na Escócia, resolvem proceder à americana. Qual é o indígena de Freschal que recuse um ou mesmo dois dólares por cabeça em troca de uma ceia ou de uma cama?

— Vamos bater às portas — propõe Frascaolin.

— A compasso — acrescenta Pinchinat —, a seis por oito!

Batessem embora a três ou a quatro tempos, que o resultado seria idêntico. Não há porta nem janela que se abra, e todavia o Quarteto Concertante dirigiu vigorosas intimações a uma dúzia de casas.

— Nos enganamos — declara Yvernés. — Isto não é aldeia, é mas é um cemitério, onde se dorme, sem dúvida, mas o sono eterno... *Vox clamantis in deserto.*

— Amém! — respondeu Sua Alteza, com voz grossa de um chantre de catedral.

O que se há-de fazer, visto que se obstinam nesse silêncio completo? Continuar a jornada para San Diego?

Mas eles estão mortos de fome e de cansaço, positivamente. E, depois, que caminho hão-de seguir, sem guia, numa noite escura como aquela? Procurar outra aldeia? Mas qual? A dar fê ao cocheiroman, não há mais nenhuma nessa faixa do litoral... Eram capazes de se transviar ainda mais. O melhor é esperar pelo dia! Mas, também, isto de passar meia dúzia de horas ao desabrigo, debaixo de um céu que se carregava de nuvens densas e baixas, ameaçando resolver em bátegas furiosas, não era proposta que se fizesse — mesmo a artistas.

Pinchinat teve então uma ideia. As ideias dele nem sempre são excelentes, mas abundam-lhe no cérebro. E, em todo o caso, esta agora obtém a aprovação do avisado Frascaolin.

— Meus amigos — diz ele —, porque é que não nos dará bom resultado para uma aldeia da Califórnia o expediente que tão bons resultados nos deu diante de um urso? Amansamos com um bocado de música aquele plantígrado... Despertemos estes campônios com um vigoroso concerto, onde não faremos economia de fortes nem de allegros...

— Vale a pena tentar — respondeu Frascaolin. Sebastião Zorn nem mesmo deixou Pinchinat concluir a frase. Tira o violoncelo do estojo, ergue-o sobre a ponta de aço, e em pé, visto não ter assento ao seu dispor, empunhando o arco, apresenta-se a extrair daquela carcaça sonora todas as notas que lá estão armazenadas.

Quase no mesmo instante, os companheiros ficam prontos a segui-lo até aos extremos limites da arte.

— Quarteto em si bemol de Onslow — diz ele. — Vamos lá! Um compasso de espera!

Esse quarteto de Onslow, sabiam-no eles de cor, e executantes de primeira ordem não têm necessidade de luz para girar com os dedos hábeis pelos braços de um violoncelo, de duas rabecas e de uma violeta.

Ei-los, pois, que se abandonam à sua inspiração. Talvez que nunca houvessem tocado com mais talento e mais alma nos casinos e nos teatros da Confederação americana. Pelo

espaço alastra-se uma harmonia sublime: a não serem surdos, que entes humanos poderiam resistir-lhe?

Estivessem muito embora num cemitério, como pretendeu Yvernés, sob o encanto de uma música destas, entreabrir-se-iam os túmulos, erguer-se-iam os mortos, bateriam palmas os esqueletos...

E, contudo, as casas permanecem cerradas, os dorminhocos não despertam. Termina o quarteto no rompante poderoso do final sem que Freschal dê indícios de vida.

— Ah! Ele é isso! — exclama Sebastião Zorn, no auge da fúria. — O que eles querem é uma inferneira, como a que serve aos seus ursos, para os seus ouvidos de selvagens? Pois vá lá! Recomeçemos! Mas tu, Yvernés, toca em ré, tu Frascolin, em mi, tu Pinchinat, em sol. Eu cá fico em si bemol, e agora arcadas à valentona!

Que cacofonia! Que dilacerar de tímpanos! Faz lembrar aquela orquestra improvisada, dirigida pelo príncipe de Joinville numa aldeia desconhecida de uma província do Brasil! Dá ideia de uma horrível sinfonia executada em sanfonas — parece Wagner tocado às avessas!

Em suma, a ideia de Pinchinat é excelente. O que não pôde conseguir uma admirável execução consegue-o aquela inferneira. Freschal começa a dar acordo de si. Iluminam-se de onde em onde as vidraças. Jorra luz de duas ou três janelas. Não estão mortos os habitantes da aldeia, visto que dão sinal de vida. Não são surdos, visto que ouvem e escutam...

— Vão atirar-nos com batatas! — diz Pinchinat, durante uma pausa, porque, à falta de tonalidade do trecho, o compasso foi escrupulosamente respeitado.

— Tanto melhor... Comemo-las! — respondeu o prático Frascolin.

E, sob a direção de Sebastião Zorn, o concerto prossegue cada vez com mais ânsia. Depois, terminado que é por um vigoroso acorde perfeito em quatro tons diferentes, os artistas calam-se.

Não! Não são batatas que lhes atiram de vinte ou trinta janelas escancaradas: são aplausos, hurras, berros de hip! hip! hip! Nunca de tais delícias musicais se haviam enchido os ouvidos freschalianos! E não sofre dúvida que todas as casas estarão prontas a receber hospitaleiramente tão incomparáveis virtuosi.

Mas, enquanto eles se entregavam a esta fúria instrumental, adiantou-se alguns passos um novo espectador, que eles não viram chegar. Essa personagem apeou-se de uma espécie de char-à-bancs eléctrico e deixou-se ficar a um recanto da praça. É um homem de elevada estatura e bastante corpulento, tanto quanto é possível avaliar-se na escuridão da noite.

Ora, enquanto os nossos parisienses perguntaram aos seus botões se, após as janelas, se irão abrir as portas para os receber — o que parece pelo menos muito duvidoso —, o recém-chegado acerca-se deles e diz em tom amável e em francês muito puro:

— Meus senhores, sou um diletante, e acabo de deparar-me a boa fortuna de os aplaudir...

— Durante este último trecho? — replica ironicamente Pinchinat.

— Não, meus senhores... durante o primeiro, e raras vezes tenho ouvido executar com mais talento esse quarteto de Onslow.

O sujeito é conhecedor, não há dúvida.

— Meu caro senhor — responde Sebastião Zorn em nome dos colegas —, somos



extremamente sensíveis aos seus cumprimentos... Se acaso o segundo trecho lhe deu cabo dos ouvidos, é porque...

— Bem sei! — respondeu o desconhecido, atalhando uma frase que ameaçava prolongar-se. — Nunca ouvi desafinar com tanta perfeição. Mas percebi por que motivo assim procediam. Era para acordar esses bons habitantes de Freschal, que já tornaram a pegar no sono... Pois, meus senhores, o que tentavam alcançar deles por esse meio desesperado, permitam que eu lhe ofereça...

— A hospitalidade? — pergunta Frascolin.

— Sim, a hospitalidade, uma hospitalidade ultra escocesa. Se não me engano, tenho na minha presença esse Quarteto Concertante, afamado em toda a nossa orgulhosa América, que não lhe tem regateado o entusiasmo...

— Meu caro senhor — julga dever dizer Frascolin —, penhora-nos deveras... E... essa hospitalidade, onde poderíamos encontrá-la com o seu auxílio?

— Daqui a duas milhas.

— Em outra aldeia?

— Não... numa cidade.

— Cidade importante?

— Certamente.

— Perdão — observa Pinchinat —, disseram-nos que não havia cidade nenhuma antes de San Diego.

— Foi engano... que me custa a explicar.

— Engano? — repete Frascolin.

— Sim, senhores, e, se quiserem acompanhar-me, prometo-lhes o acolhimento a que têm jus artistas do vosso valor.

— Eu cá sou de parecer que se aceite — declara Yvernés.

— E eu também — afirma Pinchinat.

— Esperem... esperem lá! — exclama Sebastião Zorn. . — Não vamos nós adiantar-nos ao chefe da orquestra!

— O que significa? — pergunta o americano.

— Que somos esperados em San Diego — informa Frascolin.

— Em San Diego — acrescenta o violoncelista —, onde a municipalidade nos contratou para uma série de matinês musicais, a primeira das quais deve realizar-se amanhã, domingo...

— Ah!... — replica o sujeito, num tom que denota viva contrariedade.

Depois continua:

— Isso não seja a dúvida, meus senhores. Num dia têm os senhores tempo de visitar uma cidade que vale a pena ver-se, e eu comprometo-me a mandá-los transportar à próxima estação, de modo que possam estar em San Diego à hora marcada.

A falar verdade, o convite é de seduzir, e vem bem a propósito. Apanha-se o quarteto com a certeza de um bom quarto num hotel — e demais a mais com as considerações que lhes anuncia o obsequiador americano.

— Aceitam, meus senhores?

— Aceitamos — responde Sebastião Zorn, a quem a fome e a fadiga dispõem a acolher com todo o favor um convite deste género.

— Fica entendido — replica o americano. — Vamos partir imediatamente... Daqui a vinte minutos teremos chegado, e estou convencido de que hão-de agradecer.

Escusado é dizer que, em seguida aos últimos hurras provocados pelo concerto infernal, as janelas das casas tornaram a cerrar-se. Apagadas as luzes, a aldeia de Freschal mergulhou de novo em profundo sono.

O americano e os quatro artistas acercam-se do char-à-bancs, metem-lhe dentro os instrumentos, sentam-se no interior, ao passo que o americano se instala na dianteira, ao pé do maquinista-condutor. Manobra-se uma alavanca, os acumuladores eléctricos funcionam, o veículo põe-se em movimento, e dentro em pouco toma grande velocidade, dirigindo-se para oeste.

Um quarto de hora depois aparece um vasto clarão esbranquiçado, uma difusão deslumbrante de raios lunares. Além há uma cidade, de cuja existência os nossos parisienses não suspeitavam.

O char-à-bancs para e Frascalin exclama: — Até que enfim, estamos no litoral.

— No litoral... não. É uma corrente de água que temos de atravessar...

— Mas como? — pergunta Pinchinat.

— Por meio desta barça onde vai tomar lugar o char-à-bancs.

Com efeito, está ali um desses ferry-boats, tão numerosos nos Estados Unidos, no qual embarca o char-à-bancs com os seus passageiros. Indubitavelmente, esse ferry-boat é movido pela eletricidade, por isso que não projeta vapor, e em dois minutos transpõe a corrente e vai atracar ao cais de uma doca ao fundo de um porto.

O char-à-bancs segue o seu caminho por umas alamedas fora, penetra num parque, acima do qual uns aparelhos aéreos derramam uma claridade intensa.

No gradeamento do parque abre-se uma porta, que dá acesso para uma rua espaçosa e comprida, calçada de lajedo sonoro. Cinco minutos depois, apeiam-se os artistas diante da escadaria de um hotel confortável, onde são recebidos com um alvoroço de bom agouro, mercê de uma palavra dita pelo americano. Conduzem-nos logo a uma mesa luxuosamente posta, onde ceiam com bom apetite, como é bem de supor.

Concluída a refeição, o mordomo leva-os a um quarto espaçoso, iluminado por lâmpadas de incandescência, que, pela disposição dos interruptores, se podem transformar em lamparinas discretas. Finalmente, deixando para o outro dia a explicação daquelas maravilhas, adormecem nas quatro camas dispostas nos quatro cantos do aposento, e ressonam com aquela extraordinária afinação que constitui a fama do Quarteto Concertante.

# CAPÍTULO 3

## UM CICERONE TAGARELA

Logo às sete horas da manhã seguinte, ecoam pelo dormitório dentro estas palavras, ou antes, estes gritos, seguidos a uma clangorosa imitação do clarim — coisa parecida com a alvorada num quartel:

— Vá! Arriba! Pés no chão... e em dois tempos! — vocifera Pinchinat.

Yvernés, o mais mandrião do quarteto, preferia levar três tempos — até quatro — a arrancar-se ao calor dos lençóis. Mas não tem remédio senão seguir o exemplo dos companheiros e deixar a posição horizontal pela posição vertical.

— Não temos um minuto a perder... nem um minuto! — observa Sua Alteza.

— Exato — responde Sebastião Zorn —, porque é amanhã que nos esperam em San Diego.

— Ora adeus! — replica Yvernés. — Metade de um dia bastará para visitar a cidade deste amável americano.

— O que me espanta — acrescenta Frascaolin — é existir uma cidade importante nas imediações de Freschal! Como é que o nosso cocheiro se esqueceu de nos indicar?

— O essencial é nós cá estarmos, minha velha clave de sol. — diz Pinchinat —, e o que é verdade é que cá estamos!

Por duas janelas rasgadas penetra a luz a jorros pelo quarto, e a vista espraia-se à distância de uma milha por uma rua soberba, ornada de arvoredos.

Os quatro amigos tratam de se arranjar num gabinete confortável — tarefa rápida e fácil, porque ele possui todos os maquinismos mais modernos e aperfeiçoados: torneiras graduadas termometricamente para água quente e água fria, bacias que se despejam por um balanceiro automático, esquentadores para banhos, aquecedores para os ferros, pulverizadores de essências perfumadas funcionando ao sabor dos hóspedes, ventiladores molinetes movidos por uma corrente voltaica, escovas mecânicas, a uma das quais basta apresentar a cabeça, a outras o fato ou as botas, para obter uma limpeza ou uma engraxadela completas.

Depois, espalhados por muitos pontos, além do relógio e das ambulâncias eléctricas, que se patenteiam ao alcance da mão, botões de campainhas ou de telefones, pondo em comunicação instantânea com os diversos serviços do hotel.

E não só Sebastião Zorn e os seus companheiros podem corresponder-se com o hotel, mas também com os diferentes bairros da cidade, e talvez — segundo a opinião de Pinchinat — com qualquer das cidades dos Estados Unidos da América.

— Ou mesmo dos dois mundos — acrescentou Yvernés.

Enquanto esperam ensejo de fazer essa experiência, eis que, às sete horas e quarenta e sete minutos, lhes é telefonada esta frase em língua inglesa: — Calistus Munbar apresenta os seus cumprimentos matinais a cada um dos dignos membros do Quarteto Concertante, e roga-lhes o obséquio de descerem, apenas estejam prontos, ao dining-room do Excelsior Hotel, onde lhes servirão o primeiro almoço.

— Excelsior Hotel! — exclama Yvernés. — O nome deste caravansará é soberbo!

— Calistus Munbar é o nosso obsequioso americano — observa Pinchinat. — E o nome é esplêndido!

— Meus amigos — exclama o violoncelista, cujo estômago é tão imperioso como o seu dono —, visto que o almoço está na mesa, tratemos de almoçar, e depois...

— E depois... demos uma volta pela cidade. Mas que cidade será esta?

Como os nossos parisienses estivessem quase vestidos, Pinchinat responde telefonicamente que dentro de cinco minutos terão a honra de aceder ao convite do Sr. Calistus Munbar.

Com efeito, concluída a sua toalete, dirigem-se para um ascensor, que se põe em movimento e que os deposita no vestíbulo monumental do hotel. Ao fundo abre-se a porta do dining-room, sala espaçosa onde lampejam os dourados.

— Meus senhores, aqui me têm completamente ao vosso dispor!

É o homem da véspera que pronuncia esta frase de nove palavras. O sujeito pertence a um certo tipo de indivíduos dos quais se pode dizer que se apresentam por si. Parece que a gente os conhece de há muito, ou, para empregar uma expressão mais exata, que os conheceu toda a vida.

Calistus Munbar deve andar entre os cinquenta e os sessenta anos, mas não parece ter mais de quarenta e cinco. Estatura mais que mediana; um pouquinho pançudo; membros alentados e fortes; vigoroso e saudável, com grande firmeza nos movimentos. Arrebenta de saúde, se é lícito usar desta locução.

Sebastião Zorn e os seus amigos têm-se fartado de encontrar indivíduos deste tipo, que não é raro nos Estados Unidos. A cabeça de Calistus Munbar é enorme, esférica, com uma trunfa ainda loura e encaracolada, que se agita como a folhagem retorcida pela brisa; a tez é intensamente colorida; a barba, amarelada e muito comprida, bifurca-se no extremo; o bigode está rapado; a boca, arqueada para cima nas commissuras dos lábios, é sorridente, sobretudo zombeteira; os dentes são de marfim deslumbrante; o nariz, um pouco grosso na ponta, de narinas palpitantes, solidamente implantado na base da testa, com duas rugas verticais na parte superior, aguenta uma luneta, sustida por um fino fio de prata e flexível como um fio de seda. Por detrás das lentes lampejam uns olhos móveis, de íris esverdeada, de pupila cintilante.

A cabeça está ligada às espáduas por um pescoço de touro. O arcaboço repousa solidamente sobre umas coxas carnudas, umas pernas aprumadas, uns pés um pouco deitados para fora.

Calistus Munbar traja uma jaleca muito larga, de fazenda em diagonal, cor de terra-japónica. Da algibeira lateral surge a ponta de um lenço com vinhetas. O colete é branco, muito aberto, com três botões de ouro.

De uma algibeira para a outra pende em festão uma cadeia maciça, tendo num dos extremos um cronometro, no outro um pedômetro, sem falar nos berloques que tilintam no centro. Completa-se a ourivesaria com um rosário de anéis, que adornam as mãos grossas e rosadas. A camisa é de uma brancura imaculada, rígida e polida, constelada com três diamantes, sobrepujada por um colarinho largo e virado para baixo, sobre cujo cós se enrola uma gravata imperceptível, um simples galão avermelhado. As calças, de riscado, com pregas abundantes, caem afuniladas sobre umas botinas de laço, com fivelas de alumínio.

Quanto à fisionomia deste ianque, é ela expressiva ao mais alto ponto, aberta e franca — a fisionomia dos homens que de nada duvidam e que têm visto muita coisa, como se costuma dizer. Este homem é com toda a certeza um fura-vidas e também um enérgico, como se reconhece pela tenacidade dos músculos, pela contração aparente do sobrolho e do queixo. Finalmente, gosta de rir com estrondo, mas o seu riso é mais nasal que oral, uma espécie de casquinhada, o hennitus, apontado pelos fisiologistas.

Tal é Calistus Munbar. À entrada do quarteto, soergueu o enorme chapéu, onde não ficaria mal uma pluma à Luís XIII. Aperta a mão dos quatro artistas e os conduz para uma mesa onde ferve o bule, onde fumam as torradas tradicionais. Fala sem descanso, sem deixar intervalo para uma única pergunta — talvez para evitar qualquer resposta —, gabando os esplendores da sua cidade, a sua extraordinária nascença, monologando sem interrupção e, terminado o almoço, acabando o monólogo com estas palavras:

— Venham, meus senhores, queiram seguir-me. Mas uma recomendação.

— Que é? — pergunta Frascaolin.

— É expressamente proibido escarrar nas nossas ruas...

— Não temos esse costume — protesta Yvernés.

— Melhor! Poupam-se assim as multas!

— Não escarrar... na América! — murmura Pinchinat, num tom misto de surpresa e de incredulidade.

Difícil fora arranjar um guia e ao mesmo tempo um cicerone mais completo do que Calistus Munbar. Essa cidade, conhece-a ele a fundo. Não há palacete de cujo proprietário ele não saiba o nome, não há casa cujos moradores ele não conheça, não há transeunte que o não cumprimente com familiaridade simpática.

A cidade está regularmente construída. As avenidas e as ruas, ornamentadas com varandas por cima dos passeios, cortam-se em ângulos retos, uma espécie de tabuleiro de xadrez. Acha-se a unidade no seu plano geométrico. Quanto à variedade, essa não escasseia, e tanto no estilo como nas acomodações anteriores, as habitações seguiram apenas como regra a fantasia dos arquitetos. Exceto em algumas ruas comerciais, as casas ostentam ares de palácios, com os seus pátios de honra flanqueados de pavilhões elegantes, a harmonia arquitetônica das suas fachadas, o luxo que se pressente no interior, os jardins, para não dizer os parques, dispostos nas traseiras. E, todavia, digno de reparo que as árvores, sem dúvida de plantação recente, não hajam ainda atingido o desenvolvimento completo. O mesmo acontece nos squares, dispostos na intersecção das principais artérias da cidade, atapetados de relvados de uma frescura perfeitamente inglesa, cujos maciços, em que se misturam as essências das zonas temperadas e tórridas, não aspiraram nas entranhas da terra bastante potência vegetativa. Esta particularidade natural apresenta, pois, um contraste frisante com a parte da América Oeste, onde abundam as florestas gigantes nas imediações das grandes cidades da Califórnia.

O quarteto ia andando, a observar esse bairro da cidade, cada um segundo o seu feitio, Yvernés atraído pelo que não atrai Frascaolin, Sebastião Zorn interessando-se no que não interessa Pinchinat — todos, em suma, com a curiosidade excitada pelo mistério que envolve a cidade incógnita. Dessa diversidade de vistas deverá surgir um conjunto de reparos bastante

justos. Além de que, ali têm Calistus Munbar, que tem resposta para tudo. Resposta, dizemos nós? Ele nem espera que o interroguem: fala, fala pelos cotovelos, o caso é dar-lhe corda. É um moinho de palavras, que gira com a mais leve aragem.

Um quarto de hora depois de terem saído do Excelsior Hotel, diz Calistus Munbar: — Cá estamos nós na Terceira Avenida, e contam-se mais de trinta na cidade. Esta é a mais mercantil, é a nossa Broadway, a nossa Regent-street, o nosso bulevar dos Italianos. Nestes armazéns, nestes bazares, encontra-se o supérfluo e o necessário, tudo o que podem exigir as existências que mais se inquietam com o bem-estar e as comodidades modernas!

— Os armazéns vejo eu — observa Pinchinat —, mas de fregueses nem raça...

— Talvez ainda seja muito cedo? — lembra Yvernés.

— A razão disso — explica Calistus Munbar — é que a maioria das encomendas se fazem telefonicamente ou mesmo telautograficamente...

— Isso quer dizer? — pergunta Frascaolin.

— Quer dizer que nós empregamos frequentemente o telautógrafo, aparelho aperfeiçoado, que transporta a palavra escrita como o telefone transporta a palavra falada, sem nos esquecermos do cinematógrafo, que regista os movimentos, sendo para os olhos o que o fonógrafo é para os ouvidos, e o telefoto que reproduz as imagens. Esse telautógrafo oferece uma garantia mais séria do que o simples despacho, de que qualquer bicho-careta pode abusar. Podemos assinar eletricamente cheques ou ordens de pagamento...

— Até autos de casamento? — inquire Pinchinat com ironia.

— Com certeza, meu caro senhor. Porque é que uma pessoa não havia de casar pelo fio telegráfico?

— E divorciar?

— E divorciar! É até isso que dá mais gasto aos nossos aparelhos!

Estas palavras são acompanhadas por uma ruidosa gargalhada do cicerone, que faz tremelicar todas as bugigangas do colete.

— O Sr. Munbar é alegre — observa Pinchinat, partilhando da hilaridade do americano.

— Sou... como uma revoada de tentilhões num dia de sol!

Neste sítio depara-se uma artéria transversal. É a Décima Nona Avenida, onde é banido todo o comércio. Assim como à primeira, sulcam-na numerosas linhas de tramway. Passam carruagens rápidas sem levantar um grão de poeira, porque a calçada, coberta com uma camada imputrescível de karry e de jarrh da Austrália — e quem sabe se de pau-brasil —, está tão polida como se tivesse sido esfregada com limalha. Além disso, Frascaolin, grande observador de fenômenos físicos, verifica que ela ressoa debaixo dos pés como uma chapa de metal.

"Isto é que são trabalhadores de ferro!", diz ele consigo. "Agora até fabricam as calçadas de folha de ferro!"

E ia a pedir informações a Calistus Munbar, quando este exclamou:

— Meus senhores, reparem neste palacete!

E aponta para uma vasta construção, de aspecto imponente, cujas alas salientes, limitando um pátio de honra, são reunidas por uma grade de alumínio.

— Este palacete — poderia dizer-se este palácio — é habitado pela família de um dos principais indivíduos da cidade. Refiro-me a Jem Tankerdon, proprietário de minas inesgotáveis de petróleo no Illinois, porventura o mais rico e, por conseguinte, o mais respeitável e o mais respeitado dos nossos concidadãos...

— Muitos milhões? — pergunta Sebastião Zorn com vivacidade.

— Puff! — sopra Calistus Munbar. — O milhão é para nós o dólar corrente, e aqui contam-se às centenas! Nesta terra, não há senão nababos opulentíssimos. É isto que explica como em poucos anos os negociantes dos bairros mercantis fazem fortuna — refiro-me aos negociantes por miúdo, porque os outros, os que negociam por grosso, desses não se encontra um para amostra neste microcosmo único no mundo...

— E industriais? — pergunta Pinchinat. — Ausentes, os industriais!

— E armadores de navios? — pergunta Frascaolin.

— Também não há.

— Então, capitalistas? — insiste Sebastião Zorn.

— Só capitalistas e negociantes em caminho de se tornarem capitalistas.

— E então os operários? — observa Yvernés.

— Quando há necessidade de operários, vão-se buscar lá fora, meus senhores, e, quando o trabalho está acabado, vão-se embora, com as algibeiras quentes.

— Ora, diga lá, Sr. Munbar — diz Frascaolin —, sempre deve haver alguns pobres na sua cidade, quando mais não seja senão para não deixar acabar-se a raça?

— Pobres, senhor segundo-violino? Não é capaz de encontrar nem meio!

— Então a mendicidade é proibida?

— Qual proibida! Nunca houve ensejo de a proibir, por isso que a cidade não é acessível aos mendigos. Isso é bom lá para as cidades da União, com os seus depósitos, os seus asilos, as suas work-houses e as casas de correção que lhes servem de complemento...

— Querem ver que vai afiançar que não existem prisões?

— Nem prisões, nem presos.

— Mas os criminosos?

— Pede-se que se deixem ficar no Antigo e Novo Continente, onde a sua vocação acha condições mais vantajosas para se exercitarem.

— Ora esta, Sr. Munbar! — exclama Sebastião Zorn. — A quem o ouve falar, parece que não estamos já na América?

— Estava lá ontem, senhor violoncelista — responde este pasmoso cicerone.

— Ontem?! — replica Frascaolin, sem perceber o que pode exprimir aquela extraordinária frase.

— Sem dúvida! Hoje, os senhores estão numa cidade independente, uma cidade livre, sobre a qual a União não tem direito nenhum, que se governa por si própria...

— E que se chama? — pergunta Sebastião Zorn, cuja irascibilidade natural começa a vir à superfície.

— O nome? — volve Calistus Munbar. — Permitam-me que ainda lhe não diga...

— E quando o saberemos?

— Quando tiverem acabado de a visitar, o que aliás ela considerará uma grande honra.

Esta reserva do americano é pelo menos singular. Em suma, isso pouco importa. Antes do meio-dia deve o quarteto ter terminado o seu curioso passeio, e, mesmo que eles só venham a saber o nome da cidade no momento em que a vão abandonar, é quanto basta, não é verdade? A única reflexão que ocorre é a seguinte: como é que uma cidade tão considerável ocupa um dos pontos da costa californiana sem pertencer à república federal dos Estados Unidos, e, por outro lado, como explicar que ao condutor do cocheiro não passasse pela ideia o falar dela? O essencial, no fim de contas, é que dali a vinte e quatro horas os executantes tenham chegado a San Diego, onde lhes darão a palavra do enigma, se Calistus Munbar não se decidir a revelá-lo.

Esta personagem excêntrica recaiu na sua facúndia descritiva, sem deixar de mostrar que não deseja explicar-se mais categoricamente.

— Meus senhores — diz ele —, estamos à entrada da Trigésima Sétima Avenida. Ora contemplem esta admirável perspectiva! Neste bairro também não há armazéns, nem bazares, nem esse movimento das ruas que denota a existência comercial. Apenas palacetes e habitações particulares, mas as fortunas aqui são inferiores às da Décima Nona Avenida. Capitalistas de dez a doze milhões...

— Uns pelintras, está bem de ver! — responde Pinchinat, cujos lábios desenham uma careta significativa.

— Ora, senhor violeta — replica Calistus Munbar —, sempre é possível ser pelintra ao pé dos outros! Um milionário é rico em relação ao que não possui mais do que uns centos de mil francos! Mas não o é em relação àquele que possui cem milhões!

Já por diversas vezes os nossos artistas tiveram ocasião de notar que, de todas as palavras empregadas pelo cicerone, a palavra "milhão" é a que lhe acode mais frequentemente — palavra prestigiosa como as que o são! Ele pronuncia-a intumescendo as faces com uma sonoridade metálica. Parece que lhe basta falar para cunhar moeda. Se não são diamantes que lhe jorram dos lábios, como da boca daquele aphilhado das fadas que deixava cair pérolas e esmeraldas, são pelo menos moedas de ouro.

E Sebastião Zorn, Pinchinat, Frascolin e Yvernés continuam a percorrer a extraordinária cidade, cuja denominação geográfica ainda não conhecem. Tudo, ruas animadas pela concorrência de transeuntes, todos trajando com conforto, sem que os olhos sejam nunca desagradavelmente impressionados com os andrajos de um indigente. Por toda a parte tramways, carros, carretas, movidos pela eletricidade. Algumas das principais artérias são providas de passeios movediços, atuados pela tração de uma cadeia sem fim, por cima dos quais se anda como dentro de um comboio em movimento, participando da sua velocidade própria.

Também circulam carruagens eléctricas, rodando pelas calçadas com a suavidade de uma bola sobre o tabuleiro de um bilhar. Quanto a equipagens, no verdadeiro sentido da palavra, isto é, veículos puxados por cavalos, esses só se encontram nos bairros opulentos.

— Olhem! Uma igreja! — exclama Frascolin.

E mostra um edificio de contextura bastante pesada, sem estilo arquitetônico, uma espécie de pastelão ereto no meio de uma praça cheia de relvados verdejantes.

— É o templo protestante — elucida Calistus Munbar, parando defronte desse edificio.



— Na sua cidade há igrejas católicas? — perguntou Yvernés.

— Há, sim, senhor. Em todo o caso, devo fazer-lhe observar que, conquanto no nosso globo se professem cerca de mil religiões diferentes, nós aqui resumimo-nos ao catolicismo e ao protestantismo. Não é como os Estados Unidos, desunidos pela religião, se acaso o não são pela política, onde há tantas seitas quantas as famílias — metodistas, anglicanos, presbiterianos, anabaptistas, wesleyanos, etc. Aqui, temos apenas protestantes fiéis à doutrina calvinista, ou católicos romanos.

— E que língua se fala?

— Empregam-se correntemente o inglês e o francês.

— É caso para lhe dar os parabéns — diz Pinchinat.

— A cidade — prossegue Calistus Munbar — está, pois, dividida em duas secções, pouco mais ou menos iguais. Estamos aqui na secção...

— Ocidental, creio eu? — observa Frascolin, orientando-se pela posição do Sol.

— Ocidental, se assim o quer...

— O quê? Se assim o quero? — replica o segundo violino, bastante surpreendido com esta resposta. — Dar-se-á o caso que os pontos cardeais variem nesta cidade ao sabor de cada um?

— Sim... e não... — afirma Calistus Munbar —, Mais tarde lhes explicarei isso. Volto a falar desta secção... ocidental, se assim lhe apraz, a qual é unicamente habitada pelos protestantes, que mesmo aqui permanecem homens práticos, ao passo que os católicos, mais intelectuais, mais requintados, ocupam a secção... oriental. O mesmo é que dizer-lhes que este templo é um templo protestante.

— Tem toda a aparência disso — assevera Yvernés. — Com a sua arquitetura pesada, a oração não deve ali ser uma elevação para o céu, mas antes um despenhar sobre a terra...

— Linda frase! — exclama Pinchinat. — Sr. Munbar, numa cidade tão cheia de maquinismos à moderna, sem dúvida que pode uma pessoa ouvir a prédica ou a missa pelo telefone?

— Justamente.

— E confessar-se também?

— Exatamente, como pode casar-se pelo telautógrafo, e há-de convir que é bem prático...

— É de pasmar, Sr. Munbar — comenta Pinchinat. — É de pasmar!

# CAPÍTULO 4

## O QUARTETO CONCERTANTE DESCONCERTADO

As onze horas, depois de um passeio tão extenso, é lícito ter fome. E os nossos artistas abusam a valer da permissão. Os seus estômagos gritam em uníssono, e afinam na opinião de que é forçoso almoçar a todo o preço.

É também esse o parecer de Calistus Munbar, não menos submisso que os seus hóspedes às necessidades da refeição quotidiana. Deverão voltar ao Excelsior Hotel?

Decerto, porque não parece que os restaurantes sejam numerosos na cidade, onde cada um prefere sem dúvida encafiar-se em casa, no seu home, e que não tem grandes aparências de ser visitado por turistas dos dois mundos.

Em poucos minutos, o tram (Carro eléctrico; no Brasil, bonde) transporta os esfomeados ao seu hotel, onde se sentam diante de uma mesa copiosamente servida. É esse um contraste notável com essas refeições à americana, onde a multiplicidade das iguarias não compensa a sua insuficiência. Excelente a carne de vaca e de carneiro; tenras e aromáticas as aves; o peixe de uma frescura que faz apetite. Depois, em vez dessa água nevada dos restaurantes da União, cervejas variadas e vinhos que o sol da França destilara dez anos antes pelas encostas do Médoc e da Borgonha.

Pinchinat e Frascolin fazem honra ao almoço, pelo menos tanto como Sebastião Zorn e Yvernés... É escusado acrescentar que Calistus Munbar reclamou o papel de anfitrião, e de mau gosto seria o rejeitar-lhe o oferecimento.

Demais a mais, o ianque, cuja facúndia nunca se esgota, ostenta um bom humor que é de encantar. Fala de tudo o que diz respeito à cidade, à exceção daquilo que os convivas prefeririam saber— isto é, que cidade é essa independente, cujo nome ele hesita em revelar. Nada de impaciências, ele há-de dizê-lo, quando chegar ao fim da digressão. Teria ele na mente embriagar o quarteto no propósito de lhe fazer perder o comboio de San Diego? Isso não, mas o caso é que eles estão a beber com gana, depois de terem comido com valentia; e estava a acabar a sobremesa na absorção do chá, do café e dos licores, quando uma detonação sacode as vidraças do hotel.

— Que é isto? — pergunta Yvernés, dando um pulo.

— Não se assustem, meus senhores — respondeu Calistus Munbar. — É o canhão do Observatório.

— Se é o sinal do meio-dia — replica Frascolin, consultando o seu relógio —, afirmo que anda atrasado...

— Nada, senhor violeta, isso não! O Sol aqui não anda mais atrasado do que em qualquer outra parte.

E um sorriso singular arqueia os lábios do americano, cintilam os olhos sob a luneta, e ele esfrega as mãos. Faz vontade de supor que se felicita por ter "pregado uma boa partida".

Frascolin, menos embotado pela comezaina do que os companheiros, olha para ele com ar suspeito, sem saber ao certo o que imaginar.

— Vamos lá, meus amigos — hão-de permitir-me que lhes dê esta simpática

qualificação — acrescenta ele amavelmente —, trata-se agora de visitar a segunda secção da cidade, e eu era capaz de rebentar de desespero se lhes escapasse um pormenor que fosse! Não temos tempo a perder...

— A que horas parte o comboio para San Diego? — interroga Sebastião Zorn, sempre preocupado para não faltar aos seus compromissos por chegar tarde.

— Sim... a que horas? — repetiu Frascolin com insistência.

— Ora! Isso é à noite — respondeu Calistus Munbar, piscando o olho esquerdo. — Venham, meus caros hóspedes, venham comigo... Não se arrependerão de me terem por guia.

Não há meio de desobedecer a um sujeito tão obsequiador. Os quatro artistas saem da sala do Excelsior Hotel e põem-se a caminho pela rua fora. A falar verdade, só se o vinho os ensopou com demasiada generosidade, porque eles sentem correr-lhes pelas pernas acima uma espécie de estremeção. Parece que o solo tem uma ligeira tendência a fugir-lhes debaixo dos pés. E, no entanto, eles não os pousaram em nenhum desses passeios móveis que se deslocam lateralmente.

— Eh! Eh!... Aguentem-se, valentes! — exclama Sua Alteza, titubeando.

— Parece-me que bebemos um pouquinho de mais! — observa Yvernés, enxugando a testa.

— Não façam caso, senhores parisienses — recomendou o americano —, é uma vez sem exemplo! Era justo que regassem bem a sua boa estrela.

— E o caso é que despejamos o regador! — replica Pinchinat, que dele tivera farto quinhão e nunca se sentira tão satisfeito.

Sob a direção de Calistus Munbar, seguem por uma rua fora até chegar a um dos bairros da segunda secção. Por aqueles sítios, a animação é muito diferente, o carácter geral menos puritano. É como se houvessem de súbito transportado dos Estados do Norte para os Estados do Sul da União, de Chicago para Nova Orleans, do Illinois para a Luisiana, armazéns e lojas mais frequentados, habitações de uma fantasia mais elegante, home-steads, ou casas de hóspedes, mais confortáveis, hotéis tão sumptuosos como os da secção protestante, mas de aspecto mais alegre. A população difere igualmente de aparência, de maneiras, de feitio. Até parece que a cidade é dupla, à maneira de certas estrelas, com a diferença de que estas secções não giram uma em volta da outra — duas cidades justapostas.

Chegado pouco mais ou menos ao centro da secção, o grupo parou aí pelo meio da Décima Quinta Avenida, e Yvernés exclamou:

— Safa! Cá temos um palácio.

— O palácio da família Coverley — informa Calistus Munbar. — Nat Coverley, o emulo de Jem Tankerdon...

— Mais rico do que ele? — pergunta Pinchinat.

— Andam pela mesma — diz o americano. — Um ex-banqueiro de Nova Orleans, que tem mais centos de milhões do que dedos nas duas mãos!

— Que bonito par de luvas, meu caro Sr. Munbar!

— Tal qual.

— E esses dois notáveis Jem Tankerdon e Nat Coverley, são inimigos... naturalmente?

— Pelo menos são rivais, que se esforçam por estabelecer a sua preponderância na administração da cidade e que têm ciúmes um do outro.

— E hão-de acabar por se devorar? — perguntou Sebastião Zorn.

— Talvez... e se um devorar o outro...

— Que indigestão que apanha nesse dia! — respondeu Sua Alteza.

E Calistus Munbar acha tanta graça à resposta, que a pança se lhe sacode nas convulsões do riso.

A igreja católica ergue-se numa praça espaçosa, que permite o admirar lhe as felizes proporções. É de estilo gótico, desse estilo que não exige grande distância para se apreciar, porque as linhas verticais, que constituem a sua beleza, perdem algo do seu carácter em sendo examinadas de longe. Saint-Mary Church merece admiração pelo garbo dos seus pináculos, pela delicadeza das suas rosáceas, pela elegância das suas ogivas flamejantes, pela graça das suas janelas geminadas.

— Belo exemplar do gótico anglo-saxônico — comenta Yvernés, que é grande amador de arquitetura. — O Sr. Munbar tinha razão: as duas secções da sua cidade parecem-se tanto como a catedral de uma e o templo de outra!

— E, no entanto, Sr. Yvernés, essas duas secções nasceram da mesma mãe.

— Mas... não do mesmo pai? — observou Pinchinat.

— Sim... do mesmo pai, meus excelentes amigos. Somente, a criação das duas é que foi diferente. Adaptaram cada uma delas às conveniências daqueles que deviam ir ali procurar uma existência tranquila, feliz, isenta de qualquer inquietação... uma existência que não pode proporcionar nenhuma das cidades, quer do Velho, quer do Novo Continente.

— Por Apolo, Sr. Munbar — exclamou Yvernés —, tome cautela não sobre excite de mais a nossa curiosidade! É como se estivesse a cantarolar uma daquelas frases musicais que deixam a gente muito tempo à espera da tônica.

— E que acabam por fátigar os ouvidos! — acrescenta Sebastião Zorn. — Ora vamos lá! Ainda não chegou o ensejo de se decidir a revelar-nos o nome desta cidade extraordinária?

— Ainda não, meus prezados hóspedes — volve o americano, ajeitando a luneta de ouro no seu apêndice nasal. — Esperem pelo fim da nossa digressão, e continuemos...

— Antes de continuar — observou Frascalín, que sente umas vagas apreensões de mistura com a sua curiosidade —, tenho de fazer uma proposta.

— Qual é?

— Porque é que não havemos de trepar à agulha de Saint-Mary Church? De lá poderíamos avistar...

— Nada, nada! — exclama Calistus Munbar, sacudindo a enorme cabeça desgrenhada. — Agora não... depois.

— Mas quando? — pergunta o violoncelista, que começa a impacientar-se com tanta evasiva misteriosa.

— No final da nossa excursão, Sr. Zorn.

— Voltamos então a esta igreja?

— Não, meus amigos, o nosso passeio há-de acabar por uma visita ao Observatório, cuja torre tem mais um terço de altura da agulha de Saint-Mary Church.

— Mas afinal — insiste Frascaolin —, porque não havemos de aproveitar esta ocasião?  
— Porque... faziam com que falhasse o meu efeito!

E não há meio de arrancar outra resposta a essa enigmática criatura.

O remédio é submeterem-se. Percorrem conscienciosamente as diversas avenidas da segunda secção. Depois visitam os bairros do comércio, os quarteirões dos alfaiates, dos sapateiros, dos chapeleiros, dos talhos, das mercearias, das padarias, das lojas de fruta, etc. Calistus Munbar, cumprimentado pela maioria das pessoas que encontra, corresponde aos cumprimentos com vaidosa satisfação. É inesgotável de informações encarecedoras, tal qual um expositor de fenômenos, e a língua não se cansa de bimbalar como o badalo de um sino em dia de festa.

Pelas duas horas, chega o quarteto por aquele lado aos limites da cidade, cercada por um gradeamento magnífico, ornamentado de flores de trepadeiras. Para além alastra-se o campo, cuja linha circular se confunde com o horizonte celeste.

Neste sítio, Frascaolin faz com os seus botões um reparo que ele julga prudente não comunicar aos companheiros. Tudo isso se há-de explicar sem dúvida no alto da torre do Observatório. O reparo consiste no seguinte: é que o Sol, em vez de se achar no sudoeste, como devia estar às duas horas, anda pelas bandas do sueste.

É caso para dar que pensar a um espírito tão refletido como o de Frascaolin. Começava ele a parafusar e a dar tratos ao miolo, quando Calistus Munbar muda o curso das suas ideias exclamando:

— Meus senhores, daqui a poucos minutos vai partir o tramway. Ala para o porto!

— Para o porto? — estranha Sebastião Zorn.

— Ora! Um trajeto de uma milha, quanto muito — o que lhes dará azo de admirar o nosso parque.

Visto que existe um porto, é forçoso que ele esteja situado um pouco acima ou um pouco abaixo da cidade, na costa da Baixa Califórnia... Realmente, onde podia ele ficar, a não ser em qualquer ponto desse litoral?

Os artistas, levemente aturdidos, tomam lugar nas bancadas de um carro elegante, onde estão já sentados muitos passageiros. Estes apertam a mão a Calistus Munbar — o demônio do homem! Toda a gente o conhece! — e os dínamos do tramway entregam-se à sua fúria locomotora.

Parque — tem Calistus Munbar razão de assim qualificar o campo que se estende em torno da cidade. Alamedas a perder de vista, relvados verdejantes, barreiras pintadas, direitas ou sinuosas, chamadas fences; em volta dos tanques, moitas de árvores, carvalhos, bordos, faias, castanheiros, lódãos, ulmeiros, cedros, ainda pequenos, animados por miríades de aves de mil espécies. É um verdadeiro jardim inglês, possuindo fontes com repuxos, tabuleiros de flores, então em toda a pujança do desabrochar primaveril, maciços de arbustos em que se misturam as espécies mais diversas, gerânios gigantes como os de Monte Carlo, laranjeiras, limoeiros, oliveiras, loendros, aroeiras, aloés, camélias, dalias, roseiras da Alexandria com flores de neve, hortênsias, lótus brancos e cor-de-rosa, passiflores da América Meridional, ricas coleções de fúcsias, de sálvias, de begônias, de jacintos, de tulipas, de crocus, de narcisos, de anémonas, de rainúnculos da Pérsia, de ísis barbatus, de cíclames, de orquídeas,

calceolárias, fetos arborescentes, e também essas essências peculiares às zonas tropicais, erva-das-malacatas, palmeiras, tamareiras, figueiras, eucaliptos, mimosas, bananeiras, goiabeiras, cabaceiras, coqueiros, numa palavra, tudo que um amador pode exigir ao mais opulento dos jardins botânicos.

Com a sua propensão para evocar as memórias da antiga poesia, Yvernés deve julgar-se transportado às paisagens bucólicas do romance de Astreia. É verdade que, se nesses frescos prados não faltam carneiros, se entre as barreiras se apascentam vacas arruivadas, se por entre os maciços saltam gamos, corças e outros graciosos quadrúpedes da fauna florestal, é de lamentar a ausência dos pastores de D'Urfé e das suas fascinantes pastoras. Quanto ao rio do romance, é ele representado por uma Serpentine-river, que passeia a sua linfa vivificante por meio das ondulações da campina.

Mas tudo parece tão artificial, que provoca esta exclamação do irônico Pinchinat: — Ora esta! Então a respeito de rios, é isto que os senhores avezam?

E Calistus Munbar acode logo: — Rios? Para que serve isso?

— Para ter água, é boa essa!

— Água... quer dizer uma substância geralmente insalubre, microbiana e tifoide?

— De acordo, mas pode-se purificar...

— E para que se há-de ter esse trabalho, quando é tão fácil fabricar uma água higiênica, isenta de impurezas, e até gasosa ou ferruginosa, conforme se quiser...

— Os senhores fabricam a sua água? — pergunta Frascaolin.

— Está claro, e distribuimos-la quente ou fria pelas casas particulares, assim como distribuimos a luz, o som, a hora, o calor, o frio, a força motriz, os agentes antissépticos, a eletrização por autocondução...

— Devo supor, nesse caso — replica Yvernés —, que os senhores também fabricam a chuva para regar os seus relvados e as suas flores?

— Diz muito bem o meu amigo! — confirma o americano, fazendo lampejar as joias dos dedos através das grenhas espessas da sua barba.

— Chuva de encomenda! — exclama Sebastião Zorn.

— Sim, meus caros amigos, chuva que se espalha por uma forma regular, regulamentar, oportuna e prática, mediante canalizações, abertas no nosso subsolo. Pois não vale isto mais do que ficar à espera dos caprichos da natureza e sujeitar-se às fantasias dos climas, do que desembestar em pragas contra as intempéries sem lhes poder achar remédio, umas vezes uma umidade persistente, outras uma estiagem demasiado prolongada?

— Espere aí, Sr. Munbar — replica Frascaolin. — Lá que os senhores possam produzir chuva a seu bel-prazer, ainda vá! Mas lá o impedir que ela caia do céu...

— O céu? Que tem o céu que cheirar em tudo isto?

— O céu, ou, se assim prefere, as nuvens que rebentam, as torrentes atmosféricas com o seu cortejo de ciclones, de tornados, de borrascas, de rajadas, de temporais... Assim, por exemplo, durante a estação ruim..

— A estação ruim?. — repete Calistus Munbar.

— Sim... o Inverno.

— O Inverno? Que vem a ser isso?

— Estão-lhe a falar no Inverno, as geadas, as neves, os gelos! — brada Sebastião Zorn, enraivecido com as respostas irônicas do ianque.

— Não conhecemos isso! — responde tranquilamente Calistus Munbar.

Os quatro parisienses olham uns para os outros. Acaso estão em presença de um doido ou de um mistificador? No primeiro caso, é prendê-lo num hospital; no segundo, é dar-lhe uma sova mestra.

Entretanto, os carros do tramway correm com pequena velocidade por meio desses jardins encantados. A Sebastião Zorn e aos seus companheiros afigura-se que, para além dos limites daquele parque imenso, há talhões de terra, metodicamente cultivados, alastrando coloridos diversos, semelhantes a essas amostras de fazenda expostas dantes à porta dos alfaiates. São indubitavelmente plantações de legumes, batatas, couves, cenouras, nabos, alhos, enfim tudo que exige a composição de uma panela de primeira ordem.

Todavia, estão ansiosos por chegar ao verdadeiro campo, onde poderão reconhecer o que produz esta singular região em trigo, aveia, milho, cevada, centeio, trigo mourisco e outros cereais.

Mas eis que aparece uma fábrica, com as suas chaminés de folha de ferro, dominando uns telhados baixos de vidro despolido. Essas chaminés, aguentadas por escoras de ferro, parecem-se com as de um vapor a navegar, de um Great-Eastern, cujas possantes hélices fossem movidas por cem mil cavalos, com a diferença de que, em vez de fumo negro, só delas saem uns fiozinhos leves, que nem sujam com as escórias a atmosfera.

Essa fábrica cobre uma superfície de dez mil jardas quadradas, quer dizer, perto de um hectare. É o primeiro estabelecimento industrial que o quarteto vê desde que "excursiona", perdoem-nos a palavra, sob a direção do americano.

— Olá! Que estabelecimento é este? — pergunta Pinchinat.

— É uma fábrica, com aparelhos evaporatórios de petróleo — informa Calistus Munbar, cujo olhar penetrante ameaça perfurar os vidros da luneta.

— E que fábrica esta sua fábrica?

— Energia eléctrica, a qual é distribuída por toda a cidade, pelo parque, pelos campos, produzindo força motriz e luz. Ao mesmo tempo, esta oficina alimenta os nossos telégrafos, os nossos telautógrafos, os nossos telefones, os nossos telefotos, as nossas campainhas, os nossos fogões de cozinha, as nossas máquinas de trabalho, os nossos aparelhos de arco voltaico e de incandescência, as nossas luas de alumínio, os nossos cabos submarinos...

— Os seus cabos submarinos? — acode com vivacidade Frascalín.

— Sim! Os que ligam a cidade a diversos pontos do litoral americano.

— E foi preciso criar uma fábrica desta importância?

— Pudera! com o que nós despendemos em energia eléctrica... e também em energia moral! — replica Calistus Munbar. — Acreditem os senhores que foi necessário uma dose incalculável dela para fundar esta incomparável cidade, sem rival no mundo.

Ouvem-se os roncões surdos da gigantesca oficina, as possantes eructações do vapor, os sacões das suas máquinas, as repercussões à superfície do solo, que revelam um esforço mecânico superior a tudo o que deu até hoje a indústria moderna. Quem poderia imaginar que se fizesse mister tanta potência para mover dínamos ou carregar acumuladores!



O tramway passa, e um quarto de milha mais além vai parar na gare do porto.

Os passageiros apeiam-se, e o seu guia, sempre exuberante de frases laudatórias, passeia com eles pelos cais que correm ao longo dos armazéns e das docas. O porto tem a forma oval e o tamanho suficiente para abrigar uns dez navios, quando muito. É verdadeiramente um porto artificial, terminando em molhes, dois piers, aguentados em armaduras de ferro, e iluminado por dois focos, que facilitam a entrada aos navios que vêm do mar largo.

Nesse dia, o porto não contém mais de meia dúzia de vapores, uns destinados ao transporte de petróleo, outros ao transporte das mercadorias necessárias ao consumo, e alguns barcos, munidos de aparelhos eléctricos, que são empregados na pesca do mar alto.

Frascolin repara que a entrada do porto está orientada para o norte, e daí conclui que ele deve ocupar a parte setentrional de um desses cabos que do litoral da Baixa Califórnia se alongam pelo Pacífico. Verifica também que a corrente marítima se propaga para leste com certa intensidade, visto que desliza de encontro ao cabeço do pier como os lençóis de água ao longo do costado de um navio em viagem — efeito produzido por certo pela maré que enche, se bem que as marés sejam pouco importantes nas costas ocidentais da América.

— Então para onde fica o rio que ontem à noite atravessávamos em ferry-boat? — pergunta Frascaolin.

— Estamos a virar-lhe as costas — responde simplesmente o ianque.

Mas cumpre não se demorarem, se querem voltar à cidade a tempo de apanhar o comboio da noite para San Diego.

Sebastião Zorn recorda esta condição a Calistus Munbar, o qual responde:

— Não estejam com cuidado, meus bons amigos... Temos muito tempo... Um tramway irá reconduzir-nos à cidade, depois de ter seguido o litoral... Os senhores desejam ter uma vista panorâmica desta região, e não tarda uma hora que a tenham do alto do Observatório.

— Dá-nos a certeza? — inquire o violoncelista, insistindo.

Não há remédio senão contentarem-se com esta resposta, mediocrementemente explícita. Demais a mais, a curiosidade de Frascaolin, mais ainda do que a dos companheiros, acha-se excitada ao último ponto. Ele está impaciente por se ver no cocuruto daquela torre, donde o americano afirma que a vista se alarga por um horizonte de cem milhas de circunferência, pelo menos.

Depois disso, se não ficarem tendo noções precisas sobre a posição geográfica daquela inverossímil cidade, então é renunciar a adquiri-las alguma vez.

Do fundo do porto rompe uma segunda linha de tramways, que segue pela beira-mar. O tramway compõe-se de seis cars, onde já tomam lugar bastantes passageiros. Estes cars são rebocados por uma locomotiva eléctrica, com acumuladores de uma capacidade de seis amperes-ohms, e a sua velocidade atinge entre quinze e dezoito quilómetros.

Calistus Munbar sobe com o quarteto para o tramway, o qual parece que só por eles espera para partir.

A parte do campo que eles vêm pouca diferença faz do parque que se estende entre a cidade e o porto. O mesmo terreno chão e cuidadosamente tratado. Prados verdejantes e campinas em vez de relvões de recreio, eis a diferença, hortas e não searas. Neste momento,

uma chuva artificial, projetada para fora dos aquedutos subterrâneos, cai em bâtegas benéficas sobre esses longos retângulos, traçados a cordel e esquadria.

O céu não seria capaz de a dosar e de a distribuir de uma maneira mais matemática e mais oportuna.

A via férrea segue o litoral, tendo o mar de um dos lados e o campo do outro. Os cars correm assim pelo espaço de quatro milhas — cerca de cinco quilómetros. Depois, param defronte de uma bateria de doze peças de grande calibre, a entrada da qual é indicada por estas palavras: "Bateria do Esporão".

— Peças que carregam, mas nunca se descarregam pela culatra... como tantos engenhos da velha Europa! — observa Calistus Munbar.

Por estes sítios, a costa é recortada com grande nitidez. Dela se destaca uma espécie de cabo, muito agudo, semelhante à proa de um casco de nau, ou mesmo ao esporão de um couraçado, no qual as águas se dividem, salpicando-o de espuma branca. Efeito da corrente, por certo, porque a vaga do mar reduz-se a ondulações largas, que tendem a diminuir com o declinar do Sol.

Deste ponto parte outra linha de tramway, que desce para o centro, ao passo que a primeira linha continua a seguir as circunvoluções do litoral.

Calistus Munbar faz com que os seus hóspedes transbordem para a segunda linha, anunciando-lhes que vão regressar à cidade.

A digressão foi suficiente. Calistus Munbar saca do seu relógio, obra-prima de Sivan, de Genebra — um relógio falante, um relógio fonográfico, cujo botão ele prime e do qual saem distintamente estas palavras: "quatro horas e treze".

— O Sr. Munbar não se esquece da ascensão que temos de fazer ao Observatório? — recorda Frascolin.

— Esquecer-me, meus prezados e já velhos amigos! Era mais fácil eu esquecer-me do meu próprio nome, que todavia goza de uma tal ou qual celebridade!

Quatro milhas andadas e estamos a contas com o magnífico edifício, construído no extremo da Primeira Avenida, a que separa as duas secções da nossa cidade.

O tramway pôs-se em movimento. Para além dos campos, sobre os quais continua a cair uma chuva "pós meridiana" — é assim que lhe chama o americano —, depara-se novamente o parque cingido de barreiras com os seus relvões, os seus tabuleiros e as suas moitas.

Dão quatro horas e meia. Dois ponteiros indicam a hora sobre um mostrador gigantesco, semelhante, pouco mais ou menos, ao do edifício do Parlamento de Londres, embutido numa das faces de uma torre quadrangular.

Ao pé desta torre elevam-se as dependências do Observatório, destinadas aos diferentes serviços, algumas das quais, sobrepujadas de rotundas metálicas com aberturas envidraçadas, permitem aos astrónomos seguir o curso das estrelas. Ficam em volta de um pátio central, no meio do qual se ergue uma torre de cento e cinquenta pés de altura. Da segunda galeria superior pode a vista alargar-se num raio de vinte e cinco quilómetros, por isso que o horizonte não é limitado por intumescência alguma, colina ou montanha.

Calistus Munbar, precedendo os seus hóspedes, penetra por uma porta, que lhe abre um

porteiro, trajando uma libré soberba. Ao fundo do hall espera a jaula do ascensor, que se move pela electricidade. O quarteto toma lugar nela, mais o seu guia. A jaula sobe com um movimento sereno e regular. Passados quarenta e cinco segundos, fica estacionária ao nível da plataforma superior da torre.

Nessa plataforma ergue-se a haste de uma bandeira gigantesca, cujo filete flutua à mercê de uma brisa do norte.

Que nacionalidade indica esse pavilhão? Nenhum dos nossos parisienses pode reconhecê-lo. É, com efeito, a bandeira americana, com as suas riscas transversais vermelhas e brancas; mas no canto, em vez das sessenta e sete estrelas, que nessa época brilhavam no firmamento da Confederação, não se vê mais do que uma só: uma estrela, ou, antes, um sol de ouro, esquartelado no azul do Jack, e que parece rivalizar em irradiação com o astro do dia.

— O nosso pavilhão, meus senhores — diz Calistus Munbar, descobrindo-se com respeito.

Sebastião Zorn e os seus companheiros não podem deixar de o imitar. Depois, adiantam-se pela plataforma até ao parapeito, e, quando se debruçam... que grito — primeiro de surpresa, depois de cólera — lhes surge da boca!

Expande-se à sua vista toda a campina. Essa campina apenas apresenta um oval regular, circunscrita por um horizonte de mar, e o mais longe que a vista possa alcançar não se descortina sombra de terra.

E contudo, na véspera à noite, depois de saírem da aldeia de Freschal na carruagem do americano, os nossos artistas nunca deixaram de seguir o caminho terrestre num percurso de duas milhas... Em seguida, atravessaram no ferry-boat, sem saírem do char-à-bancs, o tal curso de água... Depois, acharam-se outra vez em terra firme... É claro que não podiam ter largado do litoral californiano para uma navegação qualquer, sem darem por isso...

Frascolin volta-se para Calistus Munbar:

— Então nós estamos numa ilha? — pergunta ele.

— Como vêm! — responde o ianque, arqueando a boca no mais amável dos sorrisos.

— E que ilha é esta?

— Standard-Island.

— E esta cidade?

— Milliard-City.

# CAPÍTULO 5

## STANDARD-ISLAND E MILLIARD-CITY

Esperava-se ainda nessa época que algum geógrafo audacioso, amante de estatística, houvesse dado o número exato das ilhas espalhadas pela superfície do Globo. Esse número, não é temerário admitir que se eleva a muitos milhares. Entre essas ilhas, porventura não se encontraria uma única que respondesse ao desiderato dos fundadores de Standard-Island e às exigências dos futuros habitantes? Não! Nem uma só. Daí proveio essa ideia "americamecânicamente" prática de criar de fio a pavio uma ilha artificial, que fosse a última palavra da indústria metalúrgica moderna.

Standard-Island — que se pode traduzir por "ilha-padrão" — é uma ilha movida a hélice. A sua capital é Milliard-City. Qual a razão deste nome? Evidentemente por ser a cidade dos bilionários, uma terra para ser habitada por Goulds, Vanderbilts e Rothschilds. Mas, se dirá, a palavra "milliard" não existe na língua inglesa... Os anglo-saxões do Antigo e do Novo Continente disseram sempre: a thousand millions, mil milhões ou um bilião... "Milliard" é palavra francesa... De acordo, e, no entanto, há alguns anos que passou para a linguagem corrente da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos — e foi com justificada razão que se aplicou à capital de Standard-Island.

Uma ilha artificial é uma ideia que, por si só, nada tem de extraordinário. Com uma massa suficiente de materiais imergidos num rio, num lago, num mar, não é coisa que exceda o poder humano o fabricá-la. Ora isto não bastava. Em vista do seu destino, das exigências que tinha a satisfazer, era mister que essa ilha pudesse deslocar-se e, por consequência, que fosse flutuante. Nisso consistia a dificuldade, embora não fosse superior à produção das oficinas onde se trabalha o ferro, e pudesse ser vencida por máquinas de uma potência por assim dizer infinita.

Já em fins do século xix, com o seu instinto do big , a sua admiração pelo enorme, os Americanos haviam formulado o projeto de instalar a uns centos de léguas da costa uma jangada gigantesca, surta sobre âncoras. Deveria ser, não diremos uma cidade, mas pelo menos uma estação do Atlântico, com restaurantes, hotéis, clubes, teatros, etc, onde os turistas teriam encontrado todos os atrativos das terras de águas mais em moda. Pois fora esse o projeto agora realizado e completado. Porém, em vez da jangada fixa, criou-se a ilha movediça.

Seis anos antes da época em que principia esta história fundara-se uma companhia americana, sob a razão social de Standard-Island Company Limited, e com o capital de quinhentos milhões de dólares, dividido em quinhentas partes, para a fabricação de uma ilha artificial, que oferecesse aos nababos dos Estados Unidos as diversas vantagens de que são privadas as regiões sedentárias do globo terrestre. Esses quinhões foram rapidamente subscritos, tão numerosas eram então na América as imensas fortunas, quer proviessem da exploração dos caminhos de ferro, quer das operações bancárias, quer do comércio de carne de porco salgada.

Levou-se quatro anos a construir esta ilha, cujas principais dimensões convém indicar,

assim como as acomodações interiores, os processos de locomoção que lhe permitiam utilizar a mais bela parte da superfície do oceano Pacífico. Daremos estas dimensões em quilómetros, e não em milhas — visto que o sistema métrico tinha por esse tempo levado de vencida a inexplicável repulsão que outrora inspirava à raça anglo-saxônica.

Existem destas aldeias flutuantes na China, no rio Yangtsé-Kiang; no Brasil, no Amazonas; na Europa, no Danúbio. Mas não passam de construções efémeras, uns casinhotos estabelecidos à superfície de uns tabuados sobre o comprido. Chegando ao seu destino, deslocam-se as tábuas, desmontam-se os casinhotos, e era uma vez uma aldeia.

Ora a ilha de que se trata é completamente diferente: devia ser lançada ao mar, devia durar... o que podem durar as obras saídas da mão do homem.

Demais a mais, quem sabe se a terra não será algum dia pequena de mais para os habitantes, cujo número deve atingir cerca de seis biliões em 2072 — pelo que afirmam os sábios, seguindo Ravenstein, com uma precisão assombrosa! E não se tornará forçoso fazer edificações no mar, quando os continentes estiverem a deitar por fora?

Standard-Island é uma ilha de aço, e a resistência do seu casco foi calculada para o enormíssimo peso que é destinada a suportar. É composta de duzentos e setenta mil caixões, tendo cada um deles dezasseis metros e sessenta e seis centímetros de altura por dez de comprimento e dez de largura. A superfície horizontal representa, pois, um quadrado de dez metros de lado, ou cem metros de superfície.

Todos estes caixões, rebitados e encavilhados uns nos outros, determinam para a ilha cerca de vinte e sete milhões de metros quadrados, ou vinte e sete quilómetros quadrados de superfície. Na forma oval que lhe deram os construtores, mede ela sete quilómetros de comprimento por cinco quilómetros de largura, e o seu contorno tem dezoito quilómetros, em números redondos.

A parte submersa do casco é de trinta pés, a parte emergente de vinte pés. É o mesmo que dizer que Standard-Island tem um calado de dez pés na linha de água carregada.

Daí resulta que o seu volume ascende a quatrocentos e trinta e dois milhões de metros cúbicos, e o seu deslocamento, ou os três quintos do volume, é de duzentos e cinquenta e nove milhões de metros cúbicos.

Toda a parte submersa dos caixões foi coberta com uma preparação, que durante largo tempo se procurou de balde — deu biliões ao seu inventor —, a qual impede que os mariscos se agarrem às paredes em contacto com a água do mar.

O subsolo da nova ilha não está sujeito a deformações nem a rupturas, tão bem seguras estão as chapas de aço com travessões, tamanha foi a solidez com que se procedeu à rebitação e ao encavilhamento.

Era necessário criar estaleiros especiais para a fabricação deste gigantesco engenho marítimo. Foi isso que fez a Standard-Island Company, depois de ter adquirido a baía Madalena e o seu litoral na extremidade da extensa península da Velha Califórnia, quase no limite do trópico Câncer. Foi nessa baía que se executou um tal trabalho, sob a direcção dos engenheiros da Standard-Island Company, tendo por chefe o célebre William Tersen, falecido alguns meses depois de terminada a obra, como Brunel por ocasião do infrutífero lançamento do seu Great-Eastern. E essa Standard-Island é porventura outra coisa mais do que um Great-

Eastern modernizado, feito sobre um modelo milhares de vezes mais considerável?

Compreende-se que não havia questão em lançar a ilha de uma vez à superfície do oceano. Por isso fabricaram-na aos pedaços, aos compartimentos justapostos nas águas da baía Madalena. Essa porção de costa americana tornou-se o porto de armamento e de reparação da ilha, que nela vem encaixar-se, quando precisa de algum concerto.

A carcaça da ilha, o seu casco, se assim lhe querem chamar, formada por esses duzentos e setenta mil compartimentos, foi coberta com uma espessura de terra vegetal, excepto na parte reservada à cidade central, onde o sobredito casco é extraordinariamente reforçado. Este húmus é suficiente para as necessidades de uma vegetação que se limita a relvões, a tabuleiros de flores e de arbustos, a moitas de árvores, a prados, a campos de legumes. Teria parecido pouco prático o exigir desse solo factício a produção de cereais e o abastecimento de alimentação para o gado destinado ao matadouro, o qual é aliás objecto de uma importação regular. Mas houve necessidade de criar as instalações indispensáveis para que o leite e a produção das capoeiras não dependessem dessas importações.

As três quartas partes do solo de Standard-Island são destinadas à vegetação, isto é, cerca de vinte e um quilómetros quadrados, onde a relva dos parques ostenta um viço permanente, onde os campos, entregues à cultura intensiva, abundam em legumes e em frutas, onde os prados artificiais servem de pascigo a alguns rebanhos. É bem de ver que também ali se emprega em larga escala a electrocultura, isto é, a influência de correntes contínuas, que se manifesta por uma aceleração extraordinária e pela produção de legumes de dimensões inverossímeis, tais como rábanos de quarenta e cinco centímetros e cenouras de três quilogramas. Jardins, hortas, pomares, podem rivalizar com os mais belos da Virgínia ou da Luisiana. Não há que espantar: não se olha a despesas nesta ilha, com tanta justiça denominada a "Jóia do Pacífico".

A sua capital, Milliard-City, ocupa cerca da quinta parte, que lhe foi reservada, dos vinte e sete quilómetros quadrados, seja pouco mais ou menos cinco quilómetros quadrados, ou quinhentos hectares, com uma circunferência de nove quilómetros. Os leitores que tiveram a pachorra de acompanhar Sebastião Zorn e os seus companheiros durante a sua excursão, conhecem-na de sobra para não se perderem nela. Demais, ninguém se perde nas cidades americanas, quando elas têm ao mesmo tempo a fortuna e a desgraça de ser modernas — a fortuna pela simplicidade das comunicações urbanas, a desgraça pelo lado artístico e fantasista, que lhes falta de todo em todo. Sabe-se que Milliard-City, de forma oval, é dividida em duas secções, separadas por uma artéria central, a Primeira Avenida, com pouco mais de três quilómetros de extensão. O Observatório, que se eleva num dos seus extremos, tem por pendant o edifício da Câmara, cuja massa enorme se destaca no extremo oposto. Aí estão centralizados os serviços públicos do estado civil, das águas e da via pública, das plantações e dos passeios, da polícia municipal, da alfândega, das praças e dos mercados, das iluminações, dos hospícios, das diversas escolas, dos cultos e das artes.

E, agora, qual é a população nessa circunferência de dezoito quilómetros?

A Terra, segundo parece, conta atualmente doze cidades— quatro das quais na China — que possuem mais de um milhão de habitantes. Pois bem! A ilha movediça tem apenas dez mil, pouco mais ou menos, todos naturais dos Estados Unidos. Quis-se que nunca surgissem

discussões internacionais entre esses cidadãos que vinham a este aparelho de fabricação tão moderna procurar o repouso e a tranquilidade. Já basta, já é de mais até, o não estarem eles, no ponto de vista religioso, reunidos sob a mesma bandeira. Mas difícil fora o reservar aos ianques do Norte, que são os Bombordenses de Standard-Island, ou inversamente, aos americanos do Sul, que são os Estibordenses, o direito exclusivo de fixarem a sua residência na ilha. Acresce que os interesses da Standard-Island Company sofreriam deveras com esse alvitre.

Estabelecido o solo metálico, pronta para as construções a parte reservada à cidade, adoptando o plano das ruas e das avenidas, começam a levantar-se os edifícios, palacetes magníficos, habitações mais simples, casas destinadas ao comércio a retalho, edifícios públicos, igrejas e templos, mas nada dessas habitações de vinte e sete andares, esses sky-scrapers, quer dizer, esses "arranha-céus", que se vêem em Chicago. Os materiais são a um tempo leves e resistentes. O metal inoxidável, que domina nestas construções, é o alumínio, sete vezes mais leve que o ferro em volume igual— o metal do futuro, como lhe chamara Sainte-Claire Deville, o qual se presta a todas as necessidades de uma edificação sólida. Depois junta-se-lhe pedra artificial, esses cubos de cimento que tão facilmente se dispõem. Empregam-se mesmo esses ladrilhos de vidro, cavados, soprados, moldados como as garrafas e reunidos por um fio ténue de argamassa, ladrilhos transparentes que, no caso de o construtor ter semelhante desejo, podem realizar o ideal da casa de vidro. Mas, na realidade, o que se emprega mais é o cavername metálico, como é atualmente usado nos diversos exemplares da arquitetura naval. E Standard-Island, porventura, é coisa diferente de um navio imenso?

Essas diversas propriedades pertencem todas à Standard-Island Company. Os que as habitam são apenas seus inquilinos, qualquer que seja a importância da sua fortuna. Além disso, houve o maior desvelo em prever todas as exigências em questões de conforto e de apropriação, reclamadas por esses americanos incrivelmente ricos, ao pé dos quais fazem uma figura menos de medíocre os soberanos da Europa ou os nababos da Índia.

Com efeito, se a estatística estabelece que o valor do stock do ouro, acumulado no mundo inteiro, é de dezoito mil milhões de francos, e o da prata de vinte mil milhões, pode dizer-se à boca cheia que os habitantes desta Jóia do Pacífico possuem um bom quinhão desses valores.

Demais, desde o princípio que o negócio se apresentou bem pelo lado financeiro. Alugaram-se por preços fabulosos todas as habitações, desde as mais sumptuosas até às mais modestas. Alguns dos arrendamentos excedem muitos milhões, e um grande número de famílias puderam despender quantias destas com a renda anual, sem que isso lhes causasse transtorno. Donde proveio logo, desta fonte, um rendimento considerável para a Companhia. Força é confessar que a capital de Standard-Island justifica o nome que lhe deram na nomenclatura geográfica.

Pondo de parte essas famílias opulentas, citam-se outras, um cento delas, que pagam de renda entre cem e duzentos mil francos, e que se contentam com a sua modesta situação. O resto da população compreende os professores, os fornecedores, os empregados públicos, os criados, os estrangeiros, cuja flutuação não é considerável e que não seriam autorizados a fixar-se em Milliard-City nem na ilha. Advogados, pouquíssimos há, o que faz com que os

processos sejam raríssimos; médicos, ainda menos, o que faz decair a mortalidade a uma percentagem irrisória. Além do que, cada habitante conhece exatamente a sua constituição, a sua força muscular, medida pelo dinamômetro, a sua capacidade pulmonar, medida pelo espirômetro, o poder contrativo do seu coração, medido pelo Esfigmomanômetro, finalmente o grau da sua força vital, medido pelo magnetômetro. E, depois, na cidade não há bares, nem cafés, nem tabernas, nada que provoque o alcoolismo. Nunca houve um caso de dipsomania, digamos antes de bebedice, para que nos percebam as pessoas que não sabem grego. Não se deve esquecer também que os serviços urbanos lhe distribuem a energia eléctrica, a luz, a força mecânica, o calor, o ar comprimido, o ar rarefeito, o ar frio, a água sob pressão, exatamente como os telegramas pneumáticos e as audições telefônicas. Se se morre, nesta ilha movida a hélice, metodicamente subtraída às intempéries climatéricas, ao abrigo de todas as influências microbianas, é que não há remédio senão morrer, mas só depois de se gastarem todas as molas da vida numa velhice de centenários.

Acaso há soldados em Standard-Island? Há! Um corpo de quinhentos homens, sob as ordens do coronel Stewart, porque foi mister prever que as paragens do Pacífico nem sempre são seguras. Ao aproximar-se de certos grupos de ilhas, é prudente aperceber-se contra a agressão dos piratas de toda a espécie. Que esta milícia seja generosamente paga, que cada uma das praças receba um soldo superior aos dos generais-chefes da velha Europa, não é coisa que surpreenda. O alistamento desses soldados, alojados, alimentados, vestidos à custa da administração, taquara-seca em condições excelentes, sob a fiscalização de chefes que têm rendimentos dignos de um Creso. A dificuldade está apenas na escolha.

Acaso há polícia em Standard-Island? Há algumas esquadras, que bastam para manter a segurança numa cidade onde não existem motivos de alvoroço. É precisa uma autorização da administração municipal para nela se ter residência. As costas são guardadas por um corpo de guardas da alfândega, que velam dia e noite. Só nos portos se pode desembarcar. Como se haviam de introduzir os malfeitores? Quanto àqueles que, por exceção, dessem lá dentro em malandrins, esses seriam agarrados num abrir e fechar de olhos, condenados, e nessa qualidade deportados para o ocidente ou para o oriente do Pacífico, para qualquer recanto do Novo ou do Antigo Continente, sem possibilidade de voltar jamais a Standard-Island.

Falamos nos portos de Standard-Island. Existem então muitos? Há dois, situados nos extremos do diâmetro menor da oval que constitui a forma geral da ilha. Um chama-se Tribord-Harbour (porto de Estibordo), o outro Babord-Harbour (porto de Bombordo), em conformidade com as denominações usadas na marinha francesa.

Com efeito, em caso nenhum é de recear que as importações regulares ameacem interromper-se, mercê da criação destes dois portos de orientação oposta. Se, em consequência de mau tempo, um deles é inacessível, fica o outro aberto aos navios, cujo serviço está assim garantido com todos os ventos. É por Babord-Harbour e Tribord-Harbour que se efetua o aprovisionamento das diversas mercadorias, petróleo trazido por vapores especiais, farinhas e cereais, vinhos, cervejas e outras bebidas de alimentação moderna, chá, café, chocolate, especiarias, conservas, etc. Ali chegam também os bois, carneiros, os porcos dos melhores mercados da América, que asseguram o consumo da carne fresca, enfim tudo o que pode reclamar o mais exigente dos gastrónomos, no que respeita a comestíveis. Por



aqueles portos se importam também as fazendas, a roupa branca, as modas, tudo o que pode exigir o mais requintado dos dândis ou a mais elegante das damas. Esses objecto compram-se aos fornecedores de Milliard-City, por que preço é que nos não atrevemos a dizer, receosos de excitar a incredulidade do leitor.

Em vista do que fica escrito, é lícito perguntar como é que o serviço dos vapores se estabelece regularmente entre o litoral americano e uma ilha de hélice, que por sua natureza é movediça — um dia em tais paragens, outro a bastantes dezenas de milhas mais longe.

A resposta é simplicíssima. Standard-Island não se move ao acaso. A sua remoção conforma-se com um programa determinado pela administração superior, segundo consulta recebida dos meteorologistas do Observatório. É uma digressão, susceptível contudo de certas modificações, através daquela parte do Pacífico que contém os mais belos arquipélagos, e evitando, quanto possível, os choques repentinos de frio e de calor, causa de tantas afecções pulmonares. Foi isso que permitiu a Calistus Munbar a resposta por ele dada a propósito do Inverno: "Não conhecemos!" Standard-Island não navega senão entre o paralelo trinta e cinco norte e o paralelo trinta e cinco sul. Setenta graus a percorrer, por outra, mil e quatrocentas léguas marítimas, que magnífico campo de navegação! Os navios sabem pois sempre onde devem encontrar a Jóia do Pacífico, visto que o seu deslocamento está antecipadamente regulamentado entre os diversos grupos dessas ilhas deliciosas, que constituem como que outros tantos oásis no deserto do imenso oceano.

Pois mesmo em casos destes os navios não ficam reduzidos a andar ao acaso em cata da posição de Standard-Island. E, contudo, a Companhia não quis recorrer aos vinte e cinco cabos submarinos, com o comprimento de dezasseis mil milhas, que possui a Eastern Extension Australasia and China Company. Não! A ilha de hélice não quer depender de ninguém. Para isso bastou dispor à superfície desses mares uns centos de bóias, que suportam a extremidade de cabos eléctricos ligados com Madeleine-bay. Atraca-se a estas bóias, liga-se o fio aos aparelhos do Observatório, expedem-se os despachos, e os agentes da baía andam sempre informados da posição em longitude e latitude de Standard-Island. Daí resulta que o serviço dos navios de apercebimento faz-se com uma regularidade digna de um caminho de ferro.

Há, contudo, uma importante questão que merece a pena elucidar-se.

A água doce, como é que se desencanta para as necessidades múltiplas da ilha?

A água? Fabrica-se por destilação em duas oficinas especiais, próximas dos portos. Por meio de canalizações é levada às casas ou gira por debaixo das camadas do campo. Serve assim para todos os serviços domésticos ou da via pública, e cai depois em chuva benéfica sobre os campos e os relvados, que assim deixam de estar sujeitos aos caprichos celestes. E não só esta água é doce, mas é destilada, electrolisada, mais higiênica do que as fontes mais puras dos dois continentes, onde uma gota do tamanho de uma cabeça de alfinete pode encerrar quinze biliões de micróbios.

Falta dizer em que condições é que se efetua a deslocação deste maravilhoso aparelho. Não lhe é mister grande velocidade, visto que, em seis meses, não tem de sair das paragens compreendidas entre os trópicos por uma parte, e entre os meridianos cento e trinta e cento e oitenta por outra. Quinze a vinte milhas em cada vinte e quatro horas, Standard-Island não

exige mais. Ora esta deslocação fácil fora obtê-la por meio de um reboque, estabelecendo um cabo feito dessa planta indiana que se chama bastin, a um tempo leve e resistente, que flutuasse entre duas águas, de modo que se não cortasse nos fundos submarinos. Enrolar-se-ia este cabo, nos dois extremos da ilha, em cilindros movidos a vapor, e Standard-Island seria rebocada à ida e à volta, à semelhança desses barcos que sobem e descem certos rios. Mas esse cabo teria de ser de uma grossura enorme para uma massa daquelas, e estaria sujeito a grande número de avarias. Era a liberdade acorrentada, era a obrigação de seguir a linha imperturbável da atoagem, e, em se tratando de liberdade, os cidadãos da livre América são duma intransigência soberba.

Nessa época, por fortuna, os eletricitas tão longe levaram os seus progressos que tudo foi possível exigir à eletricidade, esta alma do Universo. A ela, pois, se confiou a locomoção da ilha. Duas oficinas bastam para dar movimento a seus dínamos, de força por assim dizer infinita, fornecendo a energia eléctrica em corrente contínua, com voltagem moderada de dois mil volts. Esses dínamos movem um poderoso sistema de hélices colocadas na proximidade dos dois portos. Cada um deles desenvolve cinco milhões de cavalos-vapor, graças às suas centenas de caldeiras aquecidas com briquetes de petróleo, menos incomodas, menos enxovalhadas do que a hulha e mais ricas em calórico. Essas oficinas são dirigidas pelos dois engenheiros-chefes, os Srs. Watson e Somwah, auxiliados por um numeroso pessoal de maquinistas e de fogueiros, sob o comando superior do comodoro Ethel Simcoe. Da sua residência no Observatório está o comodoro em comunicação telefônica com as oficinas, estabelecidas uma perto de Tribord-Harbour, a outra perto de Babord-Harbour. É por ele que são remetidas as instruções de andamento e de retrocesso. Dele é que partiu, na noite de 25 para 26, a ordem de aprontar Standard-Island para viagem, achando-se ela nas proximidades da costa californiana, em começo da sua excursão anual.

Aqueles dos nossos leitores que se decidirem a, pelo pensamento, nela embarcarem confiadamente, assistirão às diversas peripécias dessa viagem pela superfície do Pacífico, e talvez que não tenham ensejo de se arrepender.

Digamos agora que a velocidade máxima de Standard-Island, quando as suas máquinas desenvolvem os seus dez milhões de cavalos, pode ascender a oito nós por hora. As vagas mais altaneiras, levantadas pela mais forte rajada, não a perturbam. Pela sua grandeza, escapa às ondulações do mar. Ali não há que ter medo do enjoo. Nos primeiros dias "a bordo", sente-se, quando muito, o leve estremecimento que a rotação das hélices imprime ao subsolo. Terminando em esporões de sessenta metros à proa e à popa, os quais dividem a água sem esforço, a ilha-navio percorre sem abalos o vasto campo líquido que se oferece às suas excursões.

É escusado acrescentar que a energia eléctrica, fabricada pelas duas oficinas, recebe outras aplicações além da locomoção de Standard-Island. Ela é que gera por detrás da lente dos faróis esse intenso foco luminoso, cujos feixes, projetados pelo mar largo, assinalam de longe a presença da ilha de hélice, e previnem todas as probabilidades de colisão. Ela é que fornece as diversas correntes utilizadas pelos serviços telegráficos, telefônicos, telautográficos e telefônicos para as necessidades das casas particulares e dos bairros mercantis. Ela, enfim, é que alimenta essas luas fictícias, duma potência igual a cinco mil

velas, que podem iluminar uma superfície de quinhentos metros quadrados.

Nessa época, este extraordinário engenho marítimo ia realizar segunda excursão através do Pacífico. Um mês antes largara ele de Madeleine-bay, navegando para o paralelo trinta e cinco, a fim de recomeçar o seu itinerário pelas alturas das ilhas Sanduíche. Achava-se então nas costas da Baixa Califórnia, quando Calistus Munbar, tendo sabido pelas comunicações telefônicas que o Quarteto Concertante, depois de ter saído de São Francisco, se dirigia para San Diego, teve ideia de aproveitar o concurso desses eminentes artistas. Sabe-se por que forma ele procedeu com respeito aos nossos parisienses, como embarcaram na ilha de hélice, a qual estacionava então a algumas amarras do litoral, e como, graças a essa partida traiçoeira, a música de câmara ia deliciar os diletantes de Milliard-City.

Tal é esta nova maravilha do mundo, esta obra-prima do engenho americano, digna do vigésimo século, a qual neste momento hospeda dois violinistas, um violetista e um violoncelista, arrastados sobre Standard-Island para as paragens ocidentais do oceano Pacífico.

# CAPÍTULO 6

## CONVIDADOS... "INVITI"

Mesmo quando se suponha que Sebastião Zorn, Frascolin, Yvernés e Pinchinat fossem homens insusceptíveis de pasmar fosse do que fosse, difícil lhes fora não cederem a um legítimo acesso de cólera, saltando às goelas de Calistus Munbar. Terem todas as razões para pensar que estão pisando o solo da América Setentrional e acharem-se transportados para o meio do oceano! Julgarem-se a umas vinte milhas de San Diego, onde no dia seguinte os esperam para um concerto, e receberem a nova fatal de que se vão afastando da terra firme a bordo de uma ilha artificial, flutuante e movediça! A falar verdade, seria bem desculpável o acesso de fúria! O que vale ao americano é ele ter-se posto ao abrigo da primeira investida. Aproveitando-se da surpresa, ou antes, da atarantação em que caiu o quarteto, safa-se da plataforma da torre, mete-se no ascensor, e fica por então fora do alcance das recriminações e das vivacidades dos quatro parisienses.

— Que patife! — exclama o violoncelo. — Que besta! — exclama o violeta.

— Ora! Ora! Se graças a ele nós podemos contemplar maravilhas destas — diz simplesmente o primeiro-violino.

— Querem ver que o desculpas? — replica o segundo-violino.

— Não tem desculpa — redarguiu Pinchinat — e, se há justiça em Standard-Island, havemos de o meter em processo, a esse mistificador ianque!

— E se há algoz — ruge Sebastião Zorn —, ferraremos com ele na força!

Ora, para obter esses diversos resultados é necessário primeiro descer para o nível dos habitantes de Milliard-City, visto que a polícia não funciona a cento e cinquenta pés de altitude. E isso é coisa de pouco tempo, caso a descida seja possível. Mas a jaula do ascensor não tornou a subir, e não há nada que se pareça com escada. No alto desta torre acha-se pois o quarteto sem comunicação com o resto da humanidade.

Depois do primeiro desabafo de despeito e de cólera, Sebastião Zorn, Pinchinat e Frascolin, abandonando Yvernés às suas admirações, permaneceram silenciosos e acabaram por ficar imóveis. Acima deles, o filete da bandeira desdobra-se ao longo da haste. Sebastião Zorn sente ganas ferozes de lhe cortar a adriça, de o arriar como o pavilhão de um navio que se rende. Mas é melhor não se meterem em trabalhos, e os companheiros seguram-no no momento em que a sua mão agita uma navalha de ponta e mola muito afiada.

— Nada de fazermos asneira — observa o prudente Frascolin.

— Nesse caso... aceitas a situação? — pergunta Pinchinat.

— Eu não... mas não a compliquemos nós.

— E as nossas bagagens, que correm a caminho de San Diego?! — lembra Sua Alteza, cruzando os braços.

— E o nosso concerto de amanhã! — exclama Sebastião Zorn.

— Podem dá-lo pelo telefone! — sugere o primeiro-violino, cujo gracejo não tem o dom de acalmar a irascibilidade do arrebatado violoncelista.

O Observatório, se bem se recordam os leitores, fica no meio de um vasto square, onde

termina a Primeira Avenida. No outro extremo desta principal artéria, de três quilómetros de comprido, que separa as duas secções de Milliard-City, podem os artistas descortinar uma espécie de palácio monumental, sobrepujado por uma torre de construção muito ligeira e elegante. Presumem que deve ser ali a sede do governo, a residência da municipalidade, admitindo que Milliard-City tenha maire e adjuntos do maire. Não se iludem. E nesse momento preciso o relógio dessa torre começa a soltar umas badaladas alegres, uma música de carrilhão, que chega à torre do Observatório com as últimas ondulações da brisa.

— Esperem! É em ré maior — declara Yvernés.

— E a dois por quatro — acrescenta Pinchinat. O relógio dá cinco horas.

— E a respeito de jantar — exclama Sebastião Zorn — e de cama? Querem ver que, por culpa daquele miserável Munbar, a gente tem de passar a noite nesta plataforma, a cento e cinquenta pés de altura?

Há motivo de o reçar, se o ascensor não vier oferecer aos prisioneiros o meio de se safarem da prisão.

Com efeito, o crepúsculo é curto nestas baixas latitudes, e o astro radiante cai como um projétil no horizonte. Os olhares que o quarteto espraia até aos limites extremos do céu não abraçam mais do que um mar deserto, sem uma vela, sem uma sombra de fumo. Pelos campos fora circulam os tramways, correndo para a periferia da ilha ou fazendo as comunicações com os dois portos. Àquela hora, está ainda o parque em toda a sua animação. Do alto da torre, assemelha-se a um imenso açafate de flores, onde se ostentam as azáleas, as clematites, os jasmíns, as glicínias, as begônias, as sálvias, os jacintos, as dália, as camélias, as rosas de cem espécies. Afluem os transeuntes — homens feitos, rapazes novos, não destes peralvilhos que fazem a vergonha das grandes cidades europeias, mas adultos vigorosos e bem constituídos. Senhoras e meninas, quase todas com vestuário em que predomina o amarelo-palha, tom preferido nas zonas tórridas, passeiam lindos galgos de paletós de seda e de ligas agaloadas de ouro. Em vários pontos, esta gentry segue pelas áleas de saibro fino, caprichosamente desenhadas por entre os relvados. Alguns repoltreiam-se nos coxins dos carros eléctricos, outros estão sentados nos bancos abrigados pela folhagem. Mais além, uns gentlemen ainda novos entregam-se aos exercícios do ténis, do cricket, do golfe, do futebol e também do pólo, cavalgando pôneis ardentes. Grupos de crianças — dessas crianças americanas de uma exuberância espantosa, nas quais é tão precoce o individualismo, sobretudo nas pequenitas — brincam sobre a relva. Alguns cavaleiros galopam em pistas tratadas com esmero, e outros lutam em garden-parties cheios de interesse.

Os bairros mercantis da cidade ainda são frequentados a estas horas.

Os passeios móveis rolam com a sua carga ao longo das principais artérias. Ao pé da torre, no square do Observatório, produz-se um vaivém de transeuntes, cuja atenção os prisioneiros desejariam bem atrair. Por isso, diversas vezes Pinchinat e Frascalín soltam clamores de atordoar. Lá que os ouvem, é certo, porque se vêem braços que para eles se estendem, até algumas palavras lhes chegam aos ouvidos. Mas nem um gesto de surpresa. Parece que ninguém se espanta do grupo simpático que se agita na plataforma. Quanto às palavras, consistem em "good-bye", "how do you do", boas-tardes e outras fórmulas impregnadas de amabilidades e cortesia. É de presumir que a população milliardense esteja

informada da chegada dos quatro parisienses a Standard-Island, cujas honras lhes fez Calistus Munbar.

— Ora esta! Estão a caçoar connosco! — diz Pinchinat.

— Pelo menos, parece! — concorda Yvernés.

Decorre uma hora — uma hora durante a qual os gritos foram inúteis. Os convites instantes de Frascalín não surtem mais efeito do que as multiplicadas invectivas de Sebastião Zorn. E, como se aproximam as horas de jantar, o parque começa a despejar-se de transeuntes, as ruas dos ociosos que as percorrem. Afinal, isto é já de perder a tramontana!

— Sem dúvida — diz Yvernés, evocando romanescas recordações —, nós assemelhamo-nos a esses profanos que um gênio mau atraiu a um recinto sagrado, e que são condenados a morrer por terem visto o que os seus olhos não deveriam ver...

— E serão capazes de nos deixar sucumbir às torturas da fome! — protesta Pinchinat.

— Ao menos não suceda esse desastre sem a gente esgotar todos os meios da existência! — exclama Sebastião Zorn.

— E se nos virmos reduzidos ao canibalismo... o primeiro sacrificado seja Yvernés! — sugere Pinchinat.

— Quando lhes aprouver! — suspira o primeiro-rabeca em voz enternecida, curvando a cabeça para receber o golpe mortal.

Neste momento, ouve-se um ruído nas profundezas da torre. A jaula do ascensor sobe e para ao nível da plataforma. Os prisioneiros, com a ideia de verem aparecer Calistus Munbar, preparam-se para o receber como ele merece...

A jaula está vazia!

Embora! Fica para outra vez. Os mistificados não-de dar com o mistificador. O que urge é descer ao nível dele, e o meio indicado é tomar lugar no aparelho.

Dito e feito. Apenas o violoncelista e os companheiros se acham na jaula, ela põe-se em movimento, e, em menos de um minuto, chega ao pavimento térreo da torre.

— A nossa fome — exclama Pinchinat, lastimoso — deve produzir dó maior!

Bem escolhido ensejo para destempera deste jaez! É claro que ninguém lhe responde. A porta está aberta. Saem todos quatro. O pátio interior está deserto. Os parisienses atravessam-no e seguem pelos passeios do square.

Há um burburinho de gente, que nem parece dar pela presença dos estrangeiros. A uma observação de Frascalín, que recomenda prudência, Sebastião Zorn tem de renunciar a recriminações intempestivas. Às autoridades é que cumpre pedir-se justiça. Nada de se afogarem em pouca água. Voltar para o Excelsior Hotel, esperar pelo dia seguinte para fazer valer os seus direitos de homens livres, foi o que se decidiu, e o quarteto segue pedestremente pela Primeira Avenida fora.

Acaso estes parisienses têm, pelo menos, o condão de atrair a atenção pública? Sim e não. Observam-nos, mas sem grande insistência — talvez como se eles fossem desses raros turistas que visitam uma que outra vez Milliard-City. Eles, impressionados por circunstâncias bastante extraordinárias, sentem-se pouco à vontade e imaginam que os encaram mais do que realmente o fazem. Por outro lado, não é de espantar que se lhes afigurem de um efeito esquisito esses ilhéus movediços, esses indivíduos voluntariamente sequestrados dos seus

semelhantes, vagueando pela superfície do maior dos oceanos do nosso esferóide. Com um bocadinho de imaginação, fora lícito crer que eles pertençam a outro planeta do sistema solar. É esta a opinião de Yvernés, arrastado, pelo seu espírito sobreexcitado, para os mundos imaginários. Quanto a Pinchinat, esse diz apenas:

— Toda esta gente tem um aspecto muito milionário, palavra! Fazem-me o efeito de ter uma helicezinha abaixo dos rins, tal qual como a sua ilha!

Entretanto, acentua-se a fome. Onde irá o almoço! O estômago reclama o seu tributo quotidiano. Trata-se, pois, de chegar o mais depressa possível ao Excelsior Hotel. Logo no dia seguinte se encetarão os passos combinados, tendentes a fazer com que os transportem a San Diego num dos vapores de Standard-Island, em seguida ao pagamento de uma indemnização, que deve recair sobre Calistus Munbar, como é de justiça.

Mas, ao seguirem pela Primeira Avenida, Frascaolin para de repente diante de um sumptuoso edificio, em cujo frontão se ostenta em letras de ouro esta inscrição: Casino. À direita da soberba arcada, que envolve a porta principal, descortina-se, através das vidraças ornamentadas de arabescos, uma enfiada de mesas de restaurante, algumas delas ocupadas por clientes que jantam, e em volta um numeroso pessoal de criados que circulam.

— Come-se aqui! — observa o segundo-violino, consultando com o olhar os companheiros famintos.

O que lhe vale esta resposta lacônica de Pinchinat:

— Entremos!

E entram no restaurante todos os quatro, em fila indiana. Não parece que reparem muito na presença deles nesse estabelecimento gastronômico, normalmente frequentado pelos estrangeiros. Passados cinco minutos, os nossos esfomeados atiram-se vorazmente aos primeiros pratos de um excelente jantar, cujo menu foi organizado por Pinchinat, que entende da poda. Por fortuna a bolsa do quarteto está bem recheada, e, caso se esvazie em Standard-Island, algumas receitas em San Diego depressa a tornarão a encher.

Excelente cozinha, muito superior à dos hotéis de Nova Iorque ou São Francisco, preparada em fogões eléctricos, que se adaptam igualmente ao fogo brando e ao fogo vivo. Depois da sopa de ostras de conserva, dos fricassés de grãos de milho, da salada de aipo, dos pastéis de ruibarbo, que são iguarias tradicionais, aparecem peixes de uma frescura extrema, rumsteaks incomparavelmente tenras, caça proveniente decerto dos prados e das florestas da Califórnia, legumes devidos às culturas intensivas da ilha. Por bebida não lhes dão água nevada à moda americana, mas cervejas variadas e vinhos que os vinhedos da Borgonha, do Bordelês e do Reno despejaram para as adegas de Milliard-City, por altos preços, como é de presumir.

Este menu revigora os nossos parisienses. Ressente-se disso o curso das suas ideias. Talvez que lhes apareça em um ponto de vista menos sinistro a aventura em que estão metidos. É sabido que os músicos de orquestra bebem-lhe bem. O que é natural nos que gastam o fôlego a expelir ondas sonoras das entranhas dos instrumentos de vento, é menos desculpável naqueles que tocam instrumentos de corda. Deixá-lo! Yvernés, Pinchinat, mesmo Frascaolin, começam a ver a vida cor de ouro nesta cidade de bilionários. Só Sebastião Zorn é que, embora deitando a barra adiante aos companheiros, não deixa a sua cólera afogar-se nos

néctares originários da França.

Em suma, o quarteto está mais que razoavelmente atestado, quando chega o momento de pedir a conta.

É ao tesoureiro Frascalín que a entrega um mordomo de casaca preta.

O segundo-violino deita os olhos para a soma, levanta-se, torna a sentar-se, esfrega os olhos, olha para o tecto.

— Que tens tu? — pergunta Yvernés.

— Um arrepio dos pés à cabeça! — responde Frascalín.

— É caro?

— Mais que caro! Anda-nos a coisa por duzentos francos...

— Os quatro?

— Qual! Cada um...

Com efeito, cento e sessenta dólares, nem mais nem menos — e, entrando em pormenores, os groses estão metidos em conta a quinze dólares, o peixe a vinte dólares, as humsteaks a vinte e cinco dólares, o Médoc e o Borgonha a trinta dólares a garrafa — o resto por este teor.

— Safa! — exclama Sua Alteza.

— Que ladrões! — exclama Sebastião Zorn.

Este diálogo em francês não é percebido pelo soberbo mordomo. No entanto, esta personagem tem alguma desconfiança do que se está a passar. Mas, se um leve sorriso se lhe desenha nos lábios, é o sorriso da surpresa, não o do desdém. Parece-lhe naturalíssimo que um jantar de quatro pessoas custe cento e sessenta dólares. São os preços de Standard-Island.

— Nada de escândalo! — recomenda Pinchinat. — A França contempla-nos! Paguemos...

— E seja lá como for — replica Frascalín —, ponhamo-nos a caminho de San Diego. Depois de amanhã, ficávamos sem ter com que comprar uma sanduíche!

Dito isto, saca da carteira, tira uma porção respeitável de dólares em papel, que, por fortuna, têm curso em Milliard-City, e ia a entregá-los ao mordomo quando se ouve uma voz bradar:

— Estes senhores não devem nada.

É a voz de Calistus Munbar.

O ianque acaba de entrar na sala, alegre, sorridente, trescalando a bom humor, como de costume.

— Ele! — exclama Sebastião Zorn, que sente ganas de o agarrar pelo gasganete e de o apertar como aperta o braço do violoncelo num forte.

— Sossegue, meu caro Zorn — diz o americano. — Peço-lhe o obséquio de vir com os seus companheiros à sala onde o café está à vossa espera. Aí poderemos falar à vontade, e no fim da nossa conversação...

— Estrafego-o! — ameaça Sebastião Zorn.

— Qual! Beija-me as mãos...

— Não lhe beijo coisa nenhuma! — exclama o violoncelista, a um tempo pálido e rubro de cólera.



Passado um instante, Calistus Munbar e os seus convidados estão estirados em divãs muito macios, enquanto o ianque se balouça numa rocking-chair.

E eis como ele se expressa, apresentando aos seus hóspedes a sua própria pessoa:

— Calistus Munbar, de Nova Iorque, cinquenta anos, segundo sobrinho do célebre Barnum, atualmente superintendente das Belas-Artes em Standard-Island, encarregado de tudo quanto diz respeito à pintura, à escultura, à música, e, em geral, a todas as diversões de Milliard-City. E agora que os senhores me conhecem...

— Dar-se-á o caso — pergunta Sebastião Zorn — que o senhor não seja também agente de polícia, encarregado de fazer com que as pessoas caiam em ratoeiras e de as sustentar à força?

— Não tenha pressa de fazer juízos a meu respeito, meu irritável violoncelo — responde o superintendente —, e espere pelo fim.

— Estamos à espera — declara Frascalín, em tom grave. — Somos todos ouvidos.

— Meus senhores — prossegue Calistus Munbar, assumindo uma atitude graciosa —, não desejo, no decurso desta conferência, tratar com os meus amigos senão do assunto musical, tal como é compreendido na nossa ilha de hélice. Teatros não os possui ainda Milliard-City; mas, quando quiser, eles surdirão do seu solo como por encanto. Até hoje, os nossos concidadãos têm satisfeito as suas tendências musicais pedindo a aparelhos aperfeiçoados que os tenham ao corrente das obras-primas líricas. Os compositores antigos e modernos, os grandes artistas de hoje em dia, os instrumentos mais em voga, ouvimos-los nós quando nos apraz, por meio do fonógrafo...

— Uma sanfona o seu fonógrafo! — exclama desdenhosamente Yvernés.

— Não é tanto assim como o amigo imagina, Sr. solista de violino — replica o superintendente. — Nós possuímos aparelhos que por mais de uma vez tiveram a indiscrição de os ouvir, quando os senhores davam concertos em Boston ou em Filadélfia. E, quando os senhores quiserem, podem aplaudir-se a si próprios com as suas próprias mãos...

Nessa época, tinham chegado ao último grau de perfeição as invenções do ilustre Edison. O fonógrafo já não era aquela caixa de música com que a princípio tinha tão completas parecenças. Graças ao seu admirável inventor, o talento efêmero dos executantes instrumentistas ou cantores conserva-se para admiração das raças futuras com tanta nitidez como a obra dos estatuários ou dos pintores. Eco, se assim quiserem, mas eco fiel como uma fotografia, reproduzindo as gradações, as delicadezas do canto ou da execução instrumental em toda a sua inalterável pureza.

Ao dizer isto, Calistus Munbar é tão caloroso que os seus ouvintes ficam impressionados. Fala de Saint-Saëns, de Reyer, de Ambroise Thomas, de Gounod, de Massenet, de Verdi, e das obras-primas e imorredouras de Berlioz, de Meyerbeer, de Halévy, de Rossini, de Beethoven, de Haydn, de Mozart, como homem que conhece a fundo todos estes compositores, que os aprecia, que consagra à sua divulgação uma existência já longa de empresário, e dá gosto ouvi-lo. Todavia, não parece que ele tivesse sido contagiado pela epidemia wagneriana, aliás em declinação por esta época.

Quando se cala, para tomar fôlego, Pinchinat, aproveitando a abertura, exclama:

— Tudo isso é muito bonito, mas a sua Milliard-City nunca ouviu senão música

encaixotada, umas conservas melódicas que lhe expedem à laia de sardinhas ou de saltbeef...

— Perdão, meu caro violetista.

— A minha alteza perdoa-lhe, mas não pode deixar de insistir neste ponto: é que os seus fonógrafos só têm no bojo o passado, e nunca proporciona o prazer de ouvir em Milliard-City um artista no momento em que ele executa o seu trecho...

— Mais uma vez lhe peço perdão.

— O nosso amigo Pinchinat concede-lhe quantos perdões o Sr. Munbar quiser — afirma Frascolin. — Tem as algibeiras cheias deles. Mas a sua observação é exata. Ainda se os senhores pudessem pôr-se em comunicação com os teatros da América e da Europa... , — E julga isso impossível, meu caro Frascolin? — pergunta o superintendente, parando com o balanço da cadeira.

— Que diz?

— Digo que isso não passava de uma questão de preço, e a nossa cidade é rica bastante para satisfazer todos os seus caprichos, todas as suas aspirações no que respeita à arte lírica. Foi isso o que ela fez.

— E como?

— Por meio dos teatrafones instalados na sala de concerto deste Casino. Pois a Companhia não possui um número avultado de cabos submarinos imersos nas águas do Pacífico, com um dos extremos ligados à baía Madalena, e o outro mantido em suspensão por meio de fortíssimas bóias? Pois bem! Quando os nossos concidadãos ] querem ouvir um dos cantores do Antigo ou do Novo Continente, fiska-se um desses cabos, manda-se uma ordem telefônica aos agentes de Madeleine-bay. Esses agentes estabelecem a comunicação quer com a América, quer com a Europa. Ligam-se os fios ou os cabos com este ou com aquele teatro, esta ou aquela sala de concertos, e os nossos diletantes, instalados neste Casino, assistem realmente a essas execuções longínquas, e aplaudem...

— Mas os aplausos é que não podem ouvi-los lá... — exclama Yvernés.

— Peço perdão, meu caro Sr. Yvernés, ouvem-nos pelo fio de retorno.

E então Calistus Munbar atira-se arrojadamente a reflexões transcendentales sobre a música, considerada não só como uma das manifestações da arte, mas como agente terapêutico. Segundo o sistema de J. Harford, de Westminster-Abbey, os miliardenses puderam verificar os resultados extraordinários desta utilização da arte lírica. Este sistema conserva-os num estado de perfeita saúde. Como a música exerce uma ação reflexa sobre os centros nervosos, as vibrações harmoniosas têm por efeito dilatar os vasos arteriais, influir sobre a circulação, crescê-la ou diminuí-la, conforme as necessidades. A música determina, pois, uma aceleração das palpitações do coração e dos movimentos respiratórios, em virtude da tonalidade ou da intensidade dos sons, não deixando de ser um adjuvante da nutrição dos tecidos. Por isso, em Milliard-City funcionam postos de energia musical, transmitindo as ondas sonoras para as habitações por via telefônica, etc.

O quarteto escuta boquiaberto. Os artistas nunca ouviram discutir a sua arte no ponto de vista médico, e provavelmente não lhes dá isso um extremo prazer. Contudo, o fantasista Yvernés é que se apresta logo a apaixonar-se por estas teorias, que aliás remontam aos tempos do rei Saul, conforme a receita e segundo a fórmula do célebre harpista David.

— Sim! Sim! — exclama ele depois das últimas frases do superintendente. — Está indicado. Basta escolher na conformidade do diagnóstico! Wagner ou Berlioz para os temperamentos depauperados...

— E Mendelssohn ou Mozart para os temperamentos sanguíneos, o que substitui com vantagem o brometo de estrôncio! — responde Calistus Munbar.

Sebastião Zorn intervém neste momento, lançando a nota brutal no meio desta cavaqueira de alta envergadura.

— Não se trata de coisa nenhuma dessas — interrompe ele. — Porque é que o senhor nos trouxe para aqui?

— Porque os instrumentos de corda são os que exercem uma ação mais poderosa...

— Essa não está má! Com que então foi para acalmar as suas neuroses e mais os seus neuróticos que o senhor interrompeu a nossa viagem, que nos impede de chegarmos a San Diego, onde tínhamos de dar amanhã um concerto...

— Foi para isso mesmo, meus excelentes amigos...

— Com que então não viu em nós senão uma espécie de curandeiros musicais, de boticários líricos? — exclamou Pinchinat.

— Não, meus senhores — responde Calistus Munbar, levantando-se. — Eu não vi nos senhores senão artistas de grande talento e de grande reputação. Os hurras que acolheram o Quarteto Concertante nas suas digressões pela América chegaram até à nossa ilha. Ora, a Standard-Island Company pensou que chegara o momento de substituir os fonógrafos e os teatrafones por virtuosi palpáveis, tangíveis, de carne e osso, e de dar aos miliardenses o inefável gozo de uma execução direta das obras-primas da arte. Quis começar pela música de câmara, antes de organizar orquestra de ópera. Lembrou-se dos senhores, que são os representantes legítimos dessa música. Encarregou-me da missão de os apanhar fosse por que preço fosse, de os raptar em caso extremo. São os meus amigos os primeiros artistas que põem o pé em Standard-Island; calculem, pois, o acolhimento que os espera!

Yvernés e Pinchinat sentem-se deveras abalados por estes entusiásticos períodos do superintendente. Nem de leve lhes acode ao espírito que tudo isto possa ser uma mistificação. Frascaolin, esse, como homem refletido, pergunta a si próprio se deve tomar a sério esta aventura. Afinal de contas, numa ilha tão extraordinária, será de admirar que as coisas apareçam sob um aspecto extraordinário?

Quanto a Sebastião Zorn, esse está resolvido a não se deixar convencer.

— Nada, não, senhor — exclama ele. — Não é lançar assim mão das pessoas contra vontade delas! Vamos apresentar uma queixa contra o senhor!

— Uma queixa... quando deviam cumular-me de agradecimentos... Que ingratidão a sua! — replica o superintendente.

— E havemos de obter uma indemnização...

— Uma indemnização... quando eu tenho para lhes oferecer cem vezes mais do que lhes era lícito esperar...

— De que se trata? — pergunta o prático Frascaolin. Calistus Munbar puxa da sua carteira, tira uma folha de papel com as armas de Standard-Island. Em seguida acrescenta, depois de a ter apresentado aos artistas:

— As suas quatro assinaturas por baixo deste contrato, e fica o negócio arrumado.

— Assim sem ver? — objecta o segundo-violino. — Isso é coisa que se não faz em parte nenhuma!

— Pois olhem que não teriam motivo de se arrependem! — prossegue Calistus Munbar, cedendo a um acesso de hilaridade, que lhe sacode todo o corpo. — Mas procedamos por forma regular. É uma escritura que a Companhia lhes propõe, uma escritura por um ano, a contar de hoje, que tem por objectivo a execução da música de câmara, tal como a comportavam os vossos programas na América. Daqui a doze meses está Standard-Island de volta à baía Madalena, onde os senhores chegarão a tempo...

— Do nosso concerto em San Diego, não é assim? — exclama Sebastião Zorn. — San Diego, onde hão-de receber-nos com assobios.

— Não, meus senhores, com hurras e hipes! Quando se trata de artistas da vossa esfera, os diletantes honram-se muito e estimam imenso que eles se dignem deliciá-los... mesmo que seja com um ano de espera!

Ora vão lá ter zanga a um homem destes!

Frascolin pega no papel e lê atentamente.

— Que garantia temos nós? — pergunta ele.

— A garantia da Standard-Island Company com a assinatura do Sr. Cyrus Bikerstaff, nosso governador.

— E o ordenado será este que eu vejo indicado no contrato?

— Exatamente, quero dizer, um milhão de francos...

— Para quatro? — exclama Pinchinat.

— Para cada um — esclarece Calistus Munbar, a sorrir —, e mesmo essa quantia não está em proporção dos vossos méritos, que não há nada que possa pagar o vosso justo valor!

Não será fácil ser mais amável, devem convir. E, contudo, Sebastião Zorn protesta. Teima em não aceitar por preço nenhum. Quer partir para San Diego, e só a muito custo é que Frascolin consegue acalmar a sua indignação.

A dizer a verdade, à vista da proposta do superintendente, é lícito conservar uma certa desconfiança. Uma escritura por um ano, ao preço de um milhão de francos por cada um dos artistas, é coisa que possa tomar-se a sério? Pois pode, como Frascolin dá a entender por esta pergunta:

— E este ordenado paga-se...?

— Em quatro prestações — responde o superintendente. — Aqui está o primeiro trimestre.

Dos maços de notas que lhe gravidam a carteira, faz Calistus Munbar quatro macetes de cinquenta mil dólares, ou, por outra, duzentos e cinquenta mil francos, que entrega a Frascolin e aos seus companheiros.

Aí está uma maneira de tratar os negócios — à americana.

Sebastião Zorn não deixa de ficar abalado até certo ponto. Mas, como o mau humor nunca perde nele os seus direitos, o chefe do quarteto não pode suster esta reflexão:

— Afinal de contas, em vista dos preços por que se pagam as coisas aqui na cidade, se a gente paga um perdigoto por vinte e cinco francos, é capaz de dar cem francos por um par de

luvas, e quinhentos francos por um par de botas.

— Oh! Sr. Zorn, a Companhia não se prende com bugiarias dessas — exclama Calistus Munbar.

— O seu desejo é que os artistas do Quarteto Concertante sejam à sua custa fornecidos de tudo durante a sua estada nos seus domínios!

Que respostas há para estas generosas ofertas, a não ser pôr as assinaturas no contrato?

É o que fazem Frascaolin, Pinchinat e Yvernés. Sebastião Zorn vai resmungando que tudo isto é absurdo... Embarcarem numa ilha de hélice é sinal de pouco juízo. Verão como tudo acaba...

Enfim, decide-se a assinar.

E, cumprida esta formalidade, se Frascaolin, Pinchinat, Yvernés e Sebastião Zorn não beijaram a mão de Calistus Munbar, pelo menos apertaram-na afectuosamente. Quatro apertos de mão, por um milhão cada um!

E eis agora como o Quarteto Concertante está envolvido numa aventura inverossímil, e em que circunstâncias os seus membros vêm a ser convidados invited de Standard-Island.

# CAPÍTULO 7

## PROA A OESTE

Standard-Island singra muito devagar sobre as águas desse oceano Pacífico, que nessa quadra do ano justifica o seu nome. Habitados há vinte e quatro horas a essa translação serena, Sebastião Zorn e os seus companheiros já nem mesmo percebem que estão a navegar. Por mais poderosas que sejam as suas centenas de hélices, atreladas a dez milhões de cavalos, propaga-se apenas uma ligeira vibração pelo casco metálico da ilha. Milliard-City não estremece sobre a sua base. Nada, além disso, se sente das oscilações do mar, às quais obedecem, contudo, os mais fortes couraçados das marinhas de guerra. Não há, nas habitações, nem mesas nem candeeiros de balanço. Para quê? As casas de Paris, de Londres, de Nova Iorque não estão mais inabalavelmente firmes sobre os alicerces.

Depois de algumas semanas de refresco em Madeleine-bay, o Conselho dos Notáveis de Standard-Island, convocado a rogos do presidente da Companhia, tinha determinado o programa da excursão anual. A ilha de hélice ia cruzar por entre os principais arquipélagos do Pacífico oriental, no meio dessa atmosfera higiênica, tão rica em ozono, em oxigênio condensado, electrizado, dotado de particularidades ativas, que o oxigênio no estado normal não possui. Visto que este aparelho tem a liberdade dos seus movimentos, dela se aproveita, e é-lhe facultativo andar a seu bel-prazer, para oeste ou para leste, aproximar-se do litoral americano, se assim lhe apraz, chegará às costas orientais da Ásia, se tal é o seu capricho.

Standard-Island vai para onde quer, no intento de gozar das distrações de uma navegação variada. E até se lhe apetecesse sair do oceano Pacífico para entrar no Índico ou no Atlântico, dobrar o cabo Horn ou o cabo da Boa Esperança, bastava-lhe tomar essa direção, e convençam-se de que nem as correntes nem os temporais a impediriam de conseguir o seu fim.

Mas não há ideia de se aventurar por esses mares longínquos, onde a Jóia do Pacífico não encontraria o que este oceano lhe oferece no meio do rosário interminável desses grupos insulares. É um teatro vasto de sobra, uma grande multiplicidade de itinerários. A ilha de hélice pode percorrê-lo de um arquipélago para outro.

Se não é dotada desse instinto peculiar aos animais, esse sexto sentido de orientação, que os dirige para os sítios aonde os chamam as suas necessidades, é conduzida por mão firme, segundo um programa demoradamente discutido e unanimemente aprovado. Até então, nunca houve desacordo sobre esse ponto entre os Estibordenses e os Bombordenses. E neste momento é em virtude de uma resolução assente que a ilha navega para oeste, com proa feita ao grupo das Sanduíche. A distância de cerca de mil e duzentas léguas, que separa este grupo do sítio onde embarcou o quarteto, deve ela levar um mês a vencê-la, com velocidade moderada, e se demorará nesse arquipélago até ao dia em que lhe convier chegar-se para outro do hemisfério austral.

No dia que segue àquele dia memorável, o quarteto sai do Excelsior Hotel e vem instalar-se nuns quartos do Casino, postos à sua disposição — quartos confortáveis, decorados com a máxima riqueza. Em frente das janelas estende-se a Primeira Avenida.

Sebastião Zorn, Frascolin, Pinchinat e Yvernés têm cada um deles um quarto, em volta de uma sala comum. O pátio central do edificio reserva-lhes a sombra das suas árvores opulentas de folhagem, a frescura dos seus lagos, onde a água repuxa. A um dos lados desse pátio fica o museu de Milliard-City, do outro, a sala do concerto, onde os artistas parisienses tão vantajosamente vão substituir os ecos dos fonógrafos e as transmissões dos tea-trofones. Duas vezes, três vezes, as vezes que eles desejarem durante o dia, está posta para eles a mesa no restaurante, onde o mordomo não tornará a apresentar-lhes contas inverossímeis.

Nessa manhã, estão eles reunidos na sala comum, alguns momentos antes de descerem para almoçar.

— Então, seus rabequistas — pergunta Pinchinat —, que dizem vocês a isto que nos acontece?

— Parece um sonho — responde Yvernés —, um sonho em que estamos escriturados a um milhão por ano...

— Qual sonho! — responde Frascolin. — É realidade deveras. Mete a mão na algibeira e já podes sacar de lá a primeira quarta parte do dito milhão.

— O que resta saber é como isto tudo irá acabar! Pessimamente, calculo eu! — exclama Sebastião Zorn, que quer por força achar o vinco de uma pétala de rosa no leito onde o estenderam contra sua vontade. — E é verdade! As nossas bagagens?

Com efeito, as bagagens deviam ter seguido para San Diego, donde não podem voltar, e onde os seus donos não podem ir buscá-las. Bagagens muito rudimentares; apenas: umas malas, alguma roupa branca, utensílios de toalete, fato de sobresselente, e também o traje oficial dos executantes, quando comparecem perante o público.

Sobre este ponto não vale a pena apoquentarem-se. Dentro de quarenta e oito horas, essa fatiota, já um pouco usada, seria substituída por outra, posta à disposição dos quatro artistas e sem terem de pagar mil e quinhentos francos por um par de botas.

Escusado é dizer que Calistus Munbar, encantado por ter conduzido tão habilmente este negócio delicado, desvela-se por que o quarteto não tenha sequer de formular o mínimo desejo. É impossível imaginar um superintendente de mais inesgotável obsequiosidade. Ocupa um dos quartos deste Casino, cujos diferentes serviços estão sob a sua alta direção, e a Companhia remunera-o com um ordenado digno da sua magnificência e da sua munificência... Preferimos não indicar a quantia.

O Casino contém salas de leitura e salas de jogos; mas o bacará, o trinta-e-quarenta, a roleta, o poquer e outros jogos de azar são rigorosamente proibidos. Vê-se também ali um fumoir, onde funciona o transporte direto do fumo de tabaco para os domicílios, sendo a preparação feita por uma sociedade recentemente fundada. O fumo de tabaco, queimado nas caçoilas de uma edificação central, purificado e levado de nicotina, é distribuído por tubos com extremidades de âmbar, especiais para cada amador. Basta aplicar-lhes os lábios, e um contador regista o consumo quotidiano.

Neste Casino, onde os diletantes podem vir embriagar-se dessa música longínqua, à qual em breve vão juntar-se os concertos do quarteto de cordas, encontram-se também as coleções de Milliard-City. Aos amadores de pintura, o museu, rico de quadros antigos e modernos, proporciona o exame de numerosas obras-primas, pesadas a ouro, telas das escolas

italiana, holandesa, alemã e francesa, capazes de fazer inveja às coleções de Paris, de Londres, de Munique, de Roma e de Florença, quadros de Rafael, de Vinci, de Giorgione, de Corregio, de Dominiquino, de Ribera, de Murillo, de Ruysdael, de Rembrandt, de Rubens, de Cuyp, de Franz Hals, de Hobbema, de Van Dyck, de Holbein, e também, entre os modernos, obras de Fragonard, de Ingres, de Delacroix, de Scheffer, de Cabat, de Delaroche, de Regnaut, de Couture, de Meissonnier, de Millet, de Rousseaux, de Jules Dupré, de Brascassat, de Mackart, de Turner, de Corot, de Daubigny, de Baudry, de Bonnat, de Carolus Duran, de Jules Lefebvre, de Vollon, de Breton, de Binet, de Yon, de Cabanel, etc. A fim de lhes assegurar uma duração eterna, esses quadros estão colocados no interior de vitrinas, onde previamente se fez o vácuo. O que é conveniente observar é que os impressionistas, os angustiados, os futuristas, ainda não vieram atravancar este museu; mas é de crer que não tarde a invasão, e Standard-Island não há-de escapar à epidemia de peste decadente. O museu possui igualmente estátuas de valor real, mármore dos grandes escultores antigos e modernos, colocados nos pátios interiores do Casino. Mercê deste clima sem chuvas nem nevoeiros, grupos, estátuas e bustos podem resistir impunemente aos ultrajes do tempo.

Que estas maravilhas sejam muito visitadas, que os nababos de Milliard-City tenham um gosto muito pronunciado por estas produções da arte, que neles esteja eminentemente desenvolvido o sentimento artístico, arriscado seria o pretendê-lo. Deve-se notar, contudo, que na secção estibordense contam-se mais amadores do que na secção bombordense. Em todo o caso, todos estão de acordo quando se trata de adquirir alguma obra-prima, e então os seus lances inverossímeis levam de vencida todos os duques d'Aumale, todos os Chauchard do Velho e do Novo Continente.

As salas mais frequentadas do Casino são as de leitura, consagradas às revistas, aos jornais europeus ou americanos, trazidos pelos vapores de Standard-Island, em serviço regular com Madeleine-bay. Depois de folheadas, lidas e relidas, as revistas arrumam-se nas estantes da biblioteca, onde se enfileiram muitos milhares de obras, cuja catalogação necessita da assistência de um bibliotecário, que tem de vencimento vinte e cinco dólares, e é talvez o menos atarefado dos funcionários da ilha. Essa biblioteca contém também um certo número de livros fonográficos: escusa de haver o trabalho de ler, prime-se um botão, e ouve-se a voz de um excelente recitador, que faz a leitura — o que seria a Fedra de Racine lida pelo Sr. Legouvé.

Quanto aos jornais da "localidade", esses são redigidos, compostos e impressos nas oficinas do Casino, sob a direcção de dois redator-chefe. Um deles é o Starboard-Chronicle, para a secção dos Estibordenses; o outro, o New-Herald, para a secção dos Bombordenses. A cronica é alimentada pelas notícias do dia, chegadas de paquetes, notícias marítimas, encontros de embarcações, polemicas que interessam ao bairro mercantil, ponto diário com a latitude e a longitude, decisões do Conselho dos Notáveis, decretos do governador, autos do estado civil: nascimentos, casamentos, óbitos — estes últimos raríssimos. Fora disso, nem roubos, nem assassínios, porque os tribunais apenas se ocupam de processos do cível, contestações entre particulares. Nem mesmo se escrevem artigos a respeito de pessoas centenárias, visto que a longevidade da vida humana não é na ilha privilégio de poucos.

Quanto à parte da política estrangeira, essa está sempre em dia por meio das



comunicações telegráficas com Madeleine-bay, onde se concentram os cabos imersos nas profundezas do Pacífico. Os Milliardenses são assim informados de tudo o que se passa em todo o Mundo, quando os factos oferecem qualquer interesse. Acrescentemos que o Starboard-Chronicle e o New-Herald não se tratam mutuamente com grande desabrimento. Até então, têm vivido em regular camaradagem, mas seria arriscado jurar que dure para todo o sempre esta troca de discussões corteses. Muito tolerantes, muito conciliadores no terreno religioso, o protestantismo e o catolicismo vivem em harmonia em Standard-Island. O demônio é se de futuro se intromete a odiosa política, se a nostalgia dos negócios acomete alguns deles, se entram em ação as questões de interesse pessoal e de amor-próprio...

Além destas duas gazetas, há os periódicos hebdomadários ou mensais, reproduzindo os artigos das folhas estrangeiras, os dos sucessores de Sarcey, de Lemaitre, de Charmes, de Fournel, de Deschamps, de Fouquier, de France, e outros críticos de nomeada; depois as revistas ilustradas, sem contar uma dezena de folhas de desporto, de espetáculos, de bulevar, consagradas ao mundanismo decorrente. Não têm por alvo senão distraírem um instante, dirigindo-se ao espírito... e até ao estômago. É verdade! Algumas delas são impressas em massa comestível com tinta de chocolate. Depois de lidas, comem-se ao primeiro almoço. Umhas são adstringentes, outras levemente purgativas, e o organismo dá-se bem com elas. O quarteto acha esta invenção, além de agradável, muito prática.

— Isto é que são leituras de fácil digestão! — observa judiciosamente Yvernés.

— E de uma literatura substancial! — acrescenta Pinchinat.

— Esta misturada da pastelaria com a literatura está perfeitamente de acordo com a música higiênica!

Ocorre perguntar de que recursos dispõe a ilha de hélice para manter a sua população em condições tais de bem-estar, que excedem em muito as de qualquer outra cidade dos dois mundos. É forçoso que as suas receitas se elevem a uma quantia inverossímil, dados os créditos destinados aos diversos serviços e os vencimentos concedidos aos mais modestos empregados.

Eis o que responde o superintendente, quando o interrogam a tal respeito:

— Aqui ninguém trata de negócios. Nós aqui não temos nem Board of Trade, nem Bolsa, nem indústria. No que respeita ao comércio, há apenas o indispensável para as necessidades da ilha; não nos passa pela ideia oferecer aos estrangeiros o equivalente do World Fair de Chicago em 1893 e da Exposição de Paris em 1900. Nada disso! A poderosa religião dos business não existe aqui, nem nós soltamos o grito de go ahead, a não ser para que a Jóia do Pacífico siga avante na sua navegação. Não é portanto aos negócios que nós pedimos os recursos necessários para a manutenção de Standard-Island, é mas é à alfândega. Sim! Os direitos aduaneiros permitem-nos acudir a todas as exigências do orçamento...

— E esse orçamento? — pergunta Frascolin.

— Está calculado em vinte milhões de dólares, meus bons amigos!

— Cem milhões de francos — exclama o segundo-violino. — Isto para uma cidade de dez mil almas!

— É como diz, meu caro Frascolin, e essa quantia provém unicamente dos impostos aduaneiros. Não temos fiscalização de barreiras, visto que as produções locais são quase

insignificantes. Não! Temos apenas os direitos cobrados em Tribord-Harbour e Babord-Harbour. É isso que explica a carestia dos gêneros? Garantia aliás relativa, é claro, porque esses preços, por mais elevados que lhes pareçam, estão em proporção dos meios de que cada um dispõe.

E aí temos nós Calistus Munbar a espraçar-se outra vez, a gabar a sua cidade, a jactar-se da sua ilha — pedaço de planeta superior caído do céu em pleno Pacífico, Éden flutuante, onde se refugiaram os sábios, e, se nela não existe a verdadeira felicidade, é escusado procurá-la em parte nenhuma! Parece um pregão de charlatão de feira! Está a gente a ouvir:

"Entrem, minhas senhoras! Entrem, meus senhores! Compre os seus bilhetes! Já há poucos lugares! Vai começar. Quem não tem cabeça não paga nada... É entrar, é entrar!"

É certo que os lugares são raros e os bilhetes caríssimos! Não quer dizer nada! O superintendente faz jogos malabares com esses milhões, que não passam de reles unidade nesta cidade de biliões!

É durante este aranzel, em que as frases jorram em catadupa, em que os gestos se multiplicam com frenesi semaforico, que o quarteto fica ao corrente dos diferentes ramos de administração. Em primeiro lugar, as escolas, onde se dá instrução gratuita e obrigatória, e que são dirigidas por professores remunerados como os ministros de Estado. Nelas se aprendem as línguas mortas e as línguas vivas, a história e a geografia, as ciências físicas e matemáticas, as artes de recreio, melhor do que em qualquer das Universidades ou Academias do Velho Mundo — se se der crédito a Calistus Munbar. A verdade é que os alunos não se atropelam nos cursos públicos, e, se a geração atual ainda possui alguns laivos dos estudos feitos nos colégios dos Estados Unidos, a geração que lhe suceder terá menos instrução do que rendimento. É esse o ponto defeituoso, e talvez que os homens tenham tudo a perder em se isolarem assim da humanidade.

Ora essa! Pois os habitantes dessa ilha fictícia nunca viajam pelo estrangeiro? Nunca vão visitar os países de além-mar, as grandes capitais da Europa? Pois não percorrem as regiões às quais o passado legou tantas obras-primas de toda a espécie? Sim! Alguns há, impelidos para regiões longínquas por um vago sentimento de curiosidade. Mas cedo se fátigam; aborrecem-se quase todos; não encontram nessas regiões nada da existência uniforme de Standard-Island; sofrem com o calor, sofrem com o frio; enfim, constipam-se, ao passo que em Milliard-City ninguém se constipa. Por isso, logo sentem saudades da sua ilha, impaciência de voltar a ela, os imprudentes que tiverem a desastrada ideia de a deixar. Que proveito tiraram eles das suas viagens? Nenhum. "Como alforjes foram, como alforjes tornaram", diz uma antiga fórmula dos Gregos, e nós acrescentaremos: como alforjes hão-de ficar.

Quanto aos estrangeiros que deve atrair a celebridade de Standard-Island, essa nova maravilha do mundo, desde que a torre Eiffel — há quem o diga, pelo menos — ocupa o oitavo lugar, esses pensa Calistus Munbar que nunca serão muito numerosos. Também não há grande empenho em lhes receber a visita, se bem que o seu desembarque possa constituir uma nova fonte de receitas para a ilha. Dos que vieram no ano precedente, a maioria era de origem americana. Das outras nações, poucos ou nenhum. Todavia, apareceram alguns ingleses, que se conheciam por causa das calças invariavelmente arregaçadas, sob o pretexto de que chove em

Londres. Demais a mais, a Grã-Bretanha fez má cara à criação de Standard-Island, que, no seu entender, embaraça a circulação marítima, e havia de se regozijar com a sua desapareição. Quanto aos alemães, esses são acolhidos com bem pouco alvoroço, como gente que em curto prazo seria capaz de transformar Milliard-City numa nova Chicago, se acaso os deixassem enraizar-se ali.

De todos os estrangeiros são os franceses aqueles que a Companhia recebe com mais simpatias e atenções, sabendo-se que eles não pertencem às raças invasoras da Europa. Mas até àquele momento, acaso tinham algum francês em Standard-Island?

— É provável que não — observa Pinchinat.

— Nós não somos bastante ricos — acrescentou Frascolin.

— Para capitalistas, é possível — responde o superintendente —, mas não para funcionários.

— Então há algum compatriota nosso em Milliard-City? — pergunta Yvernés.

— Há um.

— E quem é esse privilegiado?

— O Sr. Atanásio Dorémus.

— E que faz aqui esse tal Atanásio Dorémus? — interroga Pinchinat.

— É professor de dança e de boas maneiras, magnificamente remunerado pela administração e com pulso livre para lições particulares...

— Que só um francês é capaz de dar! — observa Sua Alteza.

Agora já o quarteto fica informado sobre a organização administrativa de Standard-Island. O que tem a fazer é deixar-se ir nos encantos desta navegação, que o leva para a parte oeste do Pacífico. A não ser por verem o Sol nascer ora sobre um, ora sobre outro ponto da ilha, segundo a orientação dada pelo comodoro Simcoe, Sebastião Zorn e os seus companheiros seriam capazes de crer que estão em terra firme. Por duas ocasiões, durante a quinzena seguinte, levantaram-se temporais com ventanias impetuosas e terríveis, pois que também alguns se formam no Pacífico, não obstante o seu nome. Os vagalhões do mar largo vieram rebentar de encontro ao casco metálico, cobriram-no de espuma como se fosse a escarpa de uma costa. Mas Standard-Island nem mesmo estremeceu sob os assaltos do mar desenfreado. Os furores do oceano são impotentes contra ela. O gênio do homem venceu a Natureza.

Quinze dias depois, a 11 de Junho, primeiro concerto de música de câmara, cujo cartaz, em letras eléctricas, percorre processionalmente as grandes avenidas. Escusado é dizer que os instrumentistas foram previamente apresentados ao governador e à municipalidade. Cyrus Bikerstaff recebeu-os com as mais calorosas atenções. Os jornais recordaram os triunfos obtidos pelo Quarteto Concertante nas suas excursões pelos Estados Unidos da América, e felicitaram com fervor o superintendente por ter alcançado o concurso dos eminentes artistas — por uma forma um tanto arbitraria, como é sabido. Que satisfação, a de ouvir e ao mesmo tempo ver esses virtuosi executando as obras dos mestres! Que mimo para os conhecedores!

Lá por os quatro parisienses estarem contratados para o Casino de Milliard-City com ordenados fabulosos, não se vá imaginar que os seus concertos tenham de ser oferecidos gratuitamente ao público. Longe disso. A administração tem na ideia tirar deles avultado

benefício, como fazem esses empresários italianos aos quais as cantoras custam à razão de um dólar por cada compasso ou mesmo por cada nota. Habitualmente paga-se para os concertos teatrofônicos e fonográficos do Casino; pois nesse dia se pagará infinitamente mais caro. Os lugares são todos do mesmo preço, duzentos dólares cada fauteuil, isto é, mil francos em moeda francesa, e Calistus Munbar está convencido de que há-de ter a sala cheia, à cunha.

E não se engana. Na locação desapareceram todos os lugares disponíveis. A sala elegante e confortável do Casino não contém mais de um cento deles, é certo, e, se os pusessem em leilão, não se sabe a que importância subiria a receita. Mas isso seria ir de encontro aos costumes de Standard-Island. Tudo o que tem valor comercial está antecipadamente cotado, tanto o supérfluo como o necessário. Sem esta precaução, dadas as fortunas fabulosas de alguns, podiam produzir-se açambarcamentos que cumpre evitar. É verdade que se os estibordenses ricos vão ao concerto por amor da arte, é possível que os ricos bombordenses apenas lá vão por decência.

Quando Sebastião Zorn, Pinchinat, Yvernés e Frascolin apareciam perante os espectadores de Nova Iorque, de Chicago, de Filadélfia, não era exageração da sua parte o dizerem: aqui está um público que vale milhões. Pois nessa noite teriam ficado abaixo da verdade se não contassem por biliões. Calcule-se! Na primeira fila dos fauteuils brilham Jem Tankerdon, Nat Coverley e suas respectivas famílias. Nos outros lugares, assim, um grande número de amadores que, embora apenas sub-bilionários, nem por isso deixam de ter a "burra muito bem recheada", como observa justificadamente Pinchinat.

— Vamos lá! — diz o chefe do quarteto, quando chega a hora de se apresentarem no tablado.

E lá vão, sem mais comoção do que em qualquer outra parte, com menos até do que teriam diante de um público parisiense, o qual tem talvez menos dinheiro no bolso, mas mais sentimento artístico na alma.

Cumpre dizer que, se bem que eles ainda não tomassem lições do seu compatriota Dorémus, Sebastião Zorn, Yvernés, Frascolin e Pinchinat trajam corretissimamente gravata branca de vinte e cinco francos, luvas gris-perle de cinquenta francos, camisa de setenta francos, botas de cento e oitenta francos, casaca preta de mil e quinhentos francos — tudo por conta da administração, bem entendido. São aclamados, aplaudidos calorosamente pelas mãos estibordenses, mais discretamente pelas mãos bombordenses — questão de temperamento.

O programa do concerto compreende quatro números que lhes forneceu a biblioteca do Casino, ricamente aprovisionada, graças ao desvelo do superintendente:

Primeiro quarteto em mi bemol, Op. 12, de Mendelssohn; Segundo quarteto em já maior, Op. 16, de Haydn; Décimo quarteto em bi bemol, Op. 74, de Beethoven; Quinto quarteto em lá maior, Op. 10, de Mozart.

Os executantes fazem maravilhas nessa sala de bilionários, a bordo dessa ilha flutuante, à superfície de um abismo cuja profundidade excede cinco mil metros naquele trecho do Pacífico. Obtêm um triunfo considerável e justificado, sobretudo para os diletantes da secção de Estibordo. É de ver o superintendente nessa noite memorável: anda exultante. Parece que é ele que acaba de tocar ao mesmo tempo as duas rabecas, a violeta e o violoncelo. Que feliz estreia para campeões da música concertante — e para o seu empresário!

Cabe aqui observar que, se a sala está cheia, as proximidades do Casino regurgitam de gente. Efetivamente, quantos há que não conseguiram apanhar um fauteuil, nem mesmo uma dobradiça, sem falar daqueles que a elevação dos preços afastou. Estes ouvintes da rua ficaram reduzidos a um módico quinhão. Ouvem apenas de longe, como se aquela música surdisse da caixa de um fonógrafo ou do pavilhão de um telefone. Mas nem por isso os seus aplausos são menos entusiásticos.

E rebentam furiosamente quando, terminado o concerto, Sebastião Zorn, Yvernés, Frascalín e Pinchinat aparecem no terraço do pavilhão da esquerda. A Primeira Avenida está inundada de raios luminosos. Das alturas do espaço as luas eléctricas derramam feixes de luz, dos quais deve ter ciúmes a pálida Selene.

Defronte do Casino, no passeio, um pouco afastado, atrai a atenção de Yvernés um grupo formado por um homem com uma senhora pelo braço. O homem, de estatura mais que mediana, de fisionomia distinta, severa, mesmo triste, deve andar pelos cinquenta anos. A mulher, um pouco mais nova, alta, de aspecto imponente, mostra por debaixo do chapéu uns cabelos encanecidos pela idade.

Yvernés, impressionado pela atitude reservada deste par, mostra-o a Calistus Munbar.

— Quem são aquelas pessoas?— pergunta ele.

— Aquelas pessoas? — responde o superintendente, cujos lábios se franzem com ar bastante desdenhoso. — Oh!... isso são melomaníacos furiosos!

— E por que é que não alugaram lugares na sala do Casino?

— Decerto por os acharem muito caros. — Então a fortuna deles...?

— Não passa de uns duzentos mil francos de renda.

— Puh! — diz Pinchinat. — E quem são afinal esses pelintras?

— O rei e a rainha de Malecária.

# CAPÍTULO 8

## NAVEGAÇÃO

Criado que foi este extraordinário engenho de navegação, a Standard-Island Company teve de prover às exigências de uma dupla organização, marítima por um lado, administrativa por outro.

A primeira, como é sabido, tem por diretor, ou antes, por comandante, o comodoro Ethel Simcoe, da marinha dos Estados Unidos. É um homem de cinquenta anos, navegador experiente, conhecendo a fundo as paragens do Pacífico, as suas tempestades, os seus escolhos, as suas substruções coralígenas. Daí se segue a sua perfeita aptidão para conduzir com mão firme a ilha de hélice, confiada aos seus cuidados, e as ricas existências de que é responsável perante Deus e os acionistas da Sociedade.

A segunda organização, a que compreende os diversos serviços administrativos, está nas mãos do governador da ilha. O Sr. Cyrus Bikerstaff é um ianque do Maine, um dos Estados federais que menor parte tomaram nas lutas fratricidas da Confederação americana durante a guerra separatista. Cyrus Bikerstaff foi, pois, escolhido a primor para manter a imparcialidade entre as duas secções da ilha.

O governador, que orça quase pelos sessenta anos, é celibatário. É um homem frio, sabendo dominar-se, muito enérgico sob a sua aparência fleumática, muito inglês pela sua atitude reservada, pelas suas maneiras de gentleman, pela discrição que preside tanto às suas palavras como aos seus atos. Em qualquer outra terra, que não fosse Standard-Island, seria ele um homem deveras considerável, e, por consequência, muito considerado. Mas, aqui, não passa, afinal de contas, de agente superior da Companhia. Além disso, se bem que os seus honorários valham tanto como a lista civil de um monarca de segunda ordem na Europa, ele não é rico, e que figura pode fazer em presença dos nababos de Milliard-City?

Ao mesmo tempo que é governador da ilha, Cyrus Bikerstaff é maire da capital. Nesta qualidade, ocupa o palácio do Município, edificado no extremo da Primeira Avenida, oposto ao Observatório, onde reside o comodoro Simcoe. Aí estão instaladas as suas repartições, aí se recebem os autos do estado civil, nascimentos, com uma média de natalidade suficiente para assegurar o futuro, óbitos — os mortos são transportados ao cemitério de Madeleine-bay —, casamentos, que devem celebrar-se civilmente antes da cerimónia religiosa, segundo o código de Standard-Island. Aí funcionam os diversos serviços da administração, sem darem nunca razão de queixa aos administrados, facto que muito honra o maire e os seus agentes. Quando Sebastião Zorn, Pinchinat, Yvernés e Frascolin lhe foram apresentados pelo superintendente, a presença dele produziu-lhes uma impressão deveras favorável, a que inspira a individualidade de um homem bondoso e justo, de espírito prático, que se não deixa levar nem por preconceitos nem por quimeras.

— Meus senhores — disse-lhes ele —, feliz acaso este que nos permite recebê-los. É possível que o processo empregado pelo nosso superintendente não fosse de absoluta correção. Mas confio em que o hão-de desculpar. Demais, espero que não terão motivo de se queixar da nossa municipalidade. Ela pede-lhes apenas dois concertos mensais, dando-lhes a

liberdade de aceitarem os convites particulares que possam ser-lhes dirigidos. A municipalidade de Milliard-City regozija-se em saudar músicos do vosso valor, e nunca se esquecerá de que foram os senhores os primeiros artistas que ela teve a honra de receber!

Os quatro ficaram radiantes com este acolhimento e não ocultaram a Calistus Munbar a sua satisfação.

— Sim! É amável, o Sr. Cyrus Bikerstaff — responde o superintendente, encolhendo ligeiramente os ombros. — O que é pena é que ele não possua um ou dois biliões.

— Defeitos, todos têm! — acode Pinchinat.

O governador-maire de Milliard-City tem dois adjuntos, que o auxiliam na administração, muito simples, da ilha de hélice. Sob as ordens destes, estão distribuídos pelas diversas repartições um pequeno número de empregados retribuídos como cumpre. Conselho Municipal é coisa que não existe. Para quê? É substituído pelo Conselho dos Notáveis — umas trinta pessoas das mais qualificadas pela inteligência e pela fortuna. Reúne-se este Conselho quando se trata de tomar alguma medida importante — entre outras, o traçado do itinerário que deve seguir-se no interesse da hygiene geral. Como podiam ver os nossos parisienses, há algumas vezes nessas sessões discussão acalorada e dificuldades para pôr de acordo as opiniões. Mas até então, graças à sua hábil e prudente intervenção, Cyrus Bikerstaff conseguiu sempre conciliar os interesses opostos, sem melindrar o amor-próprio dos seus administrados.

É evidente que um dos adjuntos, Bartolomeu Ruge, é protestante, e outro, Hubley Harcourt, católico, ambos eles escolhidos pelos altos funcionários da Standard-Island Company, e zelosos auxiliares de Cyrus Bikerstaff.

Assim vive há já dezoito meses, na plenitude da sua independência, alheia mesmo a todas as relações diplomáticas, livre nesse vasto mar do Pacífico, ao abrigo das intempéries desatenciosas, sob o céu da sua escolha, a ilha em que o quarteto vai residir um ano inteiro. Que ali fiquem expostos a certas aventuras, que o futuro lhes reserve alguma desagradável surpresa, são coisas que os artistas estão longe de imaginar ou de temer, apesar das apreensões constantes do violoncelista, visto que vêem tudo ali regulamentado, tudo a fazer-se com ordem e com regularidade. E todavia, ao Criar este domínio artificial, lançado à superfície de um vasto oceano, porventura não teria o gênio humano ultrapassado os limites em que o Criador circunscreveu o homem?

A navegação continua para oeste. Todos os dias, no momento em que o Sol passa pelo meridiano, é marcado o ponto pelos oficiais do Observatório, que estão sob as ordens do comodoro Ethel Simcoe. Um mostrador quádruplo, disposto nas fachadas laterais da torre do palácio do Município, dá a posição exata em latitude e longitude, e essas indicações são reproduzidas telegraficamente às esquinas das ruas, nos hotéis, nos edifícios públicos, no interior das habitações particulares, ao mesmo tempo que a hora, variável, segundo a deslocação para leste ou para oeste. Os Milliardenses podem pois, a cada momento, saber em que ponto do itinerário se encontra Standard-Island.

A não ser esta deslocação inapreciável pela superfície do oceano, Milliard-City não oferece diferença nenhuma das grandes capitais do Velho e do Novo Continente. O viver é idêntico. A vida pública e privada funciona da mesma forma. Com pouco que fazer, em suma, os nossos instrumentistas empregam os primeiros ócios em visitar tudo o que de curioso encerra a Jóia do Pacífico. Os tramways transportam-nos a todos os pontos da ilha. As duas fábricas de energia eléctrica suscitam-lhes uma admiração sincera pela disposição simplicíssima dos seus maquinismos, pela força dos seus engenhos, que dão movimento a uma dupla enfiada de hélices, pela disciplina admirável do seu pessoal, uma delas dirigida pelo engenheiro Watson, outra pelo engenheiro Somwah. Em períodos regulares, Babord-Harbour e Tribord-Harbour recebem nas suas docas os vapores destinados ao serviço de Standard-Island, segundo a facilidade que a sua posição proporciona para o apontamento.

Se o teimoso Sebastião Zorn se recusa a admirar estas maravilhas, se Frascaolin é mais moderado nos seus sentimentos, em que estado de arroubamento vive de contínuo o entusiasta Yvernés! Na sua opinião, o século vinte não há-de acabar sem os mares serem sulcados por cidades flutuantes. Deve ser a última palavra do progresso e do luxo no futuro. Que espetáculo soberbo o que oferece esta ilha movediça, indo visitar as suas irmãs da Oceânia! Quanto a Pinchinat, esse, neste meio opulento, sente-se particularmente embriagado de não ouvir falar senão em milhões, como noutros lugares se fala de vinte e cinco luíses. As notas de banco são de circulação corrente. Geralmente, ninguém tem na algibeira menos de dois ou três mil dólares. E mais de uma vez Sua Alteza diz para Frascaolin:

— Diz-me uma coisa, meu velho: não tens aí troco de cinquenta mil francos?

Entrementes, o Quarteto Concertante travou algumas relações, certo como está de ter



por toda a parte excelente acolhimento. Demais a mais, com a recomendação do azougado Munbar, quem é que não teria empenho em os tratar bem?

Em primeiro lugar, foram fazer uma visita ao seu compatriota Atanásio Dorémus, professor de dança e de boas maneiras.

Esta excelente criatura mora na secção de Estibordo, numa modesta casa da Vigésima Quinta Avenida, de três mil dólares de renda. é servido por uma preta velha, que tem de ordenado cem dólares mensais. Fica radiante por entrar em relações com franceses... e franceses que dão honra à França.

É um velho de sessenta anos, magrizela, esgaldado, baixinho, de olhos ainda vivos, com os dentes todos naturais, assim como a trunfa abundante e algo encrespada, branca como a barba. Tem um andar pausado, com uma certa cadência rítmica, empertigado, de braços curvos, os pés um pouco para fora e irrepreensivelmente calçados. Os nossos artistas tiveram grande prazer em lhe puxar pela língua, coisa a que ele se presta de bom grado porque a sua loquacidade é tanta como o seu garbo.

— Que felicidade a minha, meus queridos compatriotas, que felicidade, que alegria sinto em os ver! — repete ele vinte vezes na primeira visita.. — Que excelente ideia tiveram em vir estabelecer-se nesta cidade! Não se hão-de arrepender, porque a mim, desde que me costumei a viver aqui, custa-me a compreender como se viva por outra forma!

— E há quanto tempo está aqui o Sr. Dorémus? — pergunta Yvernés.

— Há dezoito meses — responde o professor, pondo os pés na segunda posição. — Sou da fundação de Standard-Island. Graças às excelentes informações de que eu dispunha na Nova Orleans, onde estava estabelecido, consegui que os meus serviços fossem aceitos pelo Sr. Cyrus Bikerstaff, o nosso adorado governador. Desde esse dia abençoado, os honorários que me foram concedidos para dirigir um conservatório de dança e de boas maneiras permitiram que eu aqui vivesse...

— Como um milionário!. — exclama Pinchinat.

— Ora! Aqui, os milionários...

— Bem sei... bem sei... meu caro compatriota. Mas, pelo que nos deu a entender o superintendente, os cursos do seu conservatório parece que não têm uma freguesia por aí além..

— Tenho só discípulos particulares, isso é verdade, e rapazes apenas. As meninas americanas julgam que apanharam logo de nascença todas as prendas indispensáveis. Por isso, também, os rapazes preferem dar lições em segredo, e em segredo é que eu lhes inculco as boas maneiras dos Franceses!

E sorri enquanto fala, requebra-se todo como uma velha garrida, farta-se de assumir atitudes graciosas.

Atanásio Dorémus, picardo de Santerre, saiu de França logo em começos da mocidade para ir instalar-se nos Estados Unidos, em Nova Orleans. Aí, entre a população de origem francesa da nossa saudosa Luisiana, não lhe faltaram ocasiões de exercitar os seus talentos. Admitido nas principais famílias, alcançou nomeada e conseguiu fazer algumas economias, que um belo dia se lhe sumiram, num crack dos mais americanos. Aconteceu isto no momento em que a Standard-Island Company fazia os seus reclamos, multiplicando os projeto,

prodigalizando os anúncios, apelando para todos os ultra-ricos, a quem os caminhos de ferro, as minas de petróleo, o comércio dos porcos, salgados ou frescos, tinham proporcionado fortunas incalculáveis. Atanásio Dorémus teve então ideia de pedir emprego ao governador da nova cidade, onde os professores da sua especialidade não é provável que travassem grandes lutas de concorrência. Vantajosamente conhecido pela família Coverley, que era originária da Nova Orleans, e graças à recomendação do chefe dessa família, o qual ia tornar-se um dos notáveis mais conceituados dos estibordenses de Milliard-City, aceitou-se o seu préstimo, e aqui está como um francês, por sinal até picardo, veio a fazer parte do funcionalismo de Standard-Island. É verdade que ele só dá lições em casa, e a sala do seu curso no Casino nunca vê refletir-se nos seus espelhos senão a figura idêntica do professor, mas isso vem a dar na mesma, visto que os seus vencimentos é que não sofrem diminuição nenhuma por via disso.

Em suma, um excelente homem, um tanto ou quanto ridículo e maníaco, bastante enfatuado com a sua pessoa, convencido de que possui, junto com a herança dos Vestris e dos Saint-Léon, as tradições dos Brummel e dos lorde Seymour. Demais, aos olhos do quarteto, é um compatriota — qualidade que ganha sempre em apreciar-se a alguns milhares de léguas da França.

Os quatro parisienses tiveram de lhe contar as suas últimas aventuras, as condições em que Calistus Munbar os atraiu a seu bordo — é a palavra — e como o navio levantou ferro algumas horas depois de eles embarcarem.

— É caso que me não espanta da parte do nosso superintendente — volve o velho professor. — É mesmo uma partida das dele... Tem-se fartado e há-de fartar-se de as pregar! É um verdadeiro filho de Barnum, que há-de acabar por comprometer a Companhia... Um sujeitinho pouco educado, a quem não faziam mal umas lições de boas maneiras... um desses ianques que se estiraçam numa poltrona, com os pés em cima do parapeito da janela! No fundo, não é má pessoa, mas julga que pode fazer tudo o que lhe der na cabeça! Em todo o caso, meus caros compatriotas, não pensem em ficar zangados com ele, e, a não ser o dissabor de terem faltado ao concerto de San Diego, só terão motivo de se felicitem pela sua estada em Milliard-City.

Hão-de receber atenções... que vos encherão de reconhecimento...

— Sobretudo no fim de cada trimestre! — replica Frascalín, cujas funções de tesoureiro do grupo começam a tomar uma importância excepcional.

Sobre a pergunta que lhe é dirigida com respeito à rivalidade entre as duas secções da ilha, Atanásio Dorémus confirma as informações de Calistus Munbar. No seu entender, é esse um ponto negro no horizonte, e talvez mesmo ameaça de borrasca próxima. Entre Estibordenses e Bombordenses, há que recear algum conflito de interesses e de amor-próprio. As famílias Tankerdon e Coverley, as mais ricas da terra, manifestam ciúmes crescentes uma da outra, e é possível que a bomba rebente se se não conseguir alguma combinação que as concilie. Sim... se a bomba rebenta...

— Contanto que a ilha não rebente também, nós não temos que nos ralar por causa disso — observa Pinchinat.

— Pelo menos, enquanto nós estivermos a bordo! — acrescenta o violoncelista.

— Ah! Lá valente, valente é ela, meus queridos compatriotas! — assevera Atanásio

Dorémus. — Há dezoito meses que ela anda a passear pelo mar e nunca lhe sucedeu desastre de alguma importância. Apenas umas reparações insignificantes e que nem mesmo a obrigaram a arribar à baía Madalena! Calculem: ela é toda feita de chapas de aço!

Esta resposta cala todas as bocas. Se as chapas de aço não dão garantia absoluta neste mundo, em que metal se há-de a gente fiar? O aço é ferro, e o nosso Globo mesmo o que é, afinal, na sua quase totalidade, senão um enorme carboneto? Pois Standard-Island é a Terra em ponto pequeno.

Pinchinat lembra-se então de perguntar ao professor o que pensa ele do governador Cyrus Bikerstaff.

— Esse também é de aço?

— É sim, Sr. Pinchinat — responde Atanásio Dorémus. — Dotado de grande energia, é um administrador muito hábil. Por desgraça, em Milliard-City, não basta ser de aço...

— É preciso ser de ouro — acode Yvernés.

— Exatamente; quando não, não se faz caso da gente!

É a verdade pura. Cyrus Bikerstaff, apesar da sua alta posição, não passa de um agente da Companhia. Preside aos diversos atos do estado civil, está encarregado de cobrar as receitas aduaneiras, de velar pela higiene pública, pela limpeza das ruas, pela conservação das plantações, de receber as reclamações dos contribuintes — numa palavra, de se inimizar com a maioria dos seus administrados —, mas mais nada. Em Standard-Island é preciso ter peso de ouro, e bem disse o professor: não se faz caso de Cyrus Bikerstaff.

Demais a mais, as suas funções obrigam-no a manter-se entre os dois partidos, a observar uma atitude conciliadora, a não arriscar ato nenhum que possa ser agradável a um, caso não seja agradável a outro. Política pouco fácil.

Com efeito, já começam a despontar ideias que poderiam vir a ocasionar um conflito entre as duas secções. Se os Estibordenses se estabeleceram em Standard-Island apenas no propósito de gozar pacificamente das suas riquezas, os Bombordenses começam a ter saudades dos negócios. Pensam porque não se havia de utilizar a ilha de hélice como uma imensa embarcação de comércio, porque não havia ela de transportar carregamentos para os diversos impérios da Oceânia, porque é que está banida toda a indústria de Standard-Island... Em suma, se bem que lá estejam há menos de dois anos apenas, esses ianques, com Tankerdon à frente, sentem-se atacados pela nostalgia do tráfico. Se até então se limitaram às palavras, o caso não deixa contudo de inquietar o governador Cyrus Bikerstaff. No entanto, ele espera que o futuro não se há-de ervar de peçonha, e que as dissensões intestinas não virão perturbar um aparelho fabricado expressamente para tranquilidade dos seus habitantes.

Ao despedir-se de Atanásio Dorémus, o quarteto promete voltar a visitá-lo. Geralmente, o professor vai à tarde para o Casino, onde ninguém se lhe apresenta.

E aí, não querendo que o possam acusar de falta de pontualidade, fica à espera, preparando a sua lição diante dos espelhos inúteis da sala.

Entretanto, a ilha de hélice avança quotidianamente para oeste, e um pouco para o sudoeste, a fim de se aproximar do arquipélago das Sanduíche. Nesses paralelos, que confinam com a zona tórrida, é já elevada a temperatura. Aos Milliardenses custaria a suportá-la se não fosse a viração do mar. Felizmente, as noites são frescas e, mesmo na força

dos caniculares, as árvores e os relvões, regados por uma chuva artificial, conservam-se atraentes. Ao meio-dia, é telegrafado para os diversos bairros o ponto, indicado no mostrador do palácio do Município. A 17 de Junho, Standard-Island acha-se em 155° de longitude oeste por 27° de latitude norte, e aproxima-se do trópico.

— Parece que vai a reboque o astro do dia — declama Yvernés —, ou, se assim quiserem, com mais elegância, que é tirada pelos corcéis do divino Apolo!

Observação tão justa como poética, mas que Sebastião Zorn recebe com um encolher de ombros. Não lhe convinha representar este papel de rebocado... contra vontade.

— E, depois — repete ele continuamente —, veremos como acaba esta aventura.

É raro não ir o quarteto dar uma volta pelo parque, à hora em que abundam os transeuntes. A cavalo, a pé, de carruagem, toda a gente importante de Milliard-City se encontra em volta dos relvados. As damas da moda fazem ali exibição da sua terceira toalete quotidiana, de uma cor lisa, desde o chapéu até às botinas, quase sempre de seda das índias, que está em moda neste ano. Muitas vezes também usam dessa seda artificial feita de celulose, que é furta-cores, ou mesmo algodão factício de madeira de abeto ou de alerce, desfibrada e desagregada, o que inspira a Pinchinat a seguinte observação:

— Verão que ainda qualquer dia se hão-de fabricar tecidos de madeira de hera para os amigos fiéis e de chorão para as viúvas inconsoláveis!

Em todo caso, as damas ricas de Milliard-City não aceitariam estas fazendas, se elas não viessem de Paris, nem estas toilettes, se não as assinasse o rei dos costureiros da capital — aquele que proclamou desafogadamente este axioma: "A mulher não é mais do que uma questão de formas."

Algumas vezes, o rei e a rainha de Malecária passam pelo meio desta gentry casquilha. O régio par, tombado da soberania, inspira verdadeira simpatia aos nossos artistas. Que reflexões lhes ocorrem, ao verem de braço dado estas augustas personagens! São relativamente pobres no meio dessa gente opulenta, mas percebe-se que são altivos e dignos, como filósofos desprendidos das preocupações deste mundo. É certo que, intimamente, os americanos de Standard-Island sentem orgulho em ter um rei por concidadão, e continuam a prestar-lhe as atenções devidas à sua antiga situação. Quanto ao quarteto, esse cumprimenta respeitosa e suas Majestades, quando as encontra pelas avenidas da cidade ou nas alamedas do parque. O rei e a rainha mostram-se reconhecidos por estas provas de deferência tão francesas. Mas, em suma, Suas Majestades têm tanto valor como Cyrus Bikerstaff — menos talvez.

A falar verdade, os viajantes que se assustam com a navegação deviam adoptar este género de travessia a bordo de uma ilha movediça. Nestas condições, é escusado preocuparem-se com as eventualidades do mar. Não há que recear das ventanias. Com dez milhões de cavalos-vapor nas entranhas, uma Standard-Island não pode ser retardada por causa das calmas, e tem força bastante para lutar com os ventos contrários. Se os abalroamentos constituem um perigo, esse perigo não é para ela. Tanto pior para os navios que se arrojassem a toda a força de vapor ou de vela para cima dos seus costados de ferro. E mesmo essas colisões são pouco de temer, graças aos faróis que lhe iluminam os portos, à proa e à popa, graças à claridade eléctrica das suas luas de alumínio, que de noite saturam a

atmosfera. Quanto aos temporais, nem merece a pena falar em tal. Ela é capaz de refrear a fúria das vagas.

Mas, quando os acasos do passeio levam Pinchinat e Frascalín para vante ou para ré da ilha, quer à bateria do Esporão, quer à bateria da Popa, ambos eles opinam que há ali falta de cabos, de promontórios, de pontas, de enseadas, de praias. Este litoral não passa de uma espalda de aço, aguentada por milhões de rebites e de cavilhas. E que saudades não deveria ter um pintor desses velhos rochedos, rugosos como a pele de um elefante, cobertos de sargaço e de bodelha, que a ressaca da preia-mar enche de espumantes carícias! Decididamente, não há maravilhas de indústria que substituam as belezas da Natureza. Apesar da sua admiração permanente, Yvernés vê-se obrigado a concordar. O cunho do Criador, eis o que falta a essa ilha artificial.

Na noite de 25 de Julho, Standard-Island transpõe o trópico de Câncer, no limite da zona tórrida do Pacífico. A essa hora, pela segunda vez se ouve o quarteto na sala do Casino. Note-se que, em virtude do êxito do primeiro concerto, o preço dos fauteuils ainda aumenta mais um terço.

Sem embargo, a sala ainda está acanhada. Os diletantes disputam os lugares. Evidentemente, esta música de câmara deve ser excelente para a saúde, e não há ninguém que se abalance a pôr em dúvida as suas qualidades terapêuticas. Sempre solutos de Mozart, de Beethoven, de Haydn, segundo a fórmula.

Enorme triunfo para os executantes, a quem decerto teriam dado mais prazer uns bravos saídos de bocas parisienses. Mas, à falta deles, Yvernés, Frascalín e Pinchinat sabem contentar-se com os hurras miliardenses, pelos quais Sebastião Zorn continua a professar um absoluto desdém.

— Que poderíamos nós exigir mais? — diz-lhe Yvernés, ao passar o trópico.

— O trópico de "concerto"! — replica Pinchinat, desatando a fugir depois deste abominável trocadilho.

E, ao saírem do Casino, quem hão-de eles ver no meio dos pobres diabos que não puderam dar trezentos e sessenta dólares por um fauteuil? O rei e a rainha de Malecária, de pé, à porta, modestamente.

# CAPÍTULO 9

## O ARQUIPÉLAGO DAS SANDUÍCHE

Existe nesta parte do Pacífico uma cordilheira submarina, cujo desenvolvimento se poderia ver na extensão de novecentas léguas, na linha oés-noroeste lés-sueste, se viessem a despejar-se os abismos de quatro mil metros que a separam das outras terras oceânicas. Desta cordilheira, aparecem apenas oito cumeadas: Nuhau, Cauai, Oahu, Molocai, Lanai, Maui, Caluhani e Havaí. Estas oito ilhas, de tamanhos desiguais, constituem o arquipélago havaiano, ou por outra, o grupo das Sanduíche. Este grupo não passa além da zona tropical, a não ser pela enfiada de rochas e de recifes que se prolongam para oeste.

Deixando Sebastião Zorn a resmungar no seu canto, cerrar-se numa completa indiferença por todas as curiosidades naturais, como um violoncelo dentro da sua caixa, Pinchinat, Yvernés e Frascalín racionam assim, e não estão em erro:

— Palavra — diz um deles —, que não se me dá de visitar estas ilhas havaianas! Visto que não temos remédio senão andar a correr o oceano Pacífico, o melhor é ficarmos ao menos com recordações da viagem!

— Acrescento — replica o outro — que os indígenas de Sanduíche nos hão-de aliviar um pouco dos Paus, dos Sius, ou outros índios civilizados de mais do Far West, e eu não desgostava de encontrar selvagens a valer... canibais...

— Esses havaianos ainda são canibais? — pergunta o terceiro.

— Esperemos que sim — responde Pinchinat, muito a sério. — Os avós deles é que devoraram o capitão Cook, e, quando os avós saborearam este ilustre navegador, não se pode admitir que os netos tenham perdido o gosto pela carne humana!

Força é confessar que Sua Alteza falava com demasiada irreverência do célebre mareante inglês que descobriu aquele arquipélago em 1778.

O que resulta desta conversação é esperarem os nossos artistas que os acasos da navegação os vão colocar em presença de indígenas mais autênticos do que os espécimes exibidos nos Jardins de Aclimação, e, em todo o caso, no seu país de origem, mesmo no local da sua produção. Por isso, sentem certa impaciência por lá chegar, esperando dia a dia que as vigias do Observatório dêem sinal das primeiras alturas do grupo havaiano.

Foi o que se realizou na manhã de 6 de Julho. A notícia espalha-se logo, e o cartaz do Casino apresenta esta menção, escrita telautograficamente:

"Standard-Island à vista das ilhas Sanduíche."

Verdade seja que se está ainda a cinquenta léguas delas; mas os cumes mais altos do grupo, os da ilha Havaí, que excedem quatro mil e duzentos metros, são com bom tempo visíveis a essa distância.

Vindo do nordeste, o comodoro Ethel Simcoe dirigiu-se para Oahu, que tem por capital Honolulu, a qual é ao mesmo tempo capital do arquipélago. Esta ilha é a terceira do grupo em latitude. Nuhau, que é uma vasta tapada de gado, e Cauai ficam-lhe a noroeste. Oahu não é a maior das Sanduíche, visto que apenas mede mil seiscentos e oitenta quilómetros quadrados, ao passo que Havaí se estende por perto de dezassete mil. Quanto às outras ilhas, essas, ao

todo, não contam mais de três mil oitocentos e doze.

É evidente que os artistas parisienses, desde a partida, travaram relações agradáveis com os principais funcionários de Standard-Island. Todos eles, tanto o governador, o comodoro e o coronel Stewart, como os engenheiros-chefes Watson e Somwah, se esmeraram em acolhê-los com a máxima simpatia. Visitando repetidas vezes o Observatório, eles folgam em deixar-se estar horas e horas na plataforma da torre. Não é pois de espantar que nesse dia Yvernés e Pinchinat, os entusiastas do grupo musical, tivessem vindo para aquele lado; pelas dez horas da manhã, o ascensor içou-os até ao "galope do mastro", como diz Sua Alteza.

O comodoro Ethel já lá estava, e, emprestando aos dois amigos o seu óculo de ver ao longe, aconselha-os a que observem um ponto, no horizonte de sudoeste, entre as brumas baixas do céu.

— É o Mauna-Loa de Havaí — diz ele —, ou é o Mauna-Kea, dois soberbos vulcões, que em 1852 e em 1855 arrojaram sobre a ilha um rio de lava, que cobria setecentos metros quadrados, e cujas crateras em 1880 projetaram setecentos milhões de metros cúbicos de matérias eruptivas!

— Famoso! — responde Yvernés. — E o comodoro julga que nós teremos a boa fortuna de presenciar um espetáculo desses?

— Isso é que eu não sei, Sr. Yvernés. Os vulcões não funcionam por encomenda...

— Ora! Era só por esta vez, e metendo empenhos? — acrescenta Pinchinat. — Se eu fosse rico como os Srs. Tankerdon e Coverley, pagava as erupções quando me desse na bolha.

— Pois sim! Falaremos! — replica o comodoro, a sorrir. — Estou em crer que eles são capazes de fazer impossíveis para lhe serem agradáveis.

A propósito, Pinchinat pergunta qual é a população do arquipélago das Sanduíche. O comodoro informa-o de que devia andar por duzentos mil habitantes no princípio do século, mas que atualmente deve estar reduzida a metade.

— Deixá-lo, Sr. Simcoe! Cem mil selvagens já não é má conta. E, se é que eles ainda são canibais que se prezem, e não perderam alguma coisa do seu apetite, são capazes de engolir de uma assentada todos os miliardenses de Standard-Island.

Não é a primeira vez que a ilha costeia o arquipélago havaiano. No ano anterior, já ela atravessou estas paragens, atraída pela salubridade do clima. E, com efeito, vão para lá doentes da América, enquanto os médicos da Europa não mandam para ali a sua clientela a haurir o ar do Pacífico. Porque não? Honolulu já está apenas a vinte e cinco dias de Paris, e em se tratando de impregnar os pulmões de um oxigênio como não se respira em parte nenhuma...

Standard-Island chega à vista do grupo na manhã de 9 de Julho. A ilha de Oahu desenha-se a cinco milhas ao sudoeste. Acima dela apontam, a leste, o Diamond-Head, antigo vulcão, que domina a enseada pela parte posterior, e um outro cone, denominado pelos ingleses a Tijela de Ponche. Conforme observa o comodoro, mesmo que essa enorme tijela estivesse a transbordar de brandá ou de gin, John Buli não se ralava muito por ter de a despejar toda.

Passa-se entre Oahu e Molocai. Standard-Island, à maneira de um barco sob a ação do leme, manobra combinando o movimento das hélices de estibordo e de bombordo. Depois de

dobrar o cabo sueste de Oahu, o aparelho flutuante para, em consequência do seu considerável calado de água, a dez amarras do litoral. Como era preciso, para deixar a ilha aproar ao vento ou à corrente, conservá-la a distância suficiente da terra, ela não "surgia", no sentido rigoroso da palavra, isto é, não se empregavam as âncoras, o que seria impossível em fundos de cem metros e mais. Por isso, por meio das máquinas que manobram para vante ou para ré durante o tempo da sua estadia, aguentam-na no mesmo sítio, tão imóvel como as oito ilhas principais do arquipélago havaiano.

O quarteto contempla as alturas que se lhe alongam diante da vista. Do mar largo, apenas se descortinam massas de arvoredos, pequenos pomares de laranjeiras e outros magníficos espécimes da flora temperada. A oeste, por uma brecha estreita do recife, aparece um laguinho interior, o lago das Pérolas, espécie de planície lacustre, esburacada de crateras antigas.

O aspecto de Oahu é bastante risonho, e, na verdade, esses antropófagos, tão desejados por Pinchinat, não têm de se queixar do teatro das suas façanhas. Contanto que eles ainda se deixem levar pelos seus instintos de canibais, Sua Alteza não tem mais nada a desejar...

Mas, de repente, Pinchinat exclama:

— Deus do Céu! Que vejo eu?

— Que vês? — pergunta Frascaolin.

— Além... além... uns campanários...

— Sim... e torres... e fachadas de palácios! — acode Yvernés.

— É impossível que seja aqui que se devorou o capitão Cook!

— Nós não estamos nas ilhas Sanduíche! — diz Sebastião Zorn, encolhendo os ombros. — O comodoro enganou-se no rumo...

— Com toda a certeza! — reforça Pinchinat.

Não! O comodoro Simcoe não se extraviou. É aquela realmente a ilha de Oahu, e a cidade, que se alonga por muitos quilómetros quadrados, é Honolulu.

Acabou-se! É forçoso perder as ilusões. Que de mudanças desde a época em que o grande navegador inglês descobriu este grupo! Os missionários rivalizaram em zelo e dedicação. Metodistas, anglicanos, católicos, em luta pelo predomínio, têm levado a cabo uma obra civiliza-dora, triunfando sobre o paganismo dos antigos Canacas. Não só a língua originária tende a desaparecer diante da língua anglo-saxônica, mas o arquipélago encerra americanos, chineses — na maioria contratados por conta dos proprietários da terra, e dos quais surdiu uma raça de semi chineses, os Hapa-Paké — e finalmente portugueses, mercê dos serviços marítimos estabelecidos entre as Sanduíche e a Europa. Indígenas, ainda os há, contudo, e de sobra para satisfazer os nossos quatro artistas, conquanto os naturais tenham sido dizimados pela lepra, doença de importação chinesa. Mas o que eles não aparentam, nem por sombras, é o tipo de devoradores de carne humana.

— Ó cor local — exclama o primeiro-violino —, qual foi a mão que te raspou da paleta moderna!

Sim! O tempo, a civilização, o progresso, que é uma lei natural, quase que a apagaram de todo, a essa cor. E é força reconhecê-lo, embora com mágoa, quando uma das lanchas eléctricas de Standard-Island, transpondo a extensa linha dos recifes, desembarca Sebastião



Zorn e os seus companheiros.

Entre duas estacadas, que se unem em ângulo agudo, abre-se um porto abrigado do mau tempo por um anfiteatro de montanhas. Desde 1794, os escolhos que o defendem contra o rolo do mar altearam-se mais um metro.

Todavia, ainda resta água bastante para que os navios que demandem entre dezoito e vinte pés possam vir atracar aos cais.

— Que decepção! Que decepção! — murmura Pinchinat. — É realmente deplorável que a gente ande a perder tantas ilusões, numa viagem!

— Era melhor cada um ficar na sua terra! — disse o violoncelista, encolhendo os ombros.

— Deixem-se disso! — exclama Yvernés, sempre entusiasta. — Qual é o espetáculo comparável ao desta ilha fictícia vindo fazer uma visita aos arquipélagos da Oceânia?

Contudo, se o estado moral das ilhas Sanduíche se modificou deploravelmente para desgosto pungente dos nossos artistas, o mesmo não acontece com o clima. Esse é um dos mais salubres destas paragens do oceano Pacífico, apesar de o grupo ocupar uma região designada sob o nome de mar dos Calores. Se o termómetro se conserva muito alto quando os ventos alisados do nordeste não dominam, se os contra-alisados do sul produzem tempestades violentas, chamadas kuás naqueles sítios, a temperatura média de Honolulu não excede vinte e um graus centígrados. Só com má vontade se poderia exigir mais no limite da zona tórrida. Os habitantes não se queixam pois, e, como já indicamos, os doentes americanos afluem ao arquipélago.

Seja como for, à medida que o quarteto penetra mais intimamente os segredos deste arquipélago, caem-lhe as ilusões... à maneira das folhas de Millevoeye nos fins do Outono.

Os artistas pretendem que foram mistificados, quando só a si próprios deveriam acusar por terem ocasionado esta mistificação.

— Foi aquele Calistus Munbar que nos intrujou mais uma vez! — afirma Pinchinat, recordando que o superintendente lhes dissera serem as ilhas Sanduíche o derradeiro baluarte da selvajaria indígena no Pacífico.

Fazem-lhe por isso amargas censuras.

— Que querem os meus caros amigos — responde ele, piscando o olho direito. — Isto está mudado de tal forma desde a minha última viagem, que eu ando deveras atarantado.

— Trocista! — volve Pinchinat, favorecendo com uma palmada rija a pança do superintendente.

O que pode afiançar-se é que, se houve mudanças, elas se fizeram em condições extraordinárias de rapidez.

Antigamente, as ilhas Sanduíche gozavam de uma monarquia constitucional, fundada em 1837, com duas câmaras, a dos nobres e a dos deputados. A primeira era eleita apenas pelos proprietários de terrenos, a segunda por todos os cidadãos que soubessem ler e escrever, os nobres por seis anos, os deputados por dois. Cada uma das câmaras compunha-se de vinte e quatro membros, que deliberavam em comum perante o ministério régio, formado por quatro conselheiros do rei.

— Com que então — diz Yvernés —, havia um rei, um rei constitucional, em vez de um

macaco emplumado, e a quem os estrangeiros vinham apresentar as suas humildes homenagens!

— Estou certo — afirma Pinchinat — que essa majestade não tinha mesmo anéis no nariz... e que se fornecia de dentes postiços nos melhores dentistas do Novo Mundo!

— Ah! Civilização! Civilização! — repete o primeiro-violino. — Lá os Canacas é que não tinham precisão de dentadura postiça para morderem e mastigarem os seus prisioneiros de guerra!

Perdoe-se a estes fantasistas esta forma de encarar as coisas! Sim! Houve um rei em Honolulu, ou, pelo menos, havia uma rainha, Liliuokalani, hoje destronada, que lutou pelos direitos de seu filho, o príncipe Adey, contra as pretensões de uma tal princesa Kaiulani, ao trono de Havaí. Em suma, durante muito tempo atravessou o arquipélago um período revolucionário, exatamente como esses bons estados da América e da Europa, com os quais se parece mesmo neste ponto. Acaso podia este facto ocasionar a intervenção do exército havaiano, e abrir a data funesta dos pronunciamentos? Não, por certo, pois que esse exército se compõe apenas de duzentos e cinquenta recrutados e duzentos e cinquenta voluntários. Não é com quinhentos homens que se derriba um regime — pelo menos no meio destas paragens do oceano Pacífico.

Mas havia os Ingleses, que estavam à esquerda. A princesa Kaiulani parece que possuía as simpatias da Inglaterra. Por outro lado, o Governo japonês apresentava-se para assumir o protetorado da ilha, e contava partidários entre os colies que estão empregados em grande número nas plantações.

Pois sim! Mas os Americanos, pergunta-se? E é essa exatamente a interrogação apresentada por Frascolin a Calistus Munbar, acerca de uma intervenção que está mesmo indicada.

— Os Americanos? — responde o superintendente. — Esses pouco se importam com esse protetorado. Contanto que tenham nas Sanduíche uma estação marítima, reservada aos seus paquetes do Pacífico, declaram-se logo satisfeitos.

E, no entanto, em 1875, o rei Kamehameha, que tinha ido visitar o presidente Grant a Washington, colocara o arquipélago sob a égide dos Estados Unidos. Mas dezassete anos depois, quando o presidente Cleveland tomou a resolução de restaurar a rainha Liliuokalani, estando o regime republicano estabelecido nas Sanduíche, sob a presidência do Sr. Sanford Dole, houve protestos violentos nos dois países.

Nada, afinal de contas, podia empecer o que está por certo escrito no livro do destino dos povos, quer sejam de origem antiga ou moderna, e o arquipélago havaiano está em república desde 4 de Julho de 1894, sob a presidência do Sr. Dole.

Standard-Island vem ali refrescar por uns dez dias. Por isso uma porção dos seus habitantes aproveitam esta demora para explorar Honolulu e os seus arredores. As famílias Coverley e Tankerdon, as principais de Milliard-City, transportam-se todos os dias até ao porto. Por outro lado, muito embora seja esta a segunda aparição da ilha de hélice nestas paragens de Havaí, não tem limites a admiração dos Havaianos, os quais acodem em tropel a visitar esta maravilha. É claro que a polícia de Cyrus Bikerstaff, que sempre põe dificuldades na admissão dos estrangeiros, verifica, em chegando a noite, se os visitantes se vão embora às

horas regulamentares. Graças a estas medidas de segurança, seria difícil a um intruso permanecer na Jóia do Pacífico sem uma autorização nada fácil de obter. Enfim, as relações entre as duas ilhas conservam-se sempre em bom pé, conquanto não haja de lado a lado recepções oficiais.

O quarteto faz algumas digressões muito interessantes. Os indígenas agradam aos nossos parisienses. Têm um tipo acentuado, a tez escura, a fisionomia a um tempo afável e altiva. E, apesar de estarem em república, talvez os Havaianos tenham saudades da sua selvática independência de outrora.

"O ar do nosso país é livre", diz um dos seus provérbios, e eles já o não são.

E, efetivamente, após a conquista do arquipélago por Kamehameha, depois da monarquia representativa, estabelecida em 1837, cada uma das ilhas foi administrada por um governo particular. Mesmo agora, com o regime republicano, estão ainda divididas em distritos e concelhos.

— Bonito! — diz Pinchinat. — O que lhes falta são prefeitos, subprefeitos e conselheiros de prefeitura, com a constituição do ano viu.

— Eu peço licença para me safar! — declara Sebastião Zorn.

Andaria pouco avisado se o fizesse sem ter admirado os pontos mais pitorescos de Oahu.

Abundam os coqueiros e outras palmeiras, as árvores-de-pão, as aleurites trilobas, que dão o óleo, os rícinos, as daturas, as árvores do anil. Nos vales regados pelas águas do monte, atapetados por essa erva invasora que se chama menervia, um grande número de arbustos tornam-se arborescentes, os quenopódios, os balapepes, espécies de asparagíneas gigantescas. A zona florestal, prolongada até à altitude de dois mil metros, está coberta de essências lenhosas, mirtáceas altíssimas, rumex colossais, cipós que se entrelaçam como um meandro de serpentes de ramificações múltiplas. Quanto às colheitas do solo, que fornecem um elemento de comércio e de exportação, são o arroz, o coco, a cana-de-açúcar. Faz-se, pois, uma importante cabotagem entre as ilhas, no intuito de concentrar em Honolulu os produtos, que são depois expedidos para a América.

Pelo que respeita à fauna, pouca variedade. Se os Canacas tendem a absorver-se nas raças mais inteligentes, as espécies animais não tendem a modificar-se. Em animais domésticos, há apenas porcos, galinhas, cabras; de animais bravios, nada, a não ser alguns javalis; muitos mosquitos, de que não é fácil ver-se a gente livre; numerosos escorpiões, e vários exemplares de lagartos inofensivos; aves que nunca cantam, entre outras o oo, a drepanis pacífica, de plumagem negra, ornamentada dessas penas vermelhas de que era formado o famoso manto de Kamehameha, e no qual haviam trabalhado nove gerações de indígenas.

Neste arquipélago, a parte do homem — e bem considerável que ela é — consiste em o ter civilizado, à imitação dos Estados Unidos, com as suas sociedades científicas, as suas escolas de instrução obrigatória, que foram premiadas na Exposição de 1878, as suas ricas bibliotecas, os seus jornais, publicados em língua inglesa e canaca. Os nossos parisienses não poderiam surpreender-se com isso, pois que os notáveis do arquipélago são pela maior parte americanos, e visto que a sua língua é corrente, assim como a sua moeda. A diferença é que

esses notáveis chamam espontaneamente para o seu serviço chinês do Celeste Império, ao contrário do que se faz na América Ocidental para combater esse flagelo, a que se dá o nome significativo de "peste amarela".

É bem de presumir que desde a chegada de Standard-Island à vista da capital de Oahu, as embarcações do porto, apinhadas de curiosos, dão muitas vezes a volta à roda dela. Com este tempo magnífico, este mar tão sereno, nada mais agradável do que uma excursão de uns vinte quilómetros a uma centena de braças desse litoral de aço, onde os guardas da alfândega exercem uma vigilância tão severa.

Entre esses excursionistas poderia ter-se reparado num barco veleiro, que todos os dias teima em navegar nas águas da ilha de Hélice. É uma espécie de ketch malaio, de dois mastros, de popa quadrada, tripulado por uns dez homens, sob as ordens de um capitão de aspecto enérgico. Contudo, o governador nem por sombras desconfia deles. Com efeito, essa gente não se farta de observar a ilha em todo o seu perímetro, girando de um para outro porto, examinando a disposição do litoral. Afinal de contas, admitindo que eles tivessem intenções malfazejas, que poderia empreender essa equipagem contra uma população de dez mil habitantes? Por isso não causam inquietação as evoluções desse ketch, quer ande a cruzar de dia, quer passe as noites no mar. A administração marítima de Honolulu não é pois interpelada a tal respeito.

O quarteto fez os seus adeuses à ilha de Oahu na manhã de 10 de Julho. Standard-Island apresta-se logo ao alvorecer, obedecendo à impulsão dos seus poderosos propulsores. Depois de virar, toma a direção de sudoeste, de modo que possa avistar as outras ilhas havaianas. Tem de apanhar pela alheta a corrente equatorial, que vem de leste para oeste, ao inverso daquela que segue para o norte pelas costas do arquipélago.

Para distração dos seus habitantes, que se reuniram no litoral de bombordo, Standard-Island mete-se arrojadamente por entre as ilhas Molocai e Cauai. Por cima desta última, uma das mais pequenas do grupo, ergue-se um vulcão de mil e oitocentos metros, o Nirhau, que projeta alguns vapores fuliginosos. Ao sopé dele arredondam-se umas encostas de formação coralígena, dominadas por uma enfiada de dunas, cujos ecos se repercutem com sonoridade metálica, quando violentamente batidas pela ressaca. Ao cair da noite, o gigantesco engenho acha-se ainda nesse estreito canal, mas nada tem que recear nas mãos do comodoro Simcoe.

No momento em que o Sol desaparece por detrás das alturas de Lanai, as vigias não poderiam lobrigar o ketch, o qual, depois de sair do porto em seguimento de Standard-Island, procurava manter-se na sua esteira. Que afinal, repetimos, por que razão se preocupariam com a presença dessa embarcação malaia?

No dia seguinte ao alvorecer, o ketch não passava de um ponto esbranquiçado no horizonte do norte.

Durante esse dia, prossegue a navegação entre Caluhani e Maui. Graças à sua extensão, esta ilha, com Lahaina por capital, porto reservado aos baleeiros, ocupa o segundo lugar no arquipélago das Sanduíche. O Haleahala, a Casa do Sol, ergue nela a três mil metros o pico, a apontar para o astro radiante.

As duas singraduras seguintes empregam-se em costear o grande Havaí, cujos montes, como dissemos, são os mais elevados do grupo. Foi na baía Kealakeacua que o capitão Cook,

recebido primeiro como um deus pelos indígenas, foi assassinado em 1779, um ano depois de ter descoberto este arquipélago, ao qual dera o nome de Sanduíche, em honra do célebre ministro da Grã-Bretanha. Hilo, capital da ilha, que está na costa oriental, não se pode ver, mas descortina-se Cailu, situada na costa ocidental. Este grande Havaí possui cinquenta e sete quilómetros de caminhos de ferro, que servem principalmente para transporte de mercadorias, e o quarteto pode entrever o penacho branco das suas locomotivas.

— Só faltava mais esta! — exclama Yvernés.

No dia seguinte, a Jóia do Pacífico deixou estas paragens, no momento em que o ketch dobrava a ponta do Havaí, dominada pelo Mauna-Loa, a Grande Montanha, cujo cume se perde entre as nuvens a quatro mil metros de altitude.

— Roubados — diz então Pinchinat —, estamos roubados!

— Tens razão — concorda Yvernés —, devíamos ter aqui chegado cem anos mais cedo. Mas nesse caso não teríamos navegado nesta admirável ilha de hélice!

— Deixá-lo! Encontrar indígenas de jaquetão e de colarinhos para baixo em vez dos selvagens enfeitados de penas, que nos tinha anunciado aquele pantomineiro do Calistus, que Deus confunda! Tenho saudades daqueles tempos do capitão Cook!

— E se aqueles canibais tivessem devorado Sua Alteza? — observa Frascolin.

— Ora essa! Ao menos teria a consolação de reconhecer que... uma vez na vida... teriam gostado de mim por causa de mim próprio!

# CAPÍTULO 10

## PASSAGEM DA LINHA

Desde o dia 23 de Junho, o Sol retrograda para o hemisfério austral. É, pois, indispensável abandonar as zonas onde não tarda que a invernia faça os seus estragos. Visto que o astro do dia, no seu curso aparente, se dirige para a linha equinocial, convém transpô-la em seu seguimento. Para além dela, proporcionam-se climas aprazíveis, em que, apesar das suas denominações de Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, estes meses nem por isso deixam de ser os da estação calma. A distância que separa o arquipélago havaiano das Marquesas anda por três mil quilómetros. Por isso Standard-Island, com pressa de a vencer, segue com a sua velocidade máxima.

A Polinésia propriamente dita fica compreendida nesse espaçoso trecho de mar limitado ao norte pelo equador, ao sul pelo trópico de Capricórnio. Em cinco milhões de quilómetros quadrados, contam-se ali onze grupos, constituídos por duzentas e vinte ilhas, ou uma superfície emersa de dez mil quilómetros, onde os ilhotes se contam aos milhares. São as cumeadas desses montes submarinos, pertencentes à cordilheira que se prolonga do noroeste ao sueste até às Marquesas e à ilha Pitcairn, projetando ramificações quase paralelas.

Se, por um esforço de fantasia, se imaginar essa ampla bacia subitamente esvaziada, se o Diabo coxo, libertado por Cleofas, arrebatasse todas essas massas líquidas, conforme fazia aos telhados de Madrid, que extraordinária região se ostentaria à nossa vista! Qual seria a Suíça, a Noruega, o Tibete, que lograriam igualá-la em tamanho? Desses montes submarinos, a maioria vulcânicos, alguns, de origem madrepórica, são formados de uma matéria calcária ou córnea, segregada em camadas concêntricas pelos pólipos, esses animálculos radiados, de tão singela organização, dotados de uma força de produção espantosa. Dessas ilhas, umas, as mais recentes, só na cumeadas têm um manto vegetal; as outras, envoltas na sua vegetação da cabeça aos pés, são as mais antigas, mesmo quando a sua origem é coralóide. Existe, pois, uma enorme região montanhosa, oculta sob as águas do Pacífico. Standard-Island anda a passear ao de cima das suas cumeadas, como faria um aeróstato por entre os picos dos Alpes ou do Himalaia. A diferença é que não é o ar, é a água que a sustenta.

Mas, assim como existem largos deslocamentos de ondas atmosféricas, assim se produzem deslocamentos líquidos na superfície deste oceano. A grande corrente vai de leste a oeste, e, nas camadas inferiores, propagam-se duas contracorrentes de Junho a Outubro, quando o Sol se dirige para o trópico de Câncer. Além disso, nas proximidades de Taiti, observam-se quatro espécies de fluxos, cuja preia-mar se não realiza às mesmas horas, e que neutralizam a maré a ponto de a tornarem quase inapreciável. Quanto ao clima de que gozam estes diferentes arquipélagos, esse é essencialmente variável. As ilhas montanhosas detêm as nuvens, que vertem sobre elas as suas chuvas; as ilhas baixas são secas, por isso que os vapores fogem adiante das brisas reinantes.

Que a biblioteca do Casino não possuísse as cartas relativas ao Pacífico, caso fora esse bem singular, pelo menos. Possui delas uma coleção completa, que Frascalín, o mais estudioso do quarteto, consulta repetidas vezes. Yvernés, esse prefere abandonar-se às

surpresas da travessia, à admiração que lhe causa esta ilha artificial, e não tem empenho de sobrecarregar o cérebro com quaisquer noções geográficas. Pinchinat pensa unicamente em encarar as coisas pelo seu aspecto divertido ou fantasista. Quanto a Sebastião Zorn, bem lhe importa a ele o itinerário, visto que o levam para onde nunca fizera tenção de ir.

Frascolin é, pois, o único que se aplica ao estudo da Polinésia, analisando os grupos principais que a compõem, as Ilhas Baixas, as Marquesas, as Pomotu, as ilhas da Sociedade, as ilhas de Cook, as ilhas Tonga, as ilhas Samoa, as ilhas Austrais, as Wallis, as Fanning, sem mencionar as ilhas isoladas, Niue, Tokolau, Fênix, Manahiki, Páscoa, Sala y Gomez, etc. Não ignora que, na maioria desses arquipélagos, mesmo os que estão sujeitos a protetorados, o governo está sempre nas mãos de chefes poderosos, cuja influência nunca é discutida, e que as classes pobres são inteiramente oprimidas pelas classes ricas. Sabe, além disso, que esses indígenas professam as religiões bramânica, maometana, protestante e católica, mas que o catolicismo prepondera nas ilhas que dependem da França, o que é devido à pompa do culto. Até sabe que a língua indígena, cujo alfabeto é pouco complicado, visto que se compõem apenas de treze caracteres, é muito misturada de termos ingleses e há-de ser por fim absorvida pelo anglo-saxônico. Sabe, finalmente, que, no ponto de vista étnico, a população polinésica tende em geral a decrescer, o que é lamentável, porque o tipo canaca — vocábulo que significa "homem" —, mais branco debaixo do equador do que nos grupos afastados da linha equinocial, é magnífico, e quanto não perderá a Polinésia com a sua absorção pelas raças estrangeiras? Sim! Frascolin sabe isso, e muitas outras coisas, que aprende nas suas cavaqueiras com o comodoro Ethel Simcoe, e, quando os colegas o interrogam, nunca se atrapalha para responder.

Por isso, Pinchinat já lhe não chama senão o "Larousse das zonas tropicais".

Tais são os principais grupos entre os quais Standard-Island deve passear a sua opulenta população. Essa é que merece com justiça o nome de ilha afortunada, pois que tudo o que pode assegurar a felicidade material, e, até certo ponto, a felicidade moral, ali se acha regulamentado. Porque há-de esta situação estar em risco de ser perturbada por emulações, ciúmes, desacordos, por questões de influência ou de precedência, que dividem Milliard-City em dois campos, assim como já está dividida em duas secções, o campo Tankerdon e o campo Coverley? Em todo o caso, para artistas, deveras desinteressados no assunto, a luta promete ser interessante.

Jem Tankerdon é ianque dos pés à cabeça, pessoal e absorvente, cara larga, com meia barba arruivada, cabelos cortados rente, olhos vivos, apesar dos sessenta anos, a íris quase amarela como a dos olhos de cão, a pupila chamejante. É de alta estatura, de torso alentado, de membros vigorosos. Há nele o que quer que seja de trappeur dos Prados, se bem que, a respeito de ratoeiras, não tenha armado senão aquelas onde precipitava milhões de porcos nos seus matadouros de Chicago. É um homem violento, a quem a sua situação deveria ter dado umas noções de delicadeza, mas a quem faltou a educação primária. Gosta de fazer gala da sua fortuna, ou, como se costuma dizer, de atirar com o dinheiro à cara das pessoas. Mas parece que ainda o acha pouco, visto que ele e alguns outros do seu bordo estão com ideia de voltar aos negócios...

Mrs. Tankerdon é uma americana qualquer, boa criatura, muito obediente ao marido,

excelente mãe, terna para os filhos, predestinada para dar criação a uma numerosa progênie, e não se tendo esquivado a desempenhar as suas funções.

Quando se tem dois bilhões para repartir entre os herdeiros, não há razão para que não se tenha uma dúzia de filhos: quantos ela tem, e todos admiravelmente constituídos.

De toda esta tribo, a atenção do quarteto não tinha de ser reclamada senão pelo primogênito, destinado a representar um tal ou qual papel nesta história. Walter Tankerdon, de figura bastante elegante, de inteligência mediana, de maneiras e cara simpáticas, sai mais a Mrs. Tankerdon do que ao chefe da família. Suficientemente instruído, tendo percorrido a América e a Europa, viajando por vezes, mas sempre reclamado pelos seus hábitos e pelos seus gostos para a existência atraente de Standard-Island, está familiarizado com os exercícios do desporto, à frente de toda a mocidade milliardense, nos concursos do ténis, do pólo, do golfe e do cricket. Não tem fumos de orgulho pela fortuna que há-de possuir um dia, e tem o coração bondoso. É certo que, à falta de indigentes na ilha, não tem ensejo de exercer a caridade. Em suma, não seria mau que os irmãos e as irmãs se parecessem com ele. Se eles e elas não estão em idade casadora, ele, que anda por perto dos trinta, deve pensar no casamento. E pensa, com efeito? É o que veremos.

Existe um frisante contraste entre a família Tankerdon, a mais importante da secção bombordense, e a família Coverley, a mais considerável da secção estibordense. Nat Coverley é de um temperamento mais fino do que o seu rival. Ressente-se da origem francesa dos seus antepassados. A sua fortuna não saiu das entranhas da terra sob a forma de jorros de petróleo, nem das entranhas fumegantes da raça suína. Não! O que o fez tal como é foram os negócios industriais, os caminhos de ferro, as transações bancárias. Esse é que não pensa senão em gozar tranquilamente das suas riquezas, e — não faz mistério nisso — opor-se-ia a qualquer tentativa para transformar a Jóia do Pacífico numa enorme fábrica ou numa imensa casa de comércio. Alto, correto, com uma bela cabeça coroada de cabelos grisalhos, usa a barba toda, de cor castanha, mesclada de fios argênteos. De carácter assaz frio, de modos distintos, ocupa o primeiro lugar entre os notáveis que conservam, em Milliard-City, as tradições da alta sociedade dos Estados Unidos do Sul. Gosta das artes, é conhecedor de pintura e de música, compraz-se em falar a língua francesa, muito usada na secção de Estibordo, anda ao corrente da literatura americana e europeia e, em se oferecendo o ensejo, mistura nos seus aplausos uns bravos, ao passo que os rudes tipos do Far West e da Nova Inglaterra se fartam de despejar hurras e hipes.

Mrs. Coverley, que tem menos dez anos que o marido, acaba de dobrar, sem se afligir muito, o cabo dos quarenta.

É uma mulher elegante, distinta, pertencendo a essas famílias meio crioulas da Luisiana de outrora, sabendo bem música, boa pianista, e não se deve supor que algum Reyer do século xx tenha proscrito o piano de Milliard-City. No seu palacete da Décima Quinta Avenida não faltam ao quarteto ocasiões de tocar música com ela, nem ensejos de a felicitar pelo seu talento artístico.

O Céu não abençoou o casal Coverley tanto quanto abençoara o casal Tankerdon. Três filhas são as únicas herdeiras de uma imensa fortuna, de que o Sr. Coverley não faz gala, como o seu rival. Essas meninas são bonitas deveras, e não lhes faltarão pretendentes, na nobreza ou



na finança dos dois mundos, quando chegar a hora de as casar. Na América, esses dotes fabulosos não são aliás raros. Não se citava porventura há anos a pequena Miss Terry, que desde a idade de dois anos era requestada por causa dos seus setecentos e cinquenta milhões? Esperemos que essa criança case a seu gosto e que, à vantagem de ser uma das mulheres mais ricas dos Estados Unidos, junte a de ser uma das mais felizes do seu país.

A filha mais velha dos Coverley, Diana, ou antes, Dy, como familiarmente lhe chamam, tem apenas vinte anos. É uma linda rapariga, em que se misturam as qualidades físicas e morais do pai e da mãe. Belos olhos azuis, cabelos magníficos, entre castanhos e louros, uma carnção fresca como as pétalas da rosa recém-aberta, figura elegante e graciosa, tudo isso explica que Miss Coverley atraia as vistas dos rapazes de Milliard-City, os quais por certo não deixarão a estranhos o cuidado de conquistar esse "inestimável tesouro", para empregar os termos de uma precisão matemática. Há mesmo razão de supor que o Sr. Coverley não veria, na diferença de religiões, obstáculo para uma união que lhe parecesse assegurar a felicidade da filha.

A falar verdade, é lamentável que umas questiúnculas de rivalidades sociais apartem as duas famílias mais qualificadas de Standard-Island. Walter Tankerdon parece especialmente criado para esposo de Dy Coverley.

Mas é essa uma combinação em que não há que pensar... Era mais fácil cortar em duas metades Standard-Island, e irem os Bombordenses para um lado e os Estibordenses para outro, do que assinar-se alguma vez semelhante escritura de casamento!

— A não ser que o amor se meta de permeio!— sugere às vezes o superintendente, piscando o olho sob a luneta de ouro.

Mas não parece que Walter Tankerdon tenha a mínima inclinação para Dy Coverley, e vice-versa, ou, pelo menos, se ela existe, ambos eles mantêm uma reserva que frustra as curiosidades da alta sociedade de Milliard-City.

A ilha de hélice continua a descer para o equador, seguindo pouco mais ou menos o meridiano de 160°. Diante dela alarga-se a paragem do Pacífico que oferece mais amplos espaços despovoados de ilhas e de ilhéus e cuja profundidade chega a atingir duas léguas. Durante o dia 25 de Julho, passa-se pelo fundão de Belknap, abismo de seis mil metros, de onde a sonda conseguiu trazer essas conchas ou zoófitos curiosos, constituídos por forma que possam aguentar impunemente a pressão de tais massas de água, avaliada em seiscentas atmosferas.

Cinco dias depois, embrenha-se Standard-Island pelo meio de um grupo pertencente à Inglaterra, muito embora seja às vezes designado pelo nome de ilhas Americanas. Depois de ter deixado por estibordo Palmira e Suncarung, aproxima-se a cinco milhas de Fanning, um dos numerosos jazigos de guano destas paragens, o mais importante do arquipélago. Em todo o caso, são cumeadas emersas, mais áridas que verdejantes, de que até agora o Reino Unido não tem tirado grandes lucros. Mas pôs o pé naquele ponto, e é sabido que o pé enorme da Inglaterra deixa em geral pegadas indeléveis.

Todos os dias, enquanto os seus colegas percorrem o parque ou os campos das cercanias, Frascalín, muito interessado pelos pormenores desta curiosa navegação, dirige-se para a bateria do Esporão, onde encontra amiúde o comodoro. Ethel Simcoe dá-lhe de bom

grado informações sobre os fenômenos especiais destes mares, e, quando eles oferecem algum interesse, o segundo-violino não esquece de os comunicar aos colegas.

Por exemplo, deram largas à sua admiração em presença de um espetáculo que a Natureza lhes proporcionou gratuitamente na noite de 30 para 31 de Julho.

À tarde tinha-se avistado um imenso banco de acafeos, que cobria muitas milhas quadradas. À população ainda não fora dado o encontrar tais massas de medusas, a que certos naturalistas concederam a denominação de oceâneas. Estes animais, de uma vida muito rudimentar, confinam pela sua forma hemisférica com os produtos do reino vegetal. Os peixes, por muito vorazes que sejam, consideram-nos mais como flores, porque nenhuns deles, segundo parece, os apetece para alimento. Destas oceâneas, as que são peculiares à zona tórrida do Pacífico ostentam somente a forma de umbelas multicolores, transparentes e guarnecidas de tentáculos. Não medem mais de dois a três centímetros. Calcule-se quantos biliões são precisos para formar bancos de tal extensão!

Quando se enunciam números assim em presença de Pinchinat, este responde:

— Isso não é motivo de espanto para estes fabulosos ricos de Standard-Island, para quem a moeda corrente é o bilião!

Noite fechada, parte da população dirige-se para "o castelo de proa", isto é, para o terraço que domina a bateria do Esporão. Os tramways são invadidos. Os carros eléctricos vão apinhados de curiosos. Carruagens elegantes transportam os nababos da cidade. Os Coverley e os Tankerdon ali concorrem, embora afastados... Jem não cumprimenta Nat, o qual não cumprimenta Jem. As famílias lá estão completas. Yvernés e Pinchinat têm o prazer de conversar com Mrs. Coverley e sua filha, que os recebem sempre com a maior amabilidade. Talvez que Walter Tankerdon sinta um tal ou qual despeito por não poder intrometer-se no colóquio, e talvez que Miss Coverley tivesse aceitado sem repugnância a conversação do mancebo. Jesus! Que escândalo e que alusões indiscretas do Starboard-Chronicle ou do New-Herald nas suas secções mundanas!

Quando a escuridão é cerrada, tanto quanto pode sê-lo nessas noites tropicais, o Pacífico parece iluminar-se até às suas extremas profundezas. O imenso lençol está impregnado de clarões fosforescentes, brilhante de reflexos azuis ou róseos, não desenhados como um traço luminoso na crista das vagas, mas semelhantes às emanções que proviessem de inúmeras legiões de pirilampos. Essa fosforescência chega a adquirir uma tal intensidade que é possível ler-se como à radiação longínqua de uma aurora boreal. Diria se que o Pacífico, depois de ter dissolvido os raios que o Sol derrama sobre ele durante o dia, os restitui à noite em luminosos eflúvios...

Não tarda que a proa de Standard-Island corte a massa dos acafeos, a qual se reparte em dois ramos ao longo do litoral metálico. Dentro de poucas horas, é cercada a ilha de hélice por uma cinta desses noctilucos, cuja fonte fotogênica não se alterou. É como se fosse uma auréola, desses resplendores no meio dos quais se destacam os santos e as santas, um desses nimbos de tons lunares, que irradiam em volta da cabeça dos Cristos. O fenómeno dura até ao pespontar da aurora, cujos primeiros clarões acabam por extingui-lo.

Seis dias depois, a Jóia do Pacífico toca no círculo máximo imaginário do nosso esferóide, o qual, materialmente desenhado, cortaria o horizonte em duas partes iguais. Desse

ponto, podem-se ver ao mesmo tempo os pólos da esfera celeste, um ao norte, assinalado pelas cintilações da Estrela Polar, o outro ao sul, condecorado, como o peito de um militar, com o Cruzeiro do Sul. Convém acrescentar que, dos diversos pontos dessa linha equinocial, os astros parecem descrever cada dia círculos perpendiculares ao plano do horizonte. Quem quiser gozar de noites e de dias perfeitamente iguais, é nestas paragens, nas regiões das ilhas ou dos continentes atravessados pelo equador, que tem de fixar os seus penates.

Desde a sua partida do arquipélago havaiano, tem Standard-Island vencido uma distância de cerca de seiscentos quilómetros. É a segunda vez, desde a sua criação, que ela passa de um para o outro hemisfério, transpondo a linha equinocial, primeiro descendo para o sul, tornando depois a subir para o norte. Esta passagem determina uma festa para a população milliardense. Haverá jogos públicos no parque, cerimônias religiosas no templo e na cathedral, corridas de carruagens eléctricas à roda da ilha. Na plataforma do Observatório deve queimar-se um magnífico fogo de artifício, cujos foguetes, cujas serpentes luminosas, cujas bombas de cores cambiantes, rivalizarão com os esplendores estelares do firmamento.

Adivinha-se que esta festa é como uma imitação das cenas fantasistas habituais aos navios, quando atingem o equador, uma correspondência do baptismo da Linha. E, de facto, esse dia é sempre o escolhido para baptizar as crianças nascidas desde a partida de Madeleine-bay. À mesma cerimónia baptismal se sujeitam os estrangeiros que ainda não entraram no hemisfério austral.

— Vai ser agora a nossa vez — anuncia Frascalín aos colegas —, e nós vamos receber o baptismo.

— Essa agora! — replica Sebastião Zorn, protestando com gestos de indignação.

— É como te digo, meu velho arranhador de rabeção! — insiste Pinchinat. — Vão despejar-nos baldes de água benta em cima da cabeça, assentar-nos em tábuas que balouçam, ferrar connosco dentro de tinas com surpresas, e não tarda aí a aparecer o velho Trópico, seguido pelo seu cortejo de bobos, para nos enlambuzar a cara de graxa!

— Se eles imaginam — protesta Sebastião Zorn — que eu me sujeite às troças dessa mascarada...

— Que remédio temos nós! — diz Yvernés. — Cada terra com o seu uso, e os hóspedes têm de obedecer...

— Exceto quando os agarram à força! — exclama o intratável regente do Quarteto Concertante.

Mas podem tranquilizar-se com respeito ao carnaval que serve de divertimento aos navios, ao passarem a Linha! Escusam de estar com receio de que chegue o Velho Trópico! Aos seus colegas e mais a ele, não é com água do mar que hão-de borrifá-lo, mas com champanhe das melhores marcas. Não os mistificarão também mostrando-lhes o equador, previamente traçado na objectiva de um óculo. Isso assenta bem numa pândega de marujada, mas não convém às pessoas graves de Standard-Island.

A festa realiza-se na tarde de 5 de Agosto. A não ser os guardas aduaneiros, que nunca podem abandonar o seu posto, os empregados tiveram feriado. Suspendeu-se todo o trabalho na cidade e nos portos. As hélices não funcionam. Quanto aos acumuladores, esses possuem uma voltagem que deve bastar ao serviço da iluminação e das comunicações eléctricas. Em

todo o caso, Standard-Island não está parada. Conduz uma corrente para a linha divisória dos dois hemisférios do Globo. Erguem-se nas igrejas cantos e preces, tanto no Templo como em Saint-Mary Church, e os órgãos saturam de sons o recinto. Alegria geral no parque, onde as provas desportivas se disputam com animação notável. Associam-se neles as diversas classes. Os gentlemen mais ricos, tendo à frente Walter Tankerdon, fazem prodígios nas partidas do golfe e do tênis. Em o Sol descaindo perpendicularmente até se esconder no horizonte, deixando apenas um rasto crepuscular de quarenta e cinco minutos, os foguetes erguerão o voo pelo espaço, e uma noite sem Lua se prestará à exibição dessas magnificências.

Na sala grande do Casino é baptizado o quarteto, como fica dito, e por mão de Cyrus Bikerstaff em pessoa. O governador é quem lhe oferece a taça espumejante, e o champanhe jorra em torrentes. Os artistas têm largo quinhão do Cliquot e do Roederer. Sebastião Zorn mostraria bem má vontade se se queixasse de um baptismo que lhe não recorda absolutamente nada a água salgada em que lhe embeberam os lábios nos primeiros dias depois de nascido.

Por isso, os parisienses correspondem a estes testemunhos de simpatia pela execução das mais belas obras do seu repertório: o sétimo quarteto em fá maior, Op. 59, de Beethoven, o quarto quarteto em mi bemol, Op. 10, de Mozart, o quarto quarteto em ré menor, Op. 17, de Haydn, o sétimo quarteto, andante, scherzo, caprichoso e fuga, Op. 81, de Mendelssohn. Sim, senhores!

Todas estas maravilhas da música concertante, e a audição é gratuita. Há grande apertão às portas, abafa-se na sala. Obrigam-nos a bisar, a trisar os trechos, e o governador entrega aos executantes uma medalha de ouro cercada de diamantes, respeitáveis pelo número de quilates, tendo numa das faces as armas de Milliard-City, e na outra estas palavras em francês:

Oferecida ao Quarteto Concertante pela Companhia, pela Municipalidade e pela população de Standard-Island E se todas estas honras não penetram até ao mais profundo recesso da alma do irreconciliável violoncelista é porque, decididamente, ele tem um carácter deplorável, conforme lhe repetem os colegas.

— Esperem-lhe pela pancada! — contenta-se ele em responder, retorcendo a barba com mão febril.

Às dez horas e trinta e cinco minutos da noite — cálculo feito pelos astrónomos de Standard-Island — é que a ilha de hélice deve cortar a linha equinocial. Neste momento preciso, se disparará um tiro de artilharia na bateria do Esporão. Esta bateria está ligada por um fio ao aparelho eléctrico aprestado ao centro do square do Observatório. Extraordinária satisfação de amor-próprio para aquele dos notáveis a quem couber a honra de expedir a corrente que provoca essa formidável detonação.

Ora, nesse dia, há duas personagens importantes que aspiram a essa honra. São elas, como logo se adivinha, Jem Tankerdon e Nat Coverley. Daí provém um embaraço extremo para Cyrus Bikerstaff. Árduas conferências prévias se realizaram entre o palácio do Município e as duas secções da cidade. A convite do governador, até Calistus Munbar interveio. Sem embargo da sua tão reconhecida habilidade, dos recursos do seu espírito diplomático, o superintendente fez um fiasco completo. Jem Tankerdon não quer ceder a precedência a Nat Coverley, o qual recusa dar a vantagem a Jem Tankerdon. Espera-se um

rompimento.

Não tardou ele a produzir-se com toda a violência, quando os dois chefes se encontraram cara a cara no square.

O aparelho está a cinco passos de qualquer deles... Basta tocar-lhe com a ponta do dedo.

Conhecedora da dificuldade, a turba, muito agitada por estas questões de precedência, invadiu o jardim.

Em seguida ao concerto, Sebastião Zorn, Yvernés, Frascalín e Pinchinat dirigiram-se para o square, com curiosidade de observar as fases da pendência. Dadas as disposições dos Bombordenses e dos Estibordenses, não deixa ela de apresentar uma gravidade excepcional para o futuro.

Os dois notáveis adiantam-se, sem sequer trocarem uma leve inclinação de cabeça.

— Suponho — diz Jem Tankerdon — que o senhor não me disputará a honra...

— É precisamente o que espero da sua parte — replica Nat Coverley.

— O que eu não suporto é que em público se desrespeite a minha pessoa...

— Nem eu a minha...

— Pois veremos! — exclama Jem Tankerdon, dando um passo para o aparelho.

Nat Coverley também dá um passo. Os partidários dos dois notáveis começam a intervir. De parte a parte, surdem provocações malsoantes. Por certo que Walter Tankerdon está prestes a sustentar os direitos de seu pai, e, no entanto, ao descortinar Miss Coverley, que está um pouco afastada, fica visivelmente embaraçado.

Quanto ao governador, embora o superintendente esteja a seu lado, pronto a lançar água na fervura, sente uma grande mágoa por não poder reunir num ramo só a rosa branca de York e a rosa vermelha de Lancaster. E quem sabe se esta lamentável emulação não terá consequências tão desastrosas como foram, no século xv, as daquelas simbólicas flores para a aristocracia inglesa?

Entretanto, aproxima-se o minuto em que o bico de proa de Standard-Island cortará a linha equinocial. Estabelecido com a precisão de um quarto de segundo de tempo, o cálculo não chega a comportar um erro de oito metros.

O sinal não pode tardar a ser feito pelo Observatório.

— Tenho uma ideia! — murmura Pinchinat.

— Que ideia é? — inquire Yvernés.

— Ferro um murro no botão do aparelho, e ficam logo os dois de acordo.

— Não faças tal! — recomenda Frascalín, aguentando vigorosamente Sua Alteza.

Ninguém sabe, em suma, como acabaria o incidente se não se houvesse produzido uma detonação...

Essa detonação não provém da bateria do Esporão. É um tiro de peça, disparado no mar largo, que se ouviu distintamente...

A multidão fica perplexa.

Qual poderá ser a significação exata desta descarga de uma boca de fogo que não pertence à artilharia de Standard-Island?

Um telegrama, expedido de Tribord-Harbour, fornece quase imediatamente a

explicação.

A duas ou três milhas, acaba de dar sinal da sua presença um navio em perigo, que pede socorro.

Afortunada e inesperada diversão! Já ninguém pensa em questionar diante do botão eléctrico, nem em festejar a passagem do equador. Demais a mais, já não é tempo. Transpôs-se a linha, e o tiro regulamentar ficou dentro da alma da peça. Antes assim, afinal de contas, para honra das famílias Tankerdon e Coverley.

O público evacua o square, e, como os tramways já não funcionam, dirige-se pedestre e rapidamente para os cais de Tribord-Harbour.

Mas logo em seguida ao sinal feito ao largo, o oficial do porto tomou as medidas necessárias para a salvação. Lançou-se dos piers uma das lanchas eléctricas, amarrada no porto interior. E, no momento em que chega a multidão, a embarcação traz os náufragos recolhidos no seu navio, o qual se submergiu imediatamente nos abismos do Pacífico.

Esse navio é o ketch malaio, que seguiu Standard-Island desde a sua partida do arquipélago das Sanduíche.

# CAPÍTULO 11

## ILHAS MARQUESAS

Na manhã de 29 de Agosto, singra a Jóia do Pacífico pelo meio do arquipélago das Marquesas, entre 7° 55' e 10° 30' de latitude sul e 141° e 143° 6' de longitude oeste do meridiano de Paris. Venceu uma distância de três mil e quinhentos quilómetros desde o grupo das Sanduíche.

Se este grupo se denomina Mendana, é porque o espanhol desse nome descobriu, em 1595, a parte meridional dele. Se se denomina ilhas da Revolução, é por ter sido visitado, em 1791, pelo capitão Marchand, na parte noroeste. Se se chama arquipélago de Nouka-Hiva, é por ser esse o nome da mais importante das ilhas que o compõem. E, contudo, quando por mais não fosse senão por justiça, deveriam também tomar o nome de Cook, visto que este célebre navegador operou em 1774 o seu reconhecimento.

É isto que o comodoro Simcoe explica a Frascolin, que acha a observação das mais lógicas, acrescentando:

— Podiam igualmente chamar-lhe arquipélago Francês, porque nós nas Marquesas estamos, por assim dizer, em nossa casa.

Efetivamente, um francês tem direito de considerar este grupo de onze ilhas ou ilhotes como uma esquadra da sua terra, surta nas águas do Pacífico. As maiores são os navios de primeira ordem Nouka-Hiva e Hiva-Oa; as de grandeza mediana são os cruzadores de diversas classes, Hiaú, Uapú e Uauka; as mais pequenas são canhoneiras Motane, Fatu-Hiva, Taú-Ata, ao passo que os ilhéus ou atóis seriam simples avisos de esquadra. Verdade é que estas ilhas não podem deslocar-se como Standard-Island.

Foi no dia 1 de Maio de 1842 que o comandante da estação naval do Pacífico, o contra-almirante Dupetit-Thouars, tomou posse deste arquipélago, em nome da França. Mil a duas mil léguas o separam quer da costa americana, quer da Nova Zelândia, quer da Austrália, quer da China, das Molucas ou das Filipinas. Nestas condições, era digno de louvor ou de censura o ato do contra-almirante? Censuraram-no na oposição, louvaram-no nas classes governamentais. Em todo o caso, o que é certo é que a França dispõe ali de um domínio insular, onde encontram abrigo e refresco os seus navios de pesca e ao qual dará uma inegável importância o canal de Panamá, caso algum dia se abra. Este domínio devia ser completado pela posse ou pelo protetorado das ilhas Pomotu, das ilhas da Sociedade, que constituem o seu natural prolongamento. Visto que a influência britânica se estende pelas paragens do noroeste desse imenso oceano, convém que a influência francesa venha contrabalançá-la nas paragens do sueste.

— Mas — pergunta Frascolin ao seu obsequioso cicerone — se dará o caso que nós tenhamos aqui forças militares de algum valor?

— Até 1859 — responde o comodoro Simcoe — havia em Nouka-Hiva um destacamento de soldados de marinha. Desde que se retirou este destacamento, ficou confiada aos missionários a guarda da bandeira, que eles não deixariam arriar sem defesa.

— E atualmente?

— Presentemente, não encontrará em Taio-Haé senão um residente, alguns gendarmes e soldados indígenas, sob as ordens de um oficial, que também desempenha as funções de juiz de paz...

— Para os processos dos indígenas?

— Dos indígenas e dos colonos.

— Com que então há colonos em Nouka-Hiva?

— Há... duas dúzias.

— Não chegam para formar uma sinfonia, nem mesmo uma filarmônica; chegam quanto muito para uma charanga!

É certo isto. Se o arquipélago das Marquesas, que se alonga por cento e noventa e cinco milhas de comprimento por quarenta e oito milhas de largura, abrange uma área de treze mil quilómetros quadrados, a população não chega a contar vinte e quatro mil indígenas. Há, pois, um colono por milhar de habitantes.

Esta população marquesina deve porventura aumentar, quando se romper uma nova via de comunicação entre as duas Américas? O futuro o dirá. Mas, pelo que respeita à população de Standard-Island, essa é que aumentou há dias com o salvamento dos malaios do ketch, efetuado na noite de 5 de Agosto.

São dez, além do capitão, homem de rosto enérgico, como ficou dito. Anda pelos quarenta anos e chama-se Sarol. Os seus mareantes são latagões robustos, dessa raça originária das ilhas extremas da Malásia Ocidental. Três meses antes, levava-os a Honolulu esse Sarol com um carregamento de copra. Quando Standard-Island foi ali demorar-se dez dias, a aparição desta ilha artificial não deixou de excitar-lhes a surpresa, como aliás acontecia em todos os arquipélagos. Se não a visitaram, porque essa autorização só se obtinha com grande dificuldade, não esqueça que o seu ketch se fez muitas vezes ao mar, a fim de a observar mais de perto, contornando-se à distância de meia amarra do seu perímetro. A presença obstinada deste navio não pudera excitar nenhuma suspeita, e a sua partida de Honolulu, algumas horas depois do comodoro Simcoe, também passou despercebida. Demais, deveriam inquietar-se com esse barco de umas cem toneladas, guarnecido por uma dezena de homens? Por certo que não; mas talvez que andassem pouco avisados...

Quando o tiro atraiu a atenção do oficial de Tribord-Harbour, achava-se o ketch a duas ou três milhas apenas. A lancha salva-vidas, acudindo em socorro dele, chegou a tempo de recolher o capitão e a tripulação.

Estes malaios falam correntemente a língua inglesa, o que não é para admirar da parte de indígenas do Pacífico oeste, onde, conforme indicamos, se aceita sem contestação a preponderância britânica. Sabe-se, pois, a que espécie de acidente marítimo eles deveram o perigo em que se viram.

E até mesmo, se a lancha se houvesse demorado mais uns minutos, esses onze malaios ter-se-iam sumido nas profundezas do oceano.

Pelo que dizem esses homens, vinte e quatro horas antes na noite de 4 para 5 de Agosto, fora o ketch abalroado por um vapor a toda a velocidade. Embora tivesse os faróis de posição, o navio do capitão Sarol não fora visto. A colisão foi necessariamente insignificante para o vapor, que nem por ela deu, ao que parece, porque seguiu a sua derrota, a não ser



contudo, facto que, desgraçadamente, não é raro, que ele tivesse preferido, fazendo força de vapor, esquivar-se a reclamações dispendiosas e desagradáveis.

Mas este choque, insignificante para um barco de grande tonelagem, cujo casco de ferro vai animado de considerável velocidade, foi terrível para o navio malaio. Cortado por anteavante do mastro do traquete, é difícil de explicar como não foi imediatamente a pique. Manteve-se, todavia, à tona de água, e os homens ficaram agarrados à borda falsa. Se o mar estivesse bravo, nem um só poderia resistir às vagas que varressem esse destroço. Por fortuna, a corrente dirigiu-o para leste e aproximou-o de Standard-Island.

Todavia, quando o comodoro interroga o capitão Sarol, manifesta o espanto de que o ketch, meio submerso, fosse abatendo até chegar à vista de Tribord-Harbour.

— Também eu não percebo — responde o malaio. — Só se a sua ilha andou pouco nestas últimas vinte e quatro horas?

— É a única explicação possível — replica o comodoro Simcoe. — Seja como for! Estão salvos, é o essencial.

Era tempo, com efeito. Antes que a lancha se afastasse um quarto de milha, soçobrava o ketch.

Tal é a narrativa que o capitão Sarol fizera primeiro ao oficial que executara o salvamento, em seguida ao comodoro Simcoe, e por fim ao governador Cyrus Bikerstaff, depois de haverem prestado todos os socorros de que ele e a sua tripulação tinham necessidade urgente.

Surge então a questão de repatriar os náufragos. Faziam-se eles de vela para as Novas Hébridas quando se deu o abalroamento. Standard-Island, que desce para sueste, não pode modificar o seu itinerário e obliquar para oeste. Cyrus Bikerstaff oferece, pois, aos náufragos o desembarcá-los em Nouka-Hiva, onde guardarão a passagem de qualquer navio mercante, que vá buscar carga para as Novas Hébridas.

O capitão e a sua gente olham uns para os outros. Parecem muito contrariados. Esta proposta aflige os pobres diabos, sem recursos, despojados de quanto possuíam com o ketch e a carga deste. Esperar nas Marquesas é exporem-se a uma demora porventura interminável, e como hão-de viver entretanto?

— Senhor governador — diz o capitão em voz suplicante —, salvou-nos, e nós não sabemos como provar-lhes o nosso reconhecimento... E, apesar disso, imploramos-lhe ainda que assegure o nosso regresso em melhores condições...

— E por que forma? — indaga Cyrus Bikerstaff.

— Dizia-se em Honolulu que Standard-Island, depois de se ter dirigido para as paragens do Sul, devia visitar as Marquesas, as Pomotu, as ilhas da Sociedade, e depois seguir rumo para o oeste do Pacífico...

— É certo — confirma o governador —, e é muito provável que ela se adiante até às ilhas Fiji antes de voltar a Madeleine-bay.

— As Fiji — prossegue o capitão — é um arquipélago inglês, onde nos seria fácil encontrar meio de voltarmos às Novas Hébridas, que não ficam longe... e se o senhor governador quisesse dar-nos guarida até lá...

— Não posso prometer-lhes coisa nenhuma a tal respeito — respondeu o governador.

— É-nos proibido conceder passagem a estrangeiros. Consultarei a administração de Madeleine-bay pelo cabo, e, se ela consentir, os transportaremos até às Fiji, donde com efeito será mais fácil o repatriarem-se.

Tal é o motivo por que os malaios estão instalados a bordo de Standard-Island, quando ela aparece à vista das Marquesas, em data de 29 de Agosto.

Este arquipélago está situado no percurso dos alisados. O mesmo sucede aos arquipélagos de Pomotu e da Sociedade, aos quais estes ventos abonam uma temperatura moderada num clima salubre.

Diante do grupo do noroeste é que o comodoro Simcoe se apresenta nas primeiras horas da manhã. Mas primeiro reconhece um banco arenoso, designado nas cartas pelo nome de ilhéu de Coral, e de encontro ao qual o mar, impellido pelas correntes, rebenta com extrema violência.

Tendo deixado este banco por bombordo, as vigias não tardam a dar sinal de uma primeira ilha, Fetuu, muito escarpada, cingida por penhascos verticais de quatrocentos metros. Para além, fica Hiaú, com seiscentos metros de altura, de um aspecto árido por esse lado, ao passo que, pelo outro, fresca e verdejante, oferece duas enseadas praticáveis a navios pequenos.

Frascolin, Yvernés e Pinchinat, deixando Sebastião Zorn entregue ao seu permanente mau humor, tomaram lugar na torre, em companhia de Ethel Simcoe e de muitos dos seus oficiais. Não é de espantar que este nome de Hiaú houvesse excitado Sua Alteza a emitir algumas onomatopeias extravagantes.

— Com certeza — diz ele —, é uma colonia de gatos que habita esta ilha, tendo por chefe um gatarrão...

Hiaú fica por bombordo. Não têm de tocar nessa ilha, e soltam o rumo para a principal do grupo, cujo nome lhe foi dado e à qual se vai juntar temporariamente esta extraordinária Standard-Island.

No dia seguinte, 30 de Agosto, logo de madrugada, voltaram os parisienses para o seu posto. No começo da noite haviam-se avistado as alturas de Nouka-Hiva. Com bom tempo, podem ver-se as cordilheiras deste arquipélago à distância de dezoito a vinte léguas, porque a altitude de certas cumeadas excede mil e duzentos metros, debuxando-se como um dorso gigantesco que seguisse o comprimento da ilha.

— Hão-de reparar — diz o comodoro Simcoe às suas visitas — numa disposição geral a todo este arquipélago. As cumeadas são de nudez pelo menos singular nesta zona, ao passo que a vegetação, despontando a uns dois terços de altura das montanhas, penetra até ao fundo das ravinas e das gargantas, e desenvolve-se com magnificência até às praias esbranquiçadas do litoral.

— E, no entanto — observa Frascaolin —, parece que Nouka-Hiva se exceptua dessa regra geral, pelo menos no que se refere à verdura das zonas médias. Parece estéril...

— Porque a vamos costeando por noroeste— responde o comodoro Simcoe. — Mas quando a contornarmos pelo sul, hão-de ficar surpreendidos com o contraste. Por toda a parte, planícies verdejantes, florestas, cascatas de trezentos metros...

— Safa! — exclama Pinchinat. — Uma massa de água que caísse do alto da torre Eiffel

não é coisa de pouco mais ou menos! O Niágara era capaz de ficar com ciúmes...

— Isso sim! — replica Frascaolin. — O Niágara desforra-se na largura; a queda de água alonga-se por novecentos metros desde a margem americana até à margem canadiana. Tu bem sabes, Pinchinat, visto que já lá estivemos...

— É exato! Apresento as minhas desculpas ao Niágara! — responde Sua Alteza.

Nesse dia, Standard-Island percorre as costas da ilha a uma milha de distância. Não se vêem senão taludes áridos, subindo até à planura central de Tovii, escarpas pedregosas, que não apresentam à vista nem uma incisão. Todavia, pelo que afirma o navegador Brown, havia ali bons surgidouros, que efetivamente foram descobertos mais tarde.

Em suma, o aspecto de Nouka-Hiva, cujo nome evoca tão graciosas paisagens, é bastante tristonho. Mas, como relataram com justiça os senhores V. Dumoulin e Desgraz, companheiros de Dumont d'Urville durante a sua viagem ao pólo sul e pela Oceânia, "todas as belezas naturais se acham limitadas ao interior das baías, nos sulcos formados pelas ramificações da cordilheira que se eleva no centro da ilha".

Depois de ter seguido este litoral deserto, até além do ângulo agudo que ele projeta para oeste, Standard-Island modifica levemente o seu rumo, diminuindo a velocidade das hélices de estibordo, e vem dobrar o cabo Tchitchagoff, assim denominado pelo navegador russo Krusenstern. A costa cava-se então, descrevendo um arco alongado, no meio do qual um canaleta apertado dá acesso ao porto de Tróia ou de Akani, uma das enseadas do qual oferece abrigo contra as mais temerosas tormentas do Pacífico.

O comodoro Simcoe não se detém nesse ponto. Ao sul existem duas outras baías, a de Ana Maria ou Taio-Haé no centro, e a de Controller ou dos Taipis no reverso do cabo Martin, ponta extrema do sueste da ilha. É em frente de Taio-Haé que deve haver demora de uns dez dias.

A pouca distância da costa de Nouka-Hiva, a sonda acusa grandes profundidades. Na vizinhança das baías, ainda se pode surgir em quarenta ou cinquenta braças. Portanto é fácil chegar-se muito à terra da baía de Taio-Haé, e é o que se faz na tarde de 31 de Agosto.

Apenas se chega à vista do porto, ribombam à direita umas detonações, e ergue-se um torvelinho de fumarada por cima das penedias de leste.

— Cáspite! — diz Pinchinat. — Tiros de artilharia para festejar a nossa chegada.

— Qual! — responde o comodoro Simcoe. — Nem os Tais nem os Happas, as duas principais tribos da ilha, possuem artilharia capaz de dar as mais simples salvas. O que os amigos ouvem é o estridor do mar a engolfar-se nas profundezas de uma caverna a meio caminho do cabo Martin, e essa fumarada a escumalha das vagas arrojadas para fora.

— Pois tenho pena — volve Sua Alteza —, porque um tiro de peça é o mesmo que tirar o chapéu.

A ilha de Nouka-Hiva possui nomes em barda — pode-se dizer muitos nomes de baptismo — devidos aos diferentes padrinhos que a baptizaram sucessivamente: ilha Federal por Ingraham, ilha Beaux por Marchand, ilha Sir Henry Martin por Hergert, ilha Adam por Roberts, ilha Madison por Porter. Mede dezassete milhas de leste a oeste e dez milhas de norte a sul, o que lhe dá uma circunferência de cerca de cinquenta e quatro milhas. O clima é saudável. A temperatura é igual à das zonas intertropicais, temperada pelos ventos alisados.

Nesse surgidouro não terá nunca Standard-Island a temer nem rajadas formidáveis nem cataratas pluviais, porque só ali vai refrescar-se entre Abril e Outubro, quando dominam os ventos secos de leste a sueste, aos quais os indígenas chamam tuatuka. Em Outubro é que se sofre mais calor, em Novembro e Dezembro a maior estiagem. Depois disso, de Abril a Outubro, reinam as correntes aéreas entre leste e nordeste.

Quanto à população das ilhas Marquesas, houve que dar desconto aos exageros dos primeiros descobridores, que a avaliaram em cem mil habitantes.

Eliseu Reclus, apoiando-se em documentos sérios, não chega a dar-lhe seis mil almas para todo o grupo, e é Nouka-Hiva que contém a maior parte delas. Se, no tempo de Dumont d'Urville, pôde elevar-se a oito mil o número de habitantes de Nouka-Hiva, divididos em Tais, Happas, Taionas e Taipis, este número nunca deixou de decrescer. Donde resulta este despovoamento? Do extermínio dos indígenas pelas guerras, do rapto de indivíduos do sexo masculino para as plantações peruvianas, do abuso dos licores fortes, e, finalmente — porque se não há-de confessar? —, de todos os males provenientes da conquista, mesmo quando os conquistadores pertençam às raças civilizadas.

No decurso desta semana de estada em Nouka-Hiva, fizeram-lhe os Milliardenses numerosas visitas. Os principais europeus retribuem-lhas, graças à autorização do governador, que lhes concedeu livre acesso em Standard-Island.

Pela sua parte, Sebastião Zorn e os seus colegas empreendem longas excursões, cujo aprazimento os compensa à larga das fadigas.

A baía de Taio-Haé descreve um círculo, cortado pelo seu estreito canaleta, no qual não caberia Standard-Island, sendo demais a mais a baía sulcada por duas praias de areia. Estas praias ficam separadas por uma espécie de morro alcantilado, onde se erguem ainda os destroços de um forte construído por Porter em 1812. Era na época em que este mareante tratava de conquistar a ilha, ao passo que o acampamento americano ocupava a praia de leste, posse que não foi ratificada pelo Governo federal.

A respeito de cidade, na praia oposta, apenas se depara aos nossos parisienses uma modesta aldeia, estando as habitações marquesinas, na sua maioria, dispersas sob as árvores. Mas que admiráveis vales vêm ali rematar, entre outros o de Taio-Haé, que a gente de Nouka-Hiva escolheu sobretudo para fazer os seus lares! É delicioso o embrenhar-se por esses maciços de coqueiros, de bananeiras, de casuarinas, de goiabeiras, de árvores-de-pão, de hibiscos e de tantas outras essências, prenes de seiva transbordante. Os viajantes são hospitaleiramente acolhidos nessas cabanas. No sítio onde há um século se arriscariam a ser devorados, puderam eles apreciar esses bolos feitos de bananas e mel, a árvore-de-pão, essa fécula amarelada do taro, doce quando está fresca, acidula quando está assente, as raízes comestíveis da taça. Quanto ao haua, espécie de arraia grande, que se come crua, e aos filetes de tubarão, mais apreciados à proporção que vão apodrecendo, os artistas recusaram a pés juntos pôr-lhes o dente em cima.

Atanásio Dorémus acompanha-os às vezes nestes passeios. No ano anterior, o velhote visitou este arquipélago e serve-lhes, portanto, de guia. É possível que ele não seja muito forte nem na história natural nem na botânica, talvez confunda o soberbo spondias cytherea, cujos frutos se assemelham à maçã, com o pandanus odo-ratissimus, que justifica este epíteto

superlativo, com a casuarina, cuja madeira tem a dureza do ferro, com a árvore da papaia, com a gardênia florida. Verdade seja que o quarteto não tem necessidade de recorrer à sua ciência, um pouco suspeita, quando a flora marquesina lhes apresenta fetos magníficos, polipódios soberbos, as roseiras da China, de flores vermelhas e brancas, as suas gramíneas, as suas solâneas, entre outras o tabaco, as suas labiadas de cachos roxos, que constituem o adorno preferido das raparigas de Houka-Hiva, os seus rícinos de dez pés de altura, as suas dracenas, as suas canas— de-açúcar, as suas laranjeiras, os seus limoeiros, cuja importação, bastante recente, dá resultados maravilhosos nestas terras impregnadas dos calores estivais e regadas por uma multiplicidade de riachos que escorrem das montanhas.

E uma bela manhã, quando o quarteto subiu para além da aldeia dos Tais, costeando uma torrente, até ao cume da serrania, quando, debaixo dos pés, diante dos olhos, se lhes desenrolam os vales dos Tais, dos Taipis e dos Happas, sai-lhes da boca um grito de admiração! Se ali tivessem os seus instrumentos, não resistiriam ao desejo de responder com a execução de um primor lírico ao espetáculo destes primores da Natureza! É certo que os executantes apenas seriam ouvidos por alguns casais de aves! Mas é tão linda a pomba curucuru, que voa por essas alturas, tão sedutora a pequena alcíone, e é tão caprichoso o varrer do espaço pelas asas do fâeton, hóspede habitual destas gargantas de Nouka-Hiva!

Demais a mais, não há que rezear nenhum réptil peçonhento na mais profunda destas florestas. Ninguém faz caso nem das jibóias, apenas com dois pés de comprido, inofensivas como uma cobra, nem das sínculas, cuja cauda cerúlea se confunde com as flores.

Os indígenas oferecem um tipo notável. Encontra-se neles o carácter asiático, o que lhes determina uma origem muito diferente dos outros povos oceânicos. São de estatura mediana, academicamente proporcionados, muito musculosos, de amplo arcabouço. Têm as extremidades finas, o rosto oval, a testa elevada, os olhos negros com pestanas fârtas, o nariz aquilino, os dentes brancos e regulares, a tez nem vermelha nem negra, tostada como a dos árabes, uma fisionomia expressiva, a um tempo de alegria e de afabilidade.

A tatuagem desapareceu quase de todo, essa tatuagem que se obtinha não por meio de incisões na pele, mas por picadas, salpicadas com o carvão da aleurite triloba. Hoje é substituída pelos panos de algodão fornecidos pelos missionários.

— São deveras belos, estes homens — afirma Yvernés, talvez menos do que na época em que andavam vestidos simplesmente de tangas, em cabelo, brandindo o arco e as frechas!

Esta observação é apresentada durante uma excursão à baía Controller, em companhia do governador. Cyrus Bikerstaff teve desejo de conduzir os seus hóspedes a esta baía, dividida em muitos portos, como La Valette, e decerto que, nas mãos dos Ingleses, Nouka-Hiva se teria tornado uma Malta do oceano Pacífico. Concentrou-se nesta região a tribo dos Happas, entre as gargantas de uma campina fértil, com um riacho alimentado por uma retumbante catadupa. Foi este o principal teatro da luta do americano Porter contra os indígenas.

A observação de Yvernés reclamava resposta; dá-a o governador nos seguintes termos:

— Talvez que o Sr. Yvernés tenha razão. Os Marquesinos tinham aspecto mais imponente com a tanga, o maro e o paréu de cores brilhantes, o ahu bun, espécie de faixa volante, e a tiputa, espécie de poncho mexicano. É certo que o traje moderno lhes não assenta

muito bem! Que quer? A decência é a consequência da civilização! Ao mesmo tempo que os nossos missionários se aplicam à instrução dos indígenas, incitam-nos a vestirem-se de uma forma menos rudimentar.

— E não têm razão, comodoro?

— No ponto de vista das conveniências, têm! No ponto de vista higiênico, não têm tal! Desde que andam vestidas com mais decência, as gentes de Nouka-Hiva e de outras ilhas, pode o amigo ficar certo de que têm perdido grande parte do vigor nativo e também da alegria natural. Aborrecem-se, e a saúde sofre com isso. Antigamente não conheciam nem bronquites, nem pneumonias, nem tísica...

— E desde que deixaram de andar nus em pêlo, constipam-se ... — exclama Pinchinat.

— É como diz! É essa uma causa séria de definhamento para esta raça.

— Donde concluo — prossegue Sua Alteza — que Adão e Eva nunca espirraram senão no dia em que envergaram vestidos e calças, depois de expulsos do Paraíso terrestre, o que nos valeu, a nós, seus filhos degenerados e responsáveis, defluxos e catarreiras!

— Sr. governador — interroga Yvernés —, tem-nos parecido que as mulheres não são tão belas como os homens neste arquipélago...

— E nos outros também — explica Cyrus Bikerstaff —, e, no entanto, aqui vêem os senhores o tipo mais perfeito das oceânicas. Não é essa, aliás, uma regra comum às raças que se aproximam do estado selvagem? Não acontece o mesmo no reino animal, em que a fauna, no ponto de vista da beleza física, nos mostra quase invariavelmente os machos superiores às fêmeas?

— É boa! — exclamou Pinchinat. — É preciso a gente vir aos antípodas para fazer observações desse jaez, que nem por mais uma entrariam na cabeça das nossas lindas parisienses!

Existem apenas duas classes na população de Nouka-Hiva, ambas sujeitas à lei do tabu. Essa lei foi inventada pelos fortes contra os fracos, pelos ricos contra os pobres, a fim de lhes salvaguardar os privilégios e as fazendas. A cor do tabu é o branco, e nos objecto tabuados, local sagrado, monumento fúnebre, casas de chefes, não tem direito de tocar a gente somenos. Daí provém uma classe tabuada, a que pertencem os sacerdotes, os feiticeiros ou tuas, os akarkis ou chefes civis, e uma classe não tabuada, da qual fazem parte a maioria das mulheres, assim como a arraia-miúda. Além disso, não só não é permitido pôr a mão num objecto protegido pelo tabu, mas até é proibido pôr-lhe a vista em cima.

— E esta regra — acrescenta Cyrus Bikerstaff — é tão severa tanto nas Marquesas como nas Pomotu, como nas ilhas da Sociedade, que eu não aconselharia aos senhores que uma só vez a infringissem.

— Ouves, meu caro Zorn! — adverte Frascolin. — Cautela com as tuas mãos! Cautela com os teus olhos!

O violoncelista contenta-se com encolher os ombros, como homem que se não interessa nada por essas coisas.

A 5 de Setembro saiu Standard-Island do surgidouro de Taio-Haé. Deixa a leste a ilha de Hua-Huna (Kahuga), a mais oriental do primeiro grupo, da qual apenas se descortinam as longínquas alturas verdejantes, e à qual faltam praias, por ter o perímetro constituído só por

penedias cortadas a pique. Escusado será dizer que, ao passar por essas ilhas, Standard-Island tem o cuidado de moderar o andamento, porque uma massa destas, lançada a toda a velocidade, era capaz de produzir uma espécie de revessa de água que atirasse com as embarcações à costa e inundasse o litoral. A Jóia do Pacífico aguenta-se a algumas amarras apenas de Uapú, de aspecto notável, por ser eriçada de agulhas basálticas. Duas enseadas, denominadas, uma, baía Possession, e outra, baía de Bon-Accueil, indicam que tiveram por padrinho um francês. Foi aí, com efeito, que o capitão Marchand arvorou a bandeira da França.

Seguindo a sua derrota, Ethel Simcoe embrenha-se pelas paragens do segundo grupo e dirige-se para Hiva-Oa, a ilha Dominica, segundo a nomenclatura espanhola. É ela a mais vasta do arquipélago, de origem vulcânica, pois que mede uma periferia de cinquenta e seis milhas. Podem-se observar distintamente as penedias numa rocha anegrada, e as cascatas que se precipitam das colinas centrais, revestidas de uma vegetação pujante.

Separa esta ilha da de Taú-Ata um estreito de três milhas. Como Standard-Island não caberia por ele, tem de contornar por oeste Taú-Ata, onde a baía Madre de Dios — baía Resolution, de Cook — recebeu os primeiros navios europeus. Esta ilha ganhava se ficasse menos próxima da sua rival Hiva-Oa. Talvez que então, por ser mais difícil a guerra de uma contra outra, as tribos que as povoam não pudessem estar em contacto e dizimar-se mutuamente com a fúria que ainda hoje as encarniça.

Marcada que foi por leste a posição de Motane, estéril, desabrigada, deserta, o comodoro Simcoe toma a direção de Fatu-Hiva, antiga ilha de Cook. Não passa, a bem dizer, de um enorme rochedo, onde pululam as árvores da zona tropical, uma espécie de pão-de-açúcar, medindo três milhas de circunferência.

Tal é o derradeiro ilhéu do sueste, que os Milliardenses perdem de vista na tarde de 9 de Setembro. A fim de se conformar ao seu itinerário, Standard-Island faz proa ao sueste para se aproximar do arquipélago das Pomotu, cuja parte média deve atravessar.

O tempo continuava favorável, pois que o mês de Setembro corresponde ao de Março do hemisfério boreal.

Na manhã de 11 de Setembro, a lancha de Babord-Harbour recolheu uma das bóias flutuantes, à qual está ligado um dos aparelhos da baía Madalena. O extremo desse fio de cobre, completamente isolado por uma camada de guta-percha, é ligado aos aparelhos do Observatório, e estabelece-se a comunicação telefônica com a costa americana.

Consulta-se a administração da Standard-Island Company acerca da questão dos naufragos do ketch malaio. Porventura autorizava o governador a conceder-lhes passagem até às alturas das Fiji, onde poderiam ser repatriados em condições mais rápidas e menos dispendiosas?

A resposta é favorável. Concede-se mesmo a Standard-Island a permissão de se inclinar para oeste até às Novas Hébridas, a fim de lá desembarcar os naufragos, se os notáveis de Milliard-City não virem nisso inconveniente.

Cyrus Bikerstaff informa desta decisão o capitão Sarol, o qual roga ao governador se digne transmitir os seus agradecimentos aos administradores de Madeleine-bay.





# CAPÍTULO 12

## TRÊS SEMANAS NAS POMOTU

A falar verdade, o quarteto daria provas de ingratidão revoltante para com Calistus Munbar se lhe não ficasse reconhecido por o ter, embora um pouco à traição, atraído para Standard-Island. Que importa o meio de que o superintendente se serviu para fazer dos artistas parisienses os hóspedes festejados, adulados e largamente remunerados de Milliard-City! Sebastião Zorn permanece constantemente amuado, porque ninguém consegue transformar um ouriço de puas aceradas numa gata de pêlo sedoso. Mas Yvernés, Pinchinat, o próprio Frascolin, não seriam capazes de sonhar mais deliciosa existência. Uma excursão, sem riscos nem fadigas, por esses admiráveis mares do Pacífico! Um clima que se conserva sempre salubre, quase sempre o mesmo, graças às mudanças de paragens! E depois, não tendo de tomar partido na rivalidade dos dois campos, acolhidos como a alma musical da ilha de hélice, recebidos em casa da família Tankerdon e nas mais distintas casas da secção bombordense, assim como em casa dos Coverley e dos mais notáveis da secção estibordense, tratados honrosamente pelo governador e seus adjuntos no palácio do Município, pelo comodoro e pelos seus oficiais no Observatório, pelo coronel Stewart e pela sua milícia, prestando o seu concurso às festas do Templo protestante assim como às cerimônias de Saint-Mary Church, encontrando gente simpática nos dois portos, nas fábricas, entre os funcionários e os empregados, perguntamos a qual— quer pessoa de bom senso se acaso há razão para os nossos franceses terem saudades do tempo em que andavam a percorrer as cidades da República Federal, e qual o homem assaz inimigo de si próprio para não ter inveja deles?

"Hão-de beijar-me as mãos!", dissera o superintendente logo na sua primeira entrevista.

E se não tinham chegado a esse extremo é que não é lícito beijar mão masculina.

Um dia, Atanásio Dorémus, o mais feliz dos mortais que podia existir, disse-lhes:

— Há perto de dois anos que estou em Standard-Island, e não se me dava de estar ainda sessenta, se me assegurassem que ainda era vivo daqui a sessenta anos.

— O amigo não tem muito mau gosto — responde Pinchinat — com as suas pretensões de chegar a centenário!

— Ora essa, Sr. Pinchinat! Esteja certo de que hei-de lá chegar! Como quer o senhor que se morra em Standard-Island?

— Em toda a parte se morre.

— Aqui é que não, senhor; morre-se tanto como no Paraíso celeste!

Que resposta tem isto? No entanto, sempre havia uma vez por outra pessoas tão tolas que passavam desta vida para melhor, mesmo nesta ilha encantada! E então os vapores transportavam os cadáveres até aos cemitérios longínquos de Madeleine-bay. Decididamente, está escrito que não há meio de se ser completamente feliz neste vale de lágrimas.

Contudo, sempre existem alguns pontos negros no horizonte. Deve-se mesmo reconhecer que esses pontos negros tomam pouco a pouco a forma de nuvens fortemente electrizadas, que dentro em pouco poderão provocar tormentas, vendavais e borrascas.

Inquietante, aquela deplorável rivalidade dos Tankerdon e dos Coverley, rivalidade que se aproxima do estado agudo. Ambos têm os seus partidários, que fazem causa comum com eles. Dar-se-á o caso que as duas secções ainda venham a jogar as cristas? É possível que Milliard-City esteja ameaçada de tumultos, de motins, de revoluções?

Terá porventura a administração o pulso enérgico bastante, e o governador Cyrus Bikerstaff a firmeza suficiente para manter a paz entre estes Capuletos e Montechios da ilha de hélice? Vá lá saber-se! Tudo é possível da parte de rivais cujo amor-próprio parece ilimitado.

Ora, desde a cena que se deu por ocasião da passagem da Linha, os dois miliardenses ficaram inimigos declarados. De uma e de outra parte há amigos que os apoiam. Entre as duas secções da cidade cortaram-se as relações. Fogem uns dos outros em se vendo de longe, e, quando acaso se encontram, que troca de gestos ameaçadores, de olhares ferozes! Espalhou-se até o boato de que o antigo comerciante de Chicago ia com alguns outros bombordenses fundar uma casa de comércio, que pediam à Companhia a autorização de criar uma enorme fábrica, que tencionavam importar cem mil porcos, abatê-los, salgá-los e vendê-los nos vastos arquipélagos do Pacífico...

Depois disso, não custa a acreditar que os palacetes Tankerdon e Coverley sejam duas minas de pólvora. Uma fâisca bastava para que eles fossem pelos ares e mais Standard-Island. Ora, é mister recordar que se trata de um aparelho que flutua sobre abismos profundíssimos. Verdade seja que essa explosão apenas poderia ser propriamente "moral", se é lícito exprimirmo-nos assim; mas arriscar-se-ia a ter por consequência o inspirar às pessoas gradas a resolução de se expatriarem. E uma tal determinação iria por certo comprometer o futuro e, segundo todas as probabilidades, a situação financeira da Standard-Island Company!

Tudo isto é prenhe de minazes complicações, senão de catástrofes materiais. E quem sabe mesmo se não se devem recear estas últimas?

Com efeito, talvez que as autoridades, menos adormecidas numa segurança illusória, devessem vigiar mais estreitamente o capitão Sarol e os seus malaios, tão hospitaleiramente acolhidos em seguida ao naufrágio! Não que essa gente tenha a imprudência de pronunciar frases suspeitas; pelo contrário, são pouco faladores, metidos consigo, afastando-se de todas as relações, gozando de um bem-estar de que hão-de ter saudades nas suas selváticas Novas Hébridas! Haverá, pois, motivo para suspeitar deles? Sim e não. Um observador mais atento verificaria que eles se não cansam de percorrer Standard-Island, que estudam constantemente Milliard-City, a disposição das suas avenidas, a situação dos seus palácios e das casas principais, como se andassem na faina de levantar uma planta exata da cidade. Encontravam-se pelo parque e pelo campo. Vão frequentes vezes ora a Babord-Harbour, ora a Tribord-Harbour, observando as chegadas e as saídas dos navios. Há quem os veja em longas excursões a explorar o litoral, onde os guardas aduaneiros estão de sentinela noite e dia, e a visitar as baterias dispostas a vante e a ré da ilha. Afinal, não há nada mais natural. Em que melhor podem empregar o tempo do que em tais digressões, esses malaios ociosos? Haverá motivo para ver nisso algo de suspeito?

Entretanto, o comodoro Simcoe vai singrando pouco a pouco para sudoeste, a pequena velocidade. Yvernés, como se todo ele se houvesse transformado desde que é um insular ambulante, deixa-se arrastar pelos encantos desta navegação. Pinchinat e Frascalín sentem-se também dominados. Que horas deliciosas passadas no Casino, à espera dos concertos quinzenais, dessas noites em que os disputam à força de ouro! Todas as manhãs, graças aos jornais de Milliard-City, fornecidos de notícias frescas pelos cabos, e de informações com poucos dias de atraso pelos paquetes em serviço regular, eles ficam ao corrente de tudo o que interessa aos dois continentes, sob o quádruplo aspecto mundano, científico, artístico, político. E, neste último ponto de vista, urge reconhecer que a imprensa inglesa de todos os matizes não cessa de protestar contra a existência desta ilha ambulante, que escolheu o Pacífico para teatro das suas excursões. Mas, esses protestos, fazem tão pouco caso deles em Standard-Island como em Madeleine-bay.

Não nos esqueçamos de mencionar que, há já algumas semanas, Sebastião Zorn e os colegas puderam ler, na secção de informações do estrangeiro, que a sua desapareição foi notada pelas folhas americanas.

O célebre Quarteto Concertante, tão festejado nos Estados da União, tão impacientemente esperado por aqueles que não tiveram ainda a fortuna de o receber, não podia desaparecer sem que esta desapareição desse que falar. San Diego não os viu no dia aprazado, e San Diego soltou o grito de alarme. Os informadores puseram-se em campo, e das investigações resultou verificar-se que os artistas franceses andavam a navegar a bordo da ilha de hélice, depois de um rapto realizado no litoral da Baixa Califórnia. Em suma, como eles não reclamaram contra o rapto, não houve troca de notas diplomáticas entre a Companhia e a República Federal. Quando aprouver ao quarteto reaparecer no teatro dos seus triunfos,

terá uma recepção entusiástica.

É de prever que os dois violinos e o violela impuseram silêncio ao violoncelo, o qual se não ralaria muito se fosse causa de uma declaração de guerra que ocasionasse a luta entre o Novo Continente e a Jóia do Pacífico.

Além disso, desde o seu embarque forçado que os nossos instrumentistas têm escrito muitas vezes para França. As famílias, tranquilizadas, dirigem-lhes cartas frequentes, e a correspondência taquara-seca com tanta regularidade como pelos serviços postais entre Paris e Nova Iorque.

Uma manhã — a 17 de Setembro —, Frascolin, instalado na biblioteca do Casino, experimenta o desejo bem natural de consultar o mapa desse arquipélago das Pomotu, para o qual se dirige. Apenas abre o atlas, apenas dá com os olhos nessas paragens do oceano Pacífico, exclama em monólogo:

"Com mil bordões! Como é que Ethel Simcoe se há-de arranjar para se desenvencilhar deste caos! Ele pode lá encontrar passagem pelo meio deste fãrtote de ilhas e de ilhotas! São aos centos! É um verdadeiro montão de seixos espalhados por um charco! É capaz de tocar, de encalhar, de enganchar esta engenhoca numa ponta ou de a escangalhar noutra! Havemos de acabar por ficar no estado sedentário no meio deste grupo mais complicado do que o nosso Morbihan da Bretanha!"

Tem razão, o razoável Frascolin. O Morbihan conta apenas trezentas e sessenta e cinco ilhas — tantas como os dias do ano — e neste arquipélago das Pomotu não anda longe da verdade quem as avaliar no dobro. É certo, o mar que as banha é circunscrito por uma cinta de recifes coralígenos, cuja circunferência não é inferior a seiscentas e cinquenta léguas, no dizer de Eliseu Reclus.

Todavia, ao observar o mapa deste grupo, é lícito espantar-se a gente de que um navio, e a fortiori um aparelho marítimo como Standard-Island, se arroje a aventurar-se pelo meio deste arquipélago. Compreendido entre os paralelos dezassete e vinte e oito sul, entre os meridianos cento e trinta e quatro e cento e quarenta e sete oeste, compõe-se ele de um milhar de ilhas e de ilhotes — pelo alto contam-se uns setecentos — desde Mata-Hiva até Pitcairn.

Não é, pois, de admirar que este grupo haja recebido diversas qualificações: entre outras, as de arquipélago Perigoso ou de mar Mau. Graças à prodigalidade geográfica de que o oceano Pacífico tem o privilégio, chama-se também ilhas Baixas, ilhas Tuamotu, o que significa "ilhas afastadas", ilhas Meridionais, ilhas da Noite, Terras Misteriosas. Quanto ao nome de Pomotu ou Pa-mautu, que significa ilhas Submetidas, uma deputação do arquipélago, reunida em 1850 em Papee, capital do Taiti, protestou contra esta denominação. Mas, conquanto o Governo francês, deferindo em 1852 este protesto, tenha escolhido, entre todos esses nomes, o de Tuamotu, é melhor conservarmos, nesta narrativa, a denominação mais conhecida de Pomotu.

Entretanto, por arriscada que possa ser esta navegação, o comodoro Simcoe não hesita. Tem tanta prática destes mares que todos podem fiar-se nele. Manobra a sua ilha como se fora um escaler. Faz com que ela vire de bordo como um pião. Parece que a governa à ginga. Frascolin pode ficar descansado com respeito à Standard-Island: as pontas de Pomotu nem sequer lhe roçarão pelo casco de aço.

Na tarde de 19, as vigias do Observatório deram sinal das primeiras emergências do grupo a coisa de uma dúzia de milhas. Efetivamente, estas ilhas são em extremo baixas. Se algumas delas transcendem uns quarenta metros o nível do mar, há setenta e quatro que não saem mais de meia toesa, e ficariam afogadas duas vezes em cada vinte e quatro horas, se as marés não fossem pouco mais de nulas. As outras não passam de atóis, cercados de cachopos, bancos coralígenos de absoluta aridez, simples recifes, regularmente orientados no mesmo sentido que o arquipélago.

É por leste que Standard-Island ataca o grupo, a fim de se chegar à ilha Anaa, que Fakarava substituiu como capital, desde que Anaa foi em parte destruída pelo terrível ciclone de 1878, o qual deu a morte a grande número de habitantes e estendeu a sua ação devastadora até à ilha de Kaukura.

Primeiro surge Vahitahi, que se marca a três milhas de distância. Tomam-se as precauções mais minuciosas nestas paragens, as mais perigosas do arquipélago, em consequência das correntes e do prolongamento dos recifes para leste. Vahitahi não passa de uma pilha de corais, flanqueada por três ilhotes arborizados, dos quais o do norte é ocupado pela aldeia principal.

No dia seguinte avista-se a ilha de Akiti, com os seus recifes atapetados de priônias, de múrices, de uma erva rasteira de cor amarelada, de borracha felpuda. Difere das outras em não possuir lagoa interior. Se é visível a grande distância, é por ser superior à média a sua altura acima do nível oceânico.

No outro dia, outra ilha, um pouco mais importante, Amanu, cuja lagoa está em comunicação com o mar por dois canaletes da costa noroeste.

Enquanto a população milliardense se satisfaz em passear indolentemente por meio deste arquipélago, que já visitou no ano precedente, e se contenta com admirar de passagem as suas maravilhas, Pinchinat, Frascalín e Yvernés não desgostariam de se deter, uma que outra vez, a explorar estas ilhas, devidas ao trabalho dos polípeiros, quer dizer, artificiais... como Standard-Island...

— Com a diferença — faz notar o comodoro Simcoe — que a nossa tem a faculdade de se deslocar...

— De mais até — replica Pinchinat —, visto que não para em parte nenhuma.

— Há-de parar nas ilhas Hao, Anaa e Fakarava, e os senhores terão tempo de sobra para as percorrer.

Interrogado sobre o modo de formação destas ilhas, Ethel Simcoe adere à teoria mais geralmente admitida: é que, nesta parte do Pacífico, o fundo submarino se abaixou decerto uns trinta metros. Os zoófitos, os pólipos, acharam nestes cimos emergidos uma base sólida bastante para estabelecer as suas construções de coral. A pouco e pouco, foram-se elevando tais construções, mercê dos trabalhos desses infusórios, que não poderiam funcionar a uma profundidade mais considerável. Subiram até à superfície, formaram este arquipélago, cujas ilhas podem classificar-se em barreiras, franjas e atóis ou, antes, atóis, nome índio das que possuem lagoas interiores. Depois formou-se o húmus com os destroços arrojados pelas vagas. Os ventos trouxeram sementes; apareceu a vegetação sobre esses anéis coralígenos. A margem calcária revestiu-se de ervas e de plantas, eriçou-se de arbustos e de árvores, sob a

influência de um clima tropical.

— E quem sabe? — diz Yvernés, num arranque de entusiasmo profético — quem sabe se o continente, que foi engolido nas águas do Pacífico, não reaparecerá qualquer dia à superfície, reconstruído por essas miríades de animais microscópicos? E então, nestas paragens atualmente sulcadas pelos barcos de vela e de vapor, correrão a toda a velocidade comboios expressos, que hão-de ligar o Velho e o Novo Mundo...

— Cansa-te, cansa-te, meu velho Isaías! — replica o irrespeitoso Pinchinat.

Como dissera o comodoro Simcoe, Standard-Island vem a parar a 23 de Setembro defronte da ilha Hao, de que conseguiu aproximar-se bastante por essas grandes profundidades. As embarcações pequenas transportam a terra alguns visitantes pelo canaleta, que à direita é abrigado por uma cortina de coqueiros. É preciso andar cinco milhas para chegar à aldeia principal, situada sobre uma colina. Esta aldeia não conta mais de duzentos ou trezentos habitantes, na maioria pescadores de madrepérola, empregados nesse mester por casas do Taiti. Abundam aí esses pandanos e essas murtas mikimikis, que foram as primeiras árvores de um solo onde crescem agora a cana— de-açúcar, o ananás, o taro, a priónia, o tabaco, e sobretudo o coqueiro, de que existem para cima de quarenta mil pés nos imensos palmares do arquipélago.

Pode-se dizer que esta árvore "providencial" se desenvolve quase sem cultura. A sua noz serve para alimentação habitual dos indígenas, sendo muito superior em substâncias nutritivas aos frutos do pandano. Com elas engordam os porcos, as aves domésticas e também os cães, dos quais apreciam particularmente as costeletas e os filetes. E, depois, a noz do coco dá ainda um óleo precioso, quando, ralada, reduzida a polpa, seca ao sol, se submete à pressão de um mecanismo bastante rudimentar. Os navios transportam carregamentos destas copras para o continente, onde as fábricas as tratam por forma mais produtiva.

Não é em Hao que se deve ajuizar da população das Pomotu. Não abundam aí os indígenas. Mas, onde o quarteto pôde observá-la com mais vantagem, foi na ilha de Anaa, em frente da qual chega Standard-Island na manhã de 27 de Setembro.

Só a pequena distância é que Anaa mostra os seus maciços de arvoredos, de aspecto soberbo. É uma das ilhas maiores do arquipélago: mede dezoito milhas de comprimento por nove de largura na sua base madre-pórica.

Afirmou-se que em 1878 um ciclone devastara esta ilha, o que ocasionou o transporte da capital do arquipélago para Fakarava. É verdade isso, embora, nestes climas pujantes da zona tropical, fosse de presumir que a devastação seria reparada em poucos anos. Com efeito, voltando à mesma vida de outrora, Anaa possui atualmente mil e quinhentos habitantes.

Todavia, é inferior a Fakarava, sua rival, por uma razão que tem certa importância, e é que a comunicação entre o mar e a lagoa interior só se pode fazer por canal estreito, sulcado de redemoinhos do interior para o exterior, devidos a uma sobrelevação das águas. Em Fakarava, pelo contrário, a lagoa é acessível, por duas passagens amplas, ao norte e ao sul. Contudo, apesar de ter sido transportado para esta última ilha o principal mercado do óleo de coco, Anaa, mais pitoresca, atrai sempre a preferência dos forasteiros.

Apenas Standard-Island tomou pouso em excelentes condições, um grande número de miliardenses fazem-se transportar a terra. Sebastião Zorn e os seus colegas são dos

primeiros, por isso que o violoncelista acedeu a tomar parte na excursão.

Em primeiro lugar dirigem-se à aldeia de Tuahora, depois de terem estudado em que condições se formou esta ilha — formação comum a todas as do arquipélago. Aqui, a margem calcária, a largura do anel, se assim é lícito chamar-lhe, é de quatro a cinco metros, muito íngreme da banda do mar, em declive pouco acentuado do lado da lagoa, cuja circunferência compreende cerca de cem milhas, como em Rairoa e Fakarava. Neste anel estão acumulados milhares de coqueiros, principal, para não dizer única riqueza da ilha, e cujas copas abrigam as choupanas indígenas.

A aldeia de Tuahora é atravessada por uma estrada arenosa, ofuscante de alvura. O residente francês já não mora nela desde que Anaa decaiu do seu papel de capital. Mas a residência lá se conserva, protegida por um modesto cercado. No aquartelamento da pequena guarnição, confiada à guarda de um sargento de marinha, flutua a bandeira tricolor.

É justo concederem-se alguns elogios às casas de Tuahora. São mais alguma coisa do que choupanas: são casinhas confortáveis e salubres, regularmente mobiladas, edificadas na maioria em alicerces de coral. As folhas do pandano forneceram-lhes o telhado, para as portas e as janelas serviu a madeira dessa árvore preciosa. Onde em onde são cercadas de hortas, que a mão do indígena encheu de terra vegetal, e cujo aspecto é deveras encantador.

Estes indígenas, embora sejam de um tipo menos notável e de tez mais negra, embora tenham a fisionomia menos expressiva e o caráter menos amável do que os das ilhas Marquesas, oferecem ainda assim belos espécimes desta população da Oceânia Equatorial. Além disso, trabalhadores inteligentes e laboriosos, é possível que resistam mais à degenerescência física que ameaça o indigenato do Pacífico.

A sua principal indústria, como pôde verificar Frascaolin, é a fabricação do óleo de coco. É o que motiva a quantidade considerável de coqueiros plantados nos palmares do arquipélago. Estas árvores reproduzem-se com tanta facilidade como as excrescências coralígenas na superfície dos atóis. Mas têm um inimigo, e bem o reconheceram os excursionistas parisienses, um dia em que estavam estiraçados na praia do lago interior, cujas águas contrastam com o azul do mar circundante.

Num dado momento, provoca-lhes a começo a atenção e em seguida o horror um rastejar rumoroso entre as ervas.

E que hão-de eles ver? Um crustáceo de tamanho monstruoso.

O primeiro movimento deles é levantarem-se, o segundo olharem para o animal.

— Medonho bicho! — exclama Yvernés.

— É um caranguejo — declara Frascaolin.

Um caranguejo, efetivamente — daquela espécie a que os indígenas dão o nome de birgo e de que há grande quantidade nestas ilhas. As patas dianteiras formam duas sólidas tenazes ou pinças, com as quais consegue abrir os cocos, que constituem o seu alimento predileto. Estes birgos vivem no fundo de uma espécie de tocas, profundamente cavadas entre as raízes, onde amontoam fibras de coco à laia de cama. De noite, principalmente, vão eles à cata de cocos caídos, e até trepam pelo tronco e aos ramos do coqueiro a fim de abater os frutos. Por força que o caranguejo de que se trata está atacado de fome canina, como diz Pinchinat, para sair em pleno meio-dia do seu asilo sombrio.

Deixa-se à vontade o animal, porque a operação promete ser curiosa em extremo. Depara-se-lhe um enorme coco no meio do tojo, despedaça-lhe, pouco a pouco, as fibras com as pinças; depois, quando o coco está desfibrado, ataca-lhe a casca duríssima, batendo, martelando no mesmo ponto. Aberta a brecha, o birgo tira a substância interior, empregando as pinças traseiras, cuja extremidade é muito adelgada.

— É positivo — observa Yvernés — que a Natureza criou este birgo para abrir cocos...

— E que criou o coco para alimentar o birgo — acrescenta Frascalín.

— Olhem lá! — propõe Pinchinat. — Se nós contrariássemos as intenções da Natureza, impedindo este caranguejo de comer aquele coco, e o coco de ser comido pelo caranguejo?

— Requeiro que o não incomodem — intervém Yvernés. — Não vamos nós dar, mesmo que seja a um birgo, má ideia dos parisienses em viagem!

Aprova-se o requerimento, e o caranguejo, que por certo deitou um olhar irritado a Sua Alteza, dirige um olhar de reconhecimento ao primeiro-violino.

Depois de sessenta horas de demora em frente de Anaa, Standard-Island segue a direção do norte. Penetra através do meandro das ilhotas e das ilhas, e o comodoro Simcoe segue pelo canal fora com uma segurança perfeita. É evidente que, em tais condições, Milliard-City é um pouco desamparada pelos habitantes em proveito do litoral, e mais particularmente da parte que está próxima da bateria do Esporão. Continuam à vista as ilhas, ou antes, açafates verdejantes, que parecem flutuar à superfície das águas. Faz lembrar um mercado de flores num dos canais da Holanda. Nas circunvizinhanças dos dois portos bordejam numerosas pirogas, mas não lhes é permitida a entrada, pois que os agentes receberam ordens formais a tal respeito. Um grande número de mulheres indígenas vêm a nado, quando a ilha movediça costeia a pequena distância as penedias madreporicas. Se não acompanham os homens nas suas canoas, é que estas embarcações são tabuadas para o belo sexo pomotuano, sendo-lhes proibido tomarem passagem nelas.

A 4 de Outubro, detém-se Standard-Island em frente de Fakarava, na direção da boca do canal do sul. Antes de largarem as embarcações para transportarem os visitantes, o residente francês apresentou-se em Tribord-Harbour, donde o governador deu ordem de o conduzirem ao palácio da municipalidade.

A entrevista é sumariamente cordial. Cirus Bikerstaff tem a sua fisionomia oficial, a que lhe serve em cerimônias do género desta. O residente, velho oficial de infantaria de marinha, também lhe não fica atrás. É impossível imaginar nada mais grave, mais digno, mais conveniente, mais "inteiriço" de uma e outra parte.

Terminada a recepção, é autorizado o residente a percorrer Milliard-City, de que Calistus Munbar está encarregado de lhe fazer as honras. Na sua qualidade de franceses, os parisienses e mais Atanásio Dorémus quiseram acompanhar o superintendente. E que intenso júbilo para o bom do residente o ver-se na companhia de compatriotas!

No dia seguinte, o governador vai a Fakarava pagar a visita ao velho oficial, e ambos eles tornam a assumir as fisionomias da véspera. O quarteto, que desembarcou em terra, dirige-se para a residência. É uma habitação muito simples, ocupada por uma guarnição de doze antigos marinheiros, no mastro da qual se desfralda o pavilhão da França.



Conquanto Fakarava se tornasse capital do arquipélago, como disse, ela não chega a valer a sua rival Anaa. A aldeia principal não é tão pitoresca sob a folhagem verde do arvoredos, e, em todo o caso, as habitações são aqui menos sedentárias. Além da fabricação do óleo de coco, cujo centro é em Fakarava, dedicam-se à pesca das ostras perlíferas. O comércio da madreperla, que tiram desta exploração, obriga-os a frequentar a ilha vizinha de Toau, especialmente apropriada para esta indústria. Mergulhadores arrojados, estes indígenas não hesitam em descer a profundidades de vinte e trinta metros, habituados como estão a suportar tais pressões sem se incomodarem, e a sustentar a respiração por mais de um minuto.

Alguns destes pescadores foram autorizados a oferecer os produtos da sua pesca, nácar ou pérolas, às pessoas gradas de Milliard-City. É claro que joias não faltam às opulentas damas da cidade. Mas estas produções naturais no estado bruto não são coisa que se deprende com facilidade, e, como se oferece o ensejo, os pescadores ficam com as mãos a abanar e as algibeiras bem recheadas. Desde o momento em que Mrs. Tankerdon compra uma pérola de grande valor, é sabido que Mrs. Coverley tem de lhe seguir o exemplo. Por fortuna, não houve ocasião de arrematar um objecto único, aliás sabe Deus a que altura chegariam os lanços. Outras famílias tomam a peito imitar as pessoas da sua amizade, e nesse dia, como se diz em linguagem marítima, os pescadores de Fakarava apanharam "preia-mar de águas vivas".

Decorridos uns dez dias, a 13 de Outubro, a Jóia do Pacífico apronta-se para a partida logo de madrugada. Ao sair da capital das Pomotu, ela atinge o limite ocidental do arquipélago. Com o incrível peçamento das ilhas e ilhotas, de recifes e de atons, não tem já que se preocupar o comodoro Simcoe. Saía, sem beliscadura, destas paragens do mar Mau. Ao largo estende-se esse trecho do Pacífico que, num espaço de quatro graus, separa o grupo das Pomotu do grupo da Sociedade. Standard-Island solta pois o rumo para sudoeste, movida pelos dez milhões de cavalos das suas máquinas, e dirige-se para a ilha tão poeticamente celebrada por Bougainville, a feiticeira Taiti.

# CAPÍTULO 13

## ESCALA NO TAITI

O arquipélago da Sociedade ou de Taiti fica compreendido entre quinze graus e cinquenta e dois minutos e dezassete graus e quarenta e nove minutos de latitude meridional, e entre os cento e cinquenta graus e oito minutos e cento e cinquenta e seis graus e trinta minutos de longitude oeste do meridiano de Paris. Abrange a superfície de dois mil e duzentos quilómetros quadrados.

Constituem-no dois grupos: 1.º, as ilhas de Barlavento, Taiti ou Taiti-Tahaa, Tapamanoa, Eimeo ou Moorea, Tetiaroa e Meetia, que estão sob o protetorado da França; 2.º, as ilhas de Sotavento, Tubuai, Manu, Huahine, Raiatea-Thao, Bora-Bora, Moffy-Iti, Maupiti, Mapetia, Bellingshausen e Scilly, governadas pelos soberanos indígenas. Chamam-lhes os Ingleses ilhas Jorgianas, embora Cook, seu descobridor, as baptizasse com o nome de arquipélago da Sociedade Real de Londres. Situado a duzentas e cinquenta léguas marítimas das Marquesas, este grupo, segundo os diversos recenseamentos feitos nestes últimos tempos, apenas conta quarenta mil habitantes, estrangeiros ou indígenas.

Vindo do nordeste, é Taiti a primeira das ilhas de Barlavento que surge à vista dos navegadores. E é dela que as vigias do Observatório dão sinal a grande distância, graças ao monte Maiao ou Diadema, cujo pico se ergue a mil duzentos e trinta e nove metros acima do nível do mar.

A travessia levou-se a cabo sem incidentes. Ajudada pelos ventos alísios, Standard-Island percorreu estas águas admiráveis por sobre as quais o Sol vai declinando para o trópico de Capricórnio. Daí a dois meses e poucos dias, terá atingido o astro radiante, e, ascendendo de novo para a linha equatorial, a ilha de hélice terá no zênite durante muitas semanas de calor ardente; depois o seguirá, como um cão segue o dono, mantendo-se à distância regulamentar.

É a primeira vez que os Milliardenses vão fazer escala em Taiti. No ano anterior, o seu cruzeiro começara tarde de mais. Não se tinham adiantado mais para oeste, e, depois de largarem das Pomotu, haviam tornado a subir para o equador. Ora este arquipélago da Sociedade é o mais famoso do Pacífico. Ao percorrê-lo, redobriariam para os nossos parisienses os motivos de apreciar devidamente esta viagem de um engenho com plena liberdade de escolher os seus pontos de escala e o seu clima.

— Pois sim! Nós veremos qual há-de ser o fim desta disparatada aventura! — conclui invariavelmente Sebastião Zorn.

— Ora essa! Tomara eu que isto nunca acabasse! — exclama Yvernés!

Standard-Island chega à vista de Taiti na madrugada de 17 de Outubro. A ilha apresenta-lhe a sua costa setentrional. Durante a noite, marcou-se o farol da ponta Vénus. Bastará o dia para se aproximarem da capital, Papeeté, situada ao noroeste, além da ponta. Mas o conselho dos trinta notáveis reuniu-se sob a presidência do governador. Como todo o conselho bem equilibrado, dividiu-se em dois campos. Uns, com Jem Tankerdon, pronunciaram-se a favor do oeste; os outros, seguindo Nat Coverley, determinaram-se por

leste. Cyrus Bikerstaff, tendo voto preponderante em caso de empate, decidiu que se alcance Papeeté contornando a ilha pela banda do sul. Esta decisão é de molde a satisfazer o quarteto, porque lhe permite admirar em toda a sua beleza esta pérola do Pacífico, a Nova Citera de Bougainville.

Taiti apresenta uma superfície de cento e quatro mil duzentos e quinze hectares, cerca de nove vezes a área de Paris.

A sua população, que em 1875 compreendia sete mil e seiscentos indígenas, trezentos franceses, mil e cem estrangeiros, não passa hoje de sete mil habitantes. Em planta geométrica, oferece exatamente a forma de uma cabaça de boca para baixo, sendo o corpo da cabaça a ilha principal, reunida ao gargalo, que desenha a península de Tatarapu pelo estrangulamento do istmo de Taravao.

Foi Frascalín quem fez esta comparação, estudando o mapa em ponto grande do arquipélago, e os colegas acham-na tão justa que baptizaram Taiti com este nome novo: a Cabaça dos Trópicos.

Administrativamente, está Taiti repartida em seis divisões, retalhadas em vinte e um distritos, desde o estabelecimento do protetorado em 9 de Setembro de 1842. Há quem se não esquecesse das dificuldades que sobrevieram entre o almirante Dupetit-Thouars, a rainha Pomaré e a Inglaterra, por instigação daquele abominável traficante de bíblias e de panos de algodão chamado Pritchard, tão espiritualmente caricaturado nas Vespas de Alphonse Karr.

Mas isto é da história antiga, caiu no olvido, tanto como os feitos e gestos do famoso boticário anglo-saxão.

Standard-Island pode sem perigo aventurar-se até uma milha dos contornos da Cabeça dos Trópicos. Esta cabaça assenta com efeito numa base coralígena, cujos alicerces descem a pique nas profundezas do oceano. Mas, antes de se aproximar tanto, a população milliardense teve ensejo de contemplar a sua massa imponente, as suas montanhas, mais generosamente favorecidas pela Natureza do que as das Sanduíche, as cumeadas verdejantes, as gargantas arborizadas, os picos que se alçam como os pináculos agudos de uma catedral gigantesca, a cinta de coqueiros salpicada pela espuma branca da ressaca nos fragedos da costa.

Durante esse dia, ao costear a ilha pelo ocidente, os curiosos, colocados nas cercanias de Tribord-Harbour, de óculos assestados, e cada um dos parisienses tem o seu, podem interessar-se com os mil pormenores do litoral; o distrito do Papenoo, cujo rio se descortina através do amplo vale, desde a falda dos montes, e que vem desaguar no oceano, no sítio onde se interrompe o recife, num espaço de muitas milhas; Hitiaa, porto seguríssimo, donde se exportam para São Francisco milhões e milhões de laranjas; Mahena, donde se levou a cabo, em 1845, a conquista da ilha, à custa de um tremendo combate com os indígenas.

À tarde, chegaram pelo través do estreito istmo de Taravao. Contornando a península, o comodoro Simcoe chega-se a ele o suficiente para que se admirem em todo o seu esplendor as férteis campinas do distrito de Tau-tira, as numerosas correntes de água que fazem dele um dos mais ricos do arquipélago. Tatarapu, repousando na sua base de coral, ergue majestosamente os taludes escarpados das suas crateras extintas.

Depois, quando o Sol declina para o horizonte, enrubescem pela derradeira vez os píncaros, adoçam-se os tons, fundem-se as cores numa bruma quente e transparente. Daí a

pouco apenas se percebe uma massa confusa, cujos eflúvios, carregados do aroma das laranjeiras e dos limoeiros, se propagam como a aragem noturna. Em seguida a um crepúsculo curto, desce profunda noite.

Standard-Island dobra então a ponta extrema do sueste da península, e no dia seguinte faz a sua estação em frente da costa ocidental do istmo, à hora em que rompe o dia.

O distrito de Taravao, muito cultivado, muito populoso, ostenta as suas belas estradas entre os laranjais que o ligam ao distrito de Papeari. No ponto culminante desenha-se um forte, que domina as duas margens do istmo, defendido por alguns canhões, cujo colo se debruça para fora das canhoneiras, como gárgulas de bronze. No fundo esconde-se o porto Fáeton.

"Por que demônio é que radia sobre este istmo o nome desse presunçoso cocheiro do carro solar?", cisma Yvernés, de si para consigo.

O dia emprega-se a seguir, com andamento moderado, os contornos mais acentuados da substrução coralígena que distingue a parte oeste de Taiti. Numerosos distritos ostentam os seus panoramas variados — Papeiri com plainos pantanosos, dispersos aqui e além, Mataiea, porto excelente de Papeuriri, depois um amplo vale percorrido pelo rio Vaihiria, e, ao fundo, essa montanha de quinhentos metros, espécie de peanha de lavatório, que suporta uma bacia de meio quilometro de circunferência. Esta antiga cratera, certamente cheia de água doce, não parece ter comunicação nenhuma com o mar.

Depois do distrito de Ahauraono, dedicado às vastas culturas de algodão em grande escala, depois do distrito de Papara, que é sobretudo destinado a explorações agrícolas, Standard-Island, para além da ponta Mara, prolonga-se com o grande vale de Paruvia, desprendido do Diadema e banhado pelo Punarun. Depois de passar Taapuna, a ponta Tatao e a foz do Faá, o comodoro Simcoe inclina levemente para nordeste, evita habilmente a ilhota de Motu-Uta, e às seis horas da tarde vem deter-se em frente da incisão que dá acesso à baía de Papeeté.

À entrada desenha-se, em sinuosidades caprichosas, através do recife do coral, o canal balizado até à ponta de Farente por peças de artilharia inutilizadas. Está bem de ver que Ethel Simcoe, graças às suas cartas, não precisa de recorrer aos pilotos cujas baleeiras cruzam diante da embocadura do canal. Adianta-se contudo uma embarcação, que traz à popa uma bandeira amarela. É "a saúde", que vem à fala ao pé de Tribord-Harbour. Em Taiti há muito rigor, e ninguém pode desembarcar antes que o médico da saúde, acompanhado pelo oficial do porto, tenha dado livre prática.

Apenas chega a Tribord-Harbour, este médico põe-se em comunicação com as autoridades. Não passa isto de mera formalidade. Doentes é coisa que quase não existe em Milliard-City nem nos arredores. Em todo o caso, desconhecem-se absolutamente as doenças epidêmicas, cólera, influenza, febre-amarela. Por conseguinte, dá-se carta limpa, conforme o costume. Mas, como a noite, precedida por alguns esboços de crepúsculo, cai rapidamente, o desembarque fica para o dia seguinte, e Standard-Island adormece à espera do romper do dia.

Logo de madrugada, ouvem-se umas detonações.

É a bateria do Esporão que saúda com vinte e um tiros o grupo das ilhas de Sotavento, e Taiti, capital do protetorado francês. Ao mesmo tempo, na torre do Observatório sobe e desce por três vezes o pavilhão vermelho com sol de ouro.

A salva é retribuída com o mesmo número de tiros pela bateria da Emboscada, na ponta da barra grande de Taiti.

Tribord-Harbour está cheio de gente logo de manhãzinha. Os tramways transportam para lá uma afluência considerável de turistas, que se destinam à capital do arquipélago. Não há que duvidar que Sebastião Zorn e os seus amigos são dos mais impacientes. Como as embarcações não seriam suficientes para transportar aquela turbamulta de curiosos, os indígenas apressam-se a oferecer os seus serviços, para vencer a distância de seis amarras que separa Tribord-Harbour do porto.

Contudo, é conveniente deixar o governador desembarcar primeiro. Trata-se da entrevista habitual com as autoridades civis e militares de Taiti, e da visita, não menos oficial, que tem de fazer à rainha.

Portanto, por volta das nove horas, Cyrus Bikerstaff, os seus adjuntos Bartolomeu Ruge e Hubley Harcourt, todos três de grande uniforme, os principais notáveis das duas secções, entre outros Nat Coverley e Jem Tankerdon, o comodoro Simcoe, o coronel e os seus oficiais, de fardalhões resplendentes, o coronel Stewart e a sua escolta, tomam lugar nas lanchas de gala e dirigem-se para o porto de Papeeté.

Sebastião Zorn, Frascalín, Yvernés, Pinchinat, Ata-násio Dorémus e Calistus Munbar ocupam outra embarcação com certo número de funcionários.

Canoas e pirogas indígenas fazem cortejo à representação oficial de Milliard-City, dignamente constituída pelo governador, pelas autoridades, pelos notáveis, dos quais os dois mais importantes têm riqueza bastante para comprarem Taiti inteira, e até o arquipélago da Sociedade, sem excluir a sua soberana.

É excelente este porto de Papeeté, e com tanto fundo que podem lá encontrar surgidouro os barcos de grande tonelagem.

Dão-lhe acesso três barras: a barra grande do norte, com setenta metros de largo e oitenta de comprido, estreitada por um baixio pequeno balizado, a barra de Tanoa a leste, a barra de Tapuna a oeste.

As lanchas eléctricas correm majestosamente ao longo da praia, toda ornamentada de vilas e de residências de regalo, os cais em cuja proximidade estão amarrados os navios. Opera-se o desembarque ao pé de uma fonte elegante, onde se faz aguada, e que é abastecida pelos diferentes riachos de águas vivas das montanhas vizinhas, numa das quais está colocado o aparelho semafórico.

Cyrus Bikerstaff e o seu séquito desembarcam no meio de grande concorrência de povo, franceses, indígenas, estrangeiros, aclamando essa Jóia do Pacífico, como a mais extraordinária das maravilhas criadas pelo gênio do homem.

Após os primeiros entusiasmos do desembarque, o cortejo dirige-se para o palácio do governador de Taiti.

Calistus Munbar, soberbo no traje de gala, que só enverga nos dias de cerimónia, convida o quarteto a segui-lo, e o quarteto acede pressuroso ao convite do superintendente.

O protetorado francês abrange não só a ilha de Taiti e a ilha Moorea, mas também os grupos circunvizinhos. O chefe é um comandante-comissário, tendo às ordens um ordenador, que dirige as diversas partes do serviço das tropas, da marinha, das finanças coloniais e

locais, e a administração judicial. O secretário-geral do comissário tem nas suas atribuições os negócios civis. Estão estabelecidos diversos residentes nas ilhas, em Moorea, em Fakarava das Pomotu, em Taio-Haé de Nouka-Hiva, e um juiz de paz que pertence à alçada das Marquesas. Desde 1861 que funciona uma comissão consultiva da agricultura e do comércio, a qual tem uma vez por ano sessões em Papeeté. Aí também residem a direção de artilharia e a chefatura de engenharia. Quanto à guarnição, compreende destacamentos de gendarmaria colonial, e de artilharia e de infantaria de marinha.

Um cura e um vigário, remunerados pelo Governo, e nove missionários, repartidos pelos diferentes grupos, mantêm o exercício do culto católico. Na verdade, podem parisienses julgar-se em França, num porto francês, e isso não é coisa que lhes possa ser desagradável.

Quanto às aldeias das diversas ilhas, são administradas por uma espécie de conselho municipal indígena, presidido por um tavana, acolitado por um juiz, um chefe mutoi e dois conselheiros eleitos pelos habitantes.

À sombra de belas árvores, encaminha-se o cortejo para o palácio do Governo. Por toda a parte coqueiros de um desenvolvimento soberbo, miros de folhagem rosada, aleurites, maciços de laranjeiras, de goiabeiras, de árvores de borracha, etc. Ergue-se o palácio no meio desta verdura, que mal lhe sobrepuja o largo telhado, adornado por encantadoras trapeiras. Apresenta um aspecto elegante bastante, com a sua fachada dividida em um rés-do-chão e um primeiro andar. Ali estão reunidos os principais funcionários franceses, e faz a guarda de honra a gendarmaria colonial.

O comandante-comissário recebe Cyrus Bikerstaff com amabilidade infinita, que certamente se lhe não teria deparado nos arquipélagos ingleses destas paragens.

Agradece-lhe o ter trazido Standard-Island às águas deste arquipélago. Espera que todos os anos se renove esta visita, lamentando muito que Taiti não possa retribuir-lha. Dura meia hora a entrevista, e fica combinado que Cyrus Bikerstaff espere no dia seguinte as autoridades no palácio da municipalidade.

— Tencionam demorar-se algum tempo em Papeeté? — pergunta o comandante-comissário.

— Uns quinze dias — responde o governador.

— Então terá o prazer de ver a divisão naval francesa, que chega lá para o fim da semana.

— Folgaremos, senhor comissário, em lhe fazer as honras da nossa ilha.

Cyrus Bikerstaff apresenta as pessoas do seu séquito, os seus adjuntos, o comodoro Ethel Simcoe, o comandante da milícia, os diversos funcionários, e os artistas do Quarteto Concertante, que foram acolhidos como era justo que o fossem por um compatriota.

Depois, houve alguma atrapalhação por causa dos delegados das secções de Milliard-City. Como fugir aos melindres de amor-próprio de Jem Tankerdon e de Nat Coverley, estas duas irritantes personagens, que tinham direito...

— De andar ambos ao mesmo tempo — observa Pinchinat, parodiando o famoso verso de Scribe.

A dificuldade é cortada pelo próprio comandante-comissário. Conhecendo a rivalidade dos dois célebres milliardenses, é tão perfeito de tacto, tão cheio de correção oficial, procede

com tamanha habilidade diplomática, que se passa tudo como se fora regulamentado pelo decreto de Messidor. Não sofre dúvida de que, em caso análogo, o chefe de um protetorado inglês teria deitado fogo ao rasilho no propósito de servir a política do Reino Unido. Nada disso acontece no palácio do comandante-comissário, e Cyrus Bikerstaff, encantado com o acolhimento que ele próprio recebeu, retira-se, seguido pelo seu cortejo.

É escusado dizer que Sebastião Zorn, Yvernés, Pinchinat e Frascaolin tinham ideia de deixar Atanásio Dorémus, já esbaforido, ir meter-se na sua casa da Vigésima Quinta Avenida. Eles tencionam, com efeito, passar em Papeeté o máximo espaço de tempo disponível, visitar os arrabaldes, fazer excursões aos principais distritos, percorrer as regiões da península de Tatarapu, esgotar, finalmente, até à derradeira gota esta Cabaça do Pacífico.

Este projeto está pois decididamente deliberado, e quando eles o comunicam a Calistus Munbar, o superintendente só pode dar-lhes plena aprovação.

— Mas — diz ele — não fariam mal se esperassem quarenta e oito horas antes de se porem a caminho.

— Porque não há-de ser hoje? — pergunta Yvernés, impaciente por lançar mão do bordão de turista.

— Porque as autoridades de Standard-Island vão prestar as suas homenagens à rainha, e convém que os senhores sejam apresentados a Sua Majestade, assim como à sua corte.

— E amanhã? — diz Frascaolin.

— Amanhã, vem o comandante-comissário do arquipélago pagar às autoridades de Standard-Island a visita que recebeu, e convém..

— Que nós estejamos presentes — acrescentou Pinchinat. — Pois está dito, senhor superintendente, lá estaremos.

Saindo do palácio do Governo, Cyrus Bikerstaff e o seu cortejo encaminharam-se para o palácio de Sua Majestade.

Um simples passeio à sombra do arvoredado, coisa de um quarto de hora de caminho, quando muito.

A mansão real fica muito agradavelmente situada no meio dos maciços verdejantes. É um quadrilátero de dois andares, cujo telhado, à imitação dos chalés, sobressai por cima de duas enfiadas de varandas sobrepostas.

Das janelas superiores pode a vista abranger as amplas plantações, que se alongam até à cidade, e além das quais se alarga um vasto sector de mar. Em suma, habitação encantadora, se não luxuosa, pelo menos confortável.

A rainha nada perdeu do seu prestígio, ao passar ao regime do protetorado francês. Se a bandeira francesa se desfralda na mastreação dos navios amarrados no porto de Papeeté ou surtos na enseada, nos edificios civis e militares da cidade, pelo menos o pavilhão da soberana baloiça acima dos seus paços as antigas cores do arquipélago — um paralelogramo de faixas vermelhas e brancas transversais, tendo no canto da tralha o Jack tricolor.

Foi em 1606 que Queirós tomou conhecimento da ilha de Taiti, à qual deu o nome de Sagitária.

Depois dele, Wallis em 1767, Bougainville em 1768, completaram a exploração do grupo. Por esta ocasião, reinava a rainha Oberea, e foi depois da morte desta soberana que

apareceu, na história da Oceânia, a célebre dinastia dos Pomares.

Pomaré I (1762-1780), tendo reinado sob o nome de Otoo, o Airão Negro, deixou-o para tomar o de Pomaré.

Seu filho Pomaré II (1780-1819) acolheu favoravelmente em 1797 os primeiros missionários ingleses, e converteu-se à religião cristã dez anos mais tarde. Foi essa uma época de lutas à mão armada, e a população do arquipélago decaiu gradualmente de cem mil a dezasseis mil habitantes.

Pomaré III, filho do precedente, reinou de 1819 a 1827, e sua irmã Aimata, a célebre Pomaré, a protegida do abominável Pritchard, nascida em 1812, fez-se rainha de Taiti e das ilhas vizinhas. Como não tivesse tido filhos de Tapoa, seu primeiro marido, repudiou-o para desposar Ariifaaite. Deste consórcio nasceu, em 1840, Arione, herdeiro presuntivo, falecido na idade de trinta e cinco anos. A partir do ano seguinte, a rainha deu quatro descendentes a seu marido, que era o homem mais belo do grupo, uma filha, Teriimaevarna, princesa da ilha Bora-Bora desde 1860, o príncipe Tamatoa, nascido em 1842, rei da ilha Raiatea, que foi derribado pelos súbditos revoltados contra a sua brutalidade, o príncipe Terii-tapunui, nascido em 1846, afectado de uma claudicação desgraciosa, e finalmente o príncipe Tuavira, nascido em 1848, que foi fazer a sua educação a França.

O reinado da rainha Pomaré não foi absolutamente tranquilo. Em 1835, os missionários católicos entraram em luta com os missionários protestantes. Expulsos a começo, foram reconduzidos por uma expedição francesa em 1838. Quatro anos depois, era aceito o protetorado da França por cinco chefes da ilha. Pomaré protestou, protestaram os Ingleses. O almirante Dupetit-Thouars proclamou a deposição da rainha em 1843, e expulsou Pritchard, sucessos que provocaram os recontros mortíferos de Mahena e de Rapepai Mas como o almirante fosse pouco mais ou menos desaprovado, como é sabido.

Pritchard recebeu uma indemnização de vinte e cinco mil francos, e o almirante Bruat recebeu a missão de levar os negócios a bom termo.

Taiti submeteu-se em 1846, e Pomaré aceitou o tratado de protetorado de 19 de Junho de 1847, conservando a soberania sobre as ilhas Raiatea, Huahine e Bora-Bora. Não deixou de haver um ou outro conflito. Em 1852, uma revolta destronou a rainha e chegou-se até a proclamar a república. Por fim, o Governo francês restabeleceu a soberana, a qual abandonou três das suas coroas: em favor do filho primogênito as de Raiatea e de Tahaa; em favor do segundo filho a de Huahine; em favor da filha a de Bora-Bora.

Atualmente, é uma das suas descendentes, Pomaré VI, quem ocupa o trono do arquipélago.

Frascolin justifica constantemente, pela sua condescendência, a qualificação de Larousse do Pacífico, com que o presenteou Pinchinat. Estes pormenores histórico-biográficos fornece-os ele aos colegas, afirmando sempre que vale muito conhecer a gente que se visita e com quem se fala. Yvernés e Pinchinat respondem que lhe acham razão em os documentar sobre a genealogia dos Pomaré, deixando Sebastião Zorn replicar que "bem se importa ele com isso".

Quanto ao vibrante Yvernés, esse impregna-se de todo em todo do encanto desta poética natureza taitiana. Voltam-lhe à memória as deliciosas narrativas das viagens de



Bougainville e de Dumont d'Urville. Não disfarça a sua comoção ao pensar que vai encontrar-se em presença dessa soberana da Nova Citera, de uma rainha Pomaré autêntica, de quem só o nome...

— Significa "noite de tosse" — responde-lhe Frascalín.

— Bonito! — exclama Pinchinat. — É como quem diz a deusa da constipação, a imperatriz do defluxo! Apanha, Yvernés, e não te esqueças do lenço!

Yvernés fica fulo com a réplica intempestiva daquele trocista; mas os outros riem com tanto gosto que o primeiro-violino acaba por quinhoar da hilaridade geral.

A recepção do governador de Standard-Island, das autoridades e da delegação dos notáveis faz-se com aparato. São prestadas as honras pelo mutoi, chefe da gendarmaria, ao qual se reuniram os auxiliares indígenas.

A rainha Pomaré anda pelos quarenta anos. Traja, assim como a família que a cerca, um vestuário de cerimónia rosa-pálido, cor predileta da população tai-tiana. Recebe os cumprimentos de Cyrus Bikerstaff com uma dignidade afável, se assim nos podemos exprimir, a qual não ficaria mal a uma majestade europeia. Responde graciosamente num francês muito correto, porque esta língua é corrente no arquipélago da Sociedade. Declara estar de há muito extremamente desejosa de conhecer essa Standard-Island, de que tanto se fala nas regiões do Pacífico, e espera que esta visita não será a última. Jem Tankerdon é objecto de um acolhimento particular da sua parte, o que não deixa de melindrar o amor-próprio de Nat Coverley. Explica-se, contudo, o facto por a família real pertencer ao protestantismo, e Jem Tankerdon ser a personagem mais notória da secção protestante de Standard-Island.

O Quarteto Concertante não é esquecido nas apresentações. A rainha digna-se afirmar aos seus membros que teria um grande júbilo em os ouvir e aplaudir. Eles inclinam-se respeitosa e, afirmando que estão às ordens de Sua Majestade, e o superintendente dará os passos necessários para que os desejos régios sejam realizados.

Em seguida à audiência, que se prolonga cerca de meia hora, prestam-se de novo à saída as honras dedicadas ao cortejo à sua entrada nos paços reais.

Tornam a Papeeté. Há uma paragem no clube militar, onde os oficiais preparam um lanche em honra do governador e da fina flor da população milliardense. Corre em jorros o champanhe, sucedem-se os brindes, e são seis horas quando as embarcações desatracam dos cais de Papeeté para voltarem a Tribord-Harbour.

E à noite, quando os artistas parisienses se encontram de novo na sala do Casino, exclama Frascalín:

— Temos um concerto em perspectiva.

Que havemos nós de tocar a Sua Majestade? Ela perceberá o Mozart ou o Beethoven?

— Toca-se Offenbach, Varney, Lecoq ou Audran! — responde Sebastião Zorn.

— Qual história! O que está indicado é um batuque!

— opina Pinchinat, abandonando-se ao desnalgar característico desta dança de pretos.

# CAPÍTULO 14

## FESTAS E MAIS FESTAS

A ilha de Taiti está destinada a tornar-se ponto de escala obrigado para Standard-Island. Todos os anos, antes de prosseguir na sua derrota, em direção ao trópico de Capricórnio, os seus habitantes se demoram nas paragens de Papeeté. Recebidos com simpatia pelas autoridades francesas, assim como pelas indígenas, mostram o seu reconhecimento abrindo de par em par as suas portas ou, antes, os seus portos. Afluem, portanto, militares e paisanos de Papeeté, percorrendo os campos, o parque, as avenidas, e nunca se dará por certo nenhum incidente que altere estas excelentes relações. Verdade seja que, à saída, a polícia do governador deve certificar-se de que a população não aumentou fraudulentamente pela intrusão de alguns taitianos, não autorizados a escolher domicílio no seu domínio flutuante.

Daí se segue que, por justa reciprocidade, se concede aos Milliardenses toda a latitude de visitar as ilhas do grupo, quando o comodoro Simcoe tocar numa ou noutra. Na previsão desta escala, algumas famílias ricas tiveram a ideia de alugar casas de campo nos subúrbios de Papeeté, e tomaram-nas com antecedência pelo telégrafo. Tencionam instalar-se nelas como os Parisienses se instalam nos arredores de Paris, com seus criados e as suas equipagens, a fim de ali viverem a vida dos proprietários, como turistas, como excursionistas e até como caçadores, se acaso tiverem um tal ou qual gosto pela caça.

Em suma, farão vilegiatura, sem terem nada a recear deste clima salubre, cuja temperatura varia de catorze a trinta graus, entre Abril e Dezembro, constituindo os outros meses do ano o Inverno do hemisfério austral.

Entre os notáveis que abandonam os seus palacetes pelas confortáveis habitações do campo taitiano, cumpre citar os Tankerdon e os Coverley. O Sr. Tankerdon e sua esposa, com seus filhos e suas filhas, mudam-se no dia seguinte para um chalé pitoresco, situado nas cumeeiras da ponta de Tatao. Os esposos Coverley, Miss Diana e suas irmãs substituem igualmente o seu palácio da Décima Quinta Avenida por uma deliciosa vila, perdida sob o arvoredado copado da ponta Vénus. Entre as habitações existe uma distância de muitas milhas, que a Walter Tankerdon se afigura acaso um pouco longa. Mas não está nas suas posses o aproximar estas duas pontas do litoral taitiano. Em todo o caso, há estradas para carruagens, em bom estado de conservação, que os põem em comunicação direta com Papeeté.

Frascolin faz notar a Calistus Munbar que, em vista de saírem da cidade, as duas famílias não poderão assistir à visita do comandante-comissário ao governador.

— Pois tanto melhor! — responde o superintendente, com o olhar aceso de finura diplomática. — Evitam-se assim os conflitos de amor-próprio. Se o representante da França fosse primeiro a casa dos Coverley, o que diriam os Tankerdon, e se fosse visitar os Tankerdon, o que diriam os Coverley? Cyrus Bikerstaff é que deve estar contente com essa dupla partida.

— Então não há nenhuma esperança de que a rivalidade dessas famílias acabe de vez? — pergunta Frascalín.

— Quem sabe? — responde Calistus Munbar. — Isso talvez que dependa apenas do amável Walter e da galante Diana...

— Mas não parece que até hoje esse herdeiro e mais essa herdeira... — observa Yvernés.

— Deixe-se disso! — replica o superintendente. — Basta uma ocasião, e, se o acaso a não fizer nascer, nós nos encarregaremos de substituir o acaso... em proveito da nossa ilha estremecida.

E Calistus Munbar executa sobre os calcanhares uma pirueta digna dos aplausos de Atanásio Dorémus, e que não seria repudiada por um marquês do grande século.

Na tarde de 20 de Outubro, o comandante-comissário, o ordenador, o secretário-geral e os principais funcionários do protetorado desembarcaram no cais de Tribord-Harbour. São recebidos pelo governador com as honras devidas à sua categoria. Rompem detonações nas baterias do Esporão e da Popa. Carros, embandeirados com as cores francesas e miliardenses, conduzem o cortejo à capital, onde as salas de recepção do palácio da municipalidade estão preparadas para a entrevista. No trânsito, lisonjeiro acolhimento da população, e, à entrada do palácio municipal, troca de alguns discursos oficiais que se mantêm numa duração aceitável.

Depois, visita ao templo protestante, à catedral católica, ao Observatório, às duas fábricas de energia eléctrica, aos dois portos, e por fim passeio circular nos tramways que percorrem o litoral. À volta, serve-se um lanche na sala grande do Casino. São seis horas quando o comandante-comissário e a sua comitiva tornam a embarcar para Papeeté, ao trovejar das baterias de Standard-Island, levando uma excelente recordação deste acolhimento.

No dia seguinte, 21 de Outubro, pela manhã, desembarcam os quatro parisienses em Papeeté. Não convidaram ninguém a acompanhá-los, nem mesmo o professor de prendas de sociedade, cujas pernas não aguentariam tão dilatadas peregrinações. Estão livres como o ar, colegiais em férias, felizes por calcarem aos pés um verdadeiro solo de rochas e de terra vegetal.

Em primeiro lugar, trata-se de visitar Papeeté. A capital do arquipélago é incontestavelmente uma linda cidade.

O quarteto folga a valer em vadiar, em madracear debaixo das belas árvores que ensombram as casas da praia, os armazéns da marinha, a manutenção e os principais estabelecimentos de comércio estabelecidos ao fundo do porto. Depois, subindo por uma das ruas que desembocam no cais, onde funciona um caminho de ferro americano, os nossos artistas aventuram-se pelo interior da cidade.

Aí, são largas as ruas, tão regularmente traçadas a cordel e esquadria como as avenidas de Milliard-City, entre jardins em pleno viço e em plena frescura. Mesmo a esta hora matinal, uma concorrência incessante de europeus e de indígenas, e esta animação, que será maior pelas oito horas da tarde, se prolongará por toda a noite. Os leitores bem compreendem que as noites dos trópicos, e especialmente as noites de Taiti, não são feitas para se passarem numa

cama, conquanto as camas de Papeeté se componham de uma rede de cordas feitas de filamentos de coco, de uma enxerga de folhas de bananeira, de um colchão de penachos de bômbax, sem falar dos mosquiteiros, que defendem quem dorme contra o ataque enervante dos mosquitos.

Quanto às casas, fácil é distinguir as europeias das taitianas. As primeiras, construídas quase todas de madeira, elevadas alguns pés sobre blocos de alvenaria, não deixam nada a desejar em comodidade. As segundas, raras bastante na cidade, disseminadas a capricho à sombra do arvoredo, são formadas de bambus travados e forradas de esteiras, o que as torna asseadas, arejadas e agradáveis.

Mas os indígenas?

— Os indígenas? — diz Frascalín aos colegas. — Não somos mais felizes aqui do que nas Sanduíche; nada de pôr a vista em cima desses dignos selvagens, que antes da conquista se regalavam ao jantar com uma costeleta humana e reservavam para o seu monarca os olhos de um guerreiro vencido, conforme a receita da cozinha taitiana!

— Esta só pela breca! Com que então já não há canibais na Oceânia! — exclama Pinchinat. — Não querem lá ver! E andamos nós milhares de milhas sem encontrarmos um que fosse, para amostra!

— Paciência! — aconselha o violoncelista, agitando no ar a dextra, como o Rodin dos Mistérios de Paris— —, paciência!

Talvez que a gente ainda venha a encontrar mais que os precisos para satisfazer a tua parva curiosidade!

Mal sabia ele como acertava!

Os Taitianos são de origem malaia, segundo todas as probabilidades, e dessa raça que eles designam pelo nome de Maore. Raiatea, a ilha Santa, supõe-se ter sido o berço dos seus reis, berço encantador, banhado pelas águas límpidas do Pacífico no grupo de Sotavento.

Antes da chegada dos missionários, compreendia três classes a sociedade de Taiti: a dos príncipes, personagens privilegiadas, às quais se reconhecia o condão de fazer milagres; os chefes ou proprietários da terra, que não gozavam de grande consideração e estavam subjugados pelos príncipes; depois, a arraia-miúda, que não possuía bens de raiz, ou, se algo possuía, não gozava nunca mais que o usufruto das suas fazendas.

Tudo isto se modificou desde a conquista, e mesmo antes dela, sob a influência dos missionários anglicanos e católicos. Mas o que não mudou foi a inteligência destes indígenas, o seu falar desembaraçado, o seu espírito galhofeiro, a sua coragem a toda a prova, a beleza do seu tipo. Os parisienses não se furtaram a admirá-la, tanto na cidade como no campo.

— Safa! Que belos mocetões! — dizia um.

— E que lindas moçoilas! — acrescentava outro.

Sim, homens de estatura acima da mediana, de tez acobreada, como impregnada pelo ardor do sangue, de formas admiráveis, tais como no-la conservou a estatuária antiga, uma fisionomia afável e atraente. São soberbos deveras os Maores, com os grandes olhos espertos, os lábios um tudo-nada grossos, finamente debuxados.

Hoje em dia a tatuagem de guerra tende a desaparecer com as ocasiões que dantes a tornavam necessária.

É certo que os mais ricos da ilha trajam à europeia, e apresentam-se ainda garbosamente com a camisa decotada, o jaquetão de pano rosa-pálido, as calças caindo sobre os botins. Mas não são estes que atraem as atenções do quarteto. Nada disso! Às calças do corte moderno preferem os nossos turistas o páreo de chita variegada, que cai em pregas desde a cinta até ao tornozelo, e, em vez do chapéu alto e mesmo do panamá, aquele toucado comum aos dois sexos, o hei, que se compõe de folhagem e de flores.

Quanto às mulheres, são ainda as poéticas e graciosas otaitianas de Bougainville, quer as pétalas brancas do tiare, espécie de gardênia, se misturem às madeixas negras soltas nos ombros, quer tapem a cabeça com esse chapéu leve, feito com a epiderme de um pimpolho de coqueiro, e "cujo nome suave de evareva parece provir de rêve (sonho)", declama Yvernés. Acrescente-se ao encanto deste vestuário, cujas cores, como as de um caleidoscópio, se modificam ao mínimo movimento, a graça do andar, a negligência das atitudes, a meiguice do sorriso, a penetração do olhar, a sonoridade harmoniosa da voz, e se perceberá o motivo por que apenas um repete:

— Safa! Que belos mocetões!

Os outros respondem em coro:

— E que ricas moçoilas!

Quando o Criador formou tipos tão maravilhosos, será possível que não pensasse em dar-lhes moldura digna deles? E que poderia ele imaginar de mais delicioso do que estas paisagens taitianas, cuja vegetação é tão pujante sob a influência das águas correntes e do orvalho copioso das noites?

Durante as suas excursões através da ilha e pelos distritos limítrofes de Papeeté, os parisienses não se cansam de admirar este mundo de maravilhas vegetais. Afastando-se da beira-mar, mais favorável à cultura, onde as florestas são substituídas por plantações de limoeiros, de laranjeiras, de araruta, de canas-de-açúcar, de cafezais, de algodoeiros, por campos de inhames, de mandioca, de anil, de milococo, aventuram-se pelos maciços densos do interior, na falta dos montes, cujos cumes apontam ao de cima da copa do arvoredado. Por toda a parte coqueiros elegantes, de uma esbeltez magnífica, miros ou pau-rosa, casuarinas ou pau-ferro, tiaris ou aleurites, purais, tamanas, ahis ou sândalos, goiabeiras, mangueiras, taças, cujas raízes são comestíveis, e também o soberbo taro, essa preciosa árvore-de-pão, de tronco alto, liso e branco, com as suas folhas largas, de um verde-escuro, entre as quais se agrupam grossos frutos de casca como cinzelada, e cuja polpa branca forma a alimentação principal dos indígenas.

A árvore mais comum, além do coqueiro, é a goiabeira, que se desenvolve até ao cume das montanhas ou pouco menos, e cujo nome é tuava em língua taitiana. Agrupa-se em florestas densas, ao passo que os purais formam umas moitas sombrias, donde custa deveras a sair, quando se tem a imprudência de se internar pelos seus meandros inextrincáveis.

Demais a mais, não há animais perigosos. O único quadrúpede indígena é um suíno, de espécie média entre o porco e o javali. Quanto aos cavalos e aos bois, esses foram importados para a ilha, onde prosperam também as ovelhas e as cabras. A fauna é, pois, muito menos rica do que a flora, mesmo com relação às aves. Pombas e alciones como nas Sanduíche. Répteis é coisa que não há, a não ser a centopeia e o escorpião. Pelo que respeita a insectos, há vespas

e mosquitos.

Os produtos de Taiti reduzem-se ao algodão, à cana-de-açúcar, cuja cultura se desenvolveu largamente com prejuízo do tabaco e do café, depois ao óleo de coco, à araruta, às laranjas, ao nácar e às pérolas.

No entanto, basta isto para alimentar um comércio importante com a América, a Austrália, a Nova Zelândia, com a China na Ásia, com a França e a Inglaterra na Europa, orçando por um valor de três milhões e duzentos mil francos de importação, contrabalançando por quatro milhões e meio de exportação.

As excursões do quarteto alongaram-se até à península de Tabaratu. Uma visita feita ao forte Fáeton põe-no em relação com um destacamento de soldados de marinha, que sentem grande júbilo em receber compatriotas.

Numa estalagem do porto, pertencente a um colono, Frascolin faz as coisas à grande. Aos indígenas dos arredores, ao mutoi do distrito, servem-se vinhos franceses, de que o digno estalajadeiro consente em desfazer-se por bom preço.

Em compensação, a gente do sítio oferece aos seus hóspedes os produtos da terra, cachos daquela espécie de bananeira chamada fei, de bela cor amarela, inhames preparados de uma forma suculenta, maior, que é o fruto da árvore-do-pão estufado num buraco cheio de seixos ardentes, e, finalmente, uma certa guloseima, de sabor acidulo, provindo do coco raspado, e que, sob o nome de taeiro, se conserva em talos de bambu.

Este lanche é muito alegre. Os convivas fumaram muitos centos dessas cigarrilhas feitas de uma folha de tabaco enxuta ao fogo e enrolada numa folha de pandano. A diferença é que, em vez de imitar os taitianos e as taitianas, que as passavam de boca em boca, depois de ter puxado algumas fumaças, os franceses contentavam-se em fumar à francesa. E quando o mutoi lhe ofereceu a sua, Pinchinat agradeceu-lhe com um "muito bem", cuja entoação patusca despertou a hilaridade dos assistentes.

No decurso destas excursões está bem de ver que os excursionistas não podiam pensar em voltar todas as noites para Papeeté ou para Standard-Island. Demais, em toda a parte, nas aldeias, nas habitações isoladas, entre os colonos, entre os indígenas, são eles recebidos com tanto afecto como bizarria.

Para ocupar o dia 7 de Novembro, formaram o projeto de visitar a ponta Vénus, excursão à qual não poderia furtar-se um turista digno deste nome.

Partem de madrugada, com todo o arreganho. Atravessam por uma ponte o lindo rio de Fantahua. Sobem o vale até chegarem a essa retumbante cascata, dupla em altura da do Niágara, mas infinitamente menos larga, que cai de setenta e cinco metros com um tumulto admirável. Chegam assim, seguindo a estrada que corre pela encosta da colina Taharahi, à beira-mar, a esse cabeço a que Cook deu o nome de cabo da Árvore, nome justificado nessa época pela presença de uma árvore isolada, atualmente morta de velhice. Uma avenida, plantada de essências magníficas, conduz, a partir da aldeia de Taharahi, ao farol, que se ergue na ponta extrema da ilha.

É neste sítio, a meia encosta de uma colina verdejante, que a família Coverley fixou a sua residência.

Não há nenhum motivo sério para que Walter Tankerdon, cuja vila se eleva longe, muito

longe, para além de Papeeté, alongue os seus passeios para a banda da ponta Vénus. Contudo, os parisienses dão com ele por ali. O mancebo transportou-se a cavalo, até aos arredores do cottage Coverley. Troca uma saudação com os turistas franceses e pergunta-lhes se tencionam voltar para Papeeté naquela mesma tarde.

— Não, Sr. Tankerdon — responde Frascalín. — Recebemos um convite de Mistress Coverley, e é provável que passemos a noite na vila.

— Então, meus senhores, até à vista! — replica Walter Tankerdon.

E parece que a fisionomia dele se toldou, embora nenhuma nuvem velasse nesse momento o Sol.

Em seguida esporeia o cavalo, e afasta-se a meio trote, depois de deitar um derradeiro olhar para a vila, que alveja por entre o arvoredos. Mas, também, porque é que reaparece o antigo negociante sob o opulentíssimo Tankerdon, e porque há-de ele aventurar-se a semear a discórdia nesta Standard-Island, que não foi criada para as inquietações do tráfico!

— Olhem lá! — diz Pinchinat. — Talvez que não se lhe desse de nos acompanhar, esse galhardo cavaleiro?

— Sim — acrescenta Frascalín —, e é evidente que o nosso amigo Munbar arrisca-se a ter razão! O rapaz vai-se safando com muita pena de não poder encontrar Miss Dy Coverley...

— O que prova que os biliões não dão a felicidade! — replica esse grande filósofo que dá pelo nome de Yvernés.

Durante a tarde e a noite, passam-se horas deliciosas no cottage com os Coverley. O quarteto encontra na vila o mesmo acolhimento que no palacete da Décima Quinta Avenida. Simpática reunião, à qual a arte se mistura muito agradavelmente. Faz-se música excelente, no piano, bem entendido. Mrs. Coverley decifra algumas partituras novas. Miss Dy canta como uma verdadeira artista, e Yvernés, que é dotado de uma bonita voz, casa o seu tenor com o soprano da formosa herdeira.

Não se sabe bem porquê, talvez que de caso pensado, Pinchinat insinua na conversação que os seus colegas e ele descobriram Walter Tankerdon a passear pelas vizinhanças da vila. Seria hábil da sua parte, e não valia mais ter-se calado? Não, e, se ali estivesse o superintendente, só poderia dar a sua aprovação a Sua Alteza. Um ligeiro sorriso, quase imperceptível, viu-se fulgir nos lábios de miss Dy, brilharam-lhe os olhos num lampejo, e, quando torna a cantar, parece que a sua voz se tornou mais penetrante.

Mrs. Coverley encara-a por um momento, contentando-se em dizer, enquanto o Sr. Coverley franze a testa:

— Não estás fatigada, filha?

— Não, minha mãe.

— E o Sr. Yvernés?

— Nem por sombras, minha senhora. Antes de nascer, por força fui menino do coro numa das capelas do Paraíso!

Acaba o sarau, e é quase meia-noite quando o Sr. Coverley julga que são horas de repousar um pouco.

No dia seguinte, encantado com esta recepção tão singela e cordial, o quarteto está de

volta para Papeeté.

A permanência em Taiti não deve durar mais de uma semana ainda. Segundo o itinerário, antecipadamente determinado, Standard-Island deve prosseguir na sua derrota para sudoeste. E por certo que nada teria assinalado esta última semana durante a qual os quatro turistas completaram as suas excursões, se não fosse um afortunado incidente ocorrido em 11 de Novembro.

Nessa manhã, dá-se sinal da esquadra francesa do Pacífico pelo posto semafórico da colina, que se eleva pela parte de trás de Papeeté.

Às 11 horas, um cruzador de primeira classe, o Paris, escoltado por dois cruzadores de segunda classe e por um aviso, surge na enseada.

Trocam-se de parte a parte as salvas regulamentares, e o contra-almirante, cujo guião flutua no Paris, desembarca com a sua oficialidade.

Depois dos tiros oficiais, a que as baterias do Esporão e da Popa juntam o seu trovejar simpático, o contra-almirante e o comandante-comissário das ilhas da Sociedade tratam logo de trocar sucessivamente as visitas da etiqueta.

É uma boa fortuna para os navios da divisão, para os oficiais e tripulações o chegarem à enseada de Taiti durante a estadia de Standard-Island. Novos ensejos de recepções e de festas. A Jóia do Pacífico abre-se aos mareantes franceses, que se apressam a ir admirar lhe as maravilhas. Durante quarenta e oito horas, os uniformes da marinha misturaram-se aos trajes milliardenses.

Cyrus Bikerstaff faz as honras do Observatório, o superintendente faz as honras do Casino e de outros estabelecimentos sob a sua dependência.

É nestas circunstâncias que ocorre a esse admirável Calistus Munbar uma ideia genial, cuja realização deve deixar recordações inolvidáveis. E esta ideia comunica-a ele ao governador, e o governador adopta-a, seguindo o parecer do Conselho dos Notáveis.

Sim! Decide-se uma grande festa para 15 de Novembro. O programa compreenderá um banquete de gala e um baile dados nas salas do palácio da municipalidade. Nessa altura já devem ter regressado à cidade os milliardenses em vilegiatura, visto que a partida deve refestelar-se dois dias depois.

As altas personagens das duas secções não faltarão, pois, a este festival em honra da rainha Pomaré, dos taitianos europeus ou indígenas e da esquadra francesa.

Calistus Munbar está encarregado de organizar esta festa, e há toda a razão de confiar tanto na sua imaginação como no seu zelo. O quarteto põe-se à sua disposição, e fica combinado que figure um concerto entre os números mais atraentes do programa.

Quanto aos convites, é ao governador que incumbe a missão de os distribuir.

Em primeiro lugar, Cyrus Bikerstaff vai pessoalmente rogar à rainha Pomaré, aos príncipes e às princesas da sua corte a honra de assistirem a esta festa, e a rainha digna-se responder por uma aceitação. Idênticos agradecimentos da parte do comandante-comissário e dos altos funcionários franceses, do contra-almirante e dos seus oficiais, que se mostram muito penhorados com esta amabilidade.

Em suma, expedem-se mil convites. Bem entendido que os mil convidados não devem sentar-se à mesa municipal. Não! Uma centena apenas: as pessoas reais, os oficiais da



divisão, as autoridades do protetorado, os funcionários superiores, o Conselho dos Notáveis e o alto clero de Standard-Island. Mas haverá no parque banquetes, jogos, fogos de artifício, o bastante para satisfazer a população.

O rei e a rainha de Malecária não foram esquecidos, está claro. Mas Suas Majestades, inimigas de todo o aparato, vivendo isolados na sua modesta residência da Trigésima Segunda Avenida, agradeceram ao governador um convite que sentiam não poder aceitar.

— Pobres soberanos! — diz Yvernés.

Chegado que foi o grande dia, embandeira-se a ilha com as cores francesas e taitianas, misturadas às cores milliardenses.

A rainha Pomaré e a sua corte, em traje de gala, são recebidas em Tribord-Harbour com detonações das duas baterias da ilha. A estas detonações respondem os canhões de Papeeté e os canhões da divisão naval.

Pelas seis horas da tarde, em seguida a um passeio pelo parque, toda esta luzida sociedade chega ao palácio municipal, soberbamente ornamentado.

Que bela perspectiva oferece a escadaria monumental, cada um de cujos degraus não custou menos de dez mil francos, como os do palácio Vanderbilt em Nova Iorque! E na esplêndida sala de jantar vão os convivas sentar-se às mesas do festim.

O código das precedências foi observado pelo governador com um tacto perfeito. Não haverá pretexto para o mais leve conflito entre as grandes famílias rivais das duas secções. Cada um fica contente com o lugar que lhe é distribuído, entre outros Miss Dy Coverley, que se encontra na frente de Walter Tankerdon. Basta isto ao juvenil herdeiro e à encantadora rapariga, e mais valia não os aproximar ainda mais.

É inútil dizer que os artistas franceses não têm também razão de queixa.

Colocando-os na mesa de honra, deram-lhes mais uma prova de estima e de simpatia pelos seus talentos e pelas suas pessoas.

Quanto ao cardápio deste memorável banquete, estudado, meditado, composto pelo superintendente, é ele a prova de que, mesmo no ponto de vista dos recursos culinários, Milliard-City nada tem que invejar à velha Europa.

Façam ideia, à vista desse menu, impresso em letras de ouro sobre papel velino por engenho de Calistus Munbar:

MENU Le potage à la l'Orléans La creme comtesse Le turbot à la Mornay Le flite de boeuf à la Napolitaine Les quenelles de volaille à la Viennoise Les mousses de foie gras à la Trévisé Soibets Les calles rôties sur canapé

La salade provençal Les petits pois à l'anglaise Bombe, macedoine, fruits Gâteaux varies Grissins au parmesan Vins Château d'Yquem — Château Margaux Chambrin — Champagne Liqueurs variées À mesa da rainha de Inglaterra, do imperador da Rússia, do imperador da Alemanha ou do presidente da República Francesa, porventura se acharam alguma vez combinações superiores para um menu oficial, e avantajar-se-iam a isto os chefes de cozinha mais em voga dos dois continentes?

Às nove horas, dirigem-se os convidados à sala do Casino para o concerto. O programa comporta quatro trechos escolhidos — quatro, nem mais um:

Quinto quarteto em lá maior: Op. 18, de Beethoven; Segundo quarteto em ré menor: Op.

10, de Mozart; Segundo quarteto em ré maior: Op. 64 (segunda parte), de Haydn; Duodécimo concerto em mi bemol, de Onslow.

Este concerto é um novo triunfo para os executantes parisienses, com tanta fortuna embarcados, pense lá o que quiser o renitente violoncelista. a bordo de Standard-Island!

Entrementes, europeus e estrangeiros tomam parte nos diversos jogos instalados no parque. Organizam-se bailes campestres nos relvados, e, força é confessá-lo, dança-se ao som dos harmônios, que são instrumentos muito em voga entre os naturais das ilhas da Sociedade. Ora os marinheiros franceses têm um fraco por este aparelho pneumático, e, como se deram muitas licenças de desembarque tanto no Paris como nos outros navios da divisão, as orquestras estão completas e os harmônios tocam que é mesmo um desespero. As vozes também se intrometem, e as canções de bordo respondem aos himerre, que são as cantigas populares e prediletas das populações oceânicas.

É sabido que os indígenas de Taiti, tanto homens como mulheres, têm um gosto pronunciado pelo canto e pela dança, em que se distinguem. Nessa noite, executam eles por várias vezes umas figuras de repauipa, que pode ser considerada como dança nacional, e cujo compasso é marcado a rufo de tambor. Depois os coreógrafos de todas as origens, indígenas ou estrangeiros, divertem-se que é um louvar a Deus, graças à excitação dos refrescos de toda a espécie, oferecidos pela municipalidade.

Ao mesmo tempo, bailes mais seletos e cerimoniais, sob a direção de Atanásio Dorémus, reúnem as famílias nas salas do palácio municipal. As damas miliardenses e taitianas fazem prodígios de toailete. Não é de admirar que as primeiras, freguesas fiéis das costureiras parisienses, eclipsam sem custo até as mais elegantes europeias da colonia. Jorram diamantes nas cabeças, nos ombros, no peito, e só entre elas é que a luta pode apresentar algum interesse. Mas quem ousaria pronunciar-se a favor de Mrs. Coverley ou de Mrs. Tankerdon, ambas deslumbrantes de adornos e pedrarias? Com certeza que não será Cyrus Bikerstaff, sempre tão meticoloso em manter perfeito equilíbrio entre as duas secções da ilha.

Na quadrilha de honra figuravam a soberana de Taiti e seu augusto esposo, Cyrus Bikerstaff e Mrs. Coverley, o contra-almirante e Mrs. Tankerdon, o comodoro Simcoe e a primeira dama de honor da rainha. Ao mesmo tempo, formam-se outras quadrilhas, em que se misturam os pares, consultando apenas os seus gostos e as suas simpatias. Todo esse conjunto é encantador. E, contudo, Sebastião Zorn conserva-se de parte, numa atitude se não de protesto, pelo menos de desdém, como os dois romanos rabugentos do famoso quadro da Decadência. Mas Yvernés, Pinchinat e Frascalín valsam, polcam, mazurcam, com as mais lindas taitianas e as mais deliciosas raparigas de Standard-Island. E quem sabe se, nessa noite, não ficaram decididos muitos casamentos no fim do baile, o que por certo ocasionaria um suplemento de trabalho aos empregados da administração civil?

E, por fim, qual foi a surpresa geral quando o acaso deu Walter Tankerdon por cavalheiro a Miss Coverley numa quadrilha? Seria o acaso, e não o teria auxiliado esse fino diplomata do superintendente por alguma engenhosa combinação? Em todo o caso, é esse o acontecimento do dia, talvez prenhe de consequências, se é que marca o primeiro passo para a reconciliação das duas poderosas famílias.

Depois do fogo de artifício, que é queimado no grande relvado, continuam as danças no

parque, no palácio da municipalidade, e prolongam-se até romper o dia.

Tal é esta memorável festa, cuja recordação se perpetuará através da longa e ditosa série de séculos que o futuro — assim é de esperar — reserva a Standard-Island.

Daí a dois dias, terminada a duração da escala, o comodoro Simcoe, logo de madrugada, transmite as ordens de aprontar para seguir viagem. A partida da ilha de hélice é saudada com detonações de artilharia, como o foi a chegada, e a ilha retribui as salvas, tiro por tiro, a Taiti e à divisão naval.

Costeiam-se assim os contornos pitorescos de Moorea, eriçada de picos soberbos, cujo cabeçaço central é furado de lado a lado, Raiatea. a ilha Santa, que foi o berço da realeza indígena, Bora-Bora, dominada por uma montanha de mil metros, depois as ilhotas Motu-Iti, Mapeta, Tubuai, Manu, anéis da cadeia taitiana, que se estende por estas paragens fora.

A 19 de Novembro, à hora em que o Sol declina no horizonte, somem-se as derradeiras cumeadas do arquipélago. Standard-Island faz então proa para o sudoeste — orientação que os aparelhos telegráficos indicam nas cartas dispostas nas vitrinas do Casino.

E quem observasse neste momento o capitão Sarol ficaria impressionado com o fogo sinistro dos seus olhares, com a expressão feroz da sua fisionomia, quando, com a mão ameaçadora, aponta aos seus malaios o caminho para as Novas Hébridas, situadas a mil e duzentas léguas para oeste!

## **FIM DA PRIMEIRA PARTE**

# **SEGUNDA PARTE**

## **DISTURBIOS NO PACIFICO**

# CAPÍTULO 1

## AS ILHAS DE COOK

HÁ seis meses que Standard-Island, tendo partido de Madeleine-bay, anda de arquipélago para arquipélago por meio do Pacífico. Nem um único acidente ocorreu no decurso da sua maravilhosa navegação. Nesta quadra do ano, as paragens da zona equatorial são serenas, sopram regularmente os alisados, ou ventos gerais, entre os trópicos. Além disso, quando se desencadeia alguma borrasca ou algum temporal, a base sólida que sustenta Milliard-City, os dois portos, o parque, o campo, não sofre o mínimo abalo. Passa a borrasca, abranda o temporal. Mal se deu por eles na superfície da Jóia do Pacífico.

O que haveria motivo de recear nestas condições era a monotonia de uma existência uniforme em demasia. Mas os nossos parisienses são os primeiros a concordar que tal não se dá. Neste imenso deserto do oceano sucedem-se os oásis — tais são os grupos que já se visitaram: as Sanduíche, as Marquesas, as Pomotu, as ilhas da Sociedade, tais os que se hão-de explorar antes de seguir derrota para o norte, as ilhas de Cook, as Samoa, as Tonga, as Fiji, as Novas Hébridas e porventura outras ainda. Outras tantas escalas variadas, outros tantos ensejos esperados, que permitirão percorrer esses países, tão interessantes no ponto de vista etnográfico.

Pelo que respeita ao Quarteto Concertante, como lhe ocorreria a ideia de se queixar, mesmo que lhe dessem tempo para isso?

Acaso pode considerar-se como isolado do resto do mundo? Não se fazem com toda a regularidade os serviços postais com os dois continentes? Não só os navios de petróleo trazem os seus carregamentos para as necessidades das fábricas quase em dias de antemão marcados, mas não decorre uma quinzena sem que os vapores descarreguem, em Tribord-Harbour ou em Babord-Harbour, provisões de todas as espécies, e também o contingente de informações e de notícias que entretém os ócios da população milliardense.

É escusado dizer que os honorários atribuídos aos artistas são pagos com pontualidade que demonstra os recursos inesgotáveis da Companhia. Caem-lhes nos bolsos milhares de dólares, que se vão acumulando a ponto de, ao expirar o contrato, eles deverem ficar ricos, riquíssimos. Nunca houve músicos que se vissem numa folia destas, e não lhes é lícita a saudade pelos resultados "relativamente medíocres" das suas excursões artísticas pelos Estados Unidos da América.

— Ora vamos a ver — perguntou um dia Frascolin ao violoncelista —, já te deixaste das tuas prevenções contra Standard-Island?

— Não — responde Sebastião Zorn.

— E, no entanto — observa Pinchinat —, lambemo-nos com grossa maquia quando a viagem acabar!

— Não basta ter maquia grossa, o caso é ter a gente a certeza de a levar consigo!

— E tu não tens a certeza?

— Não.

Que resposta se há-de dar a isto? E, contudo, nada havia a temer com respeito à tal maquia, por isso que o produto dos trimestres era remetido para a América em letras de câmbio, e arrecadado nos cofres do Banco de Nova Iorque.

Portanto, o melhor é deixar aquele cabeçudo incrustar-se nas suas desconfianças injustificáveis.

Com efeito, o futuro afigura-se mais que nunca assegurado. Parece que as rivalidades das duas secções entraram num período de apaziguamento. Cyrus Bikerstaff e os seus adjuntos têm razão para se congratularem por este facto.

O superintendente multiplica-se desde "o grande acontecimento do baile do palácio municipal". Sim! Walter Tankerdon dançou com Miss Dy Coverley. Deverá concluir daí que as relações entre as duas famílias estejam menos tensas? O que é certo é que Jem Tankerdon e os seus amigos já não falam em fazer de Standard-Island uma ilha industrial e mercantil. Enfim, na alta sociedade, conversa-se muito sobre o incidente do baile. Alguns espíritos perspicazes vêem nele uma aproximação, mais do que isso: uma conciliação, que porá termo às dissensões privadas e públicas.

E, a realizarem-se estas previsões, um rapaz e uma menina, certamente dignos um do outro, poderão ver levado a efeito o seu sonho mais fagueiro, assim nos julgamos no direito de o afirmar.

Não sofre dúvida que Walter Tankerdon não pôde ficar insensível aos encantos de Miss Dy Coverley. Esta inclinação já data de um ano. Em vista da situação, a ninguém confiou ele o segredo dos seus sentimentos. Adivinhou-o Miss Dy, compreendeu-o, ficou sensibilizada com esta discrição. Dar-se-ia o caso que ela visse claramente no próprio coração e porventura este coração estará prestes a responder ao de Walter? Seja como for, ela nada deixou transparecer. Manteve-se na reserva que lhe indicam a sua dignidade e o afastamento que uma pela outra manifestam as duas famílias.

Todavia, um observador perspicaz poderia reparar que Walter e Miss Dy nunca tomam parte nas discussões que se levantam por vezes, tanto no palacete da Décima Quinta Avenida como no da Décima Nona. Quando o intratável Jem Tankerdon se entrega a alguma diatribe fulminante contra os Coverley, seu filho curva a cabeça, cala-se, afasta-se. Quando Nat Coverley vocifera contra os Tankerdon, sua filha baixa os olhos, empalidece-lhe o rosto encantador, e ela procura desviar a conversação, sem o conseguir, verdade seja. Que os dois chefes de família nada tenham percebido, e é essa a sina comum dos pais a quem a natureza pôs uma venda nos olhos. Mas — pelo menos afirma-o Calistus Munbar — Mrs. Coverley e Mrs. Tankerdon é que já não estão nesse grau de cegueira.

Não é para não ver que as mães têm olhos, e este estado de alma de seus filhos é

objecto de constante apreensão, visto que é inaplicável o único remédio possível. No íntimo, elas bem sentem que, perante a inimizade dos dois rivais, perante o seu amor-próprio, constantemente melindrado por questões de precedência, não é admissível nenhuma reconciliação, nenhuma ligação... E, contudo, Walter e Miss Dy amam-se... Já de há muito que as duas mães o descobriram.

Já por mais de uma vez que o mancebo foi solicitado para fazer a sua escolha entre as donzelas casadoras da secção bombordense. Há-as ali encantadoras, perfeitamente educadas, numa situação de fortuna quase igual à dele, e cujas famílias estimariam deveras uma tal união. Seu pai a isso o induziu de uma forma bem terminante, assim como sua mãe, embora esta houvesse mostrado menos empenho. Walter recusou sempre, dando por pretexto o não sentir propensão nenhuma para o casamento. Ora o antigo negociante de Chicago faz-se surdo para estas lérias. Quem possui muitos centos de milhões de dote não deve ficar celibatário. Se acaso o filho não encontra em Standard-Island uma menina que lhe agrade — da sua classe, está bem de ver —, com a breca! Viaje, vá percorrer a Europa ou a América! Com o seu nome, a sua fortuna, não falando dos seus atractivos pessoais, só se verá abarbadado com o embaraço da escolha, muito embora lhe apeteça uma princesa de sangue imperial ou real! Assim se expressa Jem Tankerdon. Ora, de cada vez que o pai o colocou entre a espada e a parede, Walter sempre teve relutância em transpor a tal parede, para ir ao estrangeiro em cata de consorte. E como sua mãe lhe dissesse uma vez:

— Meu querido filho, então há aqui alguma menina que te agrada?

— Há, sim, minha mãe — respondeu ele.

E, como Mrs. Tankerdon não chegou a perguntar-lhe quem era a tal menina, ele não julgou oportuno nomeá-la.

Que uma situação análoga exista na família Coverley, que o antigo banqueiro da Nova Orleans deseja casar a filha com um dos rapazes que frequentam o palacete, cujas recepções estão muito em moda, é isso que não sofre dúvidas. Se nenhum deles lhe convém, nesse caso os pais podem levá-la ao estrangeiro... Visitarão a França, a Itália, a Inglaterra... A isto responde Miss Dy que prefere não sair de Milliard-City. Acha-se bem em Standard-Island. O que ela deseja é deixar-se ali ficar. O Sr. Coverley não deixa de ficar bastante inquieto com a resposta, cujo verdadeiro motivo lhe escapa.

Em todo o caso, Mrs. Coverley é bem de ver que formulou a sua filha uma pergunta tão directa como a de Mrs. Tankerdon a Walter, e é provável que Miss Dy não se abalançasse a responder com a mesma franqueza — a sua mãe que fosse.

Eis em que estado se acham as coisas. Desde que deixou de haver sombra de equívoco sobre a natureza dos seus sentimentos, se o rapaz e a linda herdeira cambiaram algumas vezes um olhar, nunca trocaram palavra. Quando se encontram, é só nos salões oficiais, nas recepções de Cyrus Bikerstaff, por ocasião de alguma cerimónia à qual os notáveis milliardenses não podem dispensar-se de assistir, quando mais não seja para manterem a sua posição social. Ora, nestas circunstâncias, Walter Tankerdon e Miss Dy Coverley observam uma completa reserva, visto acharem-se num terreno em que a mínima imprudência poderia produzir consequências desagradáveis.

Calcule-se, pois, o efeito produzido após o extraordinário incidente que assinalou o



baile do governador, incidente em que os espíritos inclinados ao exagero quiseram ver um escândalo, e sobre o qual a cidade inteira se fartou de dar à língua no dia seguinte. Quanto à causa que o provocou, não há nada mais simples. O superintendente convidara... Miss Coverley para dançar... desapareceu ao começar a quadrilha — o espertalhão! Walter Tankerdon apresentou-se em lugar dele, e a rapariga aceitou-o para par...

Que em seguida a este facto tão considerável na alta sociedade de Milliard-City tivesse havido explicações de uma e de outra parte, é até certíssimo.

O Sr. Tankerdon por força que interrogou seu filho, e o Sr. Coverley sua filha a tal respeito. Mas que respondeu Miss Dy? Que respondeu Walter? Porventura intervieram Mrs. Tankerdon e Mrs. Coverley, e qual foi o resultado desta intervenção? Com toda a sua perspicácia de furão, com toda a sua finura diplomática, Calistus Munbar não conseguiu sabê-lo. Por isso, quando Frascolin o interroga sobre o caso, ele nada mais faz do que responder com um piscar do olho direito, o que nada significa, visto que ele não sabe absolutamente nada. O que é digno de reparo é que, desde esse dia memorável, quando Walter encontra Mrs. Coverley e Miss Dy no passeio, inclina-se respeitosamente, e as duas senhoras correspondem ao cumprimento.

A acreditar-se no superintendente, é esse um passo imenso, "uma grande pernada a caminho do futuro!"

Na manhã de 25 de Novembro, ocorre um facto marítimo, que nada tem com a situação das duas famílias preponderantes da ilha de hélice.

Ao nascer do dia, as vigias do Observatório dão sinal de alguns navios de alto bordo, que seguem no rumo de sudoeste. Estes barcos navegam em linha, mantendo as distâncias. Não pode ser senão a divisão de uma das esquadras do Pacífico.

O comodoro Simcoe previne telegraficamente o governador, e este dá ordem para salvar a esses navios de guerra.

Frascolin, Yvernés e Pinchinat dirigem-se para a torre do Observatório, com desejo de assistir à troca de cumprimentos internacionais.

Assestam-se os óculos para os navios, em número de quatro, a cinco ou seis milhas de distância. No penol não há bandeira desfraldada, e não é possível reconhecer-se-lhes a nacionalidade.

— Não há nada que indique a que marinha pertencem? — pergunta Frascolin ao oficial.

— Não — responde este —, mas pela aparência, não se me dava de apostar que são de nacionalidade britânica. Demais a mais, nestas paragens não se encontram divisões de esquadra que não sejam inglesas, francesas ou americanas.

Em todo o caso, ficaremos certos quando eles se aproximarem uma ou duas milhas.

Os navios seguem com velocidade muito moderada, e, a não mudarem de rumo, devem passar a poucas amarras de Standard-Island.

Um certo número de curiosos vai para a bateria do Esporão, donde segue com interesse o andamento dos navios.

Passada uma hora, acham-se eles a menos de duas milhas. São cruzadores de antigo modelo, armados com três mastros, muito superiores de aspecto a esses navios modernos, reduzidos a uma mastreação militar. Dos seus amplos canos escapam-se volutas de vapor, que

a brisa de oeste varre até aos extremos confins do horizonte.

Quando estão apenas a milha e meia, o oficial pode afirmar sem receio que eles constituem a divisão britânica do Pacífico Oeste, onde alguns arquipélagos, os de Tonga, de Samoa, de Cook, são possuídos pela Grã-Bretanha ou colocados sob o seu protetorado.

O oficial está prestes a içar o pavilhão de Standard-Island, cujo filete, ornamentado com um sol de ouro, há-de desfraldar-se livremente à brisa. Espera-se que o navio almirante cumprimente.

Decorrem uns dez minutos.

— Se são ingleses — observa Frascaolin — , não mostram grande empenho em ser delicados!

-Que queres? — responde Pinchinat.-John Buli tem quase sempre o chapéu aparafusado à cabeça, e o desaparafusá-lo é uma operação que leva tempo deveras.

O oficial encolhe os ombros.

— Bem se vê que são ingleses — diz ele. — Conheço-os de sobra, não cumprimentam.

Com efeito, na mezena do navio chefe não aparece bandeira nenhuma. A divisão passa, fazendo tanto caso da ilha de hélice como se ela não existisse. E, afinal de contas, com que direito existe ela? Com que direito vem ela servir de pejamento nestas paragens do Pacífico? Por que motivo é que a Inglaterra lhe concederia atenção, se nunca cessou de protestar contra a fabricação desta enorme máquina, que, com risco de produzir abalroamentos, se desloca por estes mares e corta as derrotas marítimas?

A divisão afastou-se como um sujeito mal-educado, que se recusa a reconhecer as pessoas nos passeios de Regent-street ou de Strand, e o pavilhão de Standard-Island permanece arriado na base do respectivo pau.

Fácil é calcular por que maneira, na cidade, nos portos, se trata essa altiva Inglaterra, essa pérfida Albion, essa Cartago dos tempos modernos. Toma-se a resolução de nunca mais corresponder a um cumprimento britânico, se acaso lhe fizerem — o que está fora de todas as hipóteses.

— Que diferença com a nossa esquadra, por ocasião de ela chegar a Taiti! — exclamou Yvernés.

— É que os Franceses — replica Frascaolin — são sempre de uma polidez...

— Sostenuta con espressione! — acrescenta Sua Alteza, batendo o compasso com toda a graciosidade.

Na manhã de 29 de Novembro, as vigias reconhecem as primeiras alturas do arquipélago de Cook, situado por 20° de latitude sul e 160° de longitude oeste. Baptizado com os nomes de Mangia e de Harvey, e depois com o nome de Cook, que a ele aportou em 1770, compõe-se este arquipélago de várias ilhas, como Mangia, Raro-tonga, Watim, Mittio, Hervey, Palmerston, Hagemeister, etc. A sua população, de origem maore, desceu de vinte mil a doze mil habitantes. É formada de malaios da Polinésia, que os missionários europeus converteram ao cristianismo. Estes ilhéus, muito aferrados à sua independência, têm sempre resistido à invasão estrangeira. Julgam-se ainda senhores da sua terra, embora pouco a pouco se vão dispondo a sofrer a influência protetora — sabe-se o que isto significa — do Governo da Austrália inglesa.

A primeira ilha que se avista do grupo é Mangia, a mais importante e a mais povoada — verdadeiramente a capital do arquipélago. O itinerário inclui uma demora de quinze dias nesta ilha.

Será finalmente neste arquipélago que Pinchinat trará conhecimento com os selvagens a valer, esses selvagens à moda de Robinson Crusóé, que ele anda farto de procurar debalde nas Marquesas, nas ilhas da Sociedade e de Nouka-Hiva? A sua curiosidade de parisiense ficará afinal satisfeita? Depararão com canibais absolutamente autênticos, tendo já dado as suas provas?

— Meu velho Zorn — diz ele nesse dia ao colega —, se aqui não há antropófagos, já os não há em parte nenhuma!

— Eu podia responder-te: que tenho eu com isso? — replica o ouriço do quarteto. — Mas prefiro perguntar-te: porque pensas isso?

— Porque uma ilha que se chama "Mangia" não pode ser habitada senão por canibais.

E Pinchinat mal tem tempo de se furtar ao murro que merece a sua abominável graça.

Em todo o caso, que haja ou que não haja antropófagos em Mangia, Sua Alteza não terá possibilidade de entrar em comunicação com eles.

Com efeito, quando Standard-Island chega a uma milha de Mangia, apresenta-se no pier de Tribord-Harbour uma piroga que saiu do porto. Traz o ministro inglês, simples pastor protestante, o qual, mais que os chefes mangianos, exerce a sua importuna tirania no arquipélago. Nesta ilha, que mede trinta milhas de circuito, povoada de quatro mil habitantes, cuidadosamente cultivada, rica em plantações de taros, em campos de araruta e de inhames, é este reverendo que possui as melhores terras. É dele a mais confortável habitação de Ouchora, capital da ilha, no sopé de uma colina erichada de árvores-de-pão, de coqueiros, de mangueiras, de pimenteiras, não falando de um vergel florido, onde desabrocham, entre outras, as gardonianas e as peônias. O poder do ministro inglês firma-se nos mutois, polícias indígenas, que formam uma esquadra perante a qual se curvam Suas Majestades mangianas. Esta polícia proíbe o trepar às árvores, a caça e a pesca aos domingos e dias santificados, o passear depois das nove horas da noite, a compra de objecto de consumo por preços diferentes dos arbitrariamente taxados, tudo sob pena de multas pagas em piastras — cada piastra vale cinco francos —, as quais vão quase na totalidade para as algibeiras do pouco escrupuloso reverendo.

Quando este homenzinho, gorducho e atarracado, desembarca, o oficial do porto adianta-se ao encontro dele, e trocam-se as saudações.

— Em nome do rei e da rainha de Mangia — diz o inglês —, apresento os cumprimentos de Suas Majestades a Sua Excelência o governador de Standard-Island.

— Estou encarregado de os receber e agradecer, senhor ministro — responde o oficial —, enquanto o nosso governador não vai pessoalmente apresentar os seus respeitos...

— Sua Excelência será bem recebido — diz o ministro, cuja fisionomia bisbilhoteira é realmente uma amálgama de astúcia e de avidez.

Depois continua em tom açucarado:

— O estado sanitário de Standard-Island não deixa nada a desejar, suponho eu?

— Nunca foi melhor.

— No entanto, podia muito bem suceder que aparecessem algumas moléstias epidêmicas — influenza, tifo, bexigas...

— Nem sequer a coriza, senhor ministro. Queira portanto dar-nos carta limpa, e, logo que tomemos o nosso pouso de escala, se estabelecerão em condições regulares as comunicações com Mangia...

— É que...-respondeu o reverendo, não sem uma certa hesitação —, se houve moléstias...

— Repito-lhe que não há sombra delas.

— Então os habitantes de Standard-Island tencionam desembarcar?

— Sim... como têm feito nos outros grupos de Leste.

— Muito bem... muito bem...-responde o gorducho.— Fiquem certos de que serão acolhidos às mil maravilhas, contanto que nenhuma epidemia...

— Nenhuma, já lhe disse.

— Então que desembarquem... em grande número... Os habitantes hão-de recebê-los de braços abertos, porque os Mangianos são hospitaleiros... Mas cumpre-me preveni-los...

— De quê?

— De que Suas Majestades, de acordo com o Conselho dos Chefes, decidiram que em Mangia, assim como nas outras ilhas do arquipélago, os estrangeiros teriam de pagar um imposto de desembarque.

— Um imposto?

— Sim... duas piastras... Pouco é, como vê... duas piastras cada pessoa que puser os pés na ilha.

Evidentemente, é o ministro o autor desta proposta, que o rei, a rainha e o Conselho dos Chefes aceitaram com avidez, reservando uma avultada percentagem para Sua Excelência.

Como nos grupos do Pacífico Oriental nunca se houvesse pensado em semelhantes impostos, o oficial do posto não deixou de expressar a sua surpresa.

-Isso é sério? — pergunta ele.

— Seríssimo — afirma o ministro —, e a não se pagarem essas duas piastras, a ninguém poderemos permitir...

— Bem, bem!-responde o oficial.

Depois, cumprimentando Sua Excelência, dirige-se à estação telefônica e transmite ao comodoro a tal proposta.

Ethel Simcoe põe-se em comunicação com o governador. Porventura convém que a ilha de hélice se demore defronte de Mangia, em vista das pretensões tão formais quanto injustificadas das autoridades mangianas?

Não se faz esperar a resposta. Depois de conferenciar sobre o caso com os seus adjuntos, Cyrus Bikerstaff recusa submeter-se a esses impostos vexatórios. Standard-Island não fará escala nem diante de Mangia nem em nenhuma das outras ilhas do arquipélago. O sôfrego reverendo ficará corrido mais a sua proposta, e os Milliardenses seguirão para as paragens próximas, a visitar indígenas menos ávidos e menos exigentes.

Transmite-se, pois, aos maquinistas a ordem de soltar as rédeas aos seus milhões de cavalos-vapor, e aqui está como Pinchinat ficou privado do prazer de apertar a mão a dignos

antropófagos, caso os houvesse. Mas console-se! Os habitantes das ilhas de Cook já não se devoram uns aos outros, sabe Deus com que pesar!

Standard-Island segue derrota pelo amplo braço de mar que se prolonga até à aglomeração das quatro ilhas que ficam de enfiada ao norte. Aparece uma porção de pirogas, umas de construção e de aparelho bastante finos, as outras simplesmente cavadas num tronco de árvore, mas tripuladas por pescadores arrojados, que se aventuram à caça das baleias, tão numerosas por estes mares.

Estas ilhas são muito viçosas, muito férteis, e compreende-se que a Inglaterra lhes impusesse o seu protetorado, enquanto as não inclui no número das suas propriedades do Pacífico. À vista de Mangia, puderam distinguir-se-lhe as costas fragosas, guarnecidas de um bracelete de coral, rebocadas de uma cal viva, que é extraída das formações coralígenas, as colinas atapetadas da verdura fosca das essências tropicais, e cuja altitude não excede duzentos metros.

No dia seguinte, o comodoro Simcoe reconheceu Rarotonga pelos seus montes arborizados até às cumeadas. No centro, pouco mais ou menos, aponta a mil e quinhentos metros um vulcão, cujo pico emerge duma mata espessa. Por entre os maciços sobressai um edifício alvejante, de janelas góticas. É o templo protestante, edificado no meio de grandes florestas de mapés, que descem até à beira-mar. As árvores, de troncos caprichosos, são corcovadas, amolgadas, tortas, como as macieiras velhas da Normandia ou as velhas oliveiras da Provença.

Talvez que o reverendo que dirige as consciências de Rarotonga, de meias com o diretor da Sociedade Alemã Oceânica, nas mãos da qual se concentra todo o comércio da ilha, não tenha estabelecido impostos sobre os estrangeiros, a exemplo do seu colega de Mangia? Talvez que os Milliardenses pudessem, sem alargar os cordões à bolsa, ir apresentar os seus respeitos às duas rainhas que ali disputam a soberania, uma na aldeia de Arognani, outra na aldeia de Avarua? Mas Cyrus Bikerstaff é que não julga conveniente surgir nesta ilha, e é aprovado pelo Conselho dos Notáveis, habituados a serem recebidos como reis que viajam. Em suma, quem fica a chuchar no dedo são os indígenas, dominados por anglicanos desastrados, por isso que os nababos de Standard-Island têm as algibeiras recheadas e as mãos pródigas.

Ao descair do dia, já não se vê mais do que o pico do vulcão, erguendo-se no horizonte como um ponteiro enorme. Miríades de aves marinhas embarcaram sem licença e pairam por cima de Standard-Island; mas, logo que chega a noite, fogem rapidamente para as ilhotas, batidas incessantemente pelas vagas ao norte do arquipélago.

Convoca-se então uma reunião presidida pelo governador, na qual se propõe uma modificação do itinerário. Standard-Island atravessa umas paragens onde predomina a influência inglesa. Continuar a navegar para oeste, pelo paralelo de vinte graus, conforme se decidira, o mesmo é que soltar o rumo para as ilhas Tonga, para as ilhas Fiji.

Ora o que se passou nas ilhas Cook não é já muito animador. Não conviria antes aproximarem-se da Nova Caledônia, do arquipélago de Loyalty, possessões onde a Jóia do Pacífico será recebida com toda a urbanidade francesa? Depois, passado que fosse o solstício de Dezembro, voltar-se-ia francamente para as zonas equatoriais. É verdade que isso era

afastarem-se dessas Novas Hébridas, onde é preciso repatriar os náufragos do ketch mais o seu capitão...

Durante esta deliberação a propósito do novo itinerário, os malaios deram mostras de uma inquietação aliás explicável, visto que, adoptada a modificação, mais difícil será o repatriá-los. O capitão Sarol não pode disfarçar o seu desapontamento, digamos até a sua cólera, e quem o ouvisse falar com os seus homens por certo que acharia mais que suspeita a sua irritação.

— Não querem ver esta? — repetia ele. — Desembarcarem-nos em Loyalty... ou na Nova Caledônia! E os nossos amigos que nos esperam em Erromango! E o nosso plano tão bem preparado nas Novas Hébridas! Querem ver que nos foge das mãos este rico ensejo?

Por fortuna para os malaios —, por desgraça para Standard-Island— o projeto de mudança de itinerário não é admitido. Os notáveis de Milliard-City não gostam que tragam modificações aos seus hábitos. Continuará a viagem, na conformidade do programa determinado à saída da baía Madalena. A única diferença é que, para substituir a demora de quinze dias, que devia fazer-se nas ilhas de Cook, resolvem dirigir-se para o arquipélago de Samoa, subindo para nordeste, antes de se aproximarem do grupo das ilhas Tonga.

E quando se dá a conhecer esta decisão os malaios não podem dissimular o seu contentamento...

Afinal de contas, não há nada mais natural. Não é razoável que eles se regozijem por o Conselho dos Notáveis não renunciar ao projeto de os repatriar nas Novas Hébridas?

# CAPÍTULO 2

## DE ILHAS PARA ILHAS

Se o horizonte de Standard-Island parece estar por um lado mais sereno, desde que são menos tensas as relações entre os Estibordenses e os Bombordenses, se estas melhoras são devidas ao sentimento que Walter Tankerdon e Miss Dy Coverley experimentam um pelo outro, se, finalmente, o governador e o superintendente têm motivos para crer que o futuro nunca mais será comprometido por dissensões intestinas, a Jóia do Pacífico nem por isso está menos ameaçada na sua existência, e difícil lhe é poder escapar à catástrofe preparada com grande antecedência. À medida que se efetuar o seu deslocamento para oeste, aproxima-se das paragens onde é certa a sua destruição, e o autor desta maquinação criminosa não é outro senão o capitão Sarol.

Com efeito, não foi uma circunstância fortuita que conduziu os malaios ao grupo das Sanduíche. Foi só para esperar a chegada de Standard-Island, na época da sua visita anual, que o ketch tocou em Honolulu. Segui-la depois da partida, navegar nas suas águas, sem despertar suspeitas, fazer com que recolham como náufragos a ele e aos seus, visto que não puderam ser admitidos como passageiros, e então, sob pretexto de ser repatriado, dirigi-la para as Novas Hébridas, tal foi o verdadeiro intento do capitão Sarol.

Sabe-se como se pôs em execução a primeira parte deste plano. A colisão do ketch era imaginária.

Nenhum navio abalroou com ele nas proximidades do equador. Foram os próprios malaios que abriram água no seu barco, mas de maneira que ele pudesse manter-se a nado até o momento em que chegassem os socorros pedidos por meio de tiros e de maneira também que ficasse prestes a ir a pique, quando a embarcação de Tribord-Harbour houvesse recolhido a tripulação. Desde esse momento, não haveria que suspeitar do abalroamento, não se contestaria a qualidade de náufragos a mareantes cujo navio acabava de soçobrar, e não haveria remédio senão conceder-lhes asilo.

É verdade que talvez o governador se recusasse a conservá-los a bordo. Talvez resolvessem desembarcá-los no arquipélago mais próximo... Era uma cartada a jogar, e o capitão Sarol sujeitou-se à sorte. Mas, depois do parecer favorável da Companhia, tomou-se a resolução de conservar os náufragos do ketch e de os conduzir até à vista das Novas Hébridas.

Assim se passaram as coisas. Há já quatro meses que o capitão Sarol mais os dez malaios se demoram com plena liberdade na ilha de hélice. Tiveram tempo de sobra para a explorar em todos os sentidos, para lhe penetrar todos os segredos, e não perderam para isso um único ensejo. Vai correndo tudo à medida dos seus desejos. Por um momento, tiveram razão de temer que fosse modificado o itinerário pelo Conselho dos Notáveis, e foi tamanha a sua inquietação que chegaram a correr o risco de se tornarem suspeitos! Felizmente para os seus projeto, o itinerário não sofreu nenhuma alteração.

Mais três meses decorridos, e Standard-Island chegará às paragens das Novas

Hébridas, onde deve produzir-se uma catástrofe como igual nunca haverá nos sinistros marítimos.

É perigoso para os navegadores este arquipélago das Novas Hébridas, não só por causa dos escolhos disseminados pelas suas circunvizinhanças, pelas trovoadas que por ali se propagam, mas também em consequência da ferocidade nativa de uma parte da população.

Desde a época em que Queirós o descobriu em 1606, depois de ter sido explorado por Bougainville, em 1768, e por Cook, em 1773, foi este arquipélago teatro de morticínios monstruosos, e acaso a sua péssima reputação tende a justificar os receios de Sebastião Zorn sobre o final desta expedição marítima de Standard-Island. Canacas, papuas, malaios, andam ali de mistura com negros australianos, pérfidos, cobardes, refractários a todas as tentativas de civilização. Algumas ilhas deste grupo são verdadeiros ninhos de piratas, e os habitantes vivem apenas do latrocínio.

O capitão Sarol, malaio de origem, pertencente a esse tipo de pechilingues, baleeiros, carregadores de sândalo, negreiros, que, conforme observou o médico Hagon por ocasião da sua viagem às Novas Hébridas, infestam estas paragens. Audacioso, empreendedor, habituado a correr os arquipélagos suspeitos, muito prático no seu ofício, tendo-se por mais de uma vez encarregado de dirigir expedições sanguinolentas, este Sarol não faz agora a sua estreia, e as suas proezas já lhe têm dado celebridade nesta parte do Pacífico Oeste.

Ora, meses antes, o capitão Sarol e os seus companheiros, tendo por cúmplice a sanguinária população da ilha Erromango, uma das Novas Hébridas, prepararam um lance que lhes permitirá, caso tenha bom êxito, irem viver à laia de homens de bem em qualquer parte que lhes aprouver. Conhecem de reputação esta ilha de hélice que, desde o ano precedente, anda de passeio entre os dois trópicos. Mas, como ela não deve alongar-se tanto para oeste, trata-se de atraí-la às alturas desta selvática Erromango, onde tudo está prestes para levar a cabo a sua completa destruição.

Por outra parte, embora reforçados pelos naturais das ilhas próximas, estes neo-hebridenses devem contar com a sua inferioridade numérica em vista da população de Standard-Island, não falando nos meios de defesa de que ela dispõe. Por isso, não é ideia deles o atacá-la no mar, como um simples navio mercante, nem lançar-lhe à abordagem uma flotilha de pirogas. Graças aos sentimentos de humanidade que os malaios tiveram a habilidade de explorar, sem despertar a mínima suspeita, Standard-Island se acercará das paragens de Erromango... Surgirá à distância de poucas amarras... Milhares de indígenas a invadirão de surpresa... Atirarão com ela para cima das rochas... Aí se fará em pedaços... Ficarão entregue à pilhagem, à mortandade... Realmente, esta maquinação tenebrosa tem probabilidades de êxito. Em premio da hospitalidade que concederam ao capitão Sarol e aos seus cúmplices, os Milliardenses encaminham-se para uma catástrofe suprema.

A 9 de Dezembro, o comodoro Simcoe atinge o meridiano dos cento e setenta e um graus, na intersecção com o paralelo dos quinze. Entre este meridiano e o dos cento e setenta e cinco fica o grupo das Samoa, visitado por Bougainville em 1768, por La Pérouse em 1787, por Edwards em 1791.

A ilha Rose é a primeira que se marca ao noroeste, ilha desabitada, que nem sequer merece a honra de uma visita.



Dois dias depois, reconhece-se a ilha Manua, flanqueada pelos dois ilhéus de Olosaga e de Ofu. O seu ponto culminante eleva-se a setecentos e sessenta metros acima do nível do mar. Conquanto conte cerca de dois mil habitantes, não é a mais interessante do arquipélago, e o governador não dá ordem de paragem ali. Mais vale demorarem-se uns quinze dias nas ilhas Tutuila, Upolu e Savai, as mais formosas do grupo, que é formoso entre todos. Manua goza contudo de certa celebridade nos anais marítimos. Efetivamente, foi no seu litoral, em Ma-Oma, que pereceram muitos dos companheiros de Cook, no fundo de uma baía à qual ficou o nome, de sobra justificado, de baía do Massacre.

Umhas vinte léguas separam Manua de Tutuila, sua vizinha. Standard-Island aproxima-se dela durante a noite de 14 para 15 de Dezembro. Nessa noite, o quarteto, que passeia pelas proximidades da bateria do Esporão, cheirou-lhe a esta Tutuila, conquanto ela esteja ainda a uma distância de muitas milhas.

O ar está embalsamado pelos mais deliciosos perfumes.

— Isto não é uma ilha — exclama Pinchinat —, é o armazém de Piver... é a fábrica de Lubin... é uma loja de perfumista da moda...

— Se a Sua Alteza não vê nisso inconveniente — observa Yvernés —, prefiro que a compares a uma caçoila...

— Pois seja uma caçoila! — exclama Pinchinat, que não quer contrariar os adejos poéticos do colega.

E, na verdade, é como se uma corrente de eflúvios perfumados fosse trazida pela brisa à superfície destas águas admiráveis. São as emanações dessa essência tão penetrante, a que os canacas samoanos deram o nome de mussooi.

Ao nascer do Sol, Standard-Island contorna Tutuila a seis amarras da costa setentrional. Parece um açafate verdejante, ou antes, uma sobreposição de florestas, que se desenvolvem até às últimas cumeadas, a mais alta das quais excede mil e setecentos metros. Precedem-na algumas ilhotas, entre outras a de Anuu. Vagam pressurosas a fazer escolta à ilha de hélice alguns milhares de pirogas elegantes, guarnecidas por vigorosos indígenas seminus, manejando os remos ao compasso dois por quatro de uma canção samoana. Cinquenta a sessenta remadores não é conta exagerada para estas compridas embarcações, de uma solidez que lhes permite frequentar o mar alto. Os nossos parisienses compreendem então porque é que os primeiros europeus deram a estas ilhas o nome de arquipélago dos Navegadores. Em suma, o seu verdadeiro nome geográfico é Hamoa, ou, de preferência, Samoa.

Savai, Upolu e Tutuila, escalonadas de noroeste para sueste, Olosaga, Ofu e Manua, disseminadas ao sueste, tais são as principais ilhas deste grupo de origem vulcânica. A sua superfície total é de dois mil e oitocentos quilómetros quadrados, e a sua população é de trinta e cinco mil e seiscentos habitantes. Devem-se, pois, reduzir a metade os recenseamentos que foram indicados pelos primeiros exploradores.

Observemos que qualquer destas ilhas pode oferecer condições climatéricas tão favoráveis como Standard-Island. A temperatura mantém-se nelas entre vinte e seis e trinta e quatro graus. Os meses mais frios são Julho e Agosto, e é em Fevereiro que se acusam os calores extremos. De Dezembro a Abril, são os Samoanos inundados de chuvas copiosas, e é também nesta época que se desencadeiam borrascas e tempestades, tão fecundas em sinistros.

Quanto ao comércio, a princípio entre as mãos dos Ingleses, depois dos Americanos, por último dos Alemães, pode elevar-se a um milhão e oitocentos mil francos de importação e novecentos mil francos de exportação. Os seus elementos consistem em certos produtos agrícolas, o algodão, cuja cultura cresce de ano para ano, e a copra, isto é, a amêndoa seca do coco.

Além disso, na população, que é de origem malaio-polinésica, apenas se misturam umas três centenas de brancos e alguns milhares de trabalhadores recrutados nas diversas ilhas da Melanésia. Desde 1830, os missionários converteram ao cristianismo os Samoanos, que guardam, apesar disso, certas práticas dos seus antigos ritos religiosos. A grande maioria dos indígenas é protestante, graças à influência alemã e inglesa. Todavia, o catolicismo conta ali alguns milhares de neófitos, cujo número os padres maristas se empenham em aumentar, a fim de combater o proselitismo anglo-saxônico.

Standard-Island deteve-se ao sul da ilha de Tutuila, defronte da embocadura da enseada de Pago-Pago. É esse o verdadeiro porto da ilha, cuja capital é Lome, situada na parte central. Desta vez não há dificuldade nenhuma entre o governador Cyrus Bikerstaff e as autoridades samoanas. Concede-se livre prática. Não é em Tutuila, é em Upolu que habita o soberano do arquipélago, e onde estão estabelecidas as residências inglesa, americana e alemã.

Não há pois recepções oficiais. Um certo número de samoanos aproveita-se da facilidade que se lhes oferece de visitarem Milliard-City e seus arredores.

Quanto aos Milliardenses, esses têm a certeza de que a população do grupo lhes fará um acolhimento benévolo e cordial.

O porto fica ao fundo da baía. O abrigo que lhes oferece contra os ventos do mar é excelente, e fácil o seu acesso. Os navios de guerra ali fazem muitas vezes escala.

Entre os primeiros que desembarcam nesse dia, não é de espantar que se encontrem Sebastião Zorn e os seus três colegas, acompanhados pelo superintendente, que quer ser do grupo. Calistus Munbar está, como sempre, de um humor expansivo e alegre. Soube que entre três ou quatro famílias de notáveis se organizou uma excursão até Lome, em carruagens tiradas por cavalos neozelandeses. Ora, visto que lá se devem encontrar os Coverley e os Tankerdon, possível é que se torne a realizar uma certa aproximação entre Walter Tankerdon e Miss Dy, a qual está longe de lhe desagradar.

Enquanto anda a passear com os quatro artistas, conversa ele sobre este grande acontecimento; anima-se, vai fantasiando na forma do seu costume.

— Meus amigos — repete ele —, nós estamos em plena ópera cômica. Com um incidente feliz, chega-se ao desenlace da peça... Um cavalo que tome o freio nos dentes... uma carruagem que se vire...

— Um ataque de salteadores! — sugere Yvernés.

— Um morticínio geral dos excursionistas! — acrescenta Pinchinat.

— E isso não é nada difícil que aconteça!-resmungo o violoncelista com voz fúnebre, como se arrancasse notas lúgubres à sua quarta corda.

— Não, meus amigos, isso não! — exclamou Calistus Munbar. — Não é preciso chegar ao morticínio! Isso será de mais! Basta um acidente aceitável, no qual Walter Tankerdon tivesse a fortuna de salvar a vida de Miss Coverley...

— E isso acompanhado com música de Boildieu ou de Auber — diz Pinchinat, fazendo com a mão fechada o gesto de dar à manivela de um realejo.

— Com que então — torna Frascaolin —, o Sr. Munbar continua empenhado nesse casamento!

— Ora se continuo, meu caro Frascaolin! Sonho com ele de noite e de dia! Até me faz perder a alegria! (Ninguém o havia de dizer.) Até emagreço... (Também não era coisa que se percebesse.) Estouro, se ele se não realizar...

— Há-de realizar-se, senhor superintendente — assegura Yvernés, dando à voz uma sonoridade profética —, porque Deus não quererá a morte de Vossa Excelência...

— Tinha tudo a perder com ela! — responde Calístus Munbar.

E dirigem-se todos para uma taberna indígena, onde bebem à saúde dos futuros noivos alguns copos de água de coco, fazendo boca com saborosas bananas.

Um verdadeiro mimo, para os olhos dos nossos parisienses, esta população samoana, espalhada pelas ruas de Pago-Pago, por entre os maciços que cercam o porto. Os homens são de estatura mais que mediana, tez de um moreno-amarelado, cabeça arredondada, peito pujante, musculatura sólida, fisionomia atraente e jovial. É possível que mostrem tatuagens de mais nos braços, torso, e até nas coxas, mal encobertas por uma espécie de saia de ervas ou de folhagem. Quanto às melenas, são negras, ao que se diz, lisas ou ondeadas, segundo o gosto do dandismo indígena. Mas, sob a camada de cal viva de que andam untadas, aparentam a forma de uma cabeleira.

— Selvagens à Luís XVI! — faz notar Pinchinat. — Nada lhes falta, a não ser a casaca, a espada, os calções, as meias, os sapatos de tacões vermelhos, o chapéu de plumas e a caixa de rapé, para figurarem nas recepções matutinas de Versalhes.

Quanto às samoanas, mulheres feitas ou raparigas, tão rudimentarmente trajadas como os homens, tatuadas nas mãos e no peito, com a cabeça engrinaldada de gardonianas, o colo enfeitado de colares de hibisco vermelho, justificam a admiração que trasborda nas narrações dos primeiros navegadores — pelo menos enquanto são novas. Muito reservadas, em todo o caso, de um acanhamento um pouco afectado, graciosas e sorridentes, encantam os quatro artistas, saudando-os com o "Kalofa", quer dizer, os bons-dias, pronunciado com voz suave e melodiosa.

Uma excursão, ou antes, uma romaria, que os nossos turistas quiseram fazer, e que levaram a cabo no dia seguinte, proporcionou-lhes ensejo de atravessar a ilha de lado a lado. Uma carruagem da terra os conduz à contracosta, à baía de França, cujo nome lhes traz memórias da sua pátria. Aí, sobre um monumento de coral branco, inaugurado em 1884, destaca-se uma placa de bronze, onde estão gravados os nomes inolvidáveis do comandante De Langle, do naturalista Lamanon e de nove marinheiros — os companheiros de La Pérouse — massacrados naquele sítio em 11 de Dezembro de 1787.

Sebastião Zorn e os seus companheiros regressaram a Pago-Pago pelo interior da ilha. Que admiráveis maciços de arvoredos, enleados de cipós, coqueiros, bananeiras bravas, uma porção de essências indígenas próprias para marcenaria! Estendem-se por ali fora campos de taros, de canas-de-açúcar, de cafezeiros, de algodoeiros, de caneleiras. Por toda a parte, laranjeiras, goiabeiras, mangueiras, abacateiros, e também plantas trepadeiras, orquídeas e

fetos arborescentes. Surde uma flora prodigiosamente opulenta deste solo fértil, fecundado por um clima úmido e quente. Pelo que respeita à fauna samoana, reduzida a algumas aves, a alguns répteis quase inofensivos, não conta entre os mamíferos senão um rato pequeno., único representante da família dos roedores.

Quatro dias depois, a 18 de Dezembro, afasta-se Standard-Island de Tutuila, sem que haja ocorrido o "acidente providencial" tão desejado pelo superintendente. Mas a olhos vistos se percebe que as relações entre as duas famílias continuam a tornar-se cada vez menos tensas.

Não chegarão a uma dúzia as léguas que separam Tutuila de Upolu. Na manhã seguinte, o comodoro Simcoe costeia sucessivamente, a um quarto de milha, as três ilhotas Nemtur, Samusu e Salafuta, que defendem esta ilha como outros tantos fortes destacados. O comodoro manobra com grande habilidade, e à tarde vem tomar o seu ponto de escala em frente de Apia.

Upolu é a ilha mais importante do arquipélago, com os seus dezasseis mil habitantes. Foi nela que a Alemanha, a América e a Inglaterra estabeleceram os seus residentes, reunidos numa espécie de conselho, para a proteção dos interesses dos seus respectivos compatriotas. O soberano do grupo, esse, "reina" no meio da sua corte de Malinuu, no extremo leste da Ponta Apia.

O aspecto de Upolu é o mesmo que o de Tutuila: um acervo de montanhas, dominado pelo pico do monte da Missão, que constitui o espinhaço da ilha no sentido do comprimento. Estes antigos vulcões extintos estão atualmente cobertos de florestas espessas, que os envolvem até à cratera. Da falda destas montanhas, ligam-se umas planícies e umas campinas à faixa aluvionária do litoral, onde a vegetação se expande em toda a luxuriante fantasia dos trópicos.

No dia seguinte, o governador Cyrus Bikerstaff, os seus dois adjuntos e algumas notabilidades vão desembarcar no porto de Apia. Trata-se de fazer uma visita oficial aos representantes da Inglaterra, da Alemanha e dos Estados Unidos da América, essa espécie de municipalidade compósita, em cujas mãos se concentram os serviços administrativos do arquipélago.

Enquanto Cyrus Bikerstaff e o seu séquito se dirigem às residências, Sebastião Zorn, Frascalín, Yvernés e Pinchinat, que foram a terra com eles, entretém os ócios a percorrer a cidade.

E logo à primeira vista os impressiona o contraste que apresentam as casas europeias, onde os negociantes têm as suas lojas, e as choupanas da antiga aldeia canaca, onde estes indígenas se obstinam em manter domicílio. Estas habitações são confortáveis, higiênicas, encantadoras numa palavra. Disseminadas pela margem do rio Apia, os seus telhados baixos abrigam-se sob o elegante guarda-sol das palmeiras.

Não falta animação no porto. É o mais frequentado do grupo, e a Sociedade Comercial de Hamburgo mantém nele uma flotilha, destinada à cabotagem entre as Samoa e as ilhas circunvizinhas.

Todavia, se neste arquipélago prepondera a influência comercial desta tríplice aliança inglesa, americana e alemã, a França é ali representada por missionários católicos, cuja dignidade, cuja dedicação, cujo zelo, lhes têm granjeado uma boa fama entre a população

samoana. Apodera-se dos nossos artistas uma verdadeira satisfação, uma comoção profunda até mesmo, ao deparar-se-lhes a pequena igreja da Missão, que não tem a severidade puritana das capelas protestantes, e, um pouco mais adiante, na encosta da colina, uma casa de escola, cuja cimalha é coroada pelo pavilhão tricolor.

Para esse lado se encaminham e, passados poucos minutos, são recebidos no estabelecimento francês. Os Maristas fazem aos falanis — é assim que os Samoanos denominam os estrangeiros — um acolhimento patriótico. Residem ali três padres, empregados no serviço da Missão, a qual conta outros dois em Savai e um certo número de freiras instaladas nas ilhas.

Faz gosto conversar com o superior, homem de idade avançada, que habita em Samoa há bastantes anos. Mostra-se tão contente em receber compatriotas, e, demais a mais, artistas da sua terra! A conversação é cortada com bebidas refrigerantes de que a Missão possui a receita.

— E, em primeiro lugar — diz o ancião —, não pensem os meus queridos filhos que as ilhas do nosso arquipélago sejam selvagens. Não é aqui que hão-de encontrar indígenas que pratiquem o canibalismo...

— Até agora ainda não encontramos sombra deles — faz notar Frascolin.

— Com grande pesar nosso! — acrescenta Pinchinat.

— Ora essa! Com pesar?

— Desculpe, meu padre, esta confissão de um parisiense curioso! É por amor da cor local!

— Oh! — acode Sebastião Zorn. — Ainda não chegámos ao fim da viagem, e talvez que nos fártemos de ver, mais do que desejaríamos, desses antropófagos reclamados pelo nosso colega...

— É possível-responde o superior. — Pelas proximidades dos grupos de Oeste, pelas Novas Hébridas, pelas Salomão, não devem aventurar-se os navegadores senão com extrema cautela. Mas, nas Taiti, nas Marquesas, nas ilhas da Sociedade, assim como nas Samoa, a civilização tem feito progressos notáveis. Bem sei que o morticínio dos companheiros de La Pérouse valeu aos Samoanos a reputação de indígenas ferozes, dedicados à prática do canibalismo. Mas que mudança depois disso, graças à influência da religião de Cristo! Os indígenas deste tempo são criaturas civilizadas, que gozam de um governo à europeia, com duas câmaras à europeia, e revoluções...

— À europeia! — observa Yvernés.

— É como diz, meu querido filho, as Samoa não são isentas de dissensões políticas!

— Isso é sabido em Standard-Island — responde Pinchinat. — Pois acaso há coisa que se não saiba, meu padre, nessa ilha abençoada pelos deuses! Por sinal que nós até imaginávamos cair aqui no meio de uma guerra dinástica entre duas famílias reais.

— Com efeito, meus amigos, houve luta entre o rei Tupua, que descende dos antigos soberanos do arquipélago, e que nós sustentamos com a nossa influência, e o rei Malietoa, homem dos Ingleses e dos Alemães. Correu sangue a jorros, sobretudo na grande batalha de Dezembro de 1887. Esses reis viram-se sucessivamente proclamados, destronados, e, finalmente, Malietoa foi declarado soberano pelas três potências, em conformidade das

disposições estipuladas pela corte de Berlim... Berlim!

E o velho missionário não pode reter um movimento convulsivo, quando este nome lhe sai dos lábios.

— Percebeu? — continua ele. — Até aqui foi dominante nas Samoa a influência dos Alemães. Estão nas mãos deles nove décimas partes das terras cultivadas. Nos arredores de Apia, em Suluafata, obtiveram eles do Governo uma concessão muito importante, na proximidade de um porto que pode servir para abastecer os seus navios de guerra. As armas de tipo rápido foram introduzidas por eles... Mas tudo isto há-de acabar mais dia menos dia...

— Em proveito da França? — pergunta Frascalín.

— Não... em proveito do Reino Unido!

— Oh! — exclama Yvernés. — Entre a Inglaterra ou a Alemanha...

— Isso não, meu querido filho!-objecta o superior. — Convém que se veja a diferença notável...

— Mas o rei Malietoa? — pergunta Yvernés.

— Pois aí está! O rei Malietoa foi outra vez destronado, e sabem os meus amigos qual é o pretendente que mais probabilidades reuniria de lhe suceder? Um inglês, uma das personagens mais consideráveis do arquipélago, um simples romancista.

— Um romancista?

— Sim... Robert Lewis Stevenson, o autor da Ilha do Tesouro e das Noites Árabes.

— Ora aqui têm aonde pode levar a literatura! — exclamou Yvernés.

— Que exemplo a seguir para os nossos romancistas da França!-replica Pinchinat. - Hem! Zola I, feito soberano dos Samoanos... reconhecido pelo Governo britânico, sentado no trono dos Tupua e dos Malietoa, e a sua dinastia sucedendo à dinastia dos soberanos indígenas... Que sonho!

Finaliza a conversação, depois de o superior ter dado diversos pormenores sobre os costumes dos Samoanos. Acrescenta ele que, se a maioria pertence à religião wesleyana, lhe queria parecer que o catolicismo dia a dia fazia progressos. A igreja da Missão é já pequena de mais para os officios, e a escola reclama um próximo alargamento. Mostra-se satisfeito por esse facto, e os hóspedes acompanham-no nessa satisfação.

Prolongou-se três dias a estadia de Standard-Island na ilha Upolu.

Os missionários vieram pagar aos artistas franceses a visita que deles haviam recebido. Levaram-nos de passeio por Milliard-City, que os maravilhou. E é escusado ocultar que, na sala do Casino, o Quarteto Concertante fez ouvir ao padre superior e aos seus colegas alguns trechos do seu repertório. Chorou de enternecimento, o bom velho, porque adora a música clássica, e, com grande pesar seu, não são as festas de Upolu que lhe dão jamais ensejo de a ouvir.

Na véspera da partida, Sebastião Zorn, Frascalín, Pinchinat e Yvernés, acompanhados desta vez pelo professor de dança e de etiqueta, vêm despedir-se dos missionários maristas. Trocam-se adeuses tocantes, esses adeuses de pessoas que apenas se viram durante alguns dias e que nunca mais se tornarão a ver. O velho abençoa-os, abraçando-os, e eles retiram-se profundamente comovidos.

No dia seguinte, 23 de Dezembro, o comodoro Simcoe apresta-se para viagem logo de

madrugada e Standard-Island põe-se em movimento no meio de um cortejo de pirogas, que devem escoltá-la até à ilha próxima de Savai.

Esta ilha está separada de Upolu apenas por um estreito de sete a oito léguas. Mas, como o porto de Apia está situado na costa setentrional, é necessário contornar esta costa durante o dia todo antes de chegar ao estreito.

Conforme o itinerário determinado pelo governador, não se trata de rodear a ilha de Savai, mas de evolucionar entre ela e Upolu, a fim de se aproximar por sudoeste do arquipélago das Tonga. Por conseguinte, Standard-Island segue com velocidade muito moderada, não querendo internar-se de noite por esse canal flanqueado pelas duas pequenas ilhas de Apolinia e de Manono.

Ao despontar do dia seguinte, o comodoro Simcoe manobra entre estas duas ilhotas, uma das quais, Apolinia, não conta mais de duzentos e cinquenta habitantes, e a outra, Manono, um milhar. Estes indígenas têm a reputação justificada de serem os mais valentes, assim como os mais honrados samoanos do arquipélago.

Daquele ponto pode-se admirar Savai em todo o seu esplendor. É protegida por penedias inabaláveis de granito contra um mar que os temporais, os tornados, os ciclones do período invernosos tornam formidável. Esta Savai é coberta de uma espessa floresta, dominada por um antigo vulcão de mil e duzentos metros de altura, povoada de aldeias cintilantes, sob o dossel das palmeiras gigantescas, regada por cascatas tumultuosas, esburacada de cavernas profundas, donde surde em ecos violentos a arrebenção do litoral.

E, a dar-se crédito às lendas, foi esta ilha o único berço das raças polinésicas, cujo tipo mais puro tem sido conservado pelos seus onze mil habitantes. Chamava-se então Savaiki, o famoso Éden das divindades maiores.

Standard-Island afasta-se dela lentamente e perde de vista as suas últimas cumeadas ao anoitecer de 24 de Dezembro.

# CAPÍTULO 3

## CONCERTO NA CORTE

Desde 21 de Dezembro que o Sol, no seu movimento aparente, depois de se haver detido no trópico de Capricórnio, recomeçou o seu curso na direção do norte, abandonando estas paragens às intempéries do Inverno e trazendo novamente o Estio ao hemisfério setentrional.

Standard-Island está apenas a uns dez graus deste trópico. Descendo até às ilhas de Tonga-Tabu, ela atingirá a latitude extrema fixada pelo itinerário, e voltará para o norte, mantendo-se assim nas mais favoráveis condições climatéricas. Verdade seja que não poderá evitar um período de extremos calores, enquanto o Sol irradiar no seu zênite; mas estes calores serão temperados pela brisa mareira e diminuirão à proporção que se afaste o astro de que emanam.

Entre as Samoa e a ilha principal de Tonga-Tabu contam-se oito graus, ou cerca de novecentos quilómetros. Não há motivo para forçar a velocidade. A ilha de hélice irá flanando por esse mar constantemente belo, não menos sereno do que a atmosfera, apenas perturbada por tempestades raras e rápidas. Basta estar em Tonga-Tabu lá para os princípios de Janeiro, demorar-se ali uma semana, depois dirigir-se para as Fiji. Daí, Standard-Island singrará para os lados das Novas Hébridas, onde desembarcará a equipagem malaia; depois, fazendo proa ao nordeste, alcançará as latitudes da baía Madalena, e finalizará a segunda excursão.

Continua, pois, a vida em Milliard-City no meio de um sossego inalterável. Sempre essa existência de uma grande cidade da América ou da Europa, comunicações constantes com o Novo Continente pelos vapores ou pelos cabos telegráficos, visitas habituais das famílias, aproximação manifesta que se opera entre as duas secções rivais, passeios, jogos, concertos do quarteto sempre gozando da predileção dos diletantes.

Chegado o Natal, o Christmas, tão querido dos protestantes e dos católicos, é celebrado com grande pompa no templo e em Saint-Mary Church, assim como nos palácios, nos palacetes, nas casas do bairro mercantil. Esta solenidade vai encher a ilha inteira de festas desde a semana que começou no Natal para acabarem a 1 de Janeiro.

Entrementes, os jornais de Standard-Island, o Starboard-Chronicle e o New-Herald, não cessam de oferecer aos seus leitores as notícias recentes do interior ou do estrangeiro. E até se publica nas duas folhas uma notícia que dá margem a comentários à farta.

Com efeito, no número de 26 de Dezembro lia-se que o rei de Malecária se dirigira ao palácio municipal, onde o governador lhe dera audiência. Que intuitos teria a visita de Sua Majestade... que motivo? Percorrem a cidade boatos de toda a espécie, e nas mais inverossímeis hipóteses se apoiariam eles por certo, se acaso no dia seguinte os jornais não houvessem dado uma informação positiva a tal respeito.

O rei de Malecária solicitou um lugar no Observatório de Standard-Island, e a administração superior deferiu imediatamente o pedido.



— Esta é nova em folha! — exclama Pinchinat.— É preciso uma pessoa habitar Milliard-City para ver coisas assim! Um soberano, com os olhos no telescópio, à espreita das estrelas no horizonte!

— Um astro da Terra, que interroga os seus irmãos do firmamento! — comenta Yvernés.

Era um bom rei, este rei de Malecárlia; era uma boa rainha, a princesa, sua consorte. Faziam o bem que podiam, num dos Estados medianos da Europa; eram espíritos esclarecidos, liberais, sem pretenderem que a sua dinastia, apesar de ser uma das mais antigas do Velho Continente, tivesse uma origem divina. O rei era muito instruído em coisas de ciência, muito apreciador de coisas de arte, apaixonado sobretudo pela música. Sábio e filósofo, não se deixava cegar com ilusões sobre o porvir das soberanias europeias. Por isso estava pronto sempre a sair do reino, apenas o seu povo o dispensasse. Não tendo herdeiro direto, não prejudicaria a família, quando lhe parecesse chegado o momento de largar o trono e de se descoroar.

Esse momento chegou, há três anos. Não houve em todo o caso revolução no reino de Malecárlia, ou, pelo menos, se houve um simulacro dela, não foi sangrenta. De comum acordo, rompeu-se o contrato entre Sua Majestade e os seus súbditos. O rei voltou a ser um homem, os súbditos tornaram-se cidadãos, e ele partiu sem mais cerimônias do que um viajante que tomou bilhete no caminho de ferro, deixando um regime substituir-se a outro.

Ainda vigoroso aos sessenta anos, o rei gozava de uma constituição melhor talvez do que aquela com que o seu antigo reino procurava dotar-se. Mas a saúde da rainha, precária bastante, reclamava um ambiente que estivesse ao abrigo de mudanças bruscas de temperatura.

Ora esta quase uniformidade de condições climáticas, difícil fora encontrá-la noutra parte que não fosse Standard-Island, desde o momento em que não podiam afadigar-se a correr atrás das belas estações em latitudes sucessivas. Parecia, pois, que o engenho de Standard-Island Company apresentava estas diversas vantagens, visto que os nababos mais cotados dos Estados Unidos dela haviam feito a sua cidade de adoção.

É por isso que, desde que se criou a ilha de hélice, o rei e a rainha de Malecárlia resolveram domiciliar-se em Milliard-City. Concedeu-se-lhes essa autorização, contanto que eles vivessem como simples cidadãos, sem distinção nem privilégio nenhum. Pode-se ter a certeza de que Suas Majestades não pensavam em viver doutra forma. Alugaram um palacete pequeno na Trigésima Nona Avenida de Estibordo, cercado por um jardim, que deita para o grande parque. É ali que moram os dois soberanos, muito isolados, não se intrometendo por maneira nenhuma nas rivalidades e nas intrigas das secções rivais, contentando-se com uma existência modesta. O rei gasta o tempo em estudos astronômicos, pelos quais teve sempre um gosto muito acentuado. A rainha, católica sincera, leva uma vida meio claustral, não tendo até ensejo de se consagrar a obras de caridade, visto ser desconhecida a miséria na Jóia do Pacífico.

Tal é a história dos antigos monarcas do reino de Malecárlia, história que o superintendente contou aos nossos artistas, acrescentando que aquele rei e aquela rainha eram as melhores pessoas deste mundo, embora fosse relativamente muito medíocre a sua fortuna.

O quarteto, muito comovido perante esta decadência régia, suportada com tanta

filosofia e resignação, experimenta uma respeitosa simpatia pelos soberanos destronados. Em vez de se refugiarem na França, essa pátria dos reis exilados, Suas Majestades escolheram Standard-Island, como as pessoas opulentas escolhem Nice ou Corfu por motivos de doença. É certo que eles não estão exilados, não foram expulsos do seu reino, poderiam ter lá ficado se quisessem, podiam para lá voltar, reclamando apenas os seus direitos de cidadãos.

Mas tal ideia não têm e acham-se bem nesta pacífica existência, conformando-se com as leis e os regulamentos da ilha de hélice.

Ricos é que não são com certeza o rei e a rainha de Malecária, em comparação com a maioria dos milliar-denses e em relação às exigências da vida em Milliard-City. Que se há-de fazer numa cidade com cem mil francos de renda, quando um palacete modesto se aluga por cinquenta mil? Ora, os ex-soberanos já não eram lá muito abastados no meio dos imperadores e dos reis da Europa, os quais já não fazem grande figura ao lado dos Gould, dos Vanderbilt, dos Rothschild, dos Astor, dos Mackey e de outros deuses da finança. Por isso, muito embora a sua maneira de viver não comportasse luxo nenhum — apenas o estritamente necessário —, nunca deixaram de estar mais ou menos embaraçados. Ora a saúde da rainha dá-se tão bem nesta residência que ao rei nem sequer lhe passou pela mente o largá-la. Quis então aumentar os seus rendimentos pelo trabalho, e, tendo vagado um lugar no Observatório, lugar cujos emolumentos são muito avultados, foi requerê-lo ao governador. Cyrus Bikerstaff, depois de ter consultado por um cabograma a administração superior de Madeleine-bay, dispôs desse lugar em favor do ex-monarca, e aqui está como os jornais puderam noticiar que o rei de Malecária acabava de ser nomeado astrónomo em Standard-Island.

Que assunto de conversações em qualquer outro país! Aqui falou-se nisso dois dias, depois ninguém mais em tal pensou. Parece naturalíssimo que um rei procure no trabalho a possibilidade de continuar essa tranquila existência de Milliard-City. É um sábio: se aproveitarão o saber. Nada há nisto que não seja muito respeitável. Se ele descobrir algum astro novo, planeta, cometa ou estrela, lhe daria o seu nome, o qual figurará com honra no meio dos nomes mitológicos que enxameiam nos anuários oficiais.

Andando a passear pelo parque, Sebastião Zorn, Pinchinat, Yvernés e Frascolin cavaquearam sobre este incidente. Pela manhã, tinham visto o rei dirigir-se para a sua repartição, e ainda não se acham suficientemente americanizados para aceitarem uma situação destas, que é pelo menos pouco vulgar. Portanto, vão dialogando sobre o assunto, até que Frascolin faz esta observação:

— Parece que, se Sua Majestade não fosse capaz de desempenhar as funções de astrónomo, poderia dar lições como professor de música.

— Um rei a calcorrear pelas casas dos discípulos!-exclama Pinchinat.

— Isso que tem? Puxados como seriam os preços das lições...

— Efetivamente, dizem que ele é excelente músico — observa Yvernés.

— Não me espanta que ele seja doido por música — acrescenta Sebastião Zorn —, porque o temos visto firme como uma estaca à porta do Casino, nas noites de concerto, por não poder alugar uns fauteuils para a rainha e para ele!

— Olhem lá, seus filarmônicos, tenho uma ideia! — diz Pinchinat.

— Uma ideia de Sua Alteza — declara o violoncelista — há-de ser fresca!

— Seja fresca ou não seja, meu velhote — responde Pinchinat —, tenho a certeza de que a hás-de aprovar.

— Vamos lá a ouvir a ideia de Pinchinat — diz Frascaolin.

— Era irmos dar uns concertos a Suas Majestades, só aos dois, na sala, e tocarmos lá os melhores trechos do nosso repertório.

— Cáspite! — exclama Sebastião Zorn. — Olha que não é nada má a tua ideia!

— Ora adeus! Ideias deste teor, tenho eu a cabeça atulhada delas, e em eu a sacudindo...

— Tilinta que nem um guizo!-responde Yvernés.

— Meu caro Pinchinat — afirma Frascaolin —, por hoje contentamo-nos com essa tua proposta. Estou certo de que vamos dar um grande prazer a esse excelente rei e a essa bondosa rainha.

— Amanhã escrevemos-lhes a pedir uma audiência — sugere Sebastião Zorn.

— Qual história! — objecta Pinchinat. — Esta noite mesmo, apresentemo-nos na régia mansão com os nossos instrumentos, como um grupo de músicos que vão tocar uma alvorada.

— Uma serenada, queres tu dizer — replica Yvernés —, visto que é de noite...

— Pois seja, ó primeiro-violino severo, mas justo! Nada de armar chicana por causa de palavras! Está decidido...

— Está decidido.

É realmente um pensamento magnífico.

Não sofre dúvida que o rei diletante ficará muito penhorado com esta delicada atenção dos artistas franceses e satisfeitíssimo por os ouvir.

Por conseguinte, ao cair da noite, o Quarteto Concertante, carregado de três estojos de rabeça e de uma caixa de violoncelo, sai do Casino e encaminha-se para a Trigésima Nona Avenida, situada na extremidade da secção estibordense.

Habitação muito simples, precedida por um patio com relvões verdejantes. De um lado, as cozinhas; do outro, as cocheiras, que não são utilizadas. A casa compõe-se apenas de um rés-do-chão, com acesso por uma pequena escada exterior, e de um andar, tendo por cima uma janela mezzanina e um telhado com mansardas. À direita e à esquerda, dois soberbos lóddões espalham sombra pela vereda dupla que conduz ao jardim. Sob os maciços desse jardim, que não chega a medir duzentos metros quadrados, estende-se um tapete de verdura. Ninguém se lembra de comparar este cottage aos palacetes dos Coverley, dos Tankerdon e de outros notáveis de Milliard-City. É o eremitério de um filósofo, de um sábio, que vive apartado do mundo. Contentar-se-ia com ele Abdolonimo, ao descer do trono dos reis de Sidon.

O rei de Malecária tem por único camarista o seu criado de quarto, e a rainha não tem outra dama de honor que não seja a sua criada grave. Junte-se a isto uma cozinheira americana, e é esse todo o pessoal desses soberanos decaídos, que outrora tratavam de mano a mano com os imperadores do Velho Continente.

Frascaolin carrega num botão eléctrico. O criado de quarto abre a porta do gradeamento.

Frascaolin comunica-lhe o desejo que têm os seus companheiros e mais ele, artistas

franceses, de apresentar os seus respeitos a Sua Majestade, e rogar-lhe se digne recebê-los. O criado pede-lhes que entrem, e os músicos param diante dos degraus da porta.

Passado um instante, o criado volta a preveni-los de que o rei terá muito gosto em os receber. Introduzem-nos no vestíbulo, onde deixam ficar os instrumentos, depois na sala, onde Suas Majestades entraram imediatamente.

Nisto consistiu todo o cerimonial dessa recepção.

Os artistas inclinaram-se, cheios de respeito, diante do rei e da rainha. Esta, vestida de escuro e com grande simplicidade, tem a descoberto os cabelos abundantes, cujos anéis grisalhos dão um extraordinário encanto ao semblante um pouco pálido, ao seu olhar levemente velado. Vai sentar-se numa poltrona, colocada ao pé da janela que deita para o jardim, além do qual se debuxam os arvoredos do parque.

O rei, de pé, responde ao cumprimento dos visitantes, e pede-lhes se sirvam comunicar-lhe qual o motivo que os levou àquela casa, perdida no bairro extremo de Milliard-City.

Sentem-se os quatro comovidos ao contemplarem este soberano, em cuja personalidade se revela uma dignidade inexprimível. O olhar brilha vivamente sob a espessura das sobrancelhas quase negras — olhar profundo de sábio. Cai-lhe ampla e sedosa a barba branca sobre o peito. A fisionomia, cujo caráter um pouco sério é temperado pela bonomia do sorriso, só pode concitar-lhe a simpatia de quem dele se aproxima.

Toma Frascolin a palavra, e diz com voz levemente trémula:

— Agradecemos a Vossa Majestade o ter-se dignado receber uns artistas que desejam apresentar-lhe a homenagem do seu respeito.

— Tanto a rainha como eu — responde o rei — agradecemos-lhes, meus senhores, e estamos penhoradíssimos com a vossa delicadeza. Parece que e os senhores trouxeram a esta ilha, onde nós esperamos terminar uma existência tão cheia de vicissitudes, uns bafejos desse belo ar da vossa França! Os senhores não são uns desconhecidos para um homem que, ao mesmo tempo que se dedica às ciências, tem uma enorme paixão pela música, a arte que lhes valeu tamanho renome no mundo artístico. Conhecemos os triunfos que têm alcançado na Europa e na América.

Nos aplausos que em Standard-Island acolheram o Quarteto Concertante também nós tomamos parte, um pouco de longe, é certo. Por isso, a única coisa que temos a lamentar é não os termos ouvido como cumpre ouvi-los.

O rei aponta cadeiras aos seus visitantes; depois coloca-se diante do fogão, cujo mármore suporta um magnífico busto da rainha, ainda nova, por Franquetti.

Para entrar em matéria, basta que Frascolin responda à última frase pronunciada pelo rei.

— Tem Vossa Majestade razão — diz ele —, sobretudo tratando-se do género de música de que nós somos intérpretes. A música de câmara, esses quartetos dos mestres da música clássica, requerem mais intimidade do que comporta uma assembleia numerosa. Precisam um pouco do recolhimento de um santuário...

— Sim, meus senhores — declara a rainha —, essa música deve ser escutada como se escutariam algumas páginas de uma harmonia celeste, e é exatamente um santuário o que lhe

convém.

— Permitam-nos, pois, Vossas Majestades — diz então Yvernés — que transformemos por uma hora esta sala em santuário, e que sejam Vossas Majestades os nossos únicos ouvintes...

Ainda mal Yvernés acabara de pronunciar estas palavras, quando se anima a fisionomia dos dois soberanos.

— Ora essa! — exclama o rei. — Pois os senhores querem... pois tiveram essa ideia...

— É esse o fim da nossa visita.

— Ah! — diz o rei, estendendo-lhes a mão. — Reconheço nesse passo o coração dos artistas franceses, igual ao seu talento! Agradeço-lhes em nome da rainha e em meu nome, meus senhores! Nada há... absolutamente... que tamanho prazer nos pudesse dar!

E enquanto o criado particular recebe ordem para trazer os instrumentos e arranjar a sala para este concerto improvisado, o rei e a rainha convidam as visitas a acompanhá-los ao jardim. Aí se enceta uma cavaqueira sobre música, tal como poderia travar-se entre artistas na mais completa intimidade.

O rei deixa-se levar pelo seu entusiasmo por essa arte, como quem lhe aprecia todos os encantos e lhe compreende todas as belezas. Chega a espantar os seus ouvintes, pela maneira por que mostra conhecer os maestros que daí a instantes lhe será dado escutar. Celebra o gênio, a um tempo ingenuo e engenhoso, de Haydn... Recorda o que um crítico disse de Mendelssohn, esse compositor eminente da música de câmara, que exprime as suas ideias na língua de Beethoven... E Weber, que refinada sensibilidade, que espírito cavalheiresco, que fazem dele um maestro à parte! Beethoven, esse é o príncipe da música instrumental... Nas suas sinfonias revela-se uma alma... As obras do seu gênio não cedem nem em grandeza nem em valor às obras-primas da poesia, da pintura, da escultura e da arquitetura, astro sublime que veio a extinguir-se no derradeiro ocaso com a sinfonia com coro, em que a voz dos instrumentos tão intimamente se confunde com as vozes humanas!

— E, no entanto, nunca foi capaz de dançar a compasso!

Deve imaginar-se que é do Sr. Pinchinat que provém esta observação das mais inoportunas.

— Exato — responde o rei, a sorrir —, o que prova, meus senhores, que o ouvido não é o órgão indispensável ao músico. É com o coração, com o coração somente que ele ouve! E não o prova Beethoven nesta incomparável sinfonia de que eu lhes falava, composta quando a surdez não lhe permitia já distinguir os sons?

Depois de Haydn, de Weber, de Mendelssohn, de Beethoven, é de Mozart que Sua Majestade fala com uma eloquência arrebatadora.

— Ah! meus senhores — diz ele —, deixem-me expandir o meu arroubamento! Há que tempos que a minha alma se vê privada de desabafar assim! Pois não são os senhores os primeiros artistas de quem tenho podido fazer-me compreender, desde a minha chegada a Standard-Island? Mozart! Mozart! Um dos compositores dramáticos do seu país, o máximo, deles, ao que penso, do fim do século dezanove, consagrou-lhe umas páginas admiráveis. Li-as, e nada poderá jamais apagar-mas da memória!

Mostrou ele a simplicidade com que Mozart dá a cada palavra a sua parte especial de

justeza e de entoação, sem nunca prejudicar o andamento e o caráter da frase musical. Disse ele que à verdade patética juntava Mozart a perfeição da beleza plástica. Pois não foi Mozart o único que adivinhou, com tão constante e completa segurança, a forma musical de todos os sentimentos, de todos os seus cambiais de paixão e de caráter, isto é, de tudo que é o drama humano? Mozart não é um rei, e o que é um rei hoje em dia? — acrescenta Sua Majestade, abanando a cabeça —; direi antes que é um deus, visto que ainda se tolera a existência de Deus! É o Deus da música!

O que é impossível de reproduzir, o que é inexprimível, é o ardor com que Sua Majestade manifesta a sua admiração. E depois que o rei e a rainha tornaram a entrar na sala, seguidos pelos artistas, pega numa brochura, que está sobre a mesa. Esta brochura, que ele por certo se tem farto de ler e de reler, tem o seguinte título: D. João, de Mozart. Então, abre-a, lê algumas linhas, caídas da pena do maestro que melhor penetrou e mais amou Mozart, o ilustre Gounod: "Ó Mozart! Divino Mozart! É mister que bem pouco te compreenda quem não te adore! Tu, verdade constante! Tu, beleza perfeita! Tu, encanto inexaurível! Tu, sempre profundo e sempre límpido! Tu, humanidade completa e singeleza infantil! Tu, que tudo sentiste, tudo exprimiste numa frase musical, que nunca ninguém excedeu, que nunca ninguém excederá!"

Então Sebastião Zorn e os seus colegas pegam nos instrumentos e, à claridade da âmbula eléctrica, que espalha pela sala uma luz suave, tocam o primeiro dos trechos que haviam escolhido para este concerto.

É o segundo quarteto em lá menor, Op. 13, de Mendelssohn, que proporciona ao régio auditório um prazer infinito.

A este quarteto segue-se o terceiro em dó maior. Op. 75, de Haydn, isto é, o Hino Austríaco, executado com uma mestria incomparável. Nunca houve executantes que mais se aproximassem da perfeição do que os nossos artistas, na intimidade deste santuário, tendo apenas por ouvintes dois soberanos destronados!

E depois de terminarem este hino realçado pelo gênio do compositor, tocam o sexto quarteto em si bemol, Op. 18, de Beethoven, essa Malinconia, de um caráter tão triste, de intensidade tão penetrante que nos olhos de Suas Majestades ressumam as lágrimas.

Depois vem a admirável fuga em dó menor, de Mozart, tão perfeita, tão isenta de todo o artifício escolástico, tão natural, que parece jorrar como uma água límpida, ou coar-se como a brisa através de uma folhagem leve. Finalmente, é um dos mais admiráveis quartetos do divino compositor, o décimo em ré maior, Op. 35, que põe termo a este inolvidável sarau, como nunca os nababos de Milliard-City tiveram igual.

E não seriam os franceses que se cansariam com a execução destas obras admiráveis, porque o rei e a rainha, esses, não se cansam de as ouvir.

Mas são onze horas, e Sua Majestade diz-lhes:

— Recebam os nossos agradecimentos, meus senhores, e creiam que eles partem do íntimo de nossas almas! Graças ao impecável da vossa execução, acabamos de experimentar gozos artísticos cuja recordação nunca mais se apagará! Fez-nos isto tanto bem...

— Se Vossa Majestade deseja — diz Yvernés —, nós ainda podemos...

— Muito obrigado, meus senhores, pela última vez, muito obrigado! Não queremos

abusar da vossa amabilidade! É tarde, e depois... esta noite estou de serviço...

Esta expressão na boca do rei revoca os nossos artistas ao sentimento da realidade. Perante o soberano que assim lhes fala, sentem-se quase confusos... baixam os olhos.

— É como lhes digo, meus senhores — prossegue o rei, em ar de brincadeira. — Acaso não sou eu astrónomo no Observatório de Standard-Island... e — acrescenta ele, não sem uma leve comoção — inspetor das estrelas... das estrelas cadentes?

# CAPÍTULO 4

## ULTIMATO BRITÂNICO

Durante esta última semana do ano, consagrada às alegrias do Christmas, expedem-se inúmeros convites para jantares, saraus, recepções oficiais. Um banquete, oferecido pelo governador às principais personalidades de Milliard-City, aceito pelos notáveis bombordenses e estibordenses, testemunha uma certa fusão entre as duas secções da cidade. Encontram-se à mesma mesa os Tankerdon e os Coverley. No dia de Ano Bom haverá trocas de bilhetes entre o palacete da Décima Nona Avenida e o da Décima Quinta. Walter Tankerdon até recebe um convite para um dos concertos de Mrs. Coverley. O acolhimento que lhe é feito pela dona da casa parece de bom agouro. Mas daí até formar laços mais apertados ainda vai longe, embora Calistus Munbar, com o seu fantasiar crónico, não cesse de repetir a quem quer ouvi-lo:

— É coisa feita, meus amigos, é coisa feita!

Entretanto, a ilha de hélice continua na sua pacífica navegação, dirigindo-se para o arquipélago de Tonga-Tabu. Nada parecia mesmo dever perturbá-la quando, na noite de 30 para 31 de Dezembro, se manifesta um fenómeno meteorológico assaz inesperado.

Entre as duas e as três horas da madrugada ouvem-se umas detonações à distância. As vigias não se preocupam com elas mais do que o facto comporta. Não se pode supor que se trate de um combate naval, a não ser entre navios dessas repúblicas da América Meridional que andam tanta vez engalfinhadas. Afinal de contas, por que motivo se haviam de inquietar com isso em Standard-Island, ilha independente, em paz com as potências dos dois mundos?

Demais a mais, estas detonações, que provêm das paragens ocidentais do Pacífico, prolongam-se até ser dia e não há decerto meio de as confundir com o ribombo amplo e regular de uma artilharia longínqua.

O comodoro Simcoe, prevenido por um dos seus oficiais, veio observar o horizonte do alto da torre do Observatório. Não se divisa clarão de espécie nenhuma à superfície do largo segmento de mar que se alonga à sua vista. Todavia, o cariz do céu não se apresenta como habitualmente. Há uns reflexos de chama que o coram até ao zênite. A atmosfera parece enevoadada, conquanto o tempo esteja ótimo e o barómetro não indique, por uma depressão repentina, nenhuma perturbação nas correntes do espaço.

Ao despontar do dia, os madrugadores de Milliard-City têm ensejo de experimentar uma surpresa estranha. Não só as detonações continuam a ouvir-se, mas mistura-se ao ar uma bruma vermelha e negra, espécie de poeira impalpável, que começa a cair à laia de chuva. Faz lembrar a modo duma bâtega de matérias fuliginosas. Em poucos instantes, ficam as ruas da cidade e os telhados das casas cobertos de uma substância em que se combinam as cores do carmim, do ruivo, do nácar, da púrpura, com escórias anegradas.

Todos os habitantes estão na rua, à exceção de Atanásio Dorémus, que nunca na sua vida se levantou antes das onze horas, depois de se ter deitado às oito. É escusado acrescentar



que o quarteto saltou da cama para fora e encaminhou-se para o Observatório, onde o comodoro, os seus oficiais, os seus astrónomos, incluindo o régio funcionário, procuram reconhecer a natureza do fenómeno.

— O que é pena — nota Pinchinat — é que esta matéria vermelha não seja líquida, e que esse líquido não seja uma chuva de vinho de Pomard ou de Château-Lafite.

— Beberrão! — comentou Sebastião Zorn.

Ao certo, qual é a causa do fenómeno? Citam-se numerosos exemplos dessas chuvas de poeiras vermelhas, compostas de sílica, de alumina, de óxido de crómio e de óxido de ferro. No princípio do século, a Calábria, os Abruzos, foram inundados por estas bátegas, nas quais os habitantes supersticiosos queriam ver gotas de sangue, quando, como em Blancenberghe, em 1819, não passavam de cloreto de cobalto. Há igualmente exemplos de transporte de moléculas de sebo ou de carvão, produzidas por incêndios distantes. Não se chegaram a ver cair chuvas de seda, em Pernambuco, em 1820, chuvas amarelas, em Orleans, em 1829, e nos Baixos Pirenéus, em 1836, chuvas de pólen arrancado aos abetos em flor?

Que origem se deve atribuir a esta queda de poeiras, misturadas com escórias, que parece encher todo o espaço e que projeta sobre Standard-Island e sobre o mar circundante essas grandes massas avermelhadas?

O rei de Malecária emite a opinião de que essas matérias devam provir de algum vulcão das ilhas de Oeste. Os seus colegas do Observatório inclinam-se para a sua opinião. Apanham-se muitos punhados dessas escórias, cuja temperatura é superior à do ar ambiente, e que não arrefecem na sua passagem através da atmosfera. Uma erupção de grande violência explicaria as detonações irregulares que ainda se ouvem. Ora, nestas paragens enxameiam as crateras, umas em atividade, outras extintas, mas susceptíveis de se reacender sob uma ação inter telúrica, sem falar daquelas que por um impulso geológico se levantam às vezes do fundo do oceano, e cujo poder de projeção é muitas vezes extraordinário.

E não foi precisamente no meio deste arquipélago das Tonga, de que Standard-Island se aproxima, que alguns anos antes o pico de Tufua cobriu de matérias eruptivas uma superfície de cem quilómetros? Não se propagaram as detonações do vulcão, durante horas e horas, à distância de duzentos quilómetros?

E, no mês de Agosto de 1883, as erupções do Krakatoa não desolaram a parte das ilhas de Java e de Samatra, que confina com o estreito de Sonda, destruindo aldeias inteiras, fazendo numerosas vítimas, provocando tremores de terra, sujando o solo com uma lama compacta, erguendo as águas em remoinhos formidáveis, infectando a atmosfera de vapores sulfurosos, ocasionando a perda de navios?

É caso para perguntar, realmente, se a ilha de hélice não está ameaçada de um perigo dessa ordem.

O comodoro Simcoe não deixa de estar bastante inquieto, porque a navegação está em risco de se tornar deveras difícil. Depois de dar a ordem de moderar a velocidade, Standard-Island desloca-se apenas com grande lentidão.

Apodera-se da população milliardense um tal ou qual susto. Dar-se-á o caso que os desagradáveis prognósticos de Sebastião Zorn, com respeito ao resultado da viagem, estejam a pique de se realizar?

Cerca do meio-dia, é profunda a escuridão. Os habitantes saíram de suas casas, que não resistiriam se o casco metálico se levantasse ao embate das forças plutônicas, perigo que não era menos de recear, caso o mar passasse por cima das armaduras do litoral e despenhasse os seus macaréus sobre os campos!

O governador Cyrus Bikerstaff e o comodoro Simcoe dirigem-se à bateria do Esporão, seguidos por um grande número de habitantes. Mandam-se oficiais aos dois portos, com ordem de lá se conservarem sem interrupção. Os maquinistas estão prontos a produzir a rotação da ilha de hélice, caso seja necessário fugir numa direção oposta. O pior é que a navegação cada vez é mais dificultosa, à medida que o céu se cobre de espessas trevas.

Pelas três horas da tarde, custa a ver a dez passos de distância. Não há vestígios de luz difusa, tão absorvidos são os raios solares pela massa das cinzas. O que há sobretudo a recear é que Standard-Island, sobrecarregada com o peso das escórias caídas na sua superfície, não consiga manter a linha de flutuação acima do nível do oceano.

Ela não é um navio que se possa aliviar, alijando as mercadorias, desembaraçando-o do lastro! Que se há-de fazer senão esperar, confiando na solidez do aparelho!

Chega a noite, e a sua chegada nem pode ainda certificar-se senão pela hora dos relógios. A escuridão é completa. Debaixo daquele chuveiro de escórias é impossível manterem-se no ar as luas eléctricas, que são abaixadas até ao solo. Escusado é dizer que a iluminação das habitações e das ruas, que funciona todo o dia, se prolongará enquanto durar este fenómeno.

Cerrada a noite, a situação não se modifica. Parece, contudo, que as detonações são menos violentas. As fúrias da erupção tendem a diminuir, e a chuva de cinzas, arrastada para o sul por uma brisa bastante rija, começa a abrandar.

Os Milliardenses, um pouco tranquilizados, decidem-se a reinstalar-se nas suas habitações, com a esperança de que no dia seguinte Standard-Island se encontre em condições normais. Apenas haverá que proceder a uma completa e demorada limpeza da ilha de hélice.

Embora! Que triste dia de Ano Bom para a Jóia do Pacífico, e como faltou pouco para que Milliard-City tivesse a sorte de Pompeios ou de Herculanium! Conquanto não esteja situada nas faldas do Vesúvio, porventura a sua navegação não a expõe a encontrar um farto número desses vulcões que se eriçam pelas regiões submarinas do Pacífico?

Em todo o caso, o governador, os seus adjuntos e o Conselho dos Notáveis ficam em permanência no palácio do Município. As vigias da torre espreitam qualquer mudança que se produza no horizonte ou no zênite. A fim de manter a direção de sudoeste, a ilha de hélice não parou nunca, mas seguiu apenas com a velocidade de duas a três milhas por hora. Quando voltar o dia — ou pelo menos logo que se dissipem as trevas — aproará de novo para o arquipélago das Tonga. Aí decerto se ficará sabendo qual das ilhas desta parte do oceano foi teatro de tal erupção.

Seja como for, é manifesto que, à proporção que se adianta a noite, o fenómeno tende a atenuar-se.

Pelas três horas da manhã, outro incidente, que provoca novo terror nos habitantes de Milliard-City.

Standard-Island acaba de receber um choque, cuja repercussão se propagou através dos

compartimentos do casco. É certo que esse repelão não teve força bastante para provocar qualquer abalo nas habitações ou desarranjo nas máquinas. As hélices não pararam no seu movimento propulsivo. No entanto, não pode restar dúvida de que houve colisão para a proa.

Que seria? Teria Standard-Island encontrado algum baixio? Não, porque continua a deslocar-se. Teria então batido num cachopo? No meio desta escuridão tão profunda, ter-se-ia produzido um abalroamento com qualquer navio que cruzasse a sua derrota e que não pudesse descortinar os seus faróis? Resultariam desta colisão avarias graves, se não de tal natureza que comprometessem a sua segurança, pelo menos que exijam reparações importantes no seu porto de escala próximo?

Cyrus Bikerstaff e o comodoro Simcoe transportam-se, não sem dificuldade, pisando essa espessa camada de escórias, até à bateria do Esporão.

Aí, os guardas de alfândega informam-nos de que o choque fora efetivamente devido a abalroamento. Um navio de grande tonelagem, um vapor que corria de oeste para leste, foi de encontro ao esporão de Standard-Island. Embora este choque não tivesse gravidade para a ilha de hélice, é possível que o mesmo não sucedesse com relação ao vapor. Descortinou-se a sua massa no momento da colisão. Ouviram-se gritos, que não duraram mais de alguns instantes. O chefe do posto fiscal e os seus homens, acudindo à ponta da bateria, nada viram nem ouviram.

Soçobraria o navio imediatamente? Esta hipótese, por desgraça, é muitíssimo admissível.

Quanto a Standard-Island, verifica-se que o abalroamento não lhe ocasionou nenhum dano sério. É tal a sua massa, que lhe bastaria, mesmo com pequena velocidade, roçar-se por um barco, por poderoso que seja, mesmo quando fosse um couraçado de primeira classe, para que este ficasse em risco de se perder totalmente. Foi isto que aconteceu, sem dúvida.

Quanto à nacionalidade desse navio, o chefe do posto aduaneiro julga ter ouvido umas ordens proferidas em voz áspera — um desses rugidos peculiares às vozes de comando da marinha inglesa. Não lhe é possível, no entanto, asseverar isto de uma maneira formal.

Caso gravíssimo e que pode ter consequências não menos graves. Que dirá o Reino Unido? Um navio inglês é um pedaço da Inglaterra, e é sabido que a Grã-Bretanha não se deixa amputar impunemente. Que reclamações e que responsabilidades poderão cair sobre Standard-Island?

Assim se estreia o novo ano. Nesse dia, até às dez horas da manhã, o comodoro Simcoe não está habilitado a empreender pesquisas pelo mar largo. Está ainda o espaço enxovalhado de vapores, embora o vento, que refresca, comece a dissipar o chuveiro de cinzas. Por fim o Sol rompe as brumas do horizonte.

Em que estado se acham Milliard-City, o parque, os campos, as fábricas, os portos! Que trabalhadeira de limpeza! Deixá-lo! Isso é com a repartição da via pública. Simples questão de tempo e de dinheiro. Não há falta nem dum nem doutro.

Começa-se pelo mais urgente. Em primeiro lugar, os engenheiros dirigem-se à bateria do Esporão, para o lado do litoral, onde se deu o abalroamento. Avarias insignificantes por essa banda. O sólido casco de aço não sofreu mais do que o machado quando se enterra num cepo, que, na hipótese, vem a ser o navio abalroado.

Ao largo, nem sinal de destroços. Do alto da torre do Observatório, os poderosos

óculos não deixavam ver coisa nenhuma, conquanto, desde a colisão, Standard-Island não chegasse a deslocar-se duas milhas.

Convém prolongar as investigações em nome da humanidade.

O governador conferencia com o comodoro Simcoe. Dá-se ordem aos maquinistas para parar as máquinas e às embarcações eléctricas dos dois portos para se fazerem ao mar.

As pesquisas, que se alongam por um raio de cinco a seis milhas, não dão resultado nenhum. Não pode haver dúvidas: o navio, arrombado nas obras vivas, soçobrou com certeza, sem deixar vestígios da sua desapareição.

O comodoro Simcoe ordena então que se volte à velocidade regulamentar. Ao meio-dia, a observação indica que Standard-Island se encontra a cento e cinquenta milhas a sudoeste das Samoa.

Entrementes, recomenda-se às vigias que se conservem cuidadosamente de olho à mira.

Pelas cinco horas da tarde, dá-se sinal de uma fumarada espessa a desenvolver-se para o sueste. Será esta fumarada devida aos últimos arrancos do vulcão, cuja erupção perturbou tão profundamente estas paragens? É pouco de presumir, por isso que as cartas não indicam nem ilha nem ilhota pelas proximidades. Teria, pois, surgido nova cratera do fundo do oceano?

Não, e é manifesto que os fumos se aproximam de Standard-Island.

Uma hora depois, avizinham-se rapidamente, a toda a força de vapor, três navios, singrando de conserva.

Passada meia hora, reconhece-se que são navios de guerra. Uma hora mais tarde, não pode haver dúvidas sobre a sua nacionalidade. É a divisão da esquadra britânica que, cinco semanas antes, se recusou a saudar a bandeira de Standard-Island.

Ao cair da noite, os navios não estão a mais de quatro milhas da bateria do Esporão. Irão passar ao largo e prosseguir na sua derrota? Não é possível; marcando-se-lhes os fârois de posição, reconhece-se logo que eles permanecem estacionários.

— Aqueles navios fazem por certo tenção de comunicar connosco — diz o comodoro Simcoe ao governador.

— Aguardemos.— replica Cyrus Bikerstaff.

Mas por que maneira há-de o governador responder ao comandante da divisão, se este vier reclamar a propósito do abalroamento recente? É, com efeito, possível que tal seja a sua intenção, e pode ser que a guarnição do navio abalroado tivesse sido recolhida e se salvasse nos seus escaleres.

Afinal, será tempo de tomar uma resolução quando souberem de que se trata.

Fica-se sabendo no dia seguinte, logo ao amanhecer.

Ao nascer do Sol, flutua o pavilhão do contra-almirante no mastro de mezena do navio chefe, o qual se conserva a pouca força de vapor a duas milhas de Babord-Harbour. Destaca-se dele uma embarcação, que se dirige para o porto.

Um quarto de hora depois, o comodoro Simcoe recebe o seguinte despacho:

"O capitão Turner, do cruzador Herald, chefe do estado-maior do almirante Sir Edward Collinson, pede para ser conduzido imediatamente à presença do governador de Standard-Island."

Cyrus Bikerstaff, prevenido, autoriza o capitão do porto a deixar refestelar-se o desembarque e responde que espera o capitão Turner no palácio da municipalidade, Passados dez minutos, um car, posto à disposição do chefe do estado-maior, que é acompanhado por um tenente de marinha, transporta estas duas personagens até à porta do palácio municipal.

O governador recebe-os imediatamente na sala contígua ao seu gabinete.

Trocam-se os cumprimentos normais — muito rígidos de parte a parte.

Depois, pausadamente, acentuando as palavras, como se recitasse um trecho de literatura corrente, o capitão Turner exprime-se assim, numa frase única e interminável:

— Tenho a honra de levar ao conhecimento de Sua Excelência o governador de Standard-Island, neste momento a cento e setenta e sete graus e treze minutos a leste do meridiano de Greenwich, por dezasseis graus e cinquenta e quatro minutos de latitude sul, que, na noite de 31 de Dezembro para 1 de Janeiro, o steamer Glen, do porto de Glásgua, com três mil e quinhentas toneladas de arqueação, carregado de trigo, de anil, de arroz, de vinhos, carga de valor considerável, foi abalroado por Standard-Island, pertencente à Standard-Island Company Limited, cuja sede social é na Madeleine-Bay, baixa Califórnia, Estados Unidos da América, conquanto este steamer levasse os faróis regulamentares, branco no mastro do traquete, faróis de posição, verde a estibordo e encarnado a bombordo, e que, tendo-se desembaraçado depois do abalroamento, foi encontrado no dia seguinte a trinta e cinco milhas do teatro da catástrofe, prestes a ir a pique, em consequência de um rombo na amura de bombordo, e que soçobrou efetivamente, depois de ter conseguido, por fortuna, meter o capitão, os oficiais e a guarnição a bordo do Herald, cruzador de primeira classe de Sua Majestade Britânica que navega sob o pavilhão do contra-almirante Sir Edward Collinson, o qual denuncia este facto a Sua Excelência o governador Cyrus Bikerstaff, rogando-lhe se sirva reconhecer a responsabilidade de Standard-Island Company Limited, sob a garantia dos habitantes da dita Standard-Island para com os armadores do dito Glen, cujo valor em casco, máquinas e carga monta à importância de um milhão e duzentas mil libras esterlinas, ou seis milhões de dólares, a qual soma será depositada nas mãos do dito almirante Sir Edward Collinson, aliás se procederá mesmo pela força contra a dita Standard-Island.

Uma frase apenas de cerca de trezentas palavras, cortada por vírgulas, sem um único ponto! Mas como diz tudo, sem deixar lugar a subterfúgios! Sim ou não, resolve-se o governador a admitir a reclamação feita por Sir Edward Collinson e aceita os seus assertos com respeito: 1.º, à responsabilidade incorrida pela Companhia; 2.º, ao valor estimativo de um milhão e duzentas mil libras, atribuído ao steamer Glen, de Glásgua?

Cyrus Bikerstaff responde pelos argumentos normais em matéria de colisão.

O tempo estava escuríssimo em consequência de uma erupção vulcânica, que devia ter-se produzido nas paragens de oeste. Se o Glen trazia os seus faróis, também Standard-Island trazia os seus. De parte a parte, era impossível distingui-los. É, pois, este um caso de força maior.

Ora, segundo os regulamentos marítimos, cada um deve lançar as suas avarias à conta de ganhos e perdas, e não pode haver nelas motivo de reclamação nem de responsabilidade.

Resposta do capitão Turner:

Por certo que teria razão Sua Excelência o governador, caso se tratasse de dois navios

que navegassem em condições normais. Se o Glen cumpria estas condições, é notório que a Standard-Island não as cumpre, que não pode ser assimilada a um navio, que constitui um perigo iminente, movendo a sua massa enorme através das derrotas marítimas, que equivale a uma ilha, a uma ilhota, a um cachopo, que se deslocasse sem que pudesse marcar por forma definitiva a sua posição nas costas, que a Inglaterra sempre protestou contra este obstáculo impossível de fixar por levantamentos hidrográficos, e que Standard-Island deve sempre ser considerada responsável pelos acidentes provenientes da sua conformação especial.

É evidente que os argumentos do capitão Turner não carecem de certa lógica. No fundo sente-lhes Cyrus Bikerstaff a justiça. Mas, só por si, não pode tomar uma decisão. Levará a causa à presença dos tribunais competentes e não lhe cumpre a ele resolver desde já sobre a reclamação do almirante Sir Edward Collinson. Por felicidade não houve perdas pessoais...

— Por felicidade — respondeu o capitão Turner —, mas houve a perda de um navio e submergiram-se milhões por culpa de Standard-Island. Acaso o governador consente desde já em depositar nas mãos de Sir Edward Collinson a quantia representativa do valor atribuído ao Glen e à sua carga?

Como há-de o governador consentir nesse pagamento?

Afinal de contas, Standard-Island oferece abonações suficientes... Ali está ela para responder pelos danos incorridos, se os tribunais julgarem que ela é responsável, depois da vistoria dos peritos, tanto pelas causas do desastre como pela importância da perda causada.

— É essa a última palavra de Vossa Excelência? — pergunta o capitão Turner.

— É a minha última palavra — declara Cyrus Bikerstaff —, pois que não tenho competência para empenhar a responsabilidade da Companhia.

Novos cumprimentos, mais rígidos ainda, trocados entre o governador e o oficial inglês. Partida deste no car, que o reconduz a Babord-Harbour, e regresso ao Herald na lancha a vapor, que o transporta a bordo do cruzador.

Quando o Conselho dos Notáveis toma conhecimento da resposta de Cyrus Bikerstaff, dá-lhe plena e inteira aprovação, e depois do Conselho dá-lha também toda a população de Standard-Island. Não se devem submeter à insolente e imperiosa intimação dos representantes de Sua Majestade Britânica.

Firmada esta resolução, o comodoro Simcoe dá as suas ordens para que a ilha de hélice prossiga a sua derrota a toda a velocidade.

Ora, se a divisão do almirante Collinson teimar, será possível escapar às suas perseguições? Não têm os seus navios um andamento muito superior? E se ele apoiar a sua reclamação com algumas granadas de melinite, será possível resistir? É certo que as baterias da ilha são capazes de responder aos Armstrongs de que estão armados os cruzadores da divisão. Mas o campo oferecido aos tiros ingleses é infinitamente mais vasto... Que há-de ser das mulheres, das crianças, na impossibilidade de encontrarem abrigo? Todos os tiros serão aproveitados, ao passo que as baterias do Esporão e da Popa perderão, pelo menos, cinquenta por cento dos seus projéteis num alvo restrito e móvel!

É melhor, pois, esperar o que vai decidir o almirante Sir Edward Collinson.

Não se espera muito tempo.

Às nove horas e quarenta e cinco, parte da torre central do Herald um primeiro tiro de

pólvora seca, ao mesmo tempo que se iça no tope do mastro a bandeira do Reino Unido.

Sob a presidência do governador e dos seus adjuntos, o Conselho dos Notáveis discute na sala das sessões do palácio municipal. Desta feita, Jem Tankerdon e Nat Coverley são do mesmo parecer. Estes americanos, como homens práticos, não lhes passa pela ideia experimentar uma resistência que poderia ocasionar a perda pessoal e material de Standard-Island.

Reboa segundo tiro de canhão. Desta vez, passa uma granada sibilando, dirigida de modo que caia à distância de meia amarra no mar, onde rebenta com formidável violência, levantando enormes massas de água.

Por ordem do governador, manda o comodoro Simcoe arriar a bandeira que foi içada em resposta à do Herald. O capitão Turner volta a Babord-Harbour. Aí recebe letras de câmbio, assinadas por Cyrus Bikerstaff e endossadas pelos principais notáveis, representando a soma de um milhão e duzentas mil libras.

Três horas passadas, dissipam-se a leste os derradeiros fumos da divisão e Standard-Island continua a sua derrota para o arquipélago das Tonga.

# CAPÍTULO 5

## O TABU EM TONGA-TABU

— E então — diz Yvernés — tocaremos nas principais ilhas de Tonga-Tabu?

— Sim, meu rico amigo! — responde Calistus Munbar. — Terá ensejo de travar conhecimento com esse arquipélago, que tem o direito de chamar arquipélago de Hapai, e mesmo arquipélago dos Amigos, conforme o intitulou o capitão Cook, em reconhecimento da maneira amistosa como ali foi recebido.

— E decerto que seremos lá mais bem tratados do que o fomos nas ilhas de Cook? — pergunta Pinchinat.

— É provável.

— E visitamos todas as ilhas desse grupo? — interroga Frascaolin.

— Com certeza que não, visto que elas andam por cento e cinquenta.

— E depois? — inquire Yvernés.

— Depois, iremos às Fiji, depois às Novas Hébridas, depois, em repatriando os malaios, voltaremos a Madeleine-bay, onde terminará a nossa viagem.

— Standard-Island toca em muitos pontos das Tonga? — prossegue Frascaolin.

— Apenas em Vavao e em Tonga-Tabu — elucida o superintendente —, e não é ainda aí que o meu caro Pinchinat há-de encontrar os selvagens autênticos dos seus sonhos!

— Decididamente, já os não há, mesmo na parte oeste do Pacífico!-replica Sua Alteza.

— Perdão... existem em número respeitável para as bandas das Novas Hébridas e das Salomão. Mas em Tonga os súbditos do rei Jorge I são pouco mais ou menos civilizados, e acrescentarei que as súbditas são encantadoras. Não o aconselharia, no entanto, a desposar uma dessas fascinantes tonguianas.

— Por que motivo?

— Porque os casamentos entre os estrangeiros e indígenas não passam por felizes. Há geralmente incompatibilidade de gênios!

— Bonito — exclamou Pinchinat —, e aquele velho zangarreado Zorn que estava com tenção de casar em Tonga-Tabu.

— Eu!-replica o violoncelista, encolhendo os ombros.— Nem em Tonga-Tabu nem noutra parte, entendes, trocista?

— Decididamente, o nosso regente é um sábio — observa Pinchinat.—Vê você, meu caro Calistus, e permita-me mesmo que lhe chame Eucalistus, tanta é a simpatia que você me inspira...

— À vontade, Pinchinat!

— Pois, meu caro Eucalistus, uma pessoa não anda tantos anos a arranhar nas cordas de um violoncelo sem ficar filósofo, e a verdadeira filosofia ensina que o único meio de se ser feliz em casamento é não casar.

Na manhã de 6 de Janeiro aparecem no horizonte as alturas de Vavao, a ilha mais



importante do grupo setentrional. Este grupo é diferentíssimo, pela sua formação vulcânica, dos dois outros, Hapai e Tonga-Tabu. Todos três ficam compreendidos entre os dezassete e os vinte e dois graus sul, e os cento e setenta e seis e cento e setenta e oito oeste, uma área de dois mil e quinhentos quilómetros quadrados pela qual se repartem cento e cinquenta ilhas povoadas de sessenta mil habitantes.

Por ali passaram os navios de Tasman em 1643 e os de Cook em 1773, durante a sua segunda viagem de descobertas através do Pacífico. Depois de derribada a dinastia dos Finare-Finare e de fundado, em 1797, um estado federativo, uma guerra civil dizimou a população do arquipélago. Foi nessa época que desembarcaram os missionários metodistas, que fizeram triunfar esta ambiciosa seita de religião anglicana. Atualmente o rei Jorge I é o soberano incontestado deste reino, sob o protetorado da Inglaterra, enquanto... Esta reticência tem por fim reservar o futuro, como faz vezes sem conto a proteção britânica aos seus protegidos do ultramar.

É bastante difícil a navegação pelo meio deste dédalo de ilhotas e de ilhas, plantadas de coqueiros, e que é necessário seguir para chegar a Nu-Ofa, capital do grupo das Vavao.

Vavao é vulcânica, e, como tal, exposta a terramotos. Isto fez com que houvesse um certo cuidado na construção das habitações, a qual não comporta um único prego. As paredes são formadas de juncos entretecidos, que revestem ripas de madeira de coqueiro, e um telhado oval apoia-se em pilares ou troncos de árvores. O conjunto é muito fresco e asseado, e por isso atrai mais particularmente a atenção dos nossos artistas, postados na bateria do Esporão, enquanto Standard-Island atravessa os canais marginados de aldeias canacas. Donde em onde, algumas casas europeias desfraldam as bandeiras da Alemanha e da Inglaterra.

Mas se esta parte do arquipélago é vulcânica, não é a um desses vulcões que se deve atribuir o formidável derramamento, erupção de escórias e de cinzas, vomitado sobre essas paragens. Os Tonguianos nem chegaram a ficar mergulhados numa treva de quarenta e oito horas, visto que as brisas de oeste varreram as nuvens de matérias eruptivas para o horizonte oposto. A cratera que as expectorou é mais que provável pertença a qualquer ilha isolada, lá para leste, a não ser que seja vulcão de formação recente entre as Samoa e as Tonga.

Standard-Island não se demorou mais de oito dias em Vavao. Esta ilha merece ser visitada, embora, muitos anos antes, tivesse sido devastada por um terrível ciclone, que derribou a igreja dos Maristas franceses e destruiu um grande número de habitações indígenas. Todavia, o campo conservou os seus atractivos, com as suas aldeias numerosas, cingidas de laranjas, as suas planícies férteis, os seus campos de cana-de-açúcar, de inhames, os seus maciços de bananeiras, de amoreiras, de árvores-de-pão, de sândalos. Pelo que respeita a animais domésticos, apenas porcos e galináceos. Quanto às aves, somente pombos aos milhares e papagaios de cores festivas e de chalreada tumultuosa. Quanto a répteis, algumas serpentes inofensivas e uns lindos lagartos verdes, que dão ideia de folhas caídas das árvores.

O superintendente não exagerou a beleza do tipo indígena— aliás comum a esta raça malaia dos diversos arquipélagos do Pacífico Central. Homens soberbos, de estatura elevada, talvez um pouco obesos, mas de uma estrutura admirável e de atitude nobre, olhar altivo, tez cambiando desde o acobreado-escuro até ao azeitonado. Mulheres graciosas e bem proporcionadas, com as mãos e os pés de tal delicadeza de formas e de tal pequenez, que não

raro excitam o pecado da inveja nas alemãs e nas inglesas da colonia. O que é certo é que as mulheres indígenas apenas se empregam no fabrico das esteiras, dos cestos, dos panos semelhantes aos de Taiti, e os dedos não se deformam nestes trabalhos manuais. E, depois, fácil é poder julgar de visu sobre as perfeições da beleza tonguiana. Nem as abomináveis calças, nem o ridículo vestido de cauda foram ainda adoptados pelas modas da terra. Uma simples tanga ou uma cinta para os homens, o casabeque e a saia curta com ornatos de fina cortiça seca para as mulheres, que são a um tempo reservadas e garridas. Ambos os sexos usam a trunfa sempre cuidada, levantada elegantemente pelas raparigas para cima da testa e mantida por uma rede de fibras de coqueiro à laia de pente.

E, contudo, nenhuma destas vantagens tem o condão de dissipar as prevenções ao rabugento Sebastião Zorn. Nem se casará em Vavao, nem em Tonga-Tabu, nem seja em que terra for deste mundo sublunar.

É sempre uma viva satisfação, para ele e para os seus colegas, o desembarcarem nestes arquipélagos. É certo que Standard-Island lhes agrada muito; mas, enfim, isto de pôr os pés em terra firme também não é coisa que lhes desagrade.

Montanhas verdadeiras, campos a valer, cursos de água genuínos, tudo isto é uma variante dos riachos factícios e das costas artificiais. É preciso ser um Calistus Munbar para dar à sua Jóia do Pacífico a superioridade sobre as obras da Natureza.

Se bem que Vavao não seja a residência normal do rei Jorge, possui ele em Nu-Ofa um palácio, digamos antes um lindo cottage, onde habita com bastante frequência. Mas na ilha de Tonga-Tabu é que se elevam os paços régios e os estabelecimentos dos residentes ingleses.

Standard-Island vai fazer ali a sua derradeira escala, quase no limite do trópico de Capricórnio, ponto extremo que ela deverá atingir na sua viagem pelo hemisfério austral.

Depois de saírem de Vavao, os Milliardenses gozaram, durante dois dias, de uma navegação muito variada. Ao perderem de vista uma ilha tratam logo de marcar outra. Todas, apresentando o mesmo carácter vulcânico, são devidas à ação plutônica. A este respeito, é a mesma coisa tanto no grupo setentrional como no grupo central das Hapai. As cartas hidrográficas destas paragens, desenhadas com extrema precisão, permitem ao comodoro Simcoe o aventurar-se sem risco por entre os canais deste dédalo, desde Hapai até Tonga-Tabu. Demais a mais, não lhe faltariam pilotos, se fosse mister recorrer aos seus serviços. Circula ao longo das ilhas um grande número de embarcações — na sua maioria escunas com bandeira alemã, empregadas na cabotagem, ao passo que os navios de comércio exportam o algodão, a copra, o café, o milho, principais produtos do arquipélago. Não só os pilotos acudiriam pressurosos, se Ethel Simcoe os reclamasse, mas também as tripulações dessas pirogas duplas de balanceiros, reunidas por uma plataforma e podendo conter até duzentos homens. Sim! Centenas de indivíduos teriam acorrido ao primeiro sinal, e que pechincha para eles se acaso o preço da pilotagem fosse calculado sobre a tonelagem de Standard-Island!

Duzentos e cinquenta e nove milhões de toneladas! Mas o comodoro Simcoe, a quem são familiares todas estas paragens, dispensa-lhes os bons officios. Apenas em si deposita confiança e conta com o mérito dos officiais que executam as suas ordens com absoluta exatidão.

Avista-se Tonga-Tabu na manhã de 9 de Janeiro, quando Standard-Island já não dista

dela mais de três a quatro milhas. Muito baixa, pois que a sua formação não é devida a esforço geológico, não surdiu do fundo submarino, como tantas outras ilhas imobilizadas depois de terem vindo respirar à superfície das águas. Foram os infusórios que a construíram, a pouco e pouco, edificando os seus andares madreporicos.

E que trabalho aquele! Cem quilómetros de circunferência, uma área de setecentos a oitocentos quilómetros quadrados, onde vivem mil habitantes!

O comodoro Simcoe detém-se em frente do porto de Maofuga. Estabelecem-se imediatamente relações entre a ilha sedentária e a ilha ambulante, irmã dessa Latona de mitológica memória! Que diferenças que este arquipélago oferece das Marquesas, das Pomotu, do arquipélago da Sociedade!

Domina aqui a influência inglesa, e, sujeito a este domínio, o rei Jorge I não terá grande alvoroço em acolher amavelmente estes milliardenses de origem americana.

Entretanto, em Maofuga, encontra o quarteto um pequeno centro francês. Reside aí o bispo da Oceânia, que andava então em visita pastoral pelos diversos grupos. Elevam-se aí a Missão católica, o convento das freiras, as escolas dos dois sexos. É escusado dizer que os parisienses são cordialmente recebidos pelos seus compatriotas. Oferece-lhes hospitalidade o superior da Missão, o que os dispensa de recorrer ao Hospício dos Estrangeiros. Quanto às suas excursões, essas devem apenas conduzi-los a dois outros pontos importantes, Nakualofa, capital dos estados do rei Jorge, e a aldeia de Mua, cujos quatrocentos habitantes professam a religião católica.

Quando Tasman descobriu Tonga-Tabu, deu-lhe o nome de Amesterdão, nome que não é nada justificado pelas suas casas feitas de folhas de pandano e de fibras de coco.

É certo que não faltam habitações à europeia, mas o nome indígena coaduna-se melhor com esta ilha.

O porto de Maofuga fica situado na costa setentrional. Se Standard-Island houvesse escolhido o ponto de escala mais algumas milhas a oeste, ter-se-lhe-ia desenrolado diante dos olhos Nakualofa, com os seus jardins reais e o seu paço régio. Se, pelo contrário, o comodoro Simcoe se tivesse dirigido mais para leste, ter-se-lhe-ia deparado uma baía que corta com bastante profundidade o litoral e cujo fundo é ocupado pela aldeia de Mua. Se o não fez, é porque o seu aparelho teria corrido risco de encalhar pelo meio dessas centenas de ilhotas, cujos canaletes não dão acesso senão a navios de tonelagem medíocre. A ilha de hélice deve, pois, permanecer defronte de Maofuga durante o prazo que lhe é dado para a sua escala.

Se um certo número de milliardenses desembarcam neste porto, bem raros são os que se lembram de percorrer o interior da ilha. E, contudo, ela é encantadora e merece os elogios com que Eliseu Reclus a colmou. Verdade é que o calor é de tremer, a atmosfera tempestuosa, e algumas chuvas de extrema violência tendem a acalmar o ardor dos excursionistas, e é mister estar atacado pela loucura das digressões para percorrer semelhante terra. Todavia, fazem-nos Frascalín, Pinchinat e Yvernés, por ser impossível resolver o violoncelista a largar o seu quarto confortável do Casino antes da tarde, no momento em que a viração do mar refresca as praias de Maofuga. Até o superintendente se desculpa de não poder acompanhar aqueles três doidos.

— Era capaz de me derreter pelo caminho! — diz-lhes ele.

— Que tinha isso! Trazíamos engarrafado! — responde Sua Alteza.

Esta atraente perspectiva não logra convencer Calistus Munbar, que prefere conservar-se no estado sólido.

Por grande fortuna para os Milliardenses, há já três semanas que o Sol ascende para o hemisfério setentrional, e Standard-Island saberá manter-se a distância desse foco incandescente, por forma que conserve uma temperatura normal.

Por consequência, no dia seguinte saem os três amigos de Maofuga, logo ao amanhecer, e dirigem-se para a capital da ilha. É certo que faz calor; mas este calor é suportável ao abrigo dos coqueiros, dos leki-laki, dos tuis-tuis, das cocas, cujas vagas vermelhas e pretas se formam em cachos de gemas deslumbrantes.

Por volta do meio-dia, depara-se-lhes a capital em toda a sua esplêndida florescência, expressão que é sobremaneira exata nesta quadra do ano. O palácio do rei parece surgir de um gigantesco ramalhete de verdura. Existe um frisante contraste entre as cabanas indígenas, todas floridas, e as habitações de aspecto muito britânico, como a que pertence aos missionários protestantes. Em todo o caso foi considerável a influência desses ministros wesleyanos, e, depois de terem dado cabo de bastantes deles, os Tonguianos acabaram por lhes adoptar as crenças. Observemos, no entanto, que eles não renunciaram de todo às práticas da sua mitologia canaca. Para eles, o sumo sacerdote é superior ao rei. Na sua extravagante cosmogonia, representam um papel importante os gênios bons e os maus. O cristianismo não desarraigará facilmente o tabu, que continua em voga, e, em se tratando de o romper, não é isso coisa que se faça sem cerimônias expiatórias, nas quais por vezes se sacrifica a vida humana...

Cumpre-me mencionar, de acordo com as narrativas dos exploradores — particularmente o Sr. Aylie Marin, nas suas viagens em 1882 —, que Nakualofa ainda não passa de um centro meio civilizado.

Frascolin, Pinchinat e Yvernés não tiveram desejo nenhum de ir depor as suas homenagens aos pés do rei Jorge. Não se tomem estas palavras no sentido metafórico, pois que o costume é beijar os pés deste soberano. E por isso se congratulam os nossos parisienses, quando, na praça de Nakualofa, avistam o tui, como chamam a Sua Majestade, trajando uma espécie de camisa branca e um saiote de fazenda da terra, apertado em volta dos rins.

Este beijar de pés ficaria por certo entre as recordações mais desagradáveis da sua viagem.

— Bem se vê — observa Pinchinat — que as correntes de água são pouco abundantes aqui por estes sítios!

Com efeito, em Tonga-Tabu, em Vavao, assim como nas outras ilhas do arquipélago, a hidrografia não comporta nem um regato, nem uma lagoa. A água das chuvas, recolhida nas cisternas, é tudo quanto a Natureza oferece aos indígenas, e de que os súbditos de Jorge I se mostram tão poupados como o seu soberano.

No mesmo dia, os três excursionistas voltam estafados ao porto de Maofuga e sentem uma grande satisfação ao entrarem nos seus aposentos do Casino. Diante do incrédulo Sebastião Zorn, asseveravam eles que a sua excursão foi das mais interessantes. Mas as

poéticas indicações de Yvernés não conseguem decidir o violoncelista a acompanhá-los no dia seguinte à aldeia de Mua.

Esta viagem deve ser bastante demorada e fátigante. Poupar-se-iam facilmente a essa fadiga querendo utilizar uma das lanchas eléctricas que Cyrus Bikerstaff de bom grado poria à disposição dos excursionistas. Mas explorar o interior desta curiosa região é uma consideração de algum peso e os artistas partem pedibus calcantibus para a baía de Mua, contornando um litoral de coral, guarnecido de ilhéus, onde parece terem-se reunido em prazo dado todos os coqueiros da Oceânia.

A chegada a Mua só pôde refestelar-se de tarde. Há pois necessidade de lá pernoitar. Um local existe, naturalmente indicado para receber viajantes franceses. É a residência dos missionários católicos. O superior mostra ao acolher os hóspedes uma alegria tocante — o que lhes recorda o modo por que foram recebidos pelos Maristas de Samoa. Que bem que se passa a noite! Que interessante conversação, em que se tomou por assunto mais a França do que a colonia tonguiana! Aqueles frades lembram-se sempre com saudade da terra natal, tão afastada! Mas, a falar verdade, não serão compensadas essas saudades por todo o bem que eles fazem por aquelas ilhas? Não serve de consolação o verem-se respeitados naquele microcosmo, que subtraíram à influência dos ministros anglicanos e que converteram à fé católica? Tão bons resultados têm tirado que os metodistas se viram forçados a fundar uma espécie de anexo na aldeia de Mua, a fim de promover os interesses do proselitismo wesleyano.

É com certo orgulho que o superior faz admirar aos seus hóspedes os estabelecimentos da Missão, a casa que foi construída gratuitamente pelos indígenas de Mua, e a linda igreja devida aos arquitetos tonguianos, a qual não envergonharia os seus colegas da França.

À noitinha, passeiam pelos arredores da aldeia, atingem até os túmulos antigos de Tui-Tonga, onde se mesclam o xisto e o coral numa arte primitiva e encantadora. Visitam mesmo essa antiga plantação de méas, banianas ou figueiras monstruosas de raízes entrelaçadas como serpentes, e cuja circunferência excede às vezes sessenta metros. Frascalin embirra em as medir; a seguir, toma nota da medida na sua carteira, e pede ao superior que verifique. Depois disto ponha-se lá em dúvida a existência de semelhante fenómeno vegetal!

Boa ceia, boa noite passada nos melhores quartos da Missão. Em seguida, bom almoço, boas despedidas dos missionários que residem em Mua, e regresso a Standard-Island, no momento em que batem as cinco horas no campanário do palácio municipal. Desta vez, os três excursionistas não têm de recorrer às amplificações metafóricas para afiançar a Sebastião Zorn que a digressão lhes deixara recordações indeléveis.

No dia seguinte, Cyrus Bikerstaff recebe a visita do capitão Sarol; exponhamos, pois, os motivos que a determinaram:

Havia sido recrutado nas Novas Hébridas e conduzido a Tonga-Tabu um certo número de malaios — coisa de um cento deles — para trabalhos de arroteamento, recrutamento indispensável em vista da indiferença, digamos antes, da preguiça inata dos Tonguianos, que vivem à mercê do acaso. Ora, tendo acabado há pouco esses trabalhos, os tais malaios estavam à espera de ensejo para voltarem ao seu arquipélago. Dignar-se-ia o governador permitir-lhes a passagem em Standard-Island?

É esta permissão que vem pedir o capitão Sarol. Daí a cinco ou seis semanas, deve a ilha de hélice chegar a Erromango, e o transporte daqueles indígenas não poderá representar um grande encargo para o orçamento municipal. Não seria generoso o recusar àqueles pobres diabos um serviço tão fácil de prestar. Por isso o governador concede a autorização pedida, o que lhe vale os agradecimentos do capitão Sarol e também os dos Maristas de Tonga-Tabu, para os quais haviam sido recrutados os malaios.

Quem poderia desconfiar que o capitão Sarol arrebanhava assim os seus cúmplices, que esses neo-hebridianos o auxiliariam quando chegasse a ocasião, e não tinha ele motivo de se congratular por os ter encontrado em Tonga-Tabu e por os ter introduzido em Standard-Island?

Esse dia é o último que os Milliardenses devem passar no arquipélago, visto estar marcada a partida para o dia seguinte.

De tarde, têm eles ensejo de assistir a uma dessas festas meio civis, meio religiosas, em que os indígenas tomam parte com grande entusiasmo.

O programa destas festas, de que os Tonguianos são tão amigos como os seus congêneres das Samoa e das Marquesas, compreende muitos números de danças variadas. Como é natural que elas interessem aos nossos parisienses, põem-se eles a caminho de terra por volta das três horas.

Acompanha-os o superintendente e, desta vez, quis juntar-se a eles Atanásio Dorémus. A presença de um professor de prendas de sala não é, com efeito, de molde para uma cerimónia deste género? Sebastião Zorn resolveu-se a seguir os colegas, decerto mais desejoso de ouvir a música tonguiana do que de assistir aos exercícios coreográficos da população.

Quando chegaram à praça, estava a festa no seu auge. O licor de kava, extraído da raiz seca da pimenteira, circula das cabaças e escoá-se pelas goelas de uma centena de dançarinos, homens e mulheres, rapazes e raparigas, estas últimas garridamente enfeitadas com os seus compridos cabelos, que devem conservar assim até ao dia do casamento.

A orquestra é das mais simples. Os instrumentos são aquela flauta nasal, denominada fanghu-fanghu, mais uma dúzia de najas, que são tambores nos quais se dobra o rufo, até a compasso, como nota Pinchinat.

Evidentemente, Atanásio Dorémus, que é o supra-sumo da elegância, não pode furtar-se ao mais profundo desdém por umas danças que não entram na categoria das quadrilhas, polcas, mazurcas e valsas da escola francesa. Por isso encolhe os ombros sem-cerimónia, ao contrário de Yvernés, a quem estas danças parecem repletas de verdadeira originalidade.

E, em primeiro lugar, execução das danças sentadas, que se compõem apenas de atitudes, de gestos mímicos, de balanços de corpo, num ritmo lento e triste de efeito estranho.

A este balançar seguem-se as danças de pé, nas quais tonguianos e tonguianas se abandonam a todo o ardor do seu temperamento, ora executando figuras graciosas, ora reproduzindo por gestos as fúrias do guerreiro nas diversas vicissitudes da guerra.

Os quatro contemplam um tal espetáculo como artistas, pensando a que grau chegariam estes indígenas se fossem sobreexcitados pela música arrebatadora dos bailes parisienses.

E então Pinchinat-esta ideia é mesmo dele — faz a seguinte proposta aos colegas:

mandarem buscar os instrumentos ao Casino, e servirem àqueles bailarinos os mais furiosos seis por oito e os mais formidáveis dois por quatro dos repertórios de Lecoq, de Andrau e de Offenbach.

A proposta é aprovada e Calistus Munbar não duvida de que o efeito deve ser prodigioso.

Meia hora depois, chegam os instrumentos, e começa logo o baile.

Surpresa extrema dos indígenas, e extremo é também o prazer que manifestam ao ouvir o violoncelo e as três rabecas, vibradas com toda a bravura, das quais se escapa uma música ultra francesa.

Fiquem certos de que os indígenas não ficam insensíveis a efeitos tais, e prova-se até à evidência que essas danças características dos bailes musettes são instintivas, que se aprendem sem mestre, diga Atanásio Dorémus o que disser. Tonguianos e tonguianas rivalizam no serpentear, no desnalgar, no voltear, quando Sebastião Zorn, Yvernés, Frascalín e Pinchinat atacam os ritmos endiabrados do Orfeu nos Infernos. Até o superintendente sai do seu sério, e ei-lo que, numa quadrilha descabelada, se entrega às inspirações do "cavalier seul", ao passo que o professor de boas maneiras tapa o rosto diante de um horror assim. No cúmulo desta cacofonia, à qual se juntam as flautas nasais e os tambores sonoros, a fúria dos dançarinos atinge o máximo de intensidade, e ninguém sabe aonde isto iria parar se não sobreviesse um incidente que pôs termo a esta coreografia infernal.

Um tonguiano — latagão alentado —, maravilhado com os sons que o violoncelista arranca do seu instrumento, precipita-se sobre o violoncelo, deita-lhe as mãos e foge com ele, gritando:

— Tabu! Tabu!

O violoncelo fica tabuado! Ninguém lhe pode mexer sem sacrilégio! Os grandes sacerdotes, o rei Jorge, os dignitários da corte, toda a população da ilha se revoltaria, caso se violasse este costume sagrado.

Sebastião Zorn é que não quer saber disso. Tem apego àquela obra-prima de Gand & Bernardel. Por isso, atira consigo na peugada do ladrão. Os colegas precipitam-se logo no seu encalço. Metem-se de permeio os indígenas. Segue-se uma balbúrdia geral.

Mas o tonguiano dá às pernas com tal rapidez que é força renunciar a apanhá-lo. Em poucos minutos, está longe... muito longe!

Sebastião Zorn e os outros, esfalfados, voltam para junto de Calistus Munbar, que está a deitar os bofes pela boca fora. Dizer que o violoncelista está num estado de indescritível furor, fora dizer bem pouco! Escuma, sufoca de raiva! Tabuado ou não tabuado, ponham-lhe para ali o seu instrumento! Ainda que Standard-Island tenha de declarar guerra a Tonga-Tabu — não se têm visto rebentar guerras por motivos mais insignificantes? — o violoncelo deve ser restituído a seu dono.

Por felicidade, as autoridades da ilha intervieram na contenda. Daí a uma hora, consegue-se agarrar o indígena e obrigá-lo a trazer o instrumento. Esta restituição não se efetuou sem custo, e estava quase iminente o ultimato do governador Cyrus Bikerstaff, que, a propósito de uma questão de tabu, iria porventura excitar as paixões religiosas de todo o arquipélago.

Em todo o caso, a ruptura do tabu teve de se executar religiosamente, em conformidade com as cerimônias culturais do jata, usadas nestas circunstâncias. Segundo o costume, procede-se à matança de um número considerável de porcos, assam-se num buraco cheio de pedras candentes, de batatas doces, de taros e de frutas do macoré, e depois comem-se, com grande satisfação dos estômagos tonguianos.

Quanto ao seu violoncelo, cujas cordas bambearam um pouco no meio da barafunda, Sebastião Zorn teve apenas que o afinar pelo diapásão, depois de verificar que ele nada perdera das suas qualidades em consequência das feitiçarias indígenas.



# CAPÍTULO 6

## UMA COLEÇÃO DE FERAS

Saindo de Tonga-Tabu, Standard-Island faz proa ao noroeste, para o arquipélago das Fiji. Começa a afastar-se do trópico, seguindo o Sol que ascende para o equador. Não é preciso apressar-se. Separam-na do grupo fijiano duzentas léguas apenas, e o comodoro Simcoe mantém-se em andamento de passeio.

A brisa é variável. Mas que importa a brisa para este poderoso engenho marítimo? Se uma ou outra vez rebentam violentos temporais neste limite do vigésimo terceiro paralelo, a Jóia do Pacífico nem por sombras se apoquentam com eles. A eletricidade, que satura a atmosfera, é sugada pelas numerosas hastes de que estão armados todos os seus edifícios. Quanto às chuvas, embora torrenciais, que despejam sobre ela as nuvens tempestuosas, bem-vindas são elas. O parque e os campos verdejam debaixo dessas bátegas, aliás raras. Decorre, pois, a existência nas mais prósperas condições, no meio de festas, de concertos, de recepções. Agora tornaram-se frequentes as relações entre uma e outra secção, e parece que nada pode de ora avante ameaçar a segurança do futuro.

Cyrus Bikerstaff não tem razões de se arrepender da passagem que concedeu aos neo-hebridianos embarcados por empenho do capitão Sarol. Esses indígenas procuram tornar-se úteis. Ocupam-se em trabalhos de lavoura, como faziam nos campos tonguianos. Sarol e os malaios não os largam nem um momento durante o dia, e, em chegando a noite, dirigem-se para os dois portos por onde a municipalidade os repartiu. Não se levanta contra eles uma só queixa. Talvez que fosse ocasião azada para converter aqueles pobres diabos. Até então ainda não adoptaram as crenças do cristianismo, para o qual grande parte da população neo-hebridiana se mostra refractária, apesar dos esforços dos missionários anglicanos e católicos. O clero de Standard-Island pensou nessa conversão, mas o governador não quis autorizar tentativa nenhuma desse género.

Esses neo-hebridianos, cuja idade oscila entre os vinte e os quarenta anos, são de estatura meã. De tez mais fusca do que os Malaios, se apresentam tipos menos belos do que os naturais de Tonga ou das Samoa, parecem dotados de extrema paciência. O pouco dinheiro que ganharam ao serviço dos Maristas de Tonga-Tua, guardam-no preciosamente, sem lhes passar pela ideia gastá-lo em bebidas alcoólicas, que aliás só lhes seriam vendidas com grande parcimônia. Quanto ao mais, fornecidos de tudo o que precisam, decerto que nunca foram tão felizes no seu arquipélago selvático.

E, contudo, graças ao capitão Sarol, estes indígenas, unidos aos seus compatriotas das Novas Hébridas, vão ser coniventes na obra de destruição que está iminente. Nesse momento, reaparecerá toda a sua nativa ferocidade. Acaso não são eles os descendentes desses assassinos que deram reputação tão temível às populações desta parte do Pacífico?

Entretanto, os Milliardenses vivem na ilusão de que coisa nenhuma poderia comprometer uma existência em que tudo está tão logicamente organizado. O quarteto continua

a obter o mesmo êxito. Ninguém se cansa de o ouvir nem de o aplaudir. A obra de Mozart, de Beethoven, de Haydn, de Mendelssohn, há-de executar-se por inteiro. Além dos concertos regulares do Casino, Mrs. Coverley dá saraus musicais, que são muito frequentados. O rei e a rainha de Malecária muitas vezes os têm honrado com a sua presença. Se os Tankerdon ainda não se visitam com o palacete da Décima Quinta Avenida, pelo menos Walter é frequentador assíduo destes concertos. É impossível que o seu casamento com Miss Dy não se realize qualquer dia... Fala-se disso desassombradamente nos salões estibordenses e bombordenses. Até se designam os padrinhos dos futuros noivos... Não falta senão a autorização dos chefes de família... Pois não há-de surgir uma circunstância que obrigue Tankerdon e Nat Coverley a pronunciarem-se?

Não tarda a produzir-se essa circunstância, tão impacientemente aguardada. Mas à custa de quantos perigos, e de que terrível ameaça para a segurança da Standard-Island!

Na tarde de 16 de Janeiro, aí pelo centro desses paramos marítimos que separam as Tonga das Fiji, dá-se sinal de um navio ao sueste. Parece soltar o rumo para Tribord-Harbour. Deve ser um vapor de setecentas a oitocentas toneladas. Não flutua no penol bandeira nenhuma, e nem a içou quando se aproximou a uma milha de distância.

Qual é a nacionalidade desse vapor? As vigias do Observatório não podem reconhecê-lo pela sua construção. Como não honrou com um cumprimento esta detestada Standard-Island, é muito possível que seja inglês.

Em todo o caso, o tal navio não procura aportar a qualquer dos portos. Parece querer passar de largo, e com certeza que dentro em pouco não se avistará.

Chega a noite, escuríssima, sem luar. O céu está coberto por umas nuvens altas,

semelhantes a essas fazendas felpudas, impróprias para a radiação, que absorvem toda a luz. Nem sopro de vento. Calma podre nas águas e no ar. Silêncio profundo no meio daquelas espessas trevas.

Cerca das onze horas, mudança atmosférica. O tempo torna-se borrascoso. O espaço é sulcado pelos relâmpagos até depois da meia-noite, e o ribombar do trovão continua intermitente, sem cair uma gota de chuva.

É possível que estes ribombos, devidos a alguma trovoada distante, impedissem os guardas da alfândega de serviço na bateria de Popa de ouvir uns sibilos singulares, uns urros estranhos, que perturbaram esta parte do litoral.

Não são nem os sibilos do raio nem o rugir do trovão. Este fenômeno, seja qual for a sua causa, produziu-se apenas entre as duas e as três horas da madrugada.

No dia seguinte, espalha-se pelos bairros excêntricos da cidade uma novidade inquietante. Os guardas do gado que andam a pastar pelo campo, num excesso de terror e pânico repentino, acabam de dispersar em todas as direções, uns para os portos, outros para as grades que cercam Milliard-City.

Facto de maior gravidade: de noite foram meio devorados uns cinquenta carneiros, cujos restos ensanguentados jazem nas cercanias da bateria de Popa. Algumas dúzias de vacas, de corças, de gamos, nos recintos das pastagens e do parque, cerca de vinte cavalos, igualmente sofreram a mesma sorte.

Não há dúvida de que estes animais foram atacados por feras... Mas que feras? Leões, tigres, panteras, hienas? Pois isso é lá admissível? Porventura alguma vez apareceu em Standard-Island um único desses temíveis carnívoros? Pois seria possível que estes animais lá chegassem por mar? Finalmente, acaso a Jóia do Pacífico se encontra na vizinhança das índias, da África, da Malásia, cuja fauna possui esta variedade de bestas-feras?

Não! Standard-Island nem mesmo está na proximidade da foz do Amazonas ou das bocas do Nilo, e, contudo, pelas sete horas da manhã, duas mulheres, que acabam de ser recolhidas no square do palácio municipal, foram perseguidas por um enorme jacaré, o qual, ao chegar à margem da Serpentine-river, se sumiu na água. Ao mesmo tempo, o bulício das ervas, ao longo das margens, indica que outros sáurios ali se debatem neste momento.

Imagine-se o efeito produzido por estas incríveis notícias! Passada uma hora, as vigias verificam que andam aos pulos pelos campos casais de tigres, de leões, de panteras! Muitos carneiros, que fugiam para o lado da bateria do Esporão, são chacinados por dois alentados tigres. De diversas direções concorrem os animais domésticos, apavorados pelos rugidos das feras. O mesmo acontece ao pessoal que desde madrugada se encaminha para os seus mesteres agrícolas.

O primeiro tramway para Babord-Harbour mal tem tempo de recolher à gare. Perseguiram-no três leões, e por um triz, por uns cem passos, quando muito, que o não apanham.

Não restam dúvida: Standard-Island foi de noite invadida por uma alcateia de animais ferozes, e Milliard-City vai sofrer a mesma invasão, se se não tomam precauções imediatas.

Foi Atanásio Dorémus quem pôs os nossos artistas ao corrente da situação. O professor de boas maneiras, tendo saído mais cedo como de costume, não se atreveu a voltar para casa,

e refugiou-se no Casino, donde não há poder humano que consiga arrancá-lo.

— Ora adeus! Isso de leões e de tigres são maranhões — exclamou Pinchinat —, e os tais jacarés são peixes de Abril!

Mas não há remédio senão submeterem-se à evidência. Por conseguinte, a municipalidade deu ordem de fechar as portas gradeadas da cidade, depois de obstruir a entrada dos dois portos e dos postos aduaneiros do litoral. Ao mesmo tempo suspende-se o serviço dos tramways e proíbe-se a quem quer que seja que se aventure pelo parque ou pelos campos, enquanto senão tiverem conjurado os perigos desta inexplicável invasão.

Ora, no momento em que os agentes fechavam a extremidade da Primeira Avenida, do lado do square do Observatório, saltaram à distância de cinquenta passos dois tigres, de olhar afogueado, de fauces sangrentas. Mais uns segundos, e essas feras teriam transposto a grade.

Do lado do palácio municipal tornou-se a mesma cautela, e Milliard-City não tem nada a recear de uma agressão.

Que caso este! Que assunto palpitante de notícias, de crônicas, para o Starboard-Chronicle, o New-Herald e outros jornais de Standard-Island!

Na realidade, o terror chegou ao seu auge. Palacetes e casas estão defendidos com barricadas. Os armazéns do bairro comercial cerraram as portas. Nem uma ficou aberta. Às janelas dos andares superiores apareceram cabeças assombradas. Não se vêem na rua senão piquetes da milícia às ordens do coronel Stewart e destacamentos da polícia dirigidos pelos seus oficiais.

Cyrus Bikerstaff, os seus adjuntos Bartolomeu Ruge e Hubley Harcourt, tendo acudido logo de começo, mantêm-se em serviço permanente na sala da administração. Pelos aparelhos telefônicos dos dois portos, das baterias e dos postos do litoral, a municipalidade recebe notícias deveras assustadoras. As feras surdem por toda a parte... centos delas pelo menos, dizem os telegramas, nos quais talvez o medo houvesse colocado um zero a mais... O que é certo é que pelos campos corre um não determinado número de leões, de tigres, de panteras e de jacarés.

Que se passou pois? Ter-se-ia espalhado por Standard-Island alguma coleção de feras, fugidas das jaulas? Mas donde viria ela? Que navio a transportava? Seria o vapor avistado na véspera? Se foi, onde para esse vapor? Teria atracado de noite à ilha? Dar-se-á o caso que as feras, tendo escapado a nado, conseguissem alcançar o litoral na parte abatida que serve de escoamento da Serpentine-river? Enfim, teria soçobrado em seguida o navio? E, contudo, a quanto pode alongar-se a vista das vigias, a quando pode alcançar o óculo do comodo Simcoe, não se enxerga o mínimo destroço à tona de água, e o deslocamento de Standard-Island foi quase nulo desde a véspera! Além disso, se o navio soçobrou, como é que a tripulação não procuraria abrigo em Standard-Island, como os carnívoros fizeram?

O telefone da municipalidade interroga os diversos postos a este respeito, e os diversos postos respondem que não houve abalroamento nem naufrágio. Por mais profunda que fosse a escuridão, qualquer desses casos não escaparia à sua atenção. Decididamente, de todas as hipóteses, é essa ainda a menos admissível.

— Mistério! Mistério! — repete continuamente Yvernés.

Os artistas estão reunidos no Casino, onde Atanásio Dorémus vai compartilhar do seu

primeiro almoço, o qual será seguido, se preciso for, do segundo almoço ao meio-dia, e do jantar às seis horas.

— Palavra de honra! — comenta Pinchinat, tasquinhando o seu jornal de chocolate, que vai ensopando na taça fumegante —, palavra de honra que ando às aranhas com estas feras... Seja lá como for, vamos nós comendo, Sr. Dorémus, enquanto não somos comidos...

— Quem sabe? — replica Sebastião Zorn. — E quer seja por leões, por tigres, ou por canibais...

— Cá por mim, preferia os canibais! — declara Sua Alteza. — Cada qual tem o seu gosto, não é verdade?

E ri-se, este infatigável trocista, mas o professor de boas maneiras é que se não ri, e Milliard-City, vencida pelo pavor, não tem vontade nenhuma de se divertir.

Logo às oito horas da manhã, o Conselho dos Notáveis, convocado no palácio municipal, não hesitou em ir ter com o governador. Já não anda viva alma pelas avenidas e pelas ruas, a não serem os piquetes dos milicianos e dos polícias encaminhando-se para os postos que lhes são indicados.

O Conselho, presidido por Cyrus Bikerstaff, começa logo a sua deliberação.

— Meus senhores-diz o governador —, conhecem a causa deste pânico, muito justificado, que se apossou da população de Standard-Island. Esta noite, a nossa ilha foi invadida por uma alcateia de feras carniceiras e de sáurios. Urge proceder ao extermínio dessa alcateia, e lá chegaremos, fiquem certos disso. Mas os nossos administrados têm de conformar-se com as medidas que nos vimos forçados a tomar. Se ainda está autorizada a circulação em Milliard-City, cujas portas estão cerradas, não deve ela permitir-se pelo parque e pelos campos. Portanto, até nova ordem, ficarão proibidas as comunicações entre a cidade, os dois portos, as baterias da Popa e do Esporão.

Aprovadas estas medidas, passa o Conselho à discussão dos meios que permitirão destruir os temerosos animais que infestam Standard-Island.

— Os nossos milicianos e os nossos mareantes — prossegue o governador — vão organizar montarias nos diversos pontos da ilha. Àqueles de entre nós que já foram caçadores, rogamos-lhes se unam a eles, lhes dirijam os movimentos, procurem prevenir tanto quanto possível uma catástrofe.

— Eu noutra tempo — afirma Jem Tankerdon — cacei na índia e na América, e não sou aprendiz no assunto. Estou pronto, e meu filho mais velho há-de acompanhar-nos...

— Agradecemos ao digno Sr. Jem Tankerdon — volveu Cyrus Bikerstaff — e por mim, hei-de imitá-lo. Ao mesmo tempo que os milicianos do coronel Stewart, um piquete de marinheiros há-de operar às ordens do comodoro Simcoe, e estão-lhes abertas as suas fileiras, meus senhores!

Nat Coverley faz uma proposta análoga à de Jem Tankerdon e, finalmente, todos os notáveis a quem a idade o permite oferecem pressurosos o seu concurso. Não faltam em Milliard-City as armas de tiro rápido e de grande alcance. Não sofre pois dúvida que, graças à dedicação e à coragem de cada um, Standard-Island fique a breve trecho desembaraçada dos seus temíveis hóspedes. Mas, conforme repete Cyrus Bikerstaff, o que é essencial é que não haja a lamentar a morte de ninguém.

— Quanto às feras, cujo número não podemos avaliar — acrescenta ele —, importa que sejam destruídas dentro em pouco. Deixar-lhes tempo para se aclimarem, para se multiplicarem, seria comprometer a segurança da nossa ilha.

— É provável — observa um dos notáveis — que a alcateia não seja considerável.

— Com efeito, ela não pode provir senão de algum navio que transportasse uma coleção de feras, algum navio expedido da Índia, das Filipinas ou das ilhas da Sunda, por conta de alguma casa de Hamburgo, onde se faz especialmente o comércio destes animais.

É nesta cidade o principal mercado das feras, cujos preços atingem doze mil francos pelos elefantes, vinte e sete mil pelas girafas, vinte e cinco mil pelos hipopótamos, cinco mil pelos leões, quatro mil pelos tigres, dois mil pelos jaguares, belos preços, ao que se vê, e que tendem a elevar-se, ao passo que há baixa nas serpentes.

E a propósito disto, como um membro do Conselho observasse que talvez se incluíssem na coleção aludida alguns representantes da classe dos ofídios, o governador responde que ainda se não deu sinal de nenhum réptil. Demais a mais, se houve leões, tigres, jacarés, que puderam introduzir-se a nado pela embocadura da Serpentine, não seria possível que outro tanto fizessem as serpentes.

É isso que faz notar Cyrus Bikerstaff.

— Suponho, pois — diz ele —, que não temos a recear a presença de jibóias, corais, cascavéis, capelos, víboras, e outros espécimes da mesma ordem. No entanto, faremos tudo quanto for mester para tranquilizar a população a tal respeito. Mas não percamos tempo, meus senhores, e, antes de investigar qual foi a causa deste assalto de animais ferozes, o que é preciso é que eles não fiquem cá.

Nada mais sensato, nem mais explícito, deve-se concordar. Ia levantar-se a sessão do Conselho, a fim de que os notáveis tomassem parte nas montarias com o auxílio dos mais destros caçadores de Standard-Island, quando Hubley Harcourt pede a palavra para apresentar uma observação.

Sendo-lhe concedida, eis o que o digno adjunto julga conveniente expor ao Conselho:

— Senhores notáveis, eu não pretendo retardar as operações decididas. O que é urgente é começar a caça. Permitam-me, todavia, que lhes comunique uma ideia que me ocorreu. Talvez que ela ofereça uma explicação muito plausível da presença dessas feras em Standard-Island.

Hubley Harcourt, de uma antiga família francesa das Antilhas, americanizada durante a sua permanência na Luisiana, goza de extrema consideração em Milliard-City. É um espírito muito grave, muito reservado, não se comprometendo nunca ao de leve, muito parco de palavras, e merecendo as suas opiniões grande confiança. Por isso o governador lhe pede que se explique, o que ele faz em algumas frases de uma lógica cerrada.

— Senhores notáveis, ontem de tarde deu-se sinal de um navio à vista da nossa ilha. Este navio não deu a conhecer a sua nacionalidade, decerto no empenho de que ela ficasse ignorada. Ora não sofre dúvida, no meu parecer, que ele transportava esta carga de carnívoros.

— É evidentíssimo — apoiou Nat Coverley.

— Pois, meus senhores, se há nesta assembleia quem pense que a invasão de Standard-

Island é devida a uma casualidade marítima... por mim... não penso tal.

— Mas então — exclama Jem Tankerdon, que julga entrever a luz através das palavras de Hubley Harcourt — seria voluntariamente... de caso pensado... com premeditação?

— Oh!-brada o Conselho.

— Tenho essa convicção — assevera o adjunto em voz firme — e uma trama destas só pode ser obra do nosso eterno inimigo, desse John Buli, a quem servem todos os meios contra Standard-Island...

— Oh!-repete o Conselho.

— Não tendo o direito de exigir a destruição da nossa ilha, quis torná-la inabitável. Daí essa coleção de leões, de jaguares, de tigres, de panteras, de jacarés, que esse vapor atirou pela calada da noite para os nossos domínios!

— Oh! — clama pela terceira vez o Conselho.

Mas, de dúvida que era a começo, a interjeição tornou-se afirmativa. Sim! Deve ser uma vingança desses encarniçados Ingleses, que diante de coisa nenhuma recuam, em se tratando de manter a sua soberania marítima! Sim! Essa embarcação foi fretada para essa obra criminosa; depois, cometido o atentado, sumiu-se! Sim! O Governo do Reino Unido não hesitou em sacrificar uns milhares de libras no propósito de tornar impossível a habitabilidade de Standard-Island.

E Hubley Harcourt acrescenta:

— Se fui levado a formular esta observação, se as suspeitas que eu concebera se transformaram em certeza, meus senhores, é que a minha memória me sugeriu um facto análogo, uma maquinação perpetrada em circunstâncias pouco mais ou menos idênticas, e da qual os Ingleses nunca se lavaram..

— Pois não é a água que lhes falta! -observa um dos notáveis.

— A água salgada não lava!-responde outro.

— Assim como o mar não seria capaz de apagar a nódoa de sangue na mão de Lady Macbeth! — exclama um terceiro.

E notem que estes dignos conselheiros acodem com estas réplicas antes mesmo que Hubley Harcourt lhes conte o facto ao qual acaba de aludir:

— Senhores notáveis — continuou ele —, quando a Inglaterra teve de abandonar à França as Antilhas francesas, quis lá deixar um vestígio da sua passagem, e que vestígio aquele! Até então, nunca houvera uma única serpente na ilha de Guadalupe, nem na Martinica, e depois da partida da colonia anglo-saxônica, esta última viu-se inçada de serpentes. Era a vingança de John Buli. Antes de se pôr a andar, lançara centos de répteis no domínio que lhe escapava das unhas, e desde essa época multiplicaram-se espantosamente esses animais peçonhentos, com dano imenso dos colonos franceses!

É certo que esta acusação contra a Inglaterra, a qual nunca foi desmentida, torna assaz plausível a explicação dada por Hubley Harcourt. Mas, acaso é lícito supor que John Buli tenha querido tornar inabitável a ilha de hélice, e será certo que o mesmo tentasse fazer a uma das Antilhas francesas? Nunca foi possível provar nem um nem outro destes factos. Contudo, pelo que respeita a Standard-Island, devia o facto ser dado por autêntico pela população milliardense.

— Pois bem! — exclama Jem Tankerdon. — Se os Franceses nunca conseguiram expulsar da Martinica as víboras que os Ingleses lá tinham deixado em seu lugar...

Uma trovoadade hurras e de hipes acolheu esta comparação do fogo americano.

— ...Os Milliardenses, esses saberão desembaraçar Standard-Island das feras que a Inglaterra largou para cima dela.

Nova trovoadade aplausos, que cessam apenas para recomeçarem com mais força, depois de Jem Tankerdon acrescentar:

— Ao nosso posto, meus senhores, e não esqueçamos que, ao perseguir esses leões, esses tigres, esses jacarés, é aos Ingleses que nós damos caça.

E levanta-se a sessão.

Passada uma hora, quando os principais periódicos publicam a ata estenografada dessa sessão, quando se sabe quais foram as mãos inimigas que abriram a jaula a essa bicharada flutuante, quando se percebe a quem é devida a invasão dessas legiões de bestas-feras, sai de todos os peitos um grito de indignação, e a Inglaterra é amaldiçoada nos seus filhos e nos seus netos enquanto o seu nome detestado se não apagar, afinal, da memória humana.



# CAPÍTULO 7

## MONTARIAS

Trata-se de proceder ao extermínio total dos animais que invadiram Standard-Island. Se escapar um casal que seja desses temerosos bichos, sáurios ou carneiros, acabou-se a segurança futura da ilha. Esse casal há-de multiplicar-se, e o mesmo seria ir-se viver para as florestas da Índia ou da África. Ter fabricado um aparelho de chapas de aço, tê-lo lançado por esses vastos paramos do Pacífico, sem que ele tenha nunca tido contacto com as costas ou os arquipélagos suspeitos, ter tomado todas as medidas para que fique ao abrigo das epidemias, assim como das invasões, e de repente, numa noite... A falar verdade, a Standard-Island Company deve sem hesitação demandar o Reino Unido perante um tribunal internacional e reclamar-lhe formidáveis indemnizações por perdas e danos! Pois o direito das gentes não foi medonhamente violado nesta circunstância? Sim! Foi-o por certo, e se alguma vez se apresentarem provas...

Mas, conforme decidiu o Conselho dos Notáveis, é necessário tratar do que é mais urgente.

E antes de tudo, ao contrário do que pediram certas famílias dominadas pelo terror, não se pode admitir que a população se refugie nos vapores dos dois portos e fuja de Standard-Island. Demais a mais, nem os vapores chegavam para semelhante êxodo.

Não! Vai-se dar caça a esses animais de importação inglesa e, destruídos eles, a Jóia do Pacífico em breve há-de recuperar a sua antiga segurança.

Os Milliardenses lançam-se a esse trabalho sem perda de tempo. Alguns não hesitam em propor meios extremos, entre outros introduzir o mar na ilha de hélice, propagar o incêndio através dos maciços do parque, das planícies e dos campos, por forma que se afogue ou se queime toda essa bicharada. Mas, em todo o caso, ineficaz seria o meio pelo que respeita aos anfíbios, e mais vale proceder por batidas organizadas com circunspecção.

Dito e feito.

Mencionemos aqui que o capitão Sarol, os malaios, os neo-hebridianos, ofereceram os seus serviços, que o governador aceita pressuroso. Aquelas boas almas querem mostrar o seu reconhecimento pelos serviços recebidos. No seu íntimo, o capitão Sarol receia sobretudo que este incidente interrompa a viagem, que os Milliardenses e suas famílias queiram sair de Standard-Island, que obriguem a administração a dirigir-se imediatamente para a baía Madalena, o que reduziria a nada os seus projetos.

O quarteto mostra-se à altura das circunstâncias e digno da sua nacionalidade. Ninguém poderá dizer que quatro franceses não arriscam o pêlo, em havendo perigos a correr. Alistam-se sob a direção de Calistus Munbar, o qual, ao que afirma, já viu coisas muito mais feias, e encolhe os ombros em sinal de desdém por esses leões, tigres, panteras e outros animais inofensivos! Quem sabe se este neto de Barnum já foi domador, ou, pelo menos, diretor de alguma coleção ambulante de feras?

Começaram as batidas nessa mesma manhã, e corre próspera a estreia.

Durante esse primeiro dia, dois crocodilos tiveram a imprudência de se aventurarem fora da Serpentine, e é sabido que esses sáurios, temíveis a valer no líquido elemento, muito menos o são na terra firme, pela dificuldade que têm em se voltar para trás. O capitão Sarol e os seus malaios atacam-nos corajosamente, e livram o parque desses importunos hóspedes, embora fique ferido um dos malaios.

Entrementes, deu-se conta de mais uma dezena deles — o que, sem dúvida, constitui a alcateia. São animais de tamanho considerável, que medem entre quatro e cinco metros, por conseguinte perigosos deveras.

Como se refugiaram debaixo de água, a maruja apressa-se a enviar-lhes algumas dessas balas explosivas que fazem rebentar as mais rijas couraças.

Por outro lado, os grupos de caçadores espalham-se pelos campos. Um dos leões é morto por Jem Tankerdon, o qual teve razão em dizer que não era aprendiz no ofício, e que reassumiu o sangue-frio e a destreza de antigo caçador do Far West. É soberbo o animal-desses que podem valer de cinco a seis mil francos. Atravessou-lhe o coração um zagalote de aço no momento em que pulava para cima do grupo dos quatro artistas, e afirma Pinchinat "que lhe sentiu de passagem o vento da cauda!"

De tarde, por ocasião de um ataque em que um dos milicianos apanha uma dentada no ombro, o governador dá cabo de uma leoa magnífica.

Se John Buli contou que estes formidáveis animais fizessem criação, ficam-lhe baldadas todas as esperanças de progênie.

Antes do fim do dia, ainda dois tigres caem às balas do comodoro Simcoe, à testa de um destacamento de marinheiros, um dos quais, gravemente ferido pelas garras de uma das feras, foi transportado para Tribord-Harbour. Segundo as informações recolhidas, parece que estes terríveis felinos são os mais numerosos entre os carnívoros desembarcados na ilha de hélice.

Ao cair da noite, as feras, depois de resolutamente perseguidas, refugiam-se nas matas para o lado da bateria do Esporão, donde se propõem a desalojá-las logo de madrugada.

Até pela manhã não pararam os urros tremendos, lançando o terror na população feminina e infantil de Milliard-City. Esse pavor não tende a declinar, nem mesmo oferece probabilidades de cessar de todo. Com efeito, que certeza há de que Standard-Island tenha dado cabo dessa vanguarda do exército britânico?

Por isso, em todas as classes miliardenses é um desfiar constante de rosários intermináveis contra a pérfida Albion.

Ao despontar da aurora, recomeçam os voluntários como na véspera. Por ordem do governador, conforme a opinião do comodoro Simcoe, o coronel Stewart dispõe-se a empregar a artilharia contra o grosso das feras, a fim de as enxotar dos seus valhacoitos. Para as bandas da bateria do Esporão são trazidas duas peças de artilharia de Tribord-Harbour, das que lançam metralha como os Hotchkiss.

Neste local, as matas de almezes são atravessadas pela linha do tramway, que se ramifica para o Observatório. Ao abrigo destas árvores é que passou a noite um certo número de feras. Por entre as ramadas interiores surgem algumas cabeças de leões e tigres, de pupilas

lampejantes. Os marinheiros, os milicianos, os caçadores, dirigidos por Jem e Walter Tankerton, Nat Coverley e Hubley Harcourt, tomam posição à esquerda daquelas matas, esperando a saída dos animais ferozes de que a metralha não tiver logo dado cabo.

Ao sinal do comodoro Simcoe, as duas peças disparam simultaneamente. Respondem-lhes uns urros formidáveis. Não há dúvida de que foram alcançados muitos dos carnívoros. Os restantes — uns vinte — arremessam-se para fora da mata, e, ao passarem junto do quarteto, são saudados com uma fuzilaria que fere mortalmente dois. Nesse instante, arroja-se sobre o grupo um tigre enorme, e Frascalín recebe com o pulo da fera uma pancada tão terrível que vai parar a dez passos de distância.

Precipitam-se os companheiros em seu socorro. Levantam-no quase com os sentidos perdidos. Mas dentro em pouco volta a si... Foi um choque apenas que apanhou... Mas que choque!

Entretanto, trata-se de perseguir os jacarés nas águas da *Serpentine-river*, e o difícil é ficarem com a certeza de se verem livres desses vorazes animais. Por fortuna, o adjunto Hubley Harcourt tem a ideia de levantar as comportas do rio, e é possível atacar os sáurios em melhores condições, e com vantagem.

A única vítima a lamentar é um cão pertencente a Nat Coverley. Agarrado por um jacaré, o pobre animal é cortado em duas partes por uma dentada. Mas uma dúzia de sáurios caíram às balas dos milicianos, e é possível que *Standard-Island* se veja, enfim, definitivamente liberta desses temíveis anfíbios.

Em todo o caso, o dia correu bem. Entre as feras mortas contam-se seis leões, oito jaguares, nove panteras, entre machos e fêmeas.

Chegada a noite, o quarteto, incluindo Frascalín, já restabelecido do abalo, veio sentar-se à mesa no restaurante do Casino.

— Ora queira Deus que a gente chegasse ao termo dos nossos trabalhos!-disse Yvernés.

— A não ser que aquele steamer, segunda Arca de Noé — responde Pinchinat —, tivesse no seu bojo todos os bichos da criação...

Isso não era provável, e Atanásio Dorémus sentiu-se bastante tranquilizado para regressar ao seu domicílio da *Vigésima Quinta Avenida*. Aí, na casa barricada, encontra a criada velha, cheia de desespero ao pensar que de seu velho amo não deviam àquelas horas restar senão farrapos informes!

Decorreu a noite em bastante sossego. Apenas ao longe se ouviam uns bramidos, para os lados de *Babord-Harbour*. É de supor que no dia seguinte, procedendo-se a uma batida geral pelos campos, fique completa a destruição das feras.

Logo de madrugada, tornam a organizar-se os grupos dos caçadores. Escusado é dizer que há vinte e quatro horas *Standard-Island* permanece estacionária, visto que todo o pessoal da máquina está empregado na obra comum.

Os piquetes, compreendendo cada um cerca de vinte homens armados de espingardas de tiro rápido, têm ordem de percorrer toda a ilha. O coronel Stewart não julgou conveniente empregar a artilharia contra as feras, que estão agora dispersas. Acossados nos arredores da bateria da *Popa*, são derribados pelas balas treze desses animais. Mas foi preciso livrar, com

algun custo, dois guardas do posto aduaneiro próximo, que, derrubados por um tigre e uma pantera, receberam feridas graves.

Esta última caça eleva a cinquenta e três o número dos animais destruídos desde a primeira montaria da véspera.

São quatro horas da manhã. Cyrus Bikerstaff e o comodoro Simcoe, Jem Tankerdon e seu filho, Nat Coverley e os dois adjuntos, alguns dos notáveis, escoltados por um destacamento da milícia, dirigem-se para o palácio municipal, onde o Conselho está à espera dos relatórios expedidos dos dois portos, das baterias do Esporão e da Popa.

Ao aproximarem-se, estando a menos de cem passos do edifício, rebenta de súbito uma gritaria estridente. Vê-se uma porção de gente, mulheres e crianças, num acesso de terror pânico, a fugir pela Primeira Avenida fora.

Imediatamente o governador, o comodoro Simcoe e os seus companheiros precipitam-se para o square, cuja grade devia estar fechada... Mas, por uma inexplicável negligência, está aberta essa grade, e por certo que uma das feras, talvez que a última, a havia transposto.

Nat Coverley e Walter Tankerdon, que são os primeiros a chegar, precipitam-se para o square.

De repente, estando a três passos apenas de Nat Coverley, Walter é lançado por terra por um tigre enorme.

Nat Coverley, não tendo tempo de meter um cartucho na espingarda, tira da cinta a faca de mato, e lança-se em socorro de Walter, no momento em que as garras da fera se abatem sobre o ombro do mancebo.

Walter está salvo, mas o tigre volta-se, empina contra Nat Coverley...

Este fere o animal com a faca, sem poder chegar-lhe ao coração, e cai de costas...

O tigre recua, de fauces rugidoras, de mandíbulas escancaradas, com a língua sangrenta...

Estala a primeira detonação...

É Jem Tankerdon que faz fogo.

Retumba a segunda...

É a bala da espingarda que faz explosão no corpo do tigre.

Levantam Walter, com o ombro meio despedaçado.

Quanto a Nat Coverley, se não está ferido, pelo menos nunca viu tão próxima a morte.

Ergue-se, e dirige-se para Jem Tankerdon, dizendo-lhe em voz grave:

— Salvou-me... Obrigado!

— Salvou meu filho... Obrigado! — responde Jem Tankerdon.

E apertam mutuamente a mão em testemunho de um reconhecimento que bem pode acabar em sincera amizade ...

Walter é imediatamente transportado ao palacete da Décima Nona Avenida, onde se refugiou sua família, ao passo que Nat Coverley se recolhe a casa pelo braço de Cyrus Bikerstaff.

Pelo que respeita ao tigre, o superintendente encarrega-se de utilizar-lhe a magnífica pele. O soberbo animal deverá ser primorosamente embalsamado, e figurar no Museu de História Natural de Milliard-City, com esta inscrição:

OFERECIDO PELO REINO UNIDO DA GRÃ-BRETANHA E IRLANDA A STANDARD-ISLAND, INFINITAMENTE RECONHECIDA Supondo-se que o atentado se deve atribuir à Inglaterra, não pode haver vingança mais espirituosa.

Pelo menos, é esse o parecer de Sua Alteza Pinchinat, perito em assuntos desta laia.

Não é de espantar que, logo no dia seguinte, Mrs. Tankerdon faça uma visita a Mrs. Coverley para lhe agradecer o serviço prestado a Walter, e Mrs. Coverley visite Mrs. Tankerdon para lhe agradecer o serviço prestado a seu marido. Podemos até acrescentar que Miss Dy quis acompanhar sua mãe, e acaso não é natural que elas lhe tenham pedido notícias do seu prezado ferido?

Enfim, tudo vai às mil maravilhas e, desembaraçada dos seus temíveis hóspedes, Standard-Island pode com toda a segurança prosseguir a sua derrota para o arquipélago das Fiji.

# CAPÍTULO 8

## FIJI E FIJIANOS

— Quantas é que tu dizes? — pergunta Pinchinat. — Duzentas e — cinquenta e cinco, meus amigos — elucida Frascolin. — Sim... contam-se duzentas e cinquenta e cinco ilhas e ilhotas no arquipélago das Fiji.

— Que temos nós com isso — responde Pinchinat —, desde o momento em que a Jóia do Pacífico não tenha de fazer no arquipélago duzentas e cinquenta e cinco escalas?

— Nunca há-de perceber nada de geografia! — proclama Frascolin.

— E tu... percebes de mais! — replica Sua Alteza.

E é sempre deste modo que é acolhido o segundo-violino, em querendo instruir os seus recalitrantes colegas.

Todavia, Sebastião Zorn, que lhe dava mais atenção, deixava-se levar para defronte do mapa do Casino onde todos os dias se marca o ponto. É fácil de seguir nele o itinerário de Standard-Island desde que partiu da baía Madalena. A derrota forma uma espécie de S grande, cujo anel inferior se desenrola até ao grupo das Fiji.

Fracolin mostra então ao violoncelo este acervo de ilhas, descoberto por Tasman em 1643, um arquipélago compreendido entre os paralelos dezasseis e vinte sul. e entre os meridianos cento e setenta e quatro oeste e cento e setenta e nove leste.

— Com que então vamos meter a nossa incomoda máquina pelo meio desses centos de calhaus semeados no seu caminho? — observa Sebastião Zorn.

— Sim, meu velho companheiro de corda — responde Frascolin —, e se tu observares com alguma atenção...

— E fechando a boca... — acrescenta Pinchinat.

— Por quê?

— Porque, como reza o provérbio, em boca cerrada não entra mosca!

— E de que mosca queres tu falar?

— Da que te apoquentas, quando se trata de declamar contra Standard-Island!

Sebastião Zorn encolhe desdenhosamente os ombros, e volta-se outra vez para Frascolin:

— Dizias tu então?

— Dizia eu que, para chegar às duas grandes ilhas de Viti-Levu e de Vanna-Levu, existem três passagens que atravessam o grupo oriental: o canal de Nanuku, o canal de Lakemba, o canal de Oneata...

— Sem contar o canal em que a gente se pode desfazer em milhares de pedaços! — exclama Sebastião Zorn. — É o que há-de acabar por nos acontecer! Pois isto tem lá jeito algum, andar a navegar por mares destes, com uma cidade inteira e com uma população inteira nessa cidade? Sebo! Isto é até contra as leis naturais!

Com efeito, não há meio de acabar com estes sinistros prognósticos do cabeçudo

violoncelista!

A falar verdade, nesta parte do Pacífico, o primeiro grupo das Fiji é como uma barreira oposta aos navios que vêm de leste. Mas não há que recear: as passagens são largas bastante para que o comodoro Simcoe possa aventurar por elas o seu aparelho flutuante, sem contar as que indicou Frascolin. Entre essas ilhas, as mais importantes, além das duas Levu, são Ono, Ngaloa, Kandabu, etc.

Há um mar encerrado entre estas cumeadas emergidas do fundo do oceano, o mar de Koro, e se este arquipélago, entrevisto por Cook, visitado por Bligh em 1789, por Wilson em 1792, é tão minuciosamente conhecido, é porque as notáveis viagens de Dumont d'Urville em 1828 e em 1833, as do americano Wilkes em 1859, do inglês Erskine em 1853, depois a expedição do Herald, capitão Durham, da marinha britânica, permitiram traçar as cartas com uma precisão que faz honra aos engenheiros hidrógrafos.

Portanto, o comodoro Simcoe não tem um momento de hesitação. Vindo de sueste, aboca o estreito Voulanga, deixando a bombordo a ilha deste nome, espécie de pudim encetado, servido na sua bandeja de coral.

No dia seguinte, Standard-Island penetra no mar interior, o qual é protegido por essas rijas serranias submarinas contra os vagalhões do mar largo.

Escusado é dizer que ainda se não extinguiram todos os receios com respeito aos animais ferozes aparecidos sob a proteção da bandeira britânica. Os Milliardenses continuam alerta. Organizam-se montarias incessantes pelos bosques, pelos campos e pelas águas. Não se nota mais nenhum vestígio de feras. Nem de dia nem de noite se ouvem bramidos. Durante os primeiros tempos, alguns timoratos recusam-se a sair da cidade para se aventurarem pelo parque ou pelo campo. Não é de recear que o vapor haja desembarcado uma carga de serpentes — como na Martinica — e que delas esteja infestada a espessura do mato? Promete-se, por isso, um premio a quem quer que se apodere de um exemplar desses répteis. Será pago pelo seu peso de ouro, ou, conforme o seu comprimento, a tanto por centímetro, e, se ele chegar ao tamanho de uma jibóia, a quantia é já de convidar! Mas, como as pesquisas não deram resultado, há motivos para se ficar tranquilo. A segurança de Standard-Island voltou de todo. Os autores daquela maquinação, quem quer que fossem, desperdiçaram inutilmente as suas feras.

O resultado mais positivo é o ter-se efetuado uma reconciliação completa entre as duas secções da cidade. Desde os casos Walter-Coverley e Coverley-Tankerdon, as famílias estibordenses visitam-se, mutuamente se convidam e se recebem. Recepções e mais recepções, festas e mais festas. Todas as noites, baile e concerto em casa dos principais notáveis, mais particularmente nos palácios da Décima Nona e da Décima Quinta Avenida. O Quarteto Concertante não tem mãos a medir. Além disso, o entusiasmo que eles provocam não diminui, antes pelo contrário.

Enfim, uma bela manhã, enquanto Standard-Island fustiga com as suas hélices possantes a superfície tranquila do mar de Koro, espalha-se a grande notícia. O Sr. Jem Tankerdon dirigiu-se oficialmente ao palacete do Sr. Nat Coverley e pediu-lhe a mão de Miss Dy Coverley, filha deste, para seu filho Walter Tankerdon. E o Sr. Nat Coverley concedeu a mão de Miss Dy Coverley, sua filha, a Walter Tankerdon, filho do Sr. Jem Tankerdon. A questão do

dote não levantou dificuldade nenhuma. Será de duzentos milhões para cada um dos juvenis noivos.

— Sempre terão com que viver... mesmo na Europa! — observa judiciosamente Pinchinat.

De todos os lados chegam as felicitações às duas famílias. O governador Cyrus Bikerstaff não tenta disfarçar a sua extrema satisfação. Graças a este casamento, desaparecem as causas de rivalidade tão comprometedoras para o futuro de Standard-Island. O rei e a rainha de Malecária são dos primeiros a enviar os seus cumprimentos e as suas congratulações ao juvenil par.

Os bilhetes de visita, impressos a ouro sobre alumínio, chovem na caixa postal dos palacetes. Os jornais fazem crónicas e crónicas a propósito dos esplendores que se aprestam, e tais como nunca se terão visto nem em Milliard-City, nem noutra qualquer ponto do Globo. Expedem-se cabogramas para França, com respeito à confecção da corbelha. As lojas de modas, os estabelecimentos das grandes modistas, as oficinas dos grandes artífices, as fábricas de bijutarias e de objecto de arte recebem encomendas inverossímeis. Um vapor especial, que partirá de Marselha, deve vir por Suez e pelo oceano Índico, a fim de transportar estas maravilhas da indústria francesa. Está fixado o casamento para daí a cinco semanas, para o dia 27 de Fevereiro. Em todo o caso, mencionemos que os comerciantes de Milliard-City devem ter o seu quinhão de benefícios nesse sucesso.

Devem fornecer o seu contingente à corbelha nupcial, e só com as despesas a que se sujeitam os nababos de Standard-Island poderão realizar-se fortunas.

O organizador naturalmente indicado para estas festas é o superintendente Calistus Munbar. É forçoso renunciar a descrever o estado da sua alma, ao ser declarado publicamente o casamento de Walter Tankerdon com Miss Dy Coverley. Sabido é quanto ele o desejava, quantos esforços fizera para o levar avante! É a realização do seu sonho, e, como a municipalidade está resolvida a dar-lhe carta branca, fiquem certos de que ele estará à altura das suas funções, organizando um festival ultra-maravilhoso.

O comodoro Simcoe faz saber, por uma nota enviada aos jornais, que, na data escolhida para a cerimónia nupcial, se achará a ilha de hélice entre as Fiji e as Novas Hébridas.

Antes disso, vai aproximar-se de Viti-Levu, onde a demora deve ser de uns dez dias— a única escala que se tenciona fazer no meio deste vasto arquipélago.

Navegação deliciosa. Na superfície do mar brincam numerosas baleias. Com os mil jato de água dos seus respiradouros, dão ao oceano a aparência de um tanque enorme de Neptuno, em confronto com o qual o de Versalhes não passa de um brinquedo de crianças, observa Yvernés. Mas também aparecem aos centos tubarões colossais, que escoltam Standard-Island como se seguissem a esteira de um navio.

Esta parte do Pacífico limita a Polinésia, que confina com a Melanésia, onde se acha o grupo das Novas Hébridas. É cortada pelo meridiano cento e oitenta, linha convencional que divide as duas metades desse imenso oceano. Ao transporem este meridiano, os mareantes que vêm de leste cortam um dia do calendário, e, inversamente, os que vêm de oeste acrescentam um. Se não fosse esta precaução, deixaria de haver concordância de datas. No ano precedente,



Standard-Island não tivera de fazer esta mudança, visto que não se adiantaria a oeste para além do dito meridiano. Mas desta vez tem que se conformar com a regra, e, visto vir de leste, o dia 22 de Janeiro muda para 23.

Das duzentas e cinquenta e cinco ilhas que compõem o arquipélago das Fiji, apenas umas cem são habitadas. A população total não excede cento e vinte e oito mil habitantes, fraca densidade para uma extensão de vinte e um mil quilómetros quadrados.

Dessas ilhotas, simples fragmentos de atóis ou cumeadas de montes submarinos, cingidos por uma franja de coral, não há nenhuma que meça mais de cento e cinquenta quilómetros quadrados. Este domínio insular não passa, a bem dizer, de uma divisão política da Austrália, dependente da Coroa desde 1874, o que significa que a Inglaterra o anexou de vez ao seu império colonial. Se os Fijianos se decidiram por fim a submeter-se ao protetorado britânico foi por terem sido em 1859 ameaçados por uma invasão tonguiana, a qual o Reino Unido estorvou pela intervenção do seu ultrafamoso Pritchard, o Pritchard das Taiti. O arquipélago é atualmente dividido em dezasseis distritos, administrados por subchefes indígenas, mais ou menos aliados à família soberana do último rei Thakumbau.

— Será isto consequência do sistema inglês — pergunta o comodoro Simcoe, conversando a este respeito com Frascaolin —, e sucederá com as Fiji o mesmo que sucedeu com a Tasmânia? Ignoro. Mas o que é certo é que o indígena tende a desaparecer. A colonia não está em via de prosperidade, nem a população em via de acréscimo, e o que o demonstra é a inferioridade numérica das mulheres em relação aos homens.

— É esse, com efeito, o indício da próxima extinção de uma raça, e, na Europa, há já alguns Estados ameaçados por essa inferioridade.

— Aqui, demais a mais — prossegue o comodoro —, os indígenas não passam de verdadeiros servos, tanto como os naturais das ilhas vizinhas, recrutados pelos plantadores para os trabalhos de arroteamento. Além disso, dizima-os a moléstia, e em 1875 só as bexigas deram cabo de mais de trinta mil. E, contudo, é uma terra admirável, como poderá avaliar, este arquipélago das Fiji! Se a temperatura é elevada no interior das ilhas, pelo menos é moderada no litoral, muito fértil em frutos e legumes, em árvores, coqueiros, bananeiras, etc. É só o trabalho de colheita dos inhames, dos taros, e da medula alimentícia da palmeira, que produz o sagu...

— O sagu! — exclama Frascaolin.— Que recordações que ele traz do nosso Robinson suíço!

— Quanto aos porcos, às galinhas — continua o comodoro Simcoe— —, esses animais multiplicaram-se desde a sua importação de uma maneira extraordinária. Daí deriva toda a facilidade de satisfazer às necessidades da existência, ao far niente, apesar de terem uma inteligência vivíssima, um gênio muito espirituoso.

— E, em tendo inteligência viva de mais... — diz Frascaolin.

— As crianças vivem pouco! — conclui o comodoro. De facto, todos esses indígenas, polinésios, melanésios e outros, em que é que se diferenciam das crianças?

De caminho para Viti-Levu, Standard-Island marca muitas ilhas intermédias, tais como Vanna-Vatu, Moala, Ngan, sem se deter nelas.

De todos os lados singram, contornando o litoral, flotilhas dessas pirogas compridas de

balanceiros, feitas de bambus cruzados, que servem para manter o equilíbrio do aparelho e para alojar a carga. Circulam, fazem evoluções graciosas, mas não tentam entrar, nem em Tribord-Harbour, nem em Babord-Harbour. É provável que não lho permitissem, em vista da péssima reputação dos Fijianos. Estes indígenas abraçaram o cristianismo, é certo. Desde que os missionários europeus se estabeleceram em Lecumba, em 1835, quase todos eles são protestantes wesleyanos, mesclados com alguns milhares de católicos. Mas, antes disso, por tal forma se dedicavam às práticas do canibalismo, que não perderam talvez de todo o gosto pela carne humana. Demais a mais, é facto que prende com a religião. Os seus deuses tinham o amor ao sangue. A benevolência era considerada nessas populações como uma fraqueza e até como um pecado. Devorar um inimigo era até prestar-lhe honra. O homem que se desprezava cozia-se, mas não se devorava. As crianças constituíam a principal iguaria nos banquetes, e não vai longe o tempo em que o rei Thakumbau gostava de se sentar debaixo de uma árvore, de cujas ramadas pendiam membros humanos reservados à régia mesa.

Até por vezes — aconteceu isto com a tribo dos Nulo-cas, em Viti-Levu, perto de Namosi — se devorou uma tribo inteira, menos algumas mulheres, uma das quais viveu até 1880.

Decididamente, se Pinchinat não encontra numa qualquer destas ilhas alguns netos de antropófagos, que tenham conservado os velhos costumes de seus avós, deve renunciar para todo o sempre a exigir um resto de cor local a estes arquipélagos do Pacífico.

O grupo ocidental das Fiji compreende duas grandes ilhas, Viti-Levu e Vanna-Levu, e duas ilhas medianas, Kandavu e Taviuni. Mais a noroeste é que jazem as ilhas Wassava e que se abre a passagem da ilha Redonda, pela qual o comodoro Simcoe deve sair, soltando rumo para as Novas Hébridas.

Na tarde de 25 de Janeiro desenham-se no horizonte as alturas de Viti-Levu. Esta ilha montanhosa é a mais considerável do arquipélago, com mais um terço de extensão do que a Córsega, isto é, dez mil e seiscentos e quarenta e cinco quilómetros quadrados.

As suas cumeadas apontam a mil e duzentos e mil e quinhentos metros acima do nível do oceano. São vulcões extintos, ou, pelo menos, adormecidos, e cujo despertar é, em geral, bastante maçador.

Viti-Levu está ligada à sua vizinha do norte, Vanna-Levu, por uma barreira submarina de recifes, que sem dúvida emergia na época da formação telúrica. Por cima desta barreira podia Standard-Island aventurar-se sem perigo. Por outro lado, ao norte de Viti-Levu, as profundidades são avaliadas entre quatrocentos e quinhentos metros, e, ao sul, entre quinhentos e dois mil.

Antigamente, a capital do arquipélago era Levuka, na ilha de Ovalau, a leste de Viti-Levu. Talvez até que as feitorias, fundadas por casas inglesas, sejam ali mais importantes ainda do que as de Suva, a atual capital, na ilha Viti-Levu. Mas este porto oferece grandes vantagens à navegação, por estar situado na extremidade sueste da ilha, entre dois deltas, cujas águas banham à larga este litoral. Quanto ao porto de escala dos paquetes em relação com as Fiji, esse ocupa o fundo da baía de Ngalao, ao sul da ilha de Kandava, que é a situação mais próxima da Nova Zelândia, da Austrália, das ilhas francesas da Nova Caledônia e de Loyalty.

Standard-Island vem fazer alto na abertura do porto de Suva. No mesmo dia se

preenchem as formalidades e se concede livre prática. Como destas visitas só podem originar-se benefícios, tanto para os colonos como para os indígenas, os Milliardenses têm a certeza de um excelente acolhimento, no qual existe porventura mais interesse do que simpatia. Não se deve esquecer que as Fiji dependem da Coroa, e que continuam tensas as relações entre o Foreign Office e a Standard-Island Company, tão ciosa da sua independência.

No dia seguinte, 26 de Janeiro, os comerciantes de Standard-Island, que têm compras ou vendas a efetuar, vão para terra logo de manhãzinha. Os turistas, entre os quais os nossos parisienses, não tardam a segui-los. Muito embora Pinchinat e Yvernés gostem de trocar com Frascaolin — o discípulo distinto do comodoro Simcoe —, por causa dos seus estudos "etnomaçadorogeográficos", como diz Sua Alteza, nem por isso menos se aproveitam dos seus conhecimentos, às perguntas dos colegas sobre os habitantes de Viti-Levu, sobre os seus costumes, as suas práticas, o segundo-violino tem sempre alguma resposta instrutiva para dar. Sebastião Zorn não põe dúvida em o interrogar nesta conjuntura, e, logo de começo, quando Pinchinat sabe que estas paragens eram, não há muito, o principal teatro do canibalismo, não pode conter um suspiro, dizendo:

— Sim... mas já chegamos tarde, e vocês verão que estes Fijianos, enervados pela civilização, caíram no frango de fricassé e nos chispes panados!

— Antropófago! — brada-lhe Frascaolin. — Tu o que merecias era ter figurado na mesa do rei Thakumbau...

— Eh! Eh! Ora essa! Uma costeleta de Pinchinat à bordalesa...

— Mau! — replica Sebastião Zorn —, se estamos a perder tempo com recriminações ociosas...

— Não realizaremos o progresso pela marcha em frente! — exclama Pinchinat. — Aqui tens uma frase bem a teu gosto, não é assim, meu velho violonceluloidista! Pois então, ordinário, marche!

A cidade de Suva, edificada à direita de uma baía, tem as habitações disseminadas no reverso de uma colina verdejante. Tem cais dispostos para a atracação dos navios, ruas com passeios assombrados, nem mais nem menos como as praias francesas das grandes estações balneares. As casas de madeira, de andar térreo, e, uma vez por outra, mas raro, com mais um andar, são alegres e frescas. Nos subúrbios, as cabanas indígenas ostentam as empenas que se arrebitam em bicos corniformes, ornados de conchas. Os telhados, muito sólidos, resistem às chuvas do Inverno, de Maio a Outubro, que são torrenciais. Com efeito, em Março de 1871, segundo conta Frascaolin, que é danado para a estatística, Mbua, situada a leste da ilha, recebeu num dia trinta e oito centímetros de água.

Viti-Levu, assim como as outras ilhas do arquipélago, está sujeita a desigualdades atmosféricas, e a vegetação difere de um litoral para outro. Do lado exposto aos gerais do sueste, a atmosfera é úmida, e cobrem o solo florestas magníficas.

Do outro lado estendem-se imensas savanas, próprias para cultura. Observa-se, todavia, que certas árvores começam a definhar-se, entre outras o sândalo, quase inteiramente desbotado, e também o dakua, esse pinheiro especial das Fiji.

Contudo, nos seus passeios, verifica o quarteto que a flora da ilha é de uma exuberância tropical. Por toda a parte, florestas de coqueiros e de palmeiras, com os troncos

colgados de orquídeas parasitas, maciços de casuarinas, de pandanos, de acácias, de fetos arborescentes, e, nos terrenos pantanosos, um grande número desses paletúvios, cujas raízes serpeiam fora da terra. Mas a cultura do algodão e a do chá não deram os resultados que prometia este clima tão pujante. Na realidade, o solo de Viti-Levu, o que é comum neste grupo, argiloso e de cor amarelada, é formado apenas de cinzas vulcânicas, às quais a decomposição deu faculdades produtivas.

Quanto à fauna, não é mais variada do que nas diversas paragens do Pacífico: umas quarenta espécies de aves, periquitos e canários aclimados, alguns morcegos, ratos que formam legiões, répteis de espécie não peçonhenta, muito apreciados pelos indígenas no ponto de vista comestível, lagartos que é uma coisa por demais, e baratas repugnantes, de uma voracidade de canibais. Mas, a respeito de feras, não se encontram, o que provoca este gracejo de Pinchinat:

— O nosso governador Cyrus Bikerstaff devia ter conservado alguns casais de leões, de tigres, de panteras, de crocodilos, para abastecer as Fiji de carnívoros... Não era mais do que uma restituição, visto que estas ilhas pertencem à Inglaterra.

Estes indígenas, mescla das raças polinésia e melanésia, apresentam ainda belos tipos, menos notáveis, contudo, do que nas Samoa e nas Marquesas. Os homens, de tez acobreada, quase negros, com a cabeça coberta de uma trunfa encarapinhada, entre os quais se encontram numerosos mestiços, são altos e vigorosos. O seu vestuário é bastante rudimentar, as mais das vezes uma simples tanga, ou uma cobertura, feita de fazenda indígena denominada o masi, extraída de uma espécie de amoreira, que produz também o papel. No primeiro grau de fabrico, esta fazenda é de uma brancura perfeita; mas os Fijianos sabem tingi-la, matizá-la, e em todos os arquipélagos do Pacífico Oriental a procuram. Convém acrescentar que estes homens não se dignam vestir, uma que outra vez, fãtiota velha de europeus, saída dos adelos do Reino Unido ou da Alemanha. É assunto de troça para um parisiense o ver esses fijianos envergando umas calças deformadas, um sobretudo arqueológico e até uma casaca preta, a qual, depois de várias fases de decadência, veio a acabar nas costas de um natural de Viti-Levu.

— Com uma dessas casacas fazia-se um romance! — observa Yvernés.

Pinchinat acrescentou:

— Um romance que se arriscava a acabar em jaqueta! Quanto às mulheres, é a saia e o casabeque de masi o que as veste de uma forma mais ou menos decente, a despeito dos sermões wesleyanos. São airosas e, com o atrativo da juventude, algumas podem passar por bonitas. Mas que detestável hábito o delas, e dos homens também, o de besuntarem de cal a trunfa negra, que se transforma numa espécie de chapéu calcário, o qual tem por fim preservar das insolações! E, depois, elas fumam, tanto como os maridos e os irmãos, esse tabaco da terra, que tem um cheiro a feno queimado, e, quando o cigarro não é triturado entre os dentes, enfiam-no no lóbulo das orelhas, no sítio onde geralmente na Europa se vêem brincos de diamantes e de pérolas.

Em geral, essas mulheres estão reduzidas à condição de escravas encarregadas dos mais árduos trabalhos caseiros, e não vai longe o tempo em que, depois de se terem esfalfado para manter a indolência do marido, eram estranguladas sobre o túmulo dele.

Repetidas vezes, durante os três dias que consagraram às suas excursões em torno de Suva, os nossos turistas tentaram visitar algumas choças indígenas. Foram repelidos, não por falta de hospitalidade dos proprietários, mas pelo fedor abominável que delas provém. Todos esses indígenas untados de óleo de coco, a promiscuidade deles com os porcos, as galinhas, os cães, nessas nauseabundas palhoças, a iluminação sufocante obtida pela combustão da goma resinosa do dammana... nada! Não havia meio de se suportar! E, além disso, depois de penetrar no lar fijiano não seria forçoso, sob pena de faltar às conveniências, aceitar o convite de molhar os lábios na taça de kava, o licor fijiano por excelência? Apesar de inaceitável para paladares europeus esse kava mordente, extraído da raiz seca da pimenteira, acresce ainda a maneira como é preparado.

Não é para excitar a mais invencível das repugnâncias? Essa pimenta não é moída, é mastigada, triturada entre os dentes, depois cuspidada para a água de uma vasilha e oferecida às pessoas com uma insistência selvagem, que não permite a recusa. E não há remédio senão agradecer, pronunciando as palavras que têm curso no arquipélago: ue manandinan, que é como quem diz ámen.

Só para memória falamos das baratas que enxameiam no interior das palhoças, das formigas-brancas que as devastam, e dos mosquitos — mosquitos aos milhões —, dos quais se vêem falanges numeráveis a correr pelas paredes, pelo chão, pelo fato dos indígenas.

Não é pois de espantar que Sua Alteza, com esse sotaque cômico britânico dos clowns ingleses, tenha exclamado ao ver as nuvens destes formidáveis insectos:

— Miuskit! Miuskit!

Enfim, nem ele nem os companheiros tiveram a coragem de penetrar nas choças fijianas. Por isso, nessa parte, ficam incompletos os seus estudos etnológicos, e até o sábio Frascaolin recuou, o que constitui uma lacuna nas suas recordações de viagem.

# CAPÍTULO 9

## "UM CASUS BELLI"

Entretanto, ao passo que os nossos artistas se fartam de dar passeios e de colher observações sobre os costumes do arquipélago, alguns notáveis de Standard-Island não puseram dúvida em entabular relações com as autoridades indígenas da ilha.

Os papalangis — é assim que se chama aos estrangeiros nestas ilhas — não tinham que recear ser mal recebidos.

Quanto às autoridades europeias, essas são representadas por um governador-geral, que é ao mesmo tempo cônsul da Inglaterra para estes grupos de Oeste, que mais ou menos eficazmente estão sujeitos ao protetorado do Reino Unido.

Cyrus Bikerstaff não julgou conveniente fazer-lhe visita oficial. Por duas ou três vezes se entreolharam aqueles dois molossos de gesso, mas as suas relações não passaram dos olhares.

Pelo que respeita ao cônsul da Alemanha, que é ao mesmo tempo um dos principais negociantes da terra, as relações limitaram-se a uma troca de bilhetes.

Durante a demora na ilha, as famílias Tankerdon e Coverley tinham organizado excursões aos arredores de Suva e pelas florestas que ericam os seus altos até às derradeiras cumeadas.

E, a propósito disto, Calistus faz aos seus amigos do quarteto uma observação muito justa.

— Se os nossos miliardenses se mostram tão gulosos por estes passeios em altitudes elevadas — diz ele —, o motivo é por não ser suficientemente acidentada a nossa Standard-Island... É chã de mais, demasiado uniforme. Mas espero que qualquer dia se fabrique um monte artificial, que possa rivalizar com os mais altos cumes do Pacífico. Entretanto, todas as vezes que se lhes depara o ensejo, os nossos cidadãos apressam-se a ir respirar, a alguns centos de pés, o ar puro e vivificante do espaço... É a satisfação de uma necessidade da natureza humana.

— Muito bem — aprova Pinchinat. — Mas um conselho, meu caro Eucalustus! Quando vocês construírem esse monte de chapas de aço ou de alumínio, não se esqueçam de lhe meter nas entranhas um bonito vulcão... um vulcão com cápsulas fulminantes e fogos de artifício.

— E porque não, senhor trocista? — responde Calistus Munbar.

— É exatamente o que estou perguntando a mim mesmo: Porque não? — replica Sua Alteza.

É evidente que Walter Tankerdon e Miss Dy Coverley tomam parte nestas excursões, e sempre de braço dado.

Não ficou esquecida a visita, em Viti-Levu, das curiosidades da sua capital, esses mburé-kalu, os templos dos seus espíritos, e também o local destinado às suas assembleias políticas.

Estas construções, eretas numa base de pedras secas, compõem-se de bambus entrelaçados, de vigas cobertas por uma espécie de passamanaria vegetal, de ripas engenhosamente dispostas para suportarem os colmos do telhado. Os turistas percorrem também o hospital, estabelecido em excelentes condições de higiene, e o jardim botânico, em anfiteatro por detrás da cidade. Estes passeios prolongam-se diferentes vezes até à noite, e então faz-se o regresso de lanterna na mão, como nos belos tempos de outrora. Nas ilhas Fiji, a edilidade ainda não chegou ao gasômetro nem aos bicos Auer, nem às lâmpadas de arco, nem ao gás acetilene, mas lá há-de chegar, "sob o protetorado esclarecido da Grã-Bretanha!) — insinua Calistus Munbar.

E o capitão Sarol, mais os seus malaios, mais os neo-hebridianos embarcados nas Samoa, que fazem durante esta escala? Nada que esteja em desacordo com a sua existência habitual. Não põem pé em terra, visto conhecerem Viti-Levu e as ilhas próximas, uns por as terem frequentado na sua navegação de cabotagem, outros por terem nelas trabalhado por conta dos plantadores. Preferem deixar-se ficar em Standard-Island, que exploram sem descanso, não se fartando de visitar os portos, o parque, os campos, as baterias da Popa e do Esporão. Daí a poucas semanas, graças à complacência da Companhia, graças ao governador Cyrus Bikerstaff, essa honrada gente desembarcará na sua terra, após uma demora de cinco meses na ilha de hélice...

Às vezes os nossos artistas conversam com Sarol, que é muito inteligente, e fala corretamente a língua inglesa. Sarol fala-lhes com entusiasmo das Novas Hébridas, dos indígenas deste grupo, do seu sistema de alimentação, da sua cozinha — o que interessa particularmente Sua Alteza. A ambição secreta de Pinchinat seria descobrir lá uma iguaria nova, cuja receita comunicaria às sociedades gastronômicas da velha Europa.

A 30 de Janeiro, Sebastião Zorn e os colegas, à disposição dos quais o governador pôs uma das lanchas eléctricas de Tribord-Harbour, partem no propósito de subir o curso do Rewa, um dos principais rios da ilha. O patrão da lancha, um maquinista e dois marinheiros embarcaram com um piloto fijiano. Foi debalde que convidaram Atanásio Dorémus a acompanhar os excursionistas. Extinguiu-se o sentimento da curiosidade no professor de prendas de sala... E depois, durante a sua ausência, podia chegar-lhe algum discípulo, e por isso prefere não sair da sala de dança do Casino.

Logo às seis horas da manhã, a embarcação, bem armada, municiada com provisões, porque só à noite deve regressar a Tribord-Harbour, sai da baía de Suva e costeia o litoral até à baía do Rewa.

Mostram-se em grande número, nestas paragens, não só os escolhos, mas também os tubarões, e tanto de uns como de outros convém acautelarem-se.

— Puf! — observa Pinchinat. — Os tais tubarões nem sequer já são canibais de água salgada! Os missionários ingleses são capazes de os terem convertido ao cristianismo, como converteram os Fijianos! Uma aposta em como estes bicharocos já perderam o gosto pela carne humana...

— Não se fie nessa — responde o piloto —, assim como é bom não se fiar muito nos fijianos do interior.

Pinchinat apenas encolhe os ombros. Lérias, os tais antropófagos, que nem sequer já

"antropofagam" nos dias de festa!

Quanto ao piloto, esse conhece a palmas a baía e o curso do Rewa. Neste rio importante, também denominado Wai-Levu, a maré sente-se a uma distância de quarenta e cinco quilómetros e os barcos podem subir até oitenta.

A largura do Rewa excede cem toesas na embocadura. Corre entre margens arenosas, baixas à esquerda, escarpadas à direita, onde sobressaem vigorosamente, sobre um amplo fundo de verdura, as bananeiras e os coqueiros. O seu nome é Rewa-Rewa, conforme a duplicação do vocábulo, que é quase geral nas populações do Pacífico. E, como observa Yvernés, não é essa uma imitação da pronúncia infantil, como se encontra nas palavras, papá, mamã, totó, bebé, titi, etc? E, de facto, esses indígenas mal saíram ainda da infância!

O verdadeiro Rewa é formado pela confluência do Wai-Levu (água grande) e do Wai-Manu, e a sua principal embocadura é designada pelo nome de Wai-Ni-Ki.

Passada a curva do delta, a lança segue por diante da aldeia de Kamba, meio oculta no seu açafate de flores. Não param ali, a fim de não perder a corrente da preia-mar, nem na aldeia de Naitasari. Demais a mais, nesta época, esta aldeia acabava de ser declarada tabu, com casas, árvores, habitantes, e até as águas do Rewa que lhe banham a praia. Os indígenas a ninguém teriam permitido que lá pusesse os pés. É um costume, senão muito respeitável, pelo menos muito respeitado, este do tabu — Sebastião Zorn já tinha vislumbres disso —, e portanto respeitaram-no.

Quando os excursionistas passam por Naitasari, o piloto convida-os a olharem para uma árvore bastante alta, uma tavala, que se ergue num ângulo da margem.

— E que tem esta árvore de notável? — pergunta Frascalín.

— Nada — respondeu o piloto —, a não ser o ter a casca sulcada de incisões, desde as raízes até o nascer dos ramos. Ora, estas incisões indicam o número dos corpos humanos que foram cozidos neste sítio, comidos depois...

— Como quem diz, os entalhes que os padeiros fazem nos pães — observa Pinchinat, encolhendo os ombros em sinal de incredulidade.

Mas não tem razão. As ilhas Fiji foram por excelência a terra do canibalismo, e cumpre insistir que essas práticas não se extinguíram de todo. A gula há-de conservá-las ainda muito tempo nas tribos do interior. A gula, sim!, porque, no dizer dos Fijianos, não há nada comparável, no gosto e na delicadeza, à carne humana, muito superior à do boi. A dar-se crédito ao piloto, houve um certo chefe, Ra Undrenudu, que mandava erigir pedras nos seus domínios, e, quando morreu, o número delas elevava-se a oitocentas e vinte e duas.

— E sabem o que indicavam essas pedras?

— É-nos impossível adivinhar — responde Yvernés —, mesmo que apliquemos ao problema toda a nossa inteligência de instrumentistas.

— Pois indicavam o número de corpos humanos que esse chefe tinha devorado!

— Ele só?

— Ele só!

— Que tremendo comilão! — contenta-se em responder Pinchinat, que tem já opinião feita sobre estas "patranhas fijianas".

Por volta das onze horas, ressoa um sino na margem direita. A aldeia de Naililii,



composta de algumas palhoças, aparece entre a folhagem, à sombra dos coqueiros e das bananeiras.

Na aldeia está estabelecida uma Missão católica. Não poderiam os turistas demorar-se uma hora, o tempo preciso para apertarem a mão do missionário, que é seu compatriota?

O piloto não vê nisso nenhum inconveniente, e amarra-se a embarcação a um tronco.

Sebastião Zorn e os colegas desembarcam e, antes de dois minutos andados, encontram o superior da Missão.

É um homem dos seus cinquenta anos, de fisionomia simpática, de rosto enérgico. Contentíssimo por poder cumprimentar uns franceses, os conduz à sua choupana, no meio da aldeia, que encerra um centro de fijianos. Insiste para que os seus hóspedes aceitem alguns refrescos da terra. Não há que recear, não se trata do repugnante kava, mas de uma espécie de beberagem, ou antes, caldo de menos mau paladar, obtido pela cozedura das cyreae, conchas muito abundantes nas praias do Rewa.

Este missionário dedicou-se de alma e coração à propaganda do catolicismo, não sem grandes dificuldades, por se ver forçado a lutar com um pastor wesleyano, que lhe faz uma concorrência séria na vizinhança. Em suma, está satisfeitíssimo com os resultados obtidos, e concorda em que tem muito que fazer para arrancar os seus fiéis ao amor do bukalo, isto é, da carne humana.

— E visto que vão subir para o interior, meus caros hóspedes — acrescenta ele —, tenham prudência e acautelem-se.

— Ouves, Pinchinat! — diz Sebastião Zorn.

Partem dali, pouco antes de tocar à oração do meio-dia no campanário da igreja. Pelo caminho, a embarcação cruza-se com algumas pirogas de balanceiros, levando nas plataformas cargas de bananas. É a moeda corrente que o recebedor do fisco acaba de cobrar aos administrados. As margens continuam a ser orladas de loureiros, de acácias, de limoeiros, de cactos com flores de um vermelho-sanguíneo. Por cima, as bananeiras e os coqueiros erguem as altas ramadas carregadas de cachos, e toda esta verdura se prolonga até aos planos inferiores das montanhas, dominadas pelo pico de Mbugge-Levu.

Entre estes maciços avultam uma ou duas fábricas à europeia, pouco em relação com a natureza selvática da terra. São manufacturas de açúcar, munidas de todos os engenhos de mecânica moderna, e cujos produtos, como disse um viajante, o Sr. Verschnur, "podem sustentar vantajosamente o confronto com os açúcares das Antilhas e das outras colonias".

Cerca de uma hora depois, chega a lancha ao termo da sua viagem pelo Rewa. Daí a duas horas começa a vazante, e convém aproveitá-la para descer o rio. Esta navegação de regresso se efetuará em pouco tempo, visto que a corrente é impetuosa. Os excursionistas devem estar de volta a Tribord-Harbour antes das dez horas da noite.

Há, pois, um certo tempo de paragem neste sítio; e não há melhor forma de o empregar do que visitando a aldeia de Tampoo, cujas primeiras choupanas se descortinam a meia milha de distância. Combinou-se que o maquinista e os dois marinheiros ficassem a guardar a lancha, enquanto o piloto trata de guiar os seus passageiros até à aldeia, onde se conservaram os antigos costumes na sua pureza fijiana. Nesta parte da ilha, os missionários têm perdido trabalho e sermões. Ainda ali reinam os feiticeiros; ali funcionam as feitiçarias, sobretudo as

que têm o nome complicado de Vaka-Ndrau-ni-Kan-Tacka, isto é, o esconjuro praticado pelas folhas. Adoram-se ali os Katoavus, deuses cuja existência não teve começo, nem terá fim, e que não dispensam sacrifícios especiais, que o governador-geral é sobretudo impotente para prevenir e até para castigar.

Talvez que fosse mais prudente não se aventurarem pelo meio destas tribos suspeitas. Mas os nossos artistas, curiosos como parisienses, insistem tanto que o piloto consente em acompanhá-los, recomendando-lhes que se não afastem uns dos outros.

Ao princípio, à entrada de Tampoo, formado de um cento de palhoças, encontram-se mulheres, verdadeiras selvagens. Vestidas com uma simples tanga, atada em volta dos rins, não mostram espanto nenhum à vista dos estrangeiros que vêm perturbá-las nos seus trabalhos. Estas visitas não têm o condão de as incomodar desde que o arquipélago está submetido ao protetorado da Inglaterra.

Estas mulheres ocupam-se no preparo do curcuma, espécie de raízes conservadas em covas previamente alcatifadas de ervas e de folhas de bananeira; tiram-nas dali, grelham-nas, raspam-nas, primem-nas em cestos guarnecidos de fetos, e o suco que delas se extrai introduz-se em hastes de bambu. Este suco serve a um tempo de alimento e de pomada, e, por este duplo motivo, o seu uso é vulgaríssimo.

O pequeno grupo entra na aldeia. Nem sinal de acolhimento da parte dos indígenas, que nem tratam de cumprimentar os visitantes nem de lhes oferecer a hospitalidade. Também, o aspecto exterior das choupanas nada tem de atraente. Em vista do aroma que delas se exala, no qual domina o fartum rançoso do óleo de coco, o quarteto felicita-se por não estarem aqui em grande voga as leis da hospitalidade.

Todavia, ao chegarem defronte da habitação do chefe, este — um fijiano de estatura elevada, de ar bravo, de fisionomia feroz — adianta-se para eles no meio de um cortejo de indígenas. Tem a carapinha caiada. Envergou o traje de cerimónia, uma camisa de riscado, uma cinta, o pé esquerdo calçado de uma chinela velha de tapete, e — como é que Pinchinat conseguiu não desatar às gargalhadas? — uma antiga casaca azul de botões dourados, em vários sítios, cujas abas desiguais lhe batem de encontro às barrigas das pernas.

Ora dá-se o caso que, ao adiantar-se para o grupo dos papalangis, este chefe tropeça num tronco, perde o equilíbrio, e ferra consigo no meio do chão.

Imediatamente, em conformidade com a etiqueta do bale muri, todo o séquito tropeça por sua vez e trata de se estatelar respeitosamente, a fim de tomar o seu quinhão no ridículo da queda.

Isto é explicado pelo piloto, e Pinchinat aprova esta formalidade, que não é mais ridícula do que tantas outras usadas nas cortes europeias — pelo menos na opinião dele.

Entretanto, quando todos se levantam, o chefe e o piloto trocam algumas frases em língua fijiana, das quais o quarteto não percebe palavra. Estas frases, traduzidas pelo piloto, não têm outro fim mais do que interrogar os forasteiros sobre o que vêm fazer à aldeia de Tampoo.

Respondido que desejam simplesmente visitar a aldeia e fazer uma excursão pelos arredores, outorga-se esta autorização depois de uma troca de perguntas e respostas.

O chefe, em todo o caso, não manifesta nem prazer nem contrariedade com esta

chegada de turistas a Tampoo, e, a um sinal que ele fez, os indígenas recolhem-se às suas palhoças.

— Afinal de contas, eles nem por isso têm cara de muito maus! — observa Pinchinat.

— Isso não é razão para que cometamos qualquer imprudência! — adverte Frascolin.

Durante uma hora, os artistas passeiam pela aldeia sem serem incomodados pelos indígenas. O chefe da casaca azul meteu-se na sua cabana, e notaram-se no acolhimento dos naturais sinais da mais profunda indiferença.

Depois de circularem pelas ruas de Tampoo, sem que nenhuma palhoça se tenha aberto para os receber, Sebastião Zorn, Yvernés, Pinchinat, Frascolin e o piloto dirigem-se para umas ruínas de templos, espécie de casebres abandonados, situadas perto de uma casa que serve de morada a um dos feiticeiros do sítio.

Este feiticeiro, pespegado à porta, dirige-lhes um olhar pouco animador, e os seus gestos parecem indicar que lhes deita algum mau quebranto.

Frascolin tenta entabular conversação com ele por intermédio do piloto. O feiticeiro assume então uma carranca tão desagradável que é forçoso perder qualquer esperança de arrancar uma palavra a este porco-espinho das Fiji.

Durante este tempo, e a despeito das recomendações que lhe fizeram, Pinchinat afastou-se, transpondo uma mata espessa de bananeiras estendidas pela falda de uma colina.

Quando Sebastião Zorn, Yvernés e Frascolin, repelidos pelos maus modos do feiticeiro, se aprestam a sair de Tampoo, não vêem o colega.

Entretanto são horas de embarcar. Não tarda a vazante, e não é demais a sua duração de algumas horas para descer o curso do Rewa.

Frascolin, inquieto por não ver Pinchinat, chama por ele em altos gritos.

Mas fica sem resposta.

— Onde pára ele? — pergunta Sebastião Zorn.

— Eu sei lá... — responde Yvernés.

— Algum dos senhores viu o vosso amigo afastar-se? — interroga o piloto.

Ninguém o viu.

— Provavelmente voltou para a lancha pelo atalho da aldeia... — lembra Frascolin.

— Pois fez muito mal — responde o piloto. — Mas nada de perder tempo, e vamos ter com ele.

Partem, mas com bastante ansiedade. Este Pinchinat há-de sempre fazer das suas. Isto de ter por imaginárias as ferocidades destes indígenas, tão obstinados na sua selvajaria, pode expô-lo a perigos deveras reais.

Ao atravessarem Tampoo, o piloto nota, com certa apreensão, que não aparece nem um fijiano. Estão fechadas todas as portas das palhoças. Já não há aglomerações de gente diante da choupana do chefe. Sumiram-se as mulheres que estavam tratando de preparar o curcuma. Parece que a aldeia foi abandonada há uma hora.

O grupo estuga o passo. Por várias vezes chamam o ausente e o ausente não responde. Não teria ele chegado ao local da margem em que está amarrada a embarcação? Ou se dará o caso que esta já não esteja no mesmo sítio, à guarda do maquinista e dos dois marinheiros?

Ainda lhes falta percorrer uns cem passos. Apressam-se, e, logo que transpõem as

últimas árvores, divisam a lancha e os três homens no seu posto.

— O nosso companheiro? — grita Frascolin.

— Não está junto com os senhores? — interroga o maquinista.

— Não... há meia hora...

— Não veio aqui ter? — pergunta Yvernés.

— Não.

Que é feito do imprudente? O piloto não disfarça a sua extrema inquietação.

— Temos de voltar à aldeia — diz Sebastião Zorn. — Não podemos abandonar Pinchinat.

Deixa-se a lancha à guarda de um dos marinheiros, embora talvez seja perigoso o fazê-lo. Mas mais vale não voltarem a Tampoo senão com força e bem armados, desta feita. Ainda que seja forçoso fazer pesquisas em todas as palhoças, não sairão da aldeia, não regressarão a Standard-Island sem encontrarem Pinchinat.

Encaminharam-se novamente para Tampoo. A mesma solidão na aldeia e pelos arredores. Onde é que se refugiou toda esta população? Não se ouve nas ruas o mínimo rumor e as palhoças estão vazias de gente.

Desgraçadamente, não há que conservar dúvidas... Pinchinat aventurou-se pelo bosque de bananeiras... foi apanhado... foi arrastado... para onde? Quanto à sorte que lhe reservam esses canibais de que ele zombava, não há dificuldades em a imaginar! Pesquisas pelos arredores de Tampoo não produziram nenhum resultado. Como é que se há-de encontrar uma pista pelo meio dessa região florestal, através desse matagal que só os fijianos conhecem? Além disso, não é de recear que eles queiram apoderar-se da embarcação, guardada por um marinheiro apenas? Se tal desgraça acontece, perder-se-ia toda a esperança de libertar Pinchinat e comprometer-se-ia a salvação dos companheiros.

É impossível exprimir o desespero de Frascolin, de Yvernés, de Sebastião Zorn. Que se há-de fazer? O piloto e o maquinista não sabem por que expediente se resolvam.

Frascolin, que conservou o sangue-frio, diz então:

— Voltemos a Standard-Island...

— Sem o nosso companheiro? — diz Yvernés.

— Que ideia! — acrescenta Sebastião Zorn.

— Não vejo outro partido a tomar — insiste Frascolin. — É preciso prevenir o governador de Standard-Island... que se avisem as autoridades de Viti-Levu e que lhes exija uma ação imediata.

— Sim! Partamos — aconselha o piloto —, e para aproveitar a vazante não temos um minuto a perder!

— É o único meio de salvar Pinchinat — exclama Frascolin —, se é que já não é tarde! O único meio, com efeito.

Saem de Tampoo, cheios de apreensões de já não encontrarem a lancha no seu posto. Debalde todas as bocas gritam o nome de Pinchinat! E, se estivessem menos perturbados, talvez que o piloto e os seus companheiros pudessem lobrigar por detrás das moitas alguns desses ferozes fijianos, à espreita da sua partida.

A embarcação não foi inquietada. O marinheiro não viu ninguém rondar pelas margens

do Rewa.

É com um aperto inexprimível que Sebastião Zorn, Frascaolin e Yvernés se decidem a tomar lugar na lancha. Hesitam... Chamam ainda... Mas é forçoso partir, disse Frascaolin, e tem razão em o dizer, e eles têm razão em lhe seguir o conselho.

O maquinista põe os dínamos em atividade, e a lancha, impelida pela corrente, desce o curso do Rewa com uma rapidez prodigiosa.

Às seis horas, dobra-se a ponta oeste do delta. Daí a meia hora, atraca-se ao pier de Tribord-Harbour.

Dentro de um quarto de hora, Frascaolin e os dois colegas, transportados pelo tramway, chegam a Milliard-City, e dirigem-se para o palácio municipal.

Apenas informado do caso, Cyrus Bikerstaff transporta-se a Suva, onde pede ao governador-geral do arquipélago uma entrevista, que lhe é concedida.

Quando este representante da rainha sabe o que se passou em Tampoo, não dissimula que o facto é gravíssimo. Esse francês nas mãos de uma das tribos do interior, que se furtam a qualquer autoridade.

— Por desgraça, nada podemos tentar antes de amanhã — acrescenta ele. — Contra o refluxo do Rewa, as nossas lanchas não poderiam subir até Tampoo. Demais a mais, é indispensável ir com força numerosa, e o mais seguro seria atravessar o matagal...

— De acordo — responde Cyrus Bikerstaff — ; mas não é amanhã, é hoje, é já que se deve partir...

— Não tenho à minha disposição os homens necessários — volve o governador.

— Temo-los nós — replica Cyrus Bikerstaff. — Trate o senhor governador de lhes juntar os soldados da sua milícia, e às ordens de um dos seus oficiais que conheça bem a terra.

— Perdão — responde secamente Sua Excelência —, não tenho por costume...

— Perdão, direi eu também — replica Cyrus Bikerstaff —, mas previno-o de que, se não tomar desde já qualquer deliberação, se nos não for restituído o nosso amigo, o nosso hóspede, recairá a responsabilidade sobre Vossa Excelência, e...

— E...? — pergunta o governador com expressão de altivez.

— As baterias de Standard-Island arrasarão totalmente Suva, a sua capital, todas as propriedades estrangeiras, quer sejam inglesas quer alemãs!

O ultimato é formal e não há remédio senão submeter-se. Os poucos canhões da ilha não seriam capazes de lutar contra a artilharia de Standard-Island. O governador submete-se, pois, e é força confessar que mais valera fazê-lo desde logo de melhor grado, em nome da humanidade.

Daí a meia hora desembarcam em Suva cem homens, marinheiros e milicianos, às ordens do comodoro Simcoe, que quis dirigir pessoalmente a operação. Ao seu lado estão o superintendente, Sebastião Zorn, Yvernés e Frascaolin. Presta-lhes auxílio um piquete de gendarmaria de Viti-Levu.

A expedição mete-se logo pelo matagal, contornando a baía do Rewa, sob a direção do piloto, que conhece estas difíceis regiões do interior. Cortam pelo caminho mais curto, a passo rápido, a fim de chegarem a Tampoo no menor espaço de tempo possível.

Não foi necessário ir até à aldeia. Por volta da uma hora da noite, dá-se ordem à

coluna para fazer alto.

Na parte mais densa de uma mata quase impenetrável distinguiu-se o brilho de uma fogueira. Sem dúvida que há ali um ajuntamento dos naturais de Tampoo, visto que a aldeia fica a menos de meia hora de caminho para leste.

O comodoro Simcoe, o piloto, Calistus Munbar, os três parisienses adiantam-se...

Ainda não deram cem passos, quando estacam e permanecem imóveis...

Defronte de uma grande fogueira, cercado por uma multidão tumultuosa de homens e de mulheres, Pinchinat, seminu, está amarrado a uma árvore... e o chefe fijiano corre para ele de machado erguido...

— Avante! Avante! — grita o comodoro Simcoe aos marinheiros e milicianos.

Surpresa repentina e terror justificadíssimo dos indígenas, para os quais o destacamento não é avaro nem de tiros nem de coronhadas. Num abrir e fechar de olhos, está a clareira limpa, e toda a malta dispersa pelo bosque...

Pinchinat, desamarrado da árvore, cai nos braços do seu amigo Frascaolin.

Como expressar a alegria destes artistas, destes irmãos, na qual se mesclam algumas lágrimas e também algumas censuras bem merecidas?

— Mas, ó desgraçado — diz o violoncelista —, que ideia foi essa de te afastares?

— Desgraçado, muito embora, meu velho Sebastião — responde Pinchinat —, mas não estejas a ralar um pobre violeta tão insuficientemente vestido como eu estou neste momento... Passem para cá o meu fato, para eu poder apresentar-me de forma mais correta às autoridades!

Encontra-se o fato ao pé de uma árvore, e ele reveste-o, conservando sempre o máximo sangue-frio. Depois, só quando se considera "apresentável", é que vem apertar a mão do comodoro Simcoe e do superintendente.

— Então — diz-lhe Calistus Munbar —, e agora acredita... no canibalismo dos Fijianos?

— Não são tão canibais como tudo isso, os perros — responde Sua Alteza —, visto que me não falta nem um pedaço de corpo!

— Sempre o mesmo, raio do trocista! — exclama Frascaolin.

— E sabem vocês o que me humilhava mais nessa situação de caça humana, a pique de ser espetado na brocha? — pergunta Pinchinat.

— Enforcado eu seja, se adivinho! — replicou Yvernés.

— Pois bem! Não era o servir de ceia a esses indígenas! Isso sim! Era ter de ser devorado por um selvagem de casaca... de casaca azul e botões amarelos... com um guarda-chuva debaixo do braço... um medonho embrião de inglês!

# CAPÍTULO 10

## MUDANÇA DE PROPRIETÁRIOS

A partida de Standard-Island está fixada para 2 de Fevereiro. Na véspera, acabadas as suas excursões, os diversos turistas recolheram a Milliard-City. O caso Pinchinat fez um barulho enorme. Toda a Jóia do Pacífico teria tomado a peito a causa de Sua Alteza, tamanha é a simpatia universal de que goza o Quarteto Concertante. O Conselho dos Notáveis deu plena aprovação ao enérgico procedimento do governador Cyrus Bikerstaff. Os jornais felicitaram-no calorosamente. Por isso Pinchinat se tornou o homem da moda. Imaginem um violetista terminando a carreira artística no estômago de um fijiano! Ele não tem dúvida em concordar que os indígenas de Viti-Levu não renunciaram de todo aos seus gostos antropófagos. Afinal de contas, é tão saborosa a carne humana, no dizer deles, e aquele diacho do Pinchinat é tão apetecível!

Standard-Island parte logo de madrugada, e solta o rumo para as Novas Hébridas. Este desvio vai afastá-la assim uns dez graus, ou duzentas léguas para oeste. Não há meio de o evitar, visto ser preciso desembarcar o capitão Sarol e os seus companheiros nas Novas Hébridas. Em todo o caso, não há razão para o lamentar. Todos estimam prestar serviço a essa honrada gente — que tamanha coragem mostrou na luta contra as feras. E depois eles parecem tão satisfeitos por serem repatriados nestas condições, depois de uma ausência tão prolongada!

Além disso, aproveita-se o ensejo de visitar este grupo, que os Milliardenses ainda não conhecem.

Efetua-se a navegação com uma pachorra calculada. Com efeito, é nas paragens compreendidas entre Fiji e as Novas Hébridas, por cento e setenta graus e trinta e cinco minutos de longitude leste e por dezanove graus e treze minutos de longitude sul que o vapor, expedido de Marselha por conta das famílias Tankerdon e Coverley, deve encontrar-se com Standard-Island.

Inútil é dizer que o casamento de Walter e de Miss Dy é mais do que nunca objecto das preocupações universais.

É lá possível pensar-se noutra coisa! Calistus Munbar não tem um minuto de seu. Prepara, combina os diversos elementos de uma festa que há-de ficar marcada nos fastos da ilha de hélíce. Se emagrecesse com a azáfama, não era caso de espantar ninguém.

Standard-Island não anda mais de vinte a vinte e cinco quilómetros em vinte e quatro horas. Adianta-se até chegar à vista de Viti, cujo soberbo litoral é orlado de florestas luxuriantes de um verde sombrio. Levam-se três dias a percorrer estas águas tranquilas, desde a ilha Wanara até à ilha Redonda. O canal, que as cartas designam com este último nome, oferece larga estrada à Jóia do Pacífico, que nele penetra vagarosamente. Uma grande quantidade de baleias, assarapantadas e apavoradas, batem com a cabeça de encontro ao casco de aço, que estremece com as pancadas. Não há que recear; as chapas dos

compartimentos são rijas, e não há perigo de avarias.

Enfim, na tarde do dia 6, desaparecem no horizonte as derradeiras cumeadas das Fiji. Neste momento, o comodoro Simcoe abandona o domínio polinésio pelo domínio melanésio do oceano Pacífico.

Durante os três dias seguintes, continua Standard-Island a descair para oeste, depois de ter atingido o paralelo dos dezanove graus. A 10 de Fevereiro, acha-se nas paragens onde deve encontrá-la o vapor que se espera da Europa.

O ponto, reproduzido nos cartazes de Milliard-City, é conhecido por todos os habitantes. Estão alerta as vigias do Observatório. Perscruta-se o horizonte com centos de óculos, e apenas se der vista do navio... Toda a população está à espera... Não é como que o prólogo dessa peça tão reclamada pelo público, que terá por desfecho o casamento de Walter Tankerdon e de Miss Dy Coverley?

Standard-Island não tem nada a fazer senão permanecer estacionária, manter-se contra as correntes destes mares apertados entre os arquipélagos. O comodoro Simcoe dá as suas ordens nesse sentido, e os seus oficiais vigiam a execução delas.

— A situação é decididamente das mais interessantes! — disse nesse dia Yvernés.

Era durante as duas horas de far niente que os quatro artistas tinham por hábito tomar para seu gozo depois do almoço do meio-dia.

— Decerto que é — respondeu Frascolin —, não há razão de lastimarmos esta nossa viajata a bordo de Standard-Island... diga o que disser o nosso amigo Zorn.

— Cegarrega eterno... Cantochão fanhoso! — comenta Pinchinat.

— Sim... sobretudo quando a viagem acabar — replica o violoncelista —, e quando nós tivermos embolsado o último trimestre dos ordenados que tão bem temos ganho...

— Ora! — exclama Yvernés. — Três já a Companhia nos pagou desde que partimos, e aprovo plenamente Frascolin, o nosso precioso guarda-livros, por ter remetido esta importante quantia ao Banco de Nova Iorque!

Com efeito, o precioso guarda-livros julgou prudente arrecadar esse dinheiro, por intermédio dos banqueiros de Milliard-City, numa das casas bancárias mais sólidas da União. Não foi por desconfiança, mas unicamente porque um cofre sedentário parece oferecer mais condições de segurança do que um cofre flutuante, acima dos cinco a seis mil metros de profundidade que mede geralmente o Pacífico.

É no decurso desta cavaqueira, entre as volutas perfumadas dos charutos e dos cachimbos, que Yvernés é levado a fazer a seguinte observação:

— As festas do casamento prometem ser esplêndidas, meus amigos. O nosso superintendente não se poupa a trabalhos nem a despesas de imaginação, é já sabido. Haverá chuva de dólares, e as fontes de Milliard-City jorrarão vinhos generosos, tenho a certeza disso. No entanto, sabem vocês o que faltará a essa cerimónia?

— Uma catarata de ouro líquido, escorrendo sobre rochas de diamante! — exclama Pinchinat.

— Qual! — responde Yvernés. — Uma cantata...

— Uma cantata? — replica Frascolin.

— Sem dúvida — torna Yvernés. — Há-de haver música, nós havemos de tocar os



nossos trechos mais em voga, apropriados ao caso... mas se houver cantata, hino nupcial, epitalâmio em honra dos noivos...

— Porque não, Yvernés? — pergunta Frascaolin. — Se tu quiseses encarregar-te de rimar coração com paixão e flores com amores numa dúzia de versos de diferentes tamanhos, Sebastião Zorn, que já deu as suas provas como compositor, certamente aproveita o ensejo que se lhe oferece de pôr em música a tua poesia...

— Excelente ideia! — brada Pinchinat. — Valeu, meu velho serrazina? Alguma coisa bem matrimonial, com muitos spiccatos, attegros, molto agitados, e uma coda delirante... a cinco dólares por nota...

— Nada... desta vez é de graça — declara Frascaolin. — É o óbolo do Quarteto Concertante a estes nababíssimos de Standard-Island.

Está decidido, e o violoncelista declara-se pronto a implorar as inspirações do deus da Música, se o deus da Poesia derramar as suas no coração de Yvernés.

E era desta nobre colaboração que ia surgir a Cantata das Cantatas, à imitação do Cântico dos Cânticos, em honra dos Tankerdon unidos aos Coverley.

Na tarde do dia 10 corre o boato de estar à vista um grande vapor, vindo do nordeste. Não se lhe pode reconhecer a nacionalidade, porque está ainda a umas dez milhas de distância, no momento em que as brumas do crepúsculo escureceram o mar.

O navio parecia vir com tiragem forçada, e não pode haver dúvida de que se dirige para Standard-Island. Segundo todas as probabilidades, só no dia seguinte, ao nascer do Sol, é que ele deve atracar.

A notícia produz um efeito indescritível. Alvorçam-se todas as imaginações femininas ao pensarem nas maravilhas de joalharia, de costura, de modas, de objecto de arte, trazidas por esse navio transformado numa corbelha enorme de casamento... da força de seiscentos a setecentos cavalos!

Não se enganaram, e o navio destina-se com efeito a Standard-Island. Por isso, logo de manhãzinha, dobrou o quebra-mar de Tribord-Harbour, desfraldando no penol a bandeira da Standard-Island Company.

De repente, outra notícia transmitida pelos telefones a Milliard-City: a bandeira do navio está colhida.

Que aconteceu? Algum desastre... um falecimento a bordo? Deplorável agouro para esse casamento, que deve assegurar o futuro de Standard-Island.

Mas outra novidade ainda. O barco de que se trata não é o que se espera e não é da Europa que chega. É precisamente do litoral americano, da baía Madalena, que ele vem. Demais, o vapor, carregado de riquezas nupciais, não vem atrasado. A data do casamento está fixada para 27. Como se está ainda a 11 de Fevereiro, tem tempo de chegar.

Então que pretende esse navio? Que novas traz? Qual o motivo daquela bandeira colhida? Porque é que a Companhia o expediu até estas paragens das Novas Hébridas, onde tinha a certeza de encontrar Standard-Island?

Dar-se-á o caso que ela tenha que fazer aos Milliar-denses alguma comunicação urgente de uma gravidade excepcional?

Tem, e não tarda muito que se saiba.

Apenas o vapor atraca ao cais, desembarca um passageiro.

É um dos agentes superiores da Companhia, que se recusa a responder às perguntas dos numerosos e impacientes curiosos que afluíram ao pier de Tribord-Harbour.

Estava prestes a partir um tramway, e, sem perder um momento, o agente salta para um dos cars.

Dez minutos depois, chegando ao palácio municipal, pede uma audiência ao governador "para negócio urgente", audiência que imediatamente é concedida.

Cyrus Bikerstaff recebe o agente no seu gabinete, cuja porta se fecha.

Não decorre um quarto de hora quando cada um dos membros do Conselho dos trinta notáveis é prevenido telefonicamente para reunir com urgência na sala das sessões. Às oito horas menos vinte, está reunido o Conselho sob a presidência do governador, assistido dos seus dois adjuntos.

O agente fez então a declaração seguinte:

"Na data de 23 de Janeiro a Standard-Island Company Limited foi posta em estado de falência, e o Sr. William T. Pomeroy foi nomeado liquidador com plenos poderes para proceder da forma mais conveniente aos interesses da dita sociedade."

O Sr. William T. Pomeroy, que se acha revestido destas funções, é o agente em pessoa.

Espalha-se a notícia, e a verdade é que não provoca o efeito que teria produzido na Europa. Que querem? Standard-Island é um "trecho destacado da grande partitura dos Estados Unidos da América", como diz Pinchinat. Ora, uma falência não é coisa que espante os Americanos, e ainda menos que os apanhe de improviso... Não é essa uma das fases naturais do negócio, um incidente aceitável e aceito? Os Milliardenses encaram, pois, o caso com a sua fleuma habitual...

A Companhia soçobrou... acabou-se. Isso pode acontecer às mais respeitáveis sociedades financeiras... O passivo é considerável? Muito, pelo que se conclui do balanço estabelecido pelo liquidador: quinhentos milhões de dólares, ou, por outra, dois mil e quinhentos milhões de francos.

E que deu causa a essa falência?... Especulações insensatas, se assim quiserem, visto que deram mau resultado, mas que podiam ter bom êxito... um negócio colossal para a fundação de uma cidade nova nos terrenos de Arcansas, os quais se sumiram em virtude de uma depressão geológica que nada podia fazer adivinhar... Afinal de contas, a culpa não é da Companhia, e, se os terrenos se afundam, não é de espantar que da mesma feita vão ao fundo os acionistas. Por sólida que pareça a Europa, pode muito bem suceder-lhe o mesmo qualquer dia. Com Standard-Island é que não há a temer coisa deste género, e acaso não demonstra isso a sua superioridade sobre o domínio dos continentes ou das ilhas terrestres?

O essencial é proceder. O ativo da Companhia compõe-se hic et nunc do valor da ilha de hélice, casco, fábricas, palácios, casas, campo, flotilha, numa palavra, tudo o que é transportado no aparelho flutuante do engenheiro William Tersen, tudo o que a isso está ligado, e, além disso, os estabelecimentos de Madeleine-bay. Será conveniente que se funde uma nova sociedade para a comprar em bloco, por contrato amigável ou por arrematação judicial? Decerto... a tal respeito não há hesitações, e o produto da venda se aplicará à liquidação das dívidas da Companhia... Mas, para fundar nova sociedade, seria porventura

mister recorrer a capitais estrangeiros? Pois os Milliardenses não são ricos de sobra para entrarem na despesa de Standard-Island, apenas com os seus próprios recursos? De simples locatários, não é preferível que se tornem proprietários desta Jóia do Pacífico? Não valerá a sua administração tanto como a da Companhia que deu em pantana?

Os vastos biliões que existem nas carteiras dos membros do Conselho dos Notáveis é coisa sabida. Por isso, a opinião deles é que convém comprar Standard-Island e sem mais tardar.

Acaso o liquidador tem poderes para fazer o contrato? Tem. Demais a mais, se a Companhia tem algumas probabilidades de encontrar em breve prazo as quantias indispensáveis para a sua liquidação, é com certeza na algibeira dos notáveis de Milliard-City, alguns dos quais entram já no número dos seus principais acionistas. Agora, que acabou a rivalidade entre as duas principais famílias e as duas secções da cidade, a coisa vai num sino. Entre os anglo-saxões dos Estados Unidos os negócios não demoram. Dito e feito. Os fundos aparecem logo incontinenti. Na opinião do Conselho dos Notáveis é escusado abrir-se subscrição pública. Jem Tankerdon, Nat Coverley e alguns outros oferecem muitos milhões de dólares. Não há que discutir o preço... É pegar ou largar... e o liquidador aceita.

Reunira-se o Conselho às oito horas e treze na sala do palácio municipal. Ao levantar a sessão, às nove horas e quarenta e sete, a propriedade de Standard-Island passou para as mãos dos dois "arqui-riquíssimos" milliardenses e de alguns outros amigos seus, sob a razão social Jem Tankerdon-Nat Coverley and Co.

Da mesma forma que a notícia da falência da Companhia não trouxe por assim dizer perturbação nenhuma à população da ilha de hélice, também a notícia da aquisição feita pelos principais notáveis não produziu a mínima comoção. Acha-se o caso naturalíssimo, e mesmo que fosse preciso reunir uma quantia mais confortável, o capital arranjava-se num abrir e fechar de olhos. É uma profunda satisfação para os Milliardenses o sentirem que estão em sua casa, ou, pelo menos, que já não dependem duma sociedade estrangeira. Por isso, a Jóia do Pacífico, representada por todas as suas classes, empregados, agentes, funcionários, oficiais, milicianos, mareantes, quer dirigir agradecimentos aos dois chefes de família que tão bem compreenderam o interesse geral.

Nesse dia, num meeting realizado no meio do parque, apresenta-se uma moção sobre o assunto, a qual é acolhida com uma tríplice salva de hurras e de hipes. Nomeiam-se logo os delegados, e envia-se uma deputação aos palacetes Coverley e Tankerdon.

Recebida a primor, leva a certeza de que nada mudará nos regulamentos, usos e costumes de Standard-Island. A administração fica como está. Conservarão todos os funcionários e todos os empregados.

E que outra coisa havia a fazer?

Disto resulta, pois, que o comodoro Ethel Simcoe continua encarregado dos serviços marítimos, tendo a alta direção dos movimentos de Standard-Island, conforme os itinerários marcados no Conselho dos Notáveis. O mesmo com respeito ao comando das milícias, no qual se mantém o coronel Stewart. O mesmo quanto aos serviços do Observatório, que não são modificados, e o rei de Malecária não é ameaçado na sua situação de astrónomo. Enfim, ninguém é destituído do lugar que ocupa, nem nos dois portos, nem nas fábricas de energia

eléctrica, nem na administração municipal. Nem sequer se exonera Atanásio Dorémus das suas inúteis funções, se bem que os discípulos se obstinem a não frequentar o curso de dança e de prendas de sala.

É escusado acrescentar que se não faz mudança nenhuma no contrato concluído com o Quarteto Concertante, o qual continuará até ao fim da viagem a receber os emolumentos inverossímeis que lhe foram atribuídos na sua escritura.

— Esta gente é extraordinária! — comenta Frascolin, ao saber que o negócio está regulado com satisfação comum.

— Isso é por terem biliões à ufa! — responde Pinchinat.

— Talvez que tivéssemos podido aproveitar esta mudança de proprietários para rescindir o nosso contrato... — observa Sebastião Zorn, que continua a teimar nas absurdas prevenções contra Standard-Island.

— Rescindir! — exclama Sua Alteza. — Essa é boa! Experimenta se és capaz!

E com a mão esquerda, cujos dedos se abrem e fecham como se premisse a quarta corda, ameaça o violoncelista com um daqueles murros que realizam uma velocidade de oito metros e cinquenta por segundo.

Entretanto, vai refestelar-se uma modificação na situação do governador. Cyrus Bikerstaff, sendo representante directo da Standard-Island Company, julga-se no dever de resignar as suas funções. Em suma, esta resolução parece lógica no estado actual das coisas.

Por isso se aceita a demissão, mas nos termos mais honrosos para o governador. Quanto aos dois adjuntos, Bartolomeu Ruge e Hubley Harcourt, meio arruinados pela falência da Companhia, de que eram grandes acionistas, esses têm tenção de sair da ilha de hélice num dos próximos paquetes.

Todavia, Cyrus Bikerstaff aceita ficar à testa da administração municipal até ao fim da viagem.

Assim se executou sem ruído, sem discussões, sem desavenças, sem rivalidades, esta importante transformação financeira do domínio de Standard-Island. E com tanta prudência e rapidez se operou o negócio, que logo naquele dia o liquidador pôde embarcar, levando as assinaturas dos principais compradores, com a garantia do Conselho dos Notáveis.

Quanto a essa personagem, de tão prodigiosa importância, que tem o nome Calistus Munbar, superintendente das belas-artes e dos recreios da incomparável Jóia do Pacífico, essa é simplesmente confirmada nas suas atribuições, emolumentos, benefícios, e, na verdade, acaso seria possível encontrar sucessor para este homem insubstituível?

— Belo! — observa Frascolin. — Tudo vai às mil maravilhas, está garantido o futuro de Standard-Island, nada há já que temer...

— Veremos! — murmura o casmurro violoncelista.

Eis as condições em que vai agora realizar-se o casamento de Walter Tankerdon com Miss Dy Coverley. As duas famílias ficarão unidas por esses interesses pecuniários que, na América como em qualquer outra parte, formam os mais sólidos laços sociais. Que garantia de prosperidade para os cidadãos de Standard-Island! Desde que pertence aos principais milliardenses, parece que ela é mais independente do que dantes, mais senhora dos seus destinos! Outrora, ligava-a uma amarra a essa baía Madalena dos Estados Unidos; essa

amarra, acaba ela de a partir!

E, agora, é pensar só na festa!

Será preciso insistir na alegria das partes interessadas, exprimir o que é inexprimível, pintar a felicidade que em volta delas irradia? Os dois noivos nunca mais se apartam. O que pareceu ser um casamento de conveniência para Walter Tankerdon e Miss Dy Coverley, é realmente um casamento de inclinação. Ambos eles se amam com um afecto no qual não entra nem partícula de interesse, podem acreditá-lo. Ambos possuem essas qualidades que devem assegurar-lhes a mais ditosa das existências. Aquele Walter é um coração de ouro, e convençam-se de que o coração de Miss Dy Coverley é feito do mesmo metal, no figurado, fica entendido, e não no sentido material, que os seus milhões autorizariam. Foram criados um para o outro e nunca esta frase, um pouco-chinho banal, teve um sentido mais estrito. Contam os dias, contam as horas que os separam dessa data ambicionada, de 27 de Fevereiro. Apenas uma coisa lhes faz pena: é que Standard-Island não se dirija para os cento e oitenta graus de longitude, porque, vindo agora de oeste, teria de cortar vinte e quatro horas no seu calendário. Adiantar-se-ia um dia a felicidade dos noivos. Não! À vista das Novas Hébridas é que deve realizar-se a cerimónia, e eles não têm remédio senão resignar-se.

Observemos, além disso, que ainda não chegou o navio, carregado de todas essas maravilhas da Europa, o "navio-corbelha".

Ora aí temos nós um luxo de coisas que os dois noivos dispensariam de bom grado; que necessidades têm eles dessas magnificências quase régias? Fazem dádiva mútua do seu amor; que mais lhes é preciso?

Mas as famílias, mas os amigos, mas a população de Standard-Island é que desejam que a cerimónia seja cercada por extraordinário esplendor. Por isso assestam-se obstinadamente os óculos para o horizonte de leste. Jem Tankerdon e Nat Coverley até prometeram um premio avultado ao primeiro que desse sinal desse vapor, cujo propulsor não lhe dará velocidade que corresponda à impaciência geral.

Entrementes, elabora-se cuidadosamente o programa da festa. Compreende os jogos, as recepções, a dupla cerimónia no tempo protestante e na catedral católica, o sarau de gala no palácio municipal, o festival no parque.

Calistus Munbar não tem mãos a medir: tudo espreita, tudo investiga, gasta-se, prodigaliza-se, pode-se bem dizer que se arruína no ponto de vista de saúde. Que querem! Arrasta-o o temperamento: é tão difícil fazê-lo parar, como a um comboio lançado a toda a velocidade.

Quanto à cantata, está pronta. O poeta Yvernés e o músico Sebastião Zorn mostram-se dignos um do outro. A cantata será entoada por massas corais de uma sociedade orfeônica que se fundou de propósito. O efeito será magnífico, quando ela reboar no square do Observatório, iluminado eletricamente ao cair da noite. Depois se seguirá a comparência dos dois esposos perante o funcionário civil, e o casamento religioso se celebrará em sendo meia-noite, no meio do mágico abrasamento de Milliard-City.

Enfim, avista-se ao largo o navio esperado. É uma das vigias do Observatório quem ganha o premio, o qual monta a um número respeitável de dólares.

São 9 horas da manhã, a 19 de Fevereiro, quando o vapor dobra o quebra-mar do

porto, e dá-se logo começo à descarga.

É inútil dar a nomenclatura minuciosa dos artigos, jóias, vestidos, modas, objecto de arte, que compõem este carregamento nupcial. Basta saber-se que a exposição que deles se faz nas vastas salas do palacete Coverley alcança um êxito sem precedentes. Toda a população de Milliard-City quis desfilar diante destas maravilhas. Que um certo número de sujeitos, podres de ricos, possam conseguir estes magníficos produtos, não fazendo questão de preço, admite-se. Mas é preciso também contar com o gosto, como o sentimento artístico que presidiram à escolha, e isso é que é deveras para admirar. Demais, os estrangeiros que tenham curiosidade de conhecer a nomenclatura dos ditos artigos podem consultar os números do Starboard-Chronicle e do New-Herald referentes a 21 e 22 de Fevereiro. Se não ficarem satisfeitos, é que a satisfação absoluta não é deste mundo.

— Safa! — diz simplesmente Yvernés, ao sair das salas do palácio da Décima Quinta Avenida em companhia dos seus três colegas.

— Safa!, parece-me a expressão mais acertada — observa Pinchinat. — Faz vontade de casar com Miss Dy Coverley sem dote... só por ela!

Quanto aos noivos, a verdade é que apenas concederam uma vaga atenção a esse stock de obras-primas da arte e da moda.

Entretanto, desde a chegada do vapor, Standard-Island retomou o rumo de oeste a fim de se acercar das Novas Hébridas. Se se chegar à vista de uma das ilhas do grupo antes do dia 27, o capitão Sarol desembarcará com os seus companheiros, e Standard-Island encetará a viagem de regresso.

O que vai facilitar a navegação por estas paragens do Pacífico Oeste é o serem elas muito familiares ao capitão malaio. A pedido do comodoro Simcoe, que reclamou os seus serviços, o capitão conserva-se permanentemente na torre do Observatório. Apenas surjam as primeiras alturas, nada mais fácil do que aproximarem-se da ilha Erromango, umas das mais orientais do grupo, o que permitirá evitar os numerosos escolhos das Novas Hébridas.

Ou seja por acaso, ou porque o capitão Sarol, desejoso de assistir às festas do casamento, tratou de manobrar com certa lentidão, o facto é que só se dá sinal das primeiras ilhas na manhã de 27 de Fevereiro — precisamente o dia fixado para a cerimónia nupcial.

Embora! Isso pouco importa! O casamento de Walter Tankerdon e de Miss Dy Coverley não será menos ditoso por ter sido celebrado à vista das Novas Hébridas, e, visto que tanto prazer isso parece dar a esses pobres malaios — eles não dissimulam —, deixe-se-lhes a liberdade de tomarem parte nas festas de Standard-Island.

Encontram-se primeiro algumas ilhotas ao largo, e, transpostas elas sob as indicações muito exatas do capitão Sarol, a ilha de hélice dirige-se para Erromango, deixando ao sul os montes da ilha Tanna.

Nestas paragens, Sebastião Zorn, Pinchinat, Yvernés e Frascalín não estão muito longe — a trezentas milhas quando muito — das possessões francesas dessa parte do Pacífico, as ilhas Loyalty e a Nova Caledônia, essa penitenciária que está situada nos antípodas da França.

Erromango é muito arborizada no interior, acidentada de colinas múltiplas, ao sopé das quais se estendem amplas planícies cultiváveis. O comodoro Simcoe pára a uma milha da baía de Cook, na costa oriental. Não seria prudente aproximar-se mais, porque as faixas

coralígenas avançam à flor da água, até meia milha pelo mar fora. Demais, a intenção do governador Cyrus Bikerstaff não é estacionar em frente da ilha, nem fazer escala em nenhuma outra do arquipélago. Depois das festas, desembarcarão os malaios, e Standard-Island tomará de novo a direção do equador para voltar à baía Madalena.

Por ordem das autoridades, todos têm licença, funcionários e empregados, milicianos e mareantes, à exceção dos guardas aduaneiros de serviço nos postos do litoral, que nada deve distrair da vigilância.

É escusado dizer que o tempo está magnífico, refrescado pela brisa mareira. Segundo a expressão consagrada, "o Sol também entrou na festa".

— Positivamente, aquele disco orgulhoso parece estar às ordens destes capitalistas! — exclama Pinchinat. — Se eles lhe intimassem que prolongasse o dia, como outrora fez Josué, estou certo que ele obedecia! Oh, poder do ouro!

Não há tempo de insistir nos diversos números do programa de sensação, tal qual o redigiu o superintendente dos prazeres de Milliard-City. Logo às três horas, todos os habitantes, os do campo assim como os da cidade e dos portos, afluem ao parque, ao longo das margens da Serpentine. Os notáveis misturam-se familiarmente com o povolú. Os concursos despertam grande entusiasmo, ao qual não é porventura estranho o isco dos prêmios a ganhar. Organizam-se bailes ao ar livre. Mas o mais brilhante realiza-se numa das salas grandes do Casino, onde os rapazes, as senhoras, as meninas, rivalizam em graça e animação. Yvernés e Pinchinat tomam parte na dança, e a ninguém cedem, em se tratando de ser par das mais lindas miliardenses. Nunca Sua Alteza esteve tão amável, nunca teve tanto espírito, nunca alcançou tamanho êxito.

Não é de admirar se, no momento em que um dos seus bonitos pares exclama:

— Oh, senhor, estou num lago de água! Ele se atreveu a responder:

— Água de Vais (valse), miss, água de Vais. Frascalin, que o escuta, cora até à raiz dos cabelos, e Yvernés, que o ouve, pergunta a si próprio se os raios do Céu não irão rebentar sobre a cabeça do criminoso!

Acrescentemos que as famílias Tankerdon e Coverley estão por completo, e as graciosas irmãs da noiva mostram-se muito felizes com a felicidade dela. Miss Dy passeia pelo braço de Walter, o que não pode ferir as conveniências, tratando-se de cidadãos originários da livre América. Aplaudem-se este grupo simpático, aclamam-no, oferecem-lhe flores, dirigem-lhe cumprimentos, que ele recebe mostrando perfeita afabilidade.

E, durante as horas que se seguem, os refrescos, profusamente servidos, não deixam de manter o belo humor do público.

À noite, o parque resplende com fogos eléctricos, que as luas de alumínio derramam a jorros. O Sol teve muito juízo em desaparecer debaixo do horizonte! Acaso não ficaria humilhado diante destas irradiações artificiais, que tornam a noite tão clara como o dia?

Canta-se a cantata entre as nove e as dez horas, e, a respeito do êxito, não compete ao poeta nem ao compositor o dizê-lo.

E talvez até que nesse momento o violoncelista sentisse dissolverem-se as suas injustas prevenções contra a Jóia do Pacífico...

Ao bater das onze, dirige-se para o palácio do Município um longo cortejo

processional. Walter Tankerdon e Miss Dy Coverley seguem no meio das respectivas famílias. Acompanha-os toda a população, subindo a Primeira Avenida.

O governador Cyrus Bikerstaff acha-se na sala grande do palácio municipal. Vai realizar-se o mais belo de todos os casamentos que lhe tem sido dado celebrar durante a sua carreira administrativa...

De repente, levanta-se alarido no bairro extremo da secção bombordense...

O cortejo pára a meio da avenida.

Quase imediatamente, com esses gritos, que vão aumentando, ouvem-se detonações longínquas.

Um instante depois, precipita-se para fora do square do palácio municipal um grande número de guardas aduaneiros — muitos dos quais feridos.

A ansiedade está no seu auge. Propaga-se pela multidão esse pavor irrefletido que nasce de um perigo que se não conhece...

Cyrus Bikerstaff aparece na escadaria do palácio, seguido pelo comodoro Simcoe, pelo coronel Stewart e pelos notáveis, que vieram ter com eles.

Às perguntas que lhes fazem respondem os guardas aduaneiros que Standard-Island acaba de ser invadida por uma multidão de neo-hebridianos — três ou quatro mil — e que à frente deles está o capitão Sarol.



# CAPÍTULO 11

## ATAQUE E DEFESA

Tal é o início do abominável conluio preparado pelo capitão Sarol, ao qual concorrem os malaios com ele recolhidos em Standard-Island, os neo-hebridianos embarcados nas Samoa, os indígenas de Erromango e das ilhas próximas. Qual será o desfecho? Não é possível prevê-lo, dadas as condições em que se produz esta súbita e terrível agressão.

O grupo neo-hebridiano não compreende menos de cento e cinquenta ilhas, que, sob a proteção da Inglaterra, formam uma dependência geográfica da Austrália. Todavia, aqui como nas Salomão, situadas ao noroeste das mesmas paragens, esta questão do protetorado é um pomo de discórdia entre a França e o Reino Unido. E mesmo os Estados Unidos não vêm com bons olhos o estabelecimento de colônias europeias no meio de um oceano do qual sonham em reivindicar o gozo exclusivo. Implantando a sua bandeira nesses diversos grupos, a Grã-Bretanha procura criar uma estação de abastecimento, que lhe seria indispensável, caso as colônias australianas escapassem à autoridade do Foreign Office.

A população das Novas Hébridas compõe-se de negros e de malaios, de origem canaca. Mas o caráter destes indígenas, o seu temperamento, os seus instintos, diferem conforme pertencem às ilhas do Norte ou às do Sul — o que permite dividir este arquipélago em dois grupos.

No grupo setentrional, na ilha Santo, na baía de SÃO Filipe, o tipo é mais nobre, a tez menos fusca, o cabelo menos encarapinhado. Os homens, atarracados e fortes, mansos e pacíficos, nunca assaltaram as feitorias nem os navios europeus. O mesmo sucede na ilha Vate ou Sanduíche, a qual possui muitas povoações florescentes, entre outras Port-Vila, capital do arquipélago — que também é conhecida pelo nome de Franceville —, onde os colonos franceses utilizam as riquezas de um solo admirável, as suas exuberantes pastagens, os campos propícios à cultura, os terrenos favoráveis às plantações de cafezeiros, bananeiras, coqueiros e à frutífera indústria dos copra-makers.

Mas seriam deveras deslocados estes queixumes a propósito das ilhas meridionais do arquipélago. Por isso, não sem razão foi que o capitão Sarol escolheu este grupo do Sul para organizar a criminosa tentativa contra Standard-Island. Nestas ilhas, os indígenas, que ficaram verdadeiros Papuas, são entes degradados para o extremo inferior da escala humana, tanto em Tanna como em Erromango. Desta última sobretudo, dizia com razão um negociante de sândalo ao Dr. Hayen: "Se esta ilha pudesse falar, contava coisas de arrepiar os cabelos!"

Com efeito, a raça dos Canacas, de origem inferior, não se revivificou com o sangue polinésio como nas ilhas setentrionais. Em Erromango, sobre dois mil e quinhentos habitantes, os missionários anglicanos, cinco dos quais foram massacrados de 1839 para cá, não converteram mais de metade ao cristianismo. A outra metade permaneceu apegada ao paganismo. Além disso, convertidos ou não, todos eles representam ainda esses indígenas ferozes, que merecem a sua triste reputação, embora sejam de estatura mais enfezada, de

constituição menos robusta do que os nativos da ilha Santo ou da ilha Sanduíche. Daí provêm perigos sérios, contra os quais devem precaver-se os turistas que se aventuram por este grupo do Sul.

Diversos exemplos que convém citar:

Há cerca de cinquenta anos, exerceram-se atos de pirataria contra o brigue Aurora, que tiveram de ser severamente reprimidos pela França. Em 1869, o missionário Gordon é morto à cacetada. Em 1875, a tripulação de um navio inglês, atacada à traição, é massacrada, depois devorada pelos canibais. Em 1894, nos arquipélagos vizinhos da Luisiana, na ilha Rossel, um negociante francês e os seus operários, o capitão de um navio chinês com a sua tripulação, perecem aos golpes destes antropófagos. Finalmente, o cruzador inglês Royalist é obrigado a empreender uma campanha, a fim de castigar estas populações selvagens por terem feito o morticínio de um grande número de europeus. E quando lhe contam esta história, Pinchinat, recentemente escapo aos terríveis molares dos fijianos, abstém-se agora de encolher os ombros.

Tal é a população entre a qual o capitão Sarol recrutou os seus cúmplices. Prometeu-lhes o saque desta opulenta Jóia do Pacífico, da qual não se deve poupar nem um habitante. Desses selvagens, que lhe espreitavam a aparição nas vizinhanças do Erromango, há muitos que vieram das ilhas próximas, separadas por estreitos braços de mar — principalmente de Tanna, que apenas dista umas trinta e cinco milhas para o sul. Esta ilha é que vomitou os robustos naturais do distrito de Wanissi, bravíssimos adoradores do deus Teapolo, e cuja nudez é quase completa, os indígenas da Praia Negra, de San-galli, os mais temíveis e mais temidos do arquipélago.

Mas, pelo facto de ser relativamente menos selvagem o grupo setentrional, não se deve concluir que não houvesse dado contingente nenhum ao capitão Sarol. Ao norte da ilha de Sanduíche fica a ilha Api, com os seus dezoito mil habitantes, onde se devoram os prisioneiros, cujo tronco se reserva para os mancebos, braços e coxas para os homens feitos, intestinos para os cães e porcos. Há a ilha de Paama, com as suas tribos ferozes, que não ficam a dever nada aos naturais de Api. Há a ilha de Mallicolo, com os seus canacas antropófagos. Há, finalmente, a ilha Aurora, uma das piores do arquipélago, onde não reside nenhum branco, e onde, alguns anos antes, fora massacrada a tripulação de um cúter de nacionalidade francesa. Destas diversas ilhas é que vieram reforços ao capitão Sarol.

Apenas apareceu Standard-Island, apenas chegou à distância de algumas amarras de Erromango, o capitão Sarol enviou o sinal esperado pelos indígenas.

Dentro de poucos minutos, as rochas à flor da água deram passagem a três ou quatro mil selvagens.

O perigo é dos mais graves, por isso que estes neo-hebridianos, caídos à solta sobre a cidade milliardense, não recuarão diante de nenhum atentado, de nenhuma violência. Têm por si a vantagem da surpresa, e estão armados não só de longas azagaias de ponta de osso, que produzem feridas perigosíssimas, de flechas ervadas com uma espécie de peçonha vegetal, mas também dessas espingardas Snyders, cujo uso está espalhado pelo arquipélago.

Logo no começo deste extraordinário caso, de longa data preparado, visto ser Sarol quem marcha à testa dos assaltantes, foi forçoso convocar a milícia, os mareantes, os

funcionários, todos os homens válidos em estado de combater.

Cyrus Bikerstaff, o comodoro Simcoe, o coronel Stewart, conservaram todo o sangue-frio. O rei de Malecária ofereceu os seus serviços, e, se já não tem o vigor da mocidade, possui-lhe pelo menos a coragem. Os indígenas ainda estão afastados para os lados de Babord-Harbour, onde o oficial do porto tratou de organizar a resistência. mas não sofre dúvida que os grupos não tardarão a precipitar-se sobre a cidade.

Dá-se logo de princípio ordem de fechar as portas do recinto de Milliard-City, onde a população afluía quase toda para as festas do casamento.

Que sejam talados os campos e o parque, é isso bem de esperar. Que os dois portos e as fábricas de energia eléctrica sejam devastados, é deveras de temer. Que sejam destruídas as baterias do Esporão e da Popa, não é coisa que se possa impedir. A maior desgraça seria que a artilharia de Standard-Island se voltasse contra a cidade, e não é impossível que os malaios saibam manobrá-la...

Antes de tudo, por proposta do rei de Malecária, meteu-se no palácio municipal a maior parte das mulheres e das crianças.

Este vasto palácio está mergulhado numa escuridão profunda, assim como a ilha inteira, porque os aparelhos eléctricos cessaram de funcionar, em consequência da fuga dos maquinistas.

Entretanto, graças ao cuidado do comodoro Simcoe, as armas que estavam depositadas no palácio municipal são distribuídas pelos milicianos e pelos mareantes, e não lhes faltam as munições. Depois de ter deixado Miss Dy com Mrs. Tankerdon e Mrs. Coverley, Walter veio juntar-se ao grupo onde estão reunidos Jem Tankerdon, Nat Coverley, Calistus Munbar, Pinchinat, Yvernés, Frascalín e Sebastião Zorn.

— Sim, senhor, parece que desta maneira é que isto devia acabar! — murmura o violoncelista.

— Qual acabar! — exclama o superintendente. — Não está tal acabado, e não é a nossa querida Standard-Island que há-de sucumbir diante de um punhado de canacas!

Dizes bem, Calistus Munbar! Compreende-se que te devore a cólera, ao pensar como aquela malandragem dos neo-hebridianos interrompeu uma festa tão bem organizada! Sim, é de esperar que eles sejam repelidos... Por desgraça, se não são superiores em número, têm a vantagem da ofensiva.

Contudo, continuam a estoirar as detonações ao longe, na direcção dos dois portos. O capitão Sarol começou por interromper o funcionamento das hélices, a fim de que Standard-Island não possa afastar-se de Erromango, onde está a sua base de operações.

O governador, o rei de Malecária, o comodoro Simcoe, o coronel Stewart, reunidos como comissão de defesa, lembraram-se primeiro de fazer uma surtida. Não, isso seria sacrificar uma porção de defensores de que há tanta necessidade. Não há que esperar desses indígenas selvagens mais misericórdia do que dessas feras que, quinze dias antes, invadiram Standard-Island. Além disso, não é de recear que eles tentem encalhá-la nas rochas de Erromango para a saquearem à vontade?

Passada uma hora, os assaltantes chegaram defronte das grades de Milliard-City. Tentam abatê-las, elas resistem. Procuram transpô-las, impede-lho a fuzilaria.

Visto que Milliard-City não pode ser logo colhida de improviso, torna-se difícil forçar o recinto no meio desta escuridão profunda. Por isso, o capitão Sarol concentra-se com os indígenas no parque e nos campos, onde esperará pelo romper do dia.

Entre as quatro e as cinco horas, os primeiros alvares da madrugada tingem o horizonte a leste. Os milicianos e os marinheiros, sob as ordens do comodoro Simcoe e do coronel Stewart, dividem-se em dois grupos, um dos quais fica no palácio municipal, o outro forma em coluna cerrada no square do Observatório, na ideia de que o capitão Sarol queira por esse lado forçar o gradeamento. Ora, como de fora não pode vir socorro nenhum, urge a todo o custo impedir que os indígenas penetrem na cidade.

O quarteto seguiu os defensores, levados pelos oficiais para o extremo da Primeira Avenida.

— Ter escapado dos canibais de Fiji — exclama Pinchinat — e ver-se uma pessoa obrigada a defender as próprias costelas contra os canibais das Novas Hébridas!

— Que diabo! Eles não nos hão-de devorar inteirinhos! — responde Yvernés.

Sebastião Zorn, esse permanece silencioso. É sabido o que ele pensa desta aventura, o que não o eximirá de cumprir o seu dever.

Logo aos primeiros clarões matutinos, trocam-se tiros através das grades do square. Defesa corajosa no recinto do Observatório. Há vítimas de parte a parte. Do lado dos Milliardenses, é ferido Jem Tankerdon num ombro, levemente, mas recusa abandonar o seu posto.

Nat Coverley e Walter batem-se na primeira fila. O rei de Malecária, afrontando as balas das Snyders, procura visar o capitão Sarol, o qual não se poupa no meio dos indígenas.

Realmente, são de mais, esses invasores! Toda a gente de combate que puderam fornecer Erromango, Tanna e as ilhas próximas está encarniçada contra Milliard-City. Há, contudo, uma circunstância favorável, que o comodoro Simcoe teve ocasião de verificar: é que Standard-Island, em vez de se abater para a costa de Erromango, se dirige para o grupo setentrional, sob a influência de uma leve corrente, embora fosse preferível que se amarrasse.

Entretanto vai passando o tempo, os indígenas redobram de esforços, e, apesar de uma corajosa resistência, os defensores não poderão contê-los. Por volta das dez horas, são arrancadas as grades. Diante da turba ululante que invade o square, o comodoro Simcoe vê-se obrigado a retirar para o palácio municipal, onde terá de defender-se como numa fortaleza.

Recuando sempre, os milicianos e os marinheiros vão cedendo palmo a palmo. É impossível agora que, forçado o recinto da cidade, os neo-hebridianos, arrastados pelo instinto da pilhagem, se dispersem pelos diversos bairros, o que permitiria aos defensores alcançarem alguma vantagem..

Baldada esperança! O capitão Sarol não deixará os indígenas precipitarem-se para fora da Primeira Avenida. Por aí é que eles hão-de chegar ao palácio municipal, onde debelarão os derradeiros esforços dos sitiados. Quando o capitão Sarol se assenhorear dele, será definitiva a vitória. Terá soado a hora do morticínio e do saque.

— Decididamente... são de mais! — repete Frascalín, cujo braço acaba de ser arranhado por uma azagaia.

E é uma chuva contínua de frechas e de balas, enquanto se acentua a retirada.

Cerca das duas horas, os defensores foram rechaçados até ao square do palácio municipal. Dos dois lados contam-se já uns cinquenta mortos, o duplo ou o triplo de feridos.

Antes que o palácio municipal seja invadido pelos indígenas, as tropas defensoras precipitam-se para dentro dele, fecham as portas, obrigam as mulheres e as crianças a refugiar-se nos aposentos interiores, onde ficarão a salvo dos projéteis. Depois Cyrus Bikerstaff, o rei de Malecária, o comodoro Simcoe, o coronel Stewart, Jem Tankerdon, Nat Coverley, os seus amigos, os milicianos e os marinheiros, postam-se às janelas, e o fogo recomeça com grande violência.

— É preciso aguentar-nos aqui — diz o governador. — É o nosso último recurso, e praça a Deus fazer um milagre para nos salvar!

Dá-se imediatamente o assalto por ordem do capitão Sarol, que se julga seguro da vitória, por árdua que seja a tarefa. Com efeito, as portas são valentes, e difícil será arrombá-las sem artilharia. Os indígenas saltam nelas às machadadas, debaixo do fogo das janelas, o que ocasiona grandes perdas nas suas fileiras. Mas isso não é coisa que detenha o chefe, e contudo, se o matassem, talvez que a sua morte mudasse o aspecto da situação...

Decorrem duas horas. O palácio municipal continua a resistir. Se as balas dizimam os sitiantes, a sua massa renova-se incessantemente. Debalde os mais hábeis atiradores, Jem Tankerdon e o coronel Stewart, procuram derribar o capitão Sarol. Enquanto um grande número dos seus cai em redor dele, parece que ele tem o condão da invulnerabilidade.

E, no meio de uma fuzilaria nutrida como nunca, não é a ele que a bala de uma Snyder veio ferir na varanda central. É a Cyrus Bikerstaff, o qual é atingido em pleno peito. Cai, mal pode pronunciar algumas palavras abafadas, sobe-lhe o sangue à garganta. Levam-no para a antessala, onde não tarda a exalar o último suspiro. Assim sucumbiu aquele que foi o primeiro governador de Standard-Island, administrador hábil, coração magnânimo.

Prossegue o assalto com duplicada fúria. As portas vão ceder ao machado dos indígenas. Como impedir a invasão desta última fortaleza de Standard-Island?

Como salvar as mulheres, as crianças, todos os que estão ali encerrados, de um morticínio geral?

O rei de Malecária, Ethel Simcoe e o coronel Stewart discutem então se não conviria fugir pelas traseiras do palácio. Mas onde se há-de procurar refúgio? Na bateria da Popa? Poderão lá chegar? Num dos portos? Mas os indígenas não estão senhores de ambos eles? E os feridos, já numerosos, se resolverão a desampará-los?

Neste momento, produz-se um lance feliz, que tende a modificar a situação.

O rei de Malecária adiantou-se na varanda, sem se importar com as balas e as frechas que chovem em torno dele. Mete a arma à cara, aponta para o capitão Sarol, no instante em que uma das portas vai dar passagem aos invasores...

O capitão Sarol cai redondo...

Os malaios, surpresos por esta morte, recuam, levando o cadáver do seu chefe, e a turba dos indígenas atira-se para o gradeamento do square.

Quase ao mesmo tempo, ressoam gritos no alto da Primeira Avenida, onde estoira, cada vez mais intensa, a fuzilaria.

Que novidade é esta? Dar-se-á o caso que tenham recuperado vantagem os defensores

dos portos e das baterias? Teriam eles corrido para a cidade? Tentarão atacar os indígenas pela retaguarda, não obstante o seu número limitado?

— Aumenta a fuzilaria do lado do Observatório! — anuncia o coronel Stewart.

— Algum reforço que chega a essa malandragem! — responde o comodoro Simcoe'.

— Não creio — observa o rei de Malecária —, porque os tiros não se explicam...

— Sim! Há alguma novidade — exclama Pinchinat — e novidade em nosso favor...

— Olhem... olhem! — grita Calistus Munbar. — Olhem como essa cambada começa a pôr-se ao fresco...

— Vamos, meus amigos! — diz o rei de Malecária. — Expulsemos estes miseráveis da cidade! Avante!

Oficiais, milicianos, mareantes, todos descem ao andar térreo e se precipitam para a porta principal.

O square está deserto da turba de selvagens, que fogem, uns pela Primeira Avenida fora, outros pelas ruas circunvizinhas.

Qual é ao certo a causa desta mudança tão rápida e tão inesperada? Deve atribuir-se à desapareição do capitão Sarol? À falta de direção que dela resultou? Pode admitir-se que os sitiados, tão superiores em força, se desanimassem a tal ponto pela morte do seu chefe e no momento em que o palácio municipal ia ser invadido?

Arrastados pelo comodoro Simcoe e pelo coronel Stewart, cerca de duzentos homens da marinha e da milícia, e com eles Jem e Walter Tankerton, Nat Goverley, Frascolin e os seus colegas, descem pela Primeira Avenida, repelindo os fugitivos, que nem sequer olham para trás a fim de lhes atirarem uma derradeira flecha, e largam de mão Snyders, arcos, azagaias.

— Avante! Avante! — grita o comodoro Simcoe em voz vibrante.

Entretanto pelos arredores do Observatório redobram os tiros... É certo que há ali um combate encarniçado e terrível.

Chegaria, pois, algum socorro a Standard-Island? Mas que socorro... e donde poderia ele vir?

Seja como for, os invasores fogem para todos os lados, assaltados por um pânico incompreensível. Dar-se-á o caso que sejam atacados por alguns reforços provindos de Babord-Harbour?

Sim... cerca de mil neo-hebridianos invadiram Standard-Island, sob a direção dos colonos franceses da ilha Sanduíche!

Não é de espantar que o quarteto fosse saudado na sua língua nacional, quando deu de cara com os seus corajosos compatriotas!

Eis em que circunstâncias se efetuou esta intervenção inesperada, pode-se dizer quase milagrosa.

Durante a noite anterior e desde o romper do dia, Standard-Island não cessara de descair para esta ilha Sanduíche, onde, devem lembrar-se, residia uma colonia francesa em via de prosperidade. Ora, apenas os colonos fãrejaram o ataque operado pelo capitão Sarol, resolveram, com o auxílio do milhar de indígenas sujeitos à sua influência, vir em socorro da ilha de hélice. Mas, para os transportar, não bastavam as embarcações da ilha Sanduíche.

Calcule-se a alegria destes honestos colonos quando de manhã, Standard-Island, impelida pela corrente, chegou às alturas da ilha Sanduíche. Imediatamente, atiram-se todos para as lanchas de pesca, seguidos pelos indígenas — a maior parte a nado — e todos vêm desembarcar em Babord-Harbour.

Num instante, os homens das baterias do Esporão e da Popa, os que tinham ficado nos dois portos, conseguiram juntar-se-lhes. Pelos campos, pelo parque fora, dirigiram-se para Milliard-City, e, mercê desta divisão, o palácio municipal não caiu nas mãos dos invasores, já desalentados com a morte do capitão Sarol.

Duas horas passadas, os grupos neo-hebridianos, acoitados por toda a parte, apenas encontraram salvação precipitando-se no mar, a fim de alcançarem a ilha Sanduíche, e ainda assim a maior parte afunda-se sob as balas da milícia.

Agora, Standard-Island já não tem que recear: está salva do saque, do morticínio, da destruição.

Pareceria natural que o desfecho deste terrível incidente ocasionasse manifestações de alegria pública e de ações de graça... Qual! Oh! Muito extraordinários são sempre estes americanos! Parece que este resultado final os não surpreendeu... que o tinham previsto... E, contudo, por um triz que a tentativa do capitão Sarol não rematou numa tremenda catástrofe.

É lícito todavia acreditar que os principais proprietários de Standard-Island se felicitassem in peso por terem conseguido conservar uma propriedade de dois biliões, e isto no momento em que as bodas de Walter Tankerdon e de Miss Dy Coverley iam assegurar-lhe o futuro.

Mencionemos que os dois noivos, quando se tornaram a ver, caíram nos braços um do outro. É claro que ninguém viu nisto uma falta de conveniências. Não deviam eles estar casados há vinte e quatro horas?

Em todo o caso, onde se não deve procurar um exemplo dessa reserva ultra-americana é no acolhimento feito pelos nossos artistas parisienses aos colonos franceses da ilha Sanduíche. Que troca de apertos de mão! Que de felicitações que o Quarteto Concertante recebe dos seus compatriotas! Se as balas se dignaram poupá-los, nem por isso deixaram de cumprir com arrogância o seu dever, esses dois violinos, essa violeta e esse violoncelo! Quanto ao excelente Atanásio Dorémus, que se deixou ficar tranquilamente na sala do Casino, esse estava à espera de um discípulo, o qual teima em não chegar... e quem é capaz de lhe cominar censuras?

Uma excepção pelo que respeita ao superintendente. Por ultra-ianque que seja, foi delirante a sua alegria. Que querem? Corre-lhe nas veias o sangue do ilustre Barnum e é bem admissível que o descendente de um antepassado tal não seja sui compôs, como os seus concidadãos da América do Norte.

Depois do desfecho do incidente, o rei de Malecárliã, acompanhado pela rainha, voltou para a sua residência da Trigésima Nona Avenida, onde o Conselho dos Notáveis deve levar-lhe os agradecimentos que merece a sua coragem e a sua dedicação pela causa pública.

Standard-Island está pois sã e salva. Custou-lhe cara a salvação — Cyrus Bikerstaff morto no fervor da peleja, uns sessenta homens, entre milicianos e marinheiros, atingidos pelas balas e pelas frechas, outros tantos, pouco mais ou menos, entre os funcionários, os

empregados, os negociantes, que tão valorosamente se bateram. A este luto público se associará a população inteira, e a Jóia do Pacífico não deve obliterar-lhe a memória.

Quanto ao mais, com a rapidez de execução que lhes é próprio, os Milliardenses vão num pronto repor as coisas no seu lugar. Por esse lado, não há dificuldade, nem questões de competência. Nem Jem Tankerdon nem Nat Coverley emitem pretensão alguma a tal respeito. Mais tarde, a eleição resolverá a importante questão do novo governador de Standard-Island.

No dia seguinte, uma imponente cerimónia atrai a população aos cais de Tribord-Harbour. Deitaram-se ao mar os cadáveres dos malaios e dos indígenas; o mesmo não deve suceder aos cidadãos mortos na defesa da ilha de hélice. Os seus corpos, piedosamente recolhidos, conduzidos ao templo e à catedral, aí recebem as merecidas honras. Tanto o governador Cyrus Bikerstaff como os mais humildes defensores são objecto dos mesmos sufrágios e da mesma saudade.

Depois confia-se este fúnebre carregamento a um dos rápidos vapores de Standard-Island, e o navio parte para Madeleine-bay, levando estes preciosos despojos para uma terra cristã.



# CAPÍTULO 12

## LEME A BOMBORDO, LEME A ESTIBORDO

Standard-Island largou a 3 de Março das paragens da ilha de Sanduíche. Antes da partida, a colonia francesa e os seus aliados indígenas foram objecto de vivo reconhecimento da parte dos Milliardenses. São amigos que eles não tornarão a ver, são irmãos que Sebastião Zorn e os seus companheiros deixam nesta ilha do grupo das Novas Hébridas, que de ora avante figurará no itinerário anual.

Sob a direcção do comodoro Simcoe, fizeram-se as reparações. Demais a mais, as avarias eram pouco importantes. As máquinas das fábricas de electricidade estão intactas. Com o que resta do stock de petróleo, está garantido por umas poucas de semanas o funcionamento dos dínamos. Além disso, não tarda que a ilha de hélice se encontre nessa parte do Pacífico onde os seus cabos submarinos lhe permitam comunicar com Madeleine-bay. Por conseguinte, há a certeza de que a viagem se levará a cabo sem obstáculos. Antes de quatro meses estará Standard-Island na costa americana.

— Tenhamos essa esperança — diz Sebastião Zorn, enquanto o superintendente vai fantasiando, conforme o costume, sobre o futuro do seu maravilhoso aparelho marítimo.

— Mas — observa Calistus Munbar — que lição que nós apanhamos! Aqueles malaios, tão serviçais, aquele capitão Sarol, ninguém era capaz de suspeitar deles.

Também, é com certeza a última vez que Standard-Island concede asilo a quaisquer estrangeiros.

— Mesmo que um naufrágio atire com eles para o seu caminho? — pergunta Pinchinat.

— Meu rico... eu é que já me não deixo engrolar por naufragos, nem por naufrágios!

Entretanto, pelo facto de estar o comodoro Simcoe encarregado, como até ali, da direcção da ilha de hélice, não se segue que tenha nas mãos os poderes civis. Desde a morte de Cyrus Bikerstaff, Milliard-City não tem maire, e, como se sabe, os antigos adjuntos não conservaram as suas funções. Por consequência, é necessário nomear novo governador de Standard-Island.

Ora, pelo motivo da ausência deste official do estado civil, não se pode celebrar o casamento de Walter Tankerdon com Miss Dy Coverley. Mais uma dificuldade, que não surgiria se não fossem as maquinações desse miserável Sarol. E não só os noivos, mas todos os notáveis de Milliard-City, como toda a população, tem pressa de que esse casamento se realize por sua vez. Está nele uma das mais seguras garantias do futuro. Urge acabar com isto, porque já Walter Tankerdon anda a falar em embarcar num dos vapores de Tribord-Harbour, dirigir-se com as duas famílias ao arquipélago mais próximo, onde um maire possa proceder à cerimónia nupcial! Que demônio! Há-os nas Samoa, nas Tonga, nas Marquesas, e em menos de uma semana, andando a toda a força de vapor...

Os espíritos prudentes fazem entrar na razão o impaciente mancebo. Trata-se de preparar as eleições... Dentro de alguns dias ficará nomeado novo governador. O primeiro ato

da sua administração será celebrar com grande pompa o casamento tão ansiosamente aguardado... Continuarás a realizar o programa das festas... Um maire! Um maire! É o grito unânime que sai de todas as bocas!

— Deus queira que as eleições não reavivem rivalidades... mal apagadas ainda talvez!  
— observa Frascaolin.

Não; Calistus Munbar está resolvido a meter agulhas por alfinetes, como se costuma dizer, para levar as coisas a cabo.

— E, demais a mais — exclama ele —, não temos aí os nossos namorados? Creio que você deve concordar que o amor-próprio não leva a melhor contra o amor!

Standard-Island continua a dirigir-se para nordeste, para o ponto onde se cruzam o paralelo doze sul e o meridiano cento e setenta e cinco oeste. Para estas paragens é que os últimos cabogramas, expedidos antes da escala das Novas Hébridas, convocaram os navios de abastecimento saídos da baía Madalena. Em todo o caso, a questão de provisões não é coisa que preocupe o comodoro Simcoe. As reservas chegam para mais de um mês, e por esse lado não há que ter inquietações. Verdade seja que a ilha está privada de notícias do estrangeiro. A cronica política é magra. Starboard-Chronicle queixa-se e New-Herald aflige-se... Deixá-lo! Pois Standard-Island não é só por si um mundinho completo? Que se importa ela com o que se passa no resto do esferóide terrestre? Acaso é a política que faz comichões? Ora adeus! Não tarda que se faça muita política dentro dela... até talvez de sobra!

Com efeito, está aberto o período eleitoral, Influi-se sobre os trinta membros do Conselho dos Notáveis, onde os Bombordenses e os Estibordenses contam número igual de apaniguados. É certo, desde já, que a escolha do novo governador originará discussões. Jem Tankerdon e Nat Coverley vão encontrar-se em campos rivais.

Decorreram alguns dias em reuniões preparatórias. Logo de começo percebeu-se que não havia meio de se entenderem, ou, pelo menos, era difícil consegui-lo dado o amor-próprio dos dois candidatos. Por isso, sente-se na cidade e nos portos uma agitação surda. Os agentes das duas secções tentam provocar um movimento popular, a fim de exercer pressão sobre os notáveis. Vai passando o tempo, e não parece possível qualquer acordo. Não é porventura de recear agora que Jem Tankerdon e os principais bombordenses queiram impor as suas ideias, repelidas pelos principais estibordenses, voltando à carga com esse desastrado projeto de fazer de Standard-Island uma ilha industrial e comercial? Isso é que a outra secção não aceitará! Em suma, ora parece que o partido de Coverley leva a vantagem, ora se supõe que o partido de Tankerdon o suplante. Daí provêm as reclamações malsoantes, azedume entre os dois campos, manifesto resfriamento entre as duas famílias, resfriamento que Walter e Miss Dy nem mesmo querem perceber. Que têm eles com toda essa farragem da política? Há, contudo, um meio simplicíssimo de conciliar as coisas, pelo menos no ponto de vista administrativo: é decidir que os dois competidores desempenhem alternadamente as funções de governador, seis meses um, seis meses outro, ou até um ano, se assim parecer preferível. Isto acabaria com as rivalidades e seria uma convenção de molde a satisfazer os dois partidos. Mas o que é de bom senso nunca tem probabilidades de ser adoptado neste vale de lágrimas, e, pelo facto de ser independente dos continentes terrestres, nem por isso Standard-Island está menos sujeita às paixões da humanidade sublunar.

— Ora aqui têm — diz um dia Frascaolin aos colegas —, aqui têm as dificuldades que eu temia...

— E que temos nós com essas desavenças? — volve Pinchinat. — Que dano podem elas causar-nos? Daqui a poucos meses estamos nós na baía Madalena, chega o termo do nosso contrato, e cada um de nós tornará a pisar a terra firme... com o seu belo milhãozinho no bolso...

— Se não surdir ainda por aí alguma catástrofe! — augura o intratável Sebastião Zorn. — Uma máquina flutuante como esta pode lá alguma vez estar certa do futuro! Depois do abalroamento com o navio inglês, a invasão da bicharada; depois da bicharada, a invasão dos neo-hebridianos... depois dos indígenas, os...

— Cala-te lá, ave de mau agouro! — exclamou Yvernés. — Cala o bico, senão fechamos-to a cadeado!

Todavia, há grandes motivos de lamentar que não se celebrasse na data marcada o casamento Tankerdon-Coverley. Unidas as famílias por este novo laço, talvez que a situação fosse menos difícil de aplanar... Os dois esposos interviriam então de uma forma eficaz. Em todo o caso, esta agitação não pode ser duradoira, visto que a eleição deve realizar-se a 15 de Março.

É então que o comodoro Simcoe tenta uma aproximação entre as duas secções da cidade. Pedem-lhe que não meta o nariz onde não é chamado. Tem de conduzir a ilha, pois que a conduza! Tem escolhos a evitar, pois que os evite! A política não é da sua competência.

O comodoro Simcoe fica inteirado.

Até as paixões religiosas se intrometeram no debate, e o clero, no que talvez ande mal, intervém nele mais do que lhe cumpre. E, contudo, viviam em tão boa harmonia o templo mais a catedral, o reverendo mais o bispo!

Quanto aos jornais, é claro que entraram na arena. O New-Herald combate pelos Tankerdon e o Starboard-Chronicle pelos Coverley. Corre em jorros a tinta, e é mesmo de recear que a esta tinta se misture sangue! Deus Grande! Pois o sangue não regou já de sobra este solo virgem de Standard-Island, durante a luta com os selvagens das Novas Hébridas?!...

Em suma, a população média interessa-se sobretudo pelos dois noivos, cujo romance se interrompeu no último capítulo. Mas que poderia ela fazer para lhes assegurar a ventura? Já cessaram as relações entre as duas secções de Milliard-City. Acabou-se com recepções, convites, saraus musicais! Se assim continua, os instrumentos do Quarteto Concertante vão cobrir-se de bolor dentro dos estojos, e os nossos artistas ganharão de mãos nas algibeiras os seus enormes emolumentos.

O superintendente, embora o não queira confessar, não deixa de se sentir devorado por uma inquietação moral. É falsa a sua situação, bem o percebe, porque toda a sua inteligência se emprega em não desagradar nem a uns nem a outros, meio seguro de desagradar a todos.

A 12 de Março, Standard-Island aproximou-se muito do equador, não ganhando, todavia, latitude bastante para se encontrar com os navios expedidos de Madeleine-bay. Em todo o caso, não deve tardar o encontro; é provável, porém, que as eleições se realizem antes, por estarem marcadas para 15.

Entrementes, Estibordenses e Bombordenses fazem apostas múltiplas. Sempre

prognósticos de igualdade. Não há maioria possível, se de um lado ou de outro não saírem alguns votos. Ora estes votos estão firmes como as presas na queixada de um tigre.

Surge então uma ideia genial. Parece ter nascido ao mesmo tempo no espírito de todos os que não deviam ser consultados. É simples e digna essa ideia, que poria termo às rivalidades. Até os próprios candidatos se curvavam, decerto, diante desta justa solução.

Porque se não há-de oferecer ao rei de Malecária o governo de Standard-Island? Este ex-soberano é um sábio, um espírito largo e firme. A sua tolerância e a sua filosofia seriam a melhor das garantias contra as surpresas do futuro. Conhece os homens por os ter visto de perto. Sabe que é mister ter em linha de conta a ingratição e as fraquezas humanas. Já não o move a ambição, e nunca lhe ocorrerá o pensamento de substituir pelo poder pessoal estas instituições democráticas, que constituem o regime da ilha de hélice. Será apenas presidente do conselho de administração da nova sociedade Tankerdon-Coverley and Co.

Um grupo importante de negociantes e de funcionários de Milliard-City, ao qual se reúne um certo número de oficiais de terra e mar dos dois portos, decide ir apresentar ao seu régio concidadão esta proposta sob a forma de um desejo múltiplo.

É na sala do andar térreo da habitação da Trigésima Nona Avenida que Suas Majestades recebem a deputação. Benevolmente escutada, dá de cara com uma recusa irrevogável. Os soberanos decaídos recordam-se do passado, e, dominado por esta impressão, o rei responde:

— Agradeço-lhes do coração, meus senhores. Esse pedido penhora-nos deveras, mas estamos satisfeitos com o presente e temos esperanças de que nada virá de ora avante perturbar o futuro. Acreditem! Já nos deixamos das ilusões inerentes a qualquer soberania! Eu não passo de simples astrónomo no Observatório de Standard-Island, e nada mais quero ser.

Não há meio de insistir perante uma resposta tão formal, e a deputação retira-se.

Nos últimos dias que precedem o escrutínio aumenta a sobreexcitação dos espíritos. É impossível entenderem-se. Os partidários de Jem Tankerdon e de Nat Coverley até nas ruas evitam encontrar-se. Os de uma secção não entram na outra. Nem Estibordenses nem Bombordenses transpõem a Primeira Avenida. Milliard-City é agora formada por duas cidades inimigas. A única personagem que corre de uma para a outra, agitado, moído, esfalfado, suando por todos os poros, dando conselhos por um sarilho, repellido da direita, repellido da esquerda, é o desesperado superintendente Calistus Munbar. E, três ou quatro vezes por dia, vem enxurrar, como um navio sem governo, nas salas do Casino, onde o quarteto o maça com inúteis consolações.

Quanto ao comodoro Simcoe, esse limita-se às funções que lhe são atribuídas. Dirige a ilha de hélice segundo o itinerário convencionado. Tendo um santo horror pela política, aceitará o governador, seja ele quem for. Os seus oficiais, assim como os do coronel Stewart, mostram-se tão desinteressados como ele na questão que faz ferver tantas cabeças. Não é em Standard-Island que há a rechar pronunciamentos.

Entretanto, o Conselho dos Notáveis, reunido em sessão permanente no palácio municipal, discute e questiona. Chega-se às injúrias pessoais. A polícia é obrigada a tomar certas precauções, porque a multidão aglomera-se desde pela manhã até à noite diante do palácio, soltando gritos sediciosos.

Por outro lado, circula por toda a parte uma notícia deplorável: Walter Tankerdon apresentou-se na véspera no palacete Coverley e não foi recebido. Proíbe-se aos dois noivos que se visitem, e visto que o casamento se não celebrou antes do ataque da quadrilha neo-hebridiana, quem se atreve a prever que ele chegue a realizar-se?

Enfim, chega o dia 15 de Março. Vai proceder-se à eleição na sala grande do palácio municipal. O square está atulhado de um público tumultuoso, à semelhança do que sucedia outrora com a população romana diante do palácio do Quirinal, onde o conclave procedia à exaltação de um papa ao trono de São Pedro.

Que vai surdir dessa suprema deliberação? Todos os cálculos dão sempre uma distribuição igual aos votos. Se os Estibordenses ficarem fiéis a Nat Coverley, se os Bombordenses continuarem no seu apego por Jem Tankerdon, qual será o resultado?

Chegou o grande dia. Entre a uma hora e as três parece como que suspensa a vida normal na superfície de Standard-Island. Agitam-se debaixo das janelas do edificio municipal umas cinco ou seis mil pessoas. Estão à espera da votação dos notáveis, cujo resultado será imediatamente comunicado pelo telefone para as duas secções e para os dois portos.

O primeiro escrutínio realiza-se à uma hora e trinta e cinco.

Os candidatos obtêm número igual de votos.

Daí a uma hora, segundo escrutínio.

Não modifica por forma nenhuma os resultados do primeiro.

Às três horas e trinta e cinco, terceiro e último escrutínio.

Ainda desta feita, nenhum dos nomes obteve a maioria de votos.

Levanta-se a sessão, muito justificadamente. Se o conselho continuasse, a tal ponto estão exasperados os notáveis que eram capazes de vir às mãos. Na ocasião de atravessarem o square para se dirigirem uns ao palacete Tankerdon, outros ao palacete Coverley, a multidão acolhe-os com murmúrios de desagrado.

Urge, no entanto, sair desta situação, que não pode prolongar-se, por poucas horas que seja, Prejudica de sobejo os interesses de Standard-Island.

— Aqui para nós — diz Pinchinat quando ele e os colegas são informados pelo superintendente dos resultados dos três escrutínios —, parece-me que há um meio muito simples de cortar o nó górdio.

— Qual é? — pergunta Calistus Munbar, levantando os braços com desespero. — Qual é?

— É cortar a ilha ao meio... dividi-la em duas talhadas iguais, como se fora um pastelão, navegando cada uma das metades para seu lado com o governador da sua escolha.

— Cortar a nossa ilha! — exclama o superintendente, como se Pinchinat lhe propusesse a amputação de um dos membros.

— Com uma tesoura mecânica, um martelo e uma chave de parafusos — acrescenta Sua Alteza — resolve-se a questão pelo desencavilhamento e ficam existindo na superfície do Pacífico duas ilhas ambulantes em vez de uma!

Ora que este Pinchinat nunca há-de ser sério, mesmo quando as circunstâncias têm um carácter tal de gravidade!

Seja como for, se não devem seguir-lhe o conselho — pelo menos materialmente —, se

se não reclama a intervenção do martelo nem da chave de parafusos, se se não pratica o desencavilhamento segundo o eixo da Primeira Avenida, desde a bateria do Esporão até à bateria da Popa, nem por isso se realiza menos o apartamento no ponto de vista moral. Os Bombordenses e os Estibordenses vão tornar-se tão estranhos uns aos outros como se os separassem cem léguas de mar. Com efeito, os trinta notáveis decidiram votar em separado, visto não poderem entender-se. Por um lado, Jem Tankerdon é eleito governador da sua secção, que governará a seu arbítrio. Por outro lado, Nat Coverley é eleito governador da sua, que administrará como lhe der na cabeça. Cada uma delas conservará o seu porto, os seus navios, os seus oficiais, os seus marinheiros, os seus milicianos, os seus funcionários, os seus negociantes, a sua fábrica de energia eléctrica, as suas máquinas, os seus motores, os seus maquinistas, os seus fogueiros, e ambas passarão sem auxílio alheio.

Pois sim! Mas o que há-de fazer o comodoro Simcoe para se desdobrar e o superintendente Calistus Munbar para desempenhar as suas funções a contento de ambas as partes?

Pelo que respeita a este último, é certo que o caso não tem importância. O seu lugar vai ser apenas uma simples sinecura. Pode-se lá pensar em recreios e em festas quando a guerra civil ameaça Standard-Island por se ver a impossibilidade de uma reconciliação!

Calcule-se por este indício: no dia 17 de Março, anunciaram os jornais a ruptura definitiva do casamento de Walter Tankerdon com Miss Dy Coverley.

Sim! Rompeu-se, apesar das súplicas dos noivos, e contra o que disse uma vez Calistus Munbar, não foi o amor mais forte! Pois não há tal! Walter e Miss Dy não se hão-de apartar... Abandonarão as famílias... irão casar-se ao estrangeiro... sempre hão-de encontrar um cantinho na Terra onde se possa ser feliz sem ter tantos milhões em volta do coração!

Entretanto, depois da nomeação de Jem Tankerdon e de Nat Coverley, não houve nenhuma mudança no itinerário de Standard-Island. O comodoro Simcoe continua a dirigir-se para nordeste. Logo que cheguem à baía Madalena, é provável que, cansados com este estado de coisas, um grande número de miliardenses torne a reclamar do continente a tranquilidade que já lhes não oferece a Jóia do Pacífico. Até talvez que a ilha de hélice seja abandonada! E nesse caso hão-de liquidá-la, pô-la em praça, vendê-la a peso, como sucata velha e inútil, mandá-la outra vez para a fundição.

Seja assim, mas as cinco milhas que faltam a percorrer exigem cerca de cinco meses de navegação. Durante esta travessia não ficará comprometida a direcção pelo capricho ou pela teimosia dos dois chefes? Demais a mais, infiltrou-se no ânimo da população o espírito de revolta. Chegarão a vias de facto os Bombordenses e os Estibordenses, batendo-se a tiro, banhando de sangue as calçadas de folha de ferro de Milliard-City?

Não! Os partidários não chegarão a tais extremos, por certo! Não se tornará a ver uma outra Guerra de Separação, se não entre o Norte e o Sul, entre Bombordo e Estibordo de Standard-Island... Mas sucedeu o que era fatal, com risco de provocar uma catástrofe.

A 19 de Março pela manhã, o comodoro Simcoe está no seu gabinete, no Observatório, onde espera que lhe comuniquem a primeira observação da altura.

Pela sua estima, Standard-Island não pode andar muito longe das paragens em que deve encontrar os navios de abastecimento. No cimo da torre estão colocadas vigias, que observam

o mar num vasto perímetro, para darem sinal dos vapores que aparecerem ao largo. Ao pé do comodoro acham-se o rei de Malecária, o coronel Stewart, Sebastião Zorn, Pinchinat, Frascaolin, Yvernés, um certo número de oficiais e de funcionários, daqueles que se podem chamar neutros, por não terem tomado parte nas dissensões intestinas. Para eles o essencial é chegar quanto antes a Madeleine-bay, onde se porá termo a este deplorável estado de coisas.

Neste momento retinem duas campainhas eléctricas e transmitem-se duas ordens ao comodoro pelo telefone. Vêm do palácio municipal, onde Jem Tankerdon, na ala direita, Nat Coverley, na ala esquerda, se conservam com os seus principais partidários. Daí é que eles administram Standard-Island e, como é de supor, atiram para fora com decretos absolutamente contraditórios.

Ora, nessa mesma manhã, a propósito do itinerário seguido por Ethel Simcoe e sobre o qual os dois governadores deveriam ao menos entender-se, não foi possível chegar a acordo. Um deles, Nat Coverley, decidiu que Standard-Island tomasse o rumo do nordeste, a fim de se aproximar do arquipélago das Gilbert. O outro, Jem Tankerdon, com a teima de criar relações comerciais, resolveu seguir derrota, pelo sudoeste, para as paragens australianas.

Veja-se a que ponto chegaram os dois rivais, tendo os amigos de cada um jurado sustentá-los.

Ao receber as ordens simultâneas, o comodoro exclama:

— Aqui está o que se receava...

— E o que não é possível prolongar-se por interesse público!— acrescenta o rei de Malecária.

— Que decide o comodoro? — perguntou Frascaolin.

— Com a breca! — exclama Pinchinat. — Sempre tenho curiosidade de saber como é que o Sr. Simcoe há-de manobrar!

— Mal! — observa Sebastião Zorn.

— Em primeiro lugar, façamos saber a Jem Tankerdon e a Nat Coverley — responde o comodoro — que as suas ordens são inexecutáveis, visto que se contradizem. Demais, parece-me que o melhor é Standard-Island não se mover enquanto espera os navios que marcaram o ponto de encontro nestas paragens.

Esta resposta, muito judiciosa, é telefonada imediatamente para o palácio municipal.

Decorre uma hora sem o Observatório receber aviso de qualquer outra comunicação. É bem possível que os dois governadores renunciassem a modificar o itinerário, cada um deles em sentido oposto...

De súbito, produz-se um movimento singular no casco da ilha. E que indica este movimento? Que Jem Tankerdon e Nat Coverley levaram a birra até aos limites extremos.

Todos os circunstantes olham uns para os outros, formando outros tantos pontos de interrogação.

— Que é isto? Que é isto?

— O que é? — responde o comodoro Simcoe, encolhendo os ombros. — É que Jem Tankerdon enviou ordens directas ao Sr. Watson, maquinista de Babord-Harbour, ao mesmo tempo que Nat Coverley mandava ordens contrárias ao Sr. Somwah, maquinista de Tribord-Harbour. Um deu ordem de andar avante, para ir para nordeste, outro, de ciar a ré, para ir para

sudoeste. O resultado é que Standard-Island está a andar como um pião e que este movimento giratório há-de persistir enquanto durar o capricho desses dois cabeçudos!

— Bonito! — exclama Pinchinat. — Isto devia acabar por uma valsa! A valsa dos dois caturras! Atanásio Dorémus é melhor que se demita... Os Milliardenses dispensam-lhe as lições!

É possível que esta absurda situação — cômica por um lado — se prestasse à gargalhada. Infelizmente, a dupla manobra é perigosa em extremo, como faz observar o comodoro. Empuxada em sentidos inversos sob a tração dos seus dez milhões de cavalos, Standard-Island corre o risco de se desengonçar.

Com efeito, as máquinas trabalham a toda a força, as hélices funcionam com o máximo de velocidade, e sente-se isto pelos estremeções do subsolo de aço.

Imaginem uma parelha em que um dos cavalos puxasse para a mão e o outro para a sela, e se fará ideia do que se está passando!

Entretanto, com o movimento que se acentua, Standard-Island gira sobre o seu centro. O parque, os campos, descrevem círculos concêntricos, e os pontos do litoral situados na circunferência deslocam-se com uma velocidade de dez a doze milhas por hora.

Chamar à razão os maquinistas, cuja manobra provoca este movimento giratório, é melhor nem pensar em tal. O comodoro Simcoe não tem autoridade nenhuma sobre eles. Ambos obedecem às mesmas paixões que os Estibordenses e os Bombordenses. Servos fiéis de seus chefes, os Srs. Watson e Somwah teimarão até ao fim, máquina contra máquina, dínamos contra dínamos...

E, então, produz-se um fenómeno, cujo incomodo deveria serenar as cabeças e acalmar os ânimos.

Em consequência da rotação de Standard-Island, um grande número de milliardenses, sobretudo do sexo fraco, começa a sentir-se singularmente perturbado em todo o organismo. No interior das habitações manifestam-se náuseas e agonias, principalmente nas mais afastadas do centro, que são arrastadas num movimento de valsa mais pronunciado.

Que querem? Em presença deste resultado patusco e burlesco, Yvernés, Pinchinat e Frascalín desatam a rir desatinadamente, embora a situação tenda a tornar-se crítica deveras.

E, com efeito, a Jóia do Pacífico está ameaçada por um dilaceramento material, que igualará, se o não exceder, o seu dilaceramento moral.

Quanto a Sebastião Zorn, sob a influência deste redemoinho contínuo, está pálido, muito pálido... "Arriou a bandeira vermelha!", como diz Pinchinat, e sente-se agoniado a valer.

Não acabará por uma vez esta brincadeira de mau gosto? Estar prisioneiro em cima desta imensa mesa girante, que nem sequer ao menos tem o condão de desvendar os segredos do futuro...

Durante uma semana interminável, Standard-Island não cessou de girar sobre o seu centro, que é Milliard-City. Por isso, a cidade está sempre atulhada de uma turba, que vem ali procurar refúgio contra as náuseas, visto que neste ponto de Standard-Island é menos apreciável o redemoinho. Debalde o rei de Malecária, o comodoro Simcoe, o coronel Stewart, tentaram intervir entre os dois poderes que rivalizam no palácio municipal... Nenhum



deles quis arriar bandeira... Até o próprio Cyrus Bikerstaff, se vivesse, veria os seus esforços malograrem-se de encontro a esta tenacidade ultra-americana.

Ora, para cúmulo de infelicidade, o Sol tem estado por tal forma nublado durante esses oito dias que não tem sido possível tomar a altura... O comodoro Simcoe já não sabe qual é a posição de Standard-Island. Arrastada em sentido oposto pelas suas poderosas hélices, sentiam-na estremecer até às chapas dos seus compartimentos. Por isso ninguém pensa em recolher a casa. O parque regurgita de gente. Acampam ao ar livre. De um lado rompem os gritos: "Hurra por Tankerdon", do outro: "Hurra por Coverley!". Os olhos lançam chispas, estendem-se punhos cerrados.

Acaso irá manifestar-se a guerra civil pelos mais terríveis excessos, agora que a população chegou ao paroxismo do desatino?

Seja como for, nem uns nem outros querem ver o mínimo indício do perigo que está iminente. Ninguém cede, embora a Jóia do Pacífico tenha de se desfazer em milhares de estilhas; há-de continuar no mesmo torvelinho desesperado até que, por falta de corrente, os dínamos deixem de atuar sobre as hélices...

No meio desta irritação geral, em que não toma a menor parte, Walter Tankerdon está dominado pela mais viva angústia. Receia não por si, mas por Miss Dy Coverley, alguma deslocação súbita que aniquile Milliard-City. Há oito dias que não consegue tornar a ver aquela que foi sua noiva e que devia ser sua mulher. Por isso, desesperado, vinte vezes suplicou a seu pai que não persistisse nesta deplorável manobra... Jem Tankerdon repeliu-o sem sequer lhe dar ouvidos.

Então, na noite de 27 para 28 de Março, aproveitando-se da obscuridade, Walter Tankerdon tenta encontrar-se com a namorada. Quer estar junto dela se se realizar a catástrofe. Depois de se ter escoado pelo meio da turba que atulha a Primeira Avenida, penetra na secção inimiga, a fim de chegar ao palacete Coverley...

Um pouco antes do romper do dia uma formidável explosão sacode a atmosfera até às zonas altas. Levada a pressão além do que podem suportar, as caldeiras de bombordo acabam de ir pelos ares com as edificações do maquinismo. E como desse lado se estancou de súbito a fonte de energia eléctrica, metade de Standard-Island está mergulhada numa obscuridade profunda...

# CAPÍTULO 13

## A SITUAÇÃO DEFINIDA POR UM DITO DE PINCHINAT

Se as máquinas de Babord-Harbour estão agora inutilizadas em consequência da explosão das caldeiras, as de Tribord-Harbour estão intactas. Verdade seja que é como se Standard-Island não possuísse nenhum aparelho de locomoção. Reduzida às suas hélices de estibordo, continuará a girar sobre si mesma, não seguirá avante.

Este acidente agravou, portanto, a situação. Com efeito, enquanto Standard-Island possuía duas máquinas, susceptíveis de trabalhar simultaneamente, bastaria um acordo entre o partido Tankerdon e o partido Coverley para pôr termo a este estado de coisas. Os motores teriam voltado aos seus bons hábitos de se moverem no mesmo sentido, e o aparelho, tendo apenas sofrido uns dias de demora, retomaria o rumo da baía Madalena.

Agora, o caso é diferente. Embora se fizesse qualquer acordo, a navegação tornou-se impossível e o comodoro Simcoe já não dispõe da força propulsiva necessária para se afastar destas longínquas paragens.

Se ao menos Standard-Island tivesse ficado estacionária durante esta última semana, se os vapores esperados tivessem podido encontrar-se com ela, talvez que fosse possível chegar ao hemisfério setentrional...

Não! E, nesse dia, uma observação astronômica permitiu verificar que Standard-Island se deslocou para o sul durante esta giração prolongada. Foi abatendo desde o paralelo doze sul até ao dezassete.

Com efeito, entre o grupo das Novas Hébridas e o grupo das Fiji existem certas correntes devidas à compressão das águas entre os dois arquipélagos, as quais se dirigem para sueste. Enquanto as máquinas funcionaram em perfeito acordo, Standard-Island pôde sem custo vencer essas correntes. Mas, desde o momento em que a vertigem se apossou dela, foi irresistivelmente arrastada para o trópico de Capricórnio.

Reconhecido este facto, o comodoro Simcoe não oculta a essa honrada gente, que nós compreendemos sob o nome de neutros, a gravidade das circunstâncias. Eis o que ele lhes diz:

— Fomos arrastados uns cinco graus para o sul. Ora o que um mareante pode fazer a bordo de um vapor com a máquina desmantelada, não o posso eu fazer a bordo de Standard-Island. A nossa ilha não tem velas que permitam utilizar o vento e nós estamos à mercê das correntes. Para onde nos impelirão elas? Isso é que eu não sei. Quanto aos navios que partiram da baía Madalena, esses debalde nos procurarão nas paragens combinadas, e é para essa parte menos frequentada do Pacífico que nós vamos abatendo com uma velocidade de oito a dez milhas por hora!

Nestas poucas frases, Ethel Simcoe acaba de estabelecer a situação e a sua impotência para a modificar. A ilha de hélice é como uma imensa jangada, entregue aos caprichos das correntes. Se elas se dirigem para o norte, a levará para o norte. Se se dirigem para o sul, para o sul descerá ela, talvez até aos limites extremos do mar Antártico. E então...

Este estado de coisas em breve chega ao conhecimento da população, em Milliard-City assim como nos dois portos. Concebe-se nitidamente o sentimento de um risco extremo. Daí — o que é natural à humanidade — deriva um certo apaziguamento dos espíritos dominados pelo terror desse novo perigo. Já se não pensa em vir às mãos numa luta raticida, e, se os ódios persistem, não se traduzirão pelo menos em violências. Pouco a pouco, cada um recolhe à sua secção, ao seu bairro, a sua casa. Jem Tankerdon e Nat Coverley renunciam a disputar o cargo supremo.

E, por proposta dos próprios governadores, o Conselho dos Notáveis adopta o único alvitre razoável, que era ditado pelas circunstâncias: entrega todos os seus poderes nas mãos do comodoro Simcoe, único chefe a quem de ora avante fica confiada a salvação de Standard-Island.

Ethel Simcoe aceita a missão sem vacilar. Conta com a dedicação dos seus amigos, dos seus oficiais, do seu pessoal. Mas que pode ele fazer a bordo deste vasto aparelho flutuante, de uma superfície de vinte e sete quilómetros quadrados, indirigível desde que não dispõe das suas duas máquinas!

E, em suma, não há razão para se dizer que isto é a condenação dessa Standard-Island, considerada até então como a obra-prima das construções marítimas, visto que acidentes destes devem torná-la joguete dos ventos e das ondas?

É certo que este acidente não é devido às forças da Natureza, que a Jóia do Pacífico, desde a fundação, afrontara vitoriosamente, nas borrascas, nos temporais, nos ciclones. É culpa das desavenças intestinas, das rivalidades entre miliardenses, da furiosa teimosia de uns em descerem para o sul e de outros em subirem para o norte! Foi a sua incomensurável loucura que provocou a explosão das caldeiras de bombordo!

Mas de que servem as recriminações? O que urge é examinar quanto antes as avarias do lado de Babord-Harbour. O comodoro Simcoe reúne os seus oficiais e os seus engenheiros. Junta-se a eles o rei de Malecária. Não é decerto este régio filósofo quem se espanta por ver as paixões humanas levarem a uma catástrofe tamanha!

A comissão nomeada transporta-se para o sítio onde se erguiam as edificações da fábrica de energia eléctrica e do maquinismo. A explosão dos aparelhos evaporatórios, sobreaquecidos, tudo destruiu, causando a morte de dois maquinistas e de seis fogueiros. Os estragos não são menos completos na oficina onde se fabricava a eletricidade para os diversos serviços desta metade de Standard-Island.

Por fortuna, continuavam a funcionar os dínamos de estibordo, e, como observa Pinchinat:

— Ainda estamos com sorte, por ficarmos apenas zarolhos!

— Pois sim — responde Pinchinat —, mas é que perdemos também uma perna, e a que nos resta não nos serve de nada!

Zarolho e manco, era de mais.

Resulta do inquérito que, não sendo reparáveis as avarias, é impossível travar o andamento para o sul, donde se segue a necessidade de aguardar que Standard-Island saia desta corrente que a arrasta para além do trópico.

Reconhecidos estes estragos, convém verificar o estado em que se acham os

compartimentos do casco. Acaso não sofreram com o movimento giratório que tão violentamente os abalou durante estes oito dias? Afrouxaram as chapas, deram de si os rebites? Se tem água aberta, qual é a maneira de tapar os rombos?

Os engenheiros procedem a este segundo inquérito. Os seus relatórios, comunicados ao comodoro Simcoe, não são nada tranquilizadores. Em muitos pontos, os repelões fizeram estalar as chapas e quebraram as cruzetas. Saltaram fora milhares de cavilhas, produziram-se fendas. Alguns compartimentos estão já invadidos pelo mar. Mas, como a linha de flutuação não baixou, a solidez do solo metálico não está seriamente comprometida e os novos proprietários de Standard-Island não têm que recear pela sua propriedade. É na bateria da Popa que são mais numerosas as fendas. Quanto a Babord-Harbour, afundou-se um dos seus piers depois da explosão. Mas Tribord-Harbour está intacto, e os seus portos interiores oferecem toda a segurança aos navios contra os vagalhões do mar largo.

Entretanto dão-se ordens para se executarem quanto antes os consertos possíveis. É indispensável que a população fique tranquilizada no ponto de vista material. Já é bastante, de mais até, que, por falta de motores de bombordo, Standard-Island não possa dirigir-se para a terra mais próxima. Para isto é que não há remédio.

Resta a questão gravíssima da fome e da sede... Serão suficientes as reservas para um mês... para dois meses...

Eis as notas fornecidas pelo comodoro Simcoe:

A respeito de água, não há que recear. Se foi destruída pela explosão uma das oficinas de destilação, a outra, que continua a funcionar, deve chegar para todas as necessidades.

Pelo que respeita aos víveres, a situação é menos tranquilizadora. Feitos os cálculos, não vai além de quinze dias a sua duração, a não ser que se imponha um severo arraçoamento aos dez mil habitantes da ilha. À excepção das frutas, dos legumes, sabe-se que tudo vem de fora... E esse fora... onde está ele? A que distância ficam as terras mais próximas, e como chegar lá?

Portanto, por deplorável que seja o efeito desta medida, o comodoro Simcoe vê-se obrigado a promulgar um decreto relativo às rações. Nessa mesma tarde os fios telefônicos são percorridos pela funesta nova.

Daí provém um terror geral em Milliard-City e nos dois portos, e o pressentimento de catástrofes maiores ainda. O espectro da fome, para usar de uma imagem banal mas frisante, não se erguerá porventura dentro em pouco no horizonte, visto não haver meio de renovar as provisões? Com efeito, o comodoro Simcoe não tem um único navio para expedir para o continente americano. Logo por fatalidade, o último largou três semanas antes, levando os despojos mortais de Cyrus Bikerstaff e dos defensores que sucumbiram na luta contra Erromango. A ninguém passava então pela ideia que umas questiúnculas de amor-próprio levassem Standard-Island a uma situação mais deplorável que no momento em que era invadida pelos grupos neo-hebridianos!

Realmente, para que serve possuir biliões, ser opulento, como os Rothschild, os Mackey, os Astor, os Vanderbilt, os Gould, quando não há riqueza que seja capaz de conjurar a fome! É certo que esses nababos têm o melhor da sua fortuna em segurança nos bancos do Novo e do Antigo Continente! Mas quem sabe se não vem próximo o dia em que nem um

milhão possa proporcionar-lhes um arrátel de carne ou um arrátel de pão!

Afinal de contas, a culpa é das suas desavenças absurdas, das suas rivalidades estúpidas, do seu desejo de lançar mão do poder! Eles é que são os culpados, a causa de todo este dano são os Tankerdon, os Coverley! Acautelem-se contra as represálias, contra a cólera desses oficiais, desses funcionários, desses negociantes, de toda a população, que puseram num risco tal! A que excessos poderão levá-la as torturas da fome?

Devemos dizer que estas censuras nunca serão cominadas nem a Walter Tankerdon nem a Miss Dy Coverley, aos quais não pode atingir este labéu, que recai merecidamente sobre suas famílias! Não! Nem ele nem ela são responsáveis! Constituían o laço que devia assegurar o futuro das duas secções, e não foram eles que o despedaçaram!

Durante quarenta e oito horas, em vista do estado do céu, não se fez observação nenhuma, e a posição de Standard-Island não pôde determinar-se com certa exatidão.

A 31 de Março, logo de madrugada, mostrou-se o zênite bastante limpo, e as brumas do mar largo dissiparam-se a breve trecho. É lícito esperar que se possa tomar a altura do Sol em boas condições.

Aguarda-se a observação com impaciência febril. Na bateria do Esporão estão reunidas muitas centenas de habitantes. Juntou-se a eles Walter Tankerdon. Mas nem seu pai, nem Nat Coverley, nem nenhum dos notáveis aos quais se pode com tanta justiça imputar este estado de coisas, saíram de suas casas, onde se sentem como que murados pela indignação pública.

Um pouco antes do meio-dia, prepararam-se os observadores a apanhar o disco do Sol, no momento da sua culminância. Assestaram-se para o horizonte dois sextantes, um nas mãos do rei de Malecária, outro nas mãos de comodoro Simcoe.

Tomada a altura meridiana, procede-se aos cálculos, com as correções exigidas, e o resultado é este:

29° 17' de latitude sul.

Por volta das duas horas, uma segunda observação, feita também em condições favoráveis, indica a longitude:

179° 32' de longitude leste.

Assim, desde que de Standard-Island se apossou essa loucura giratória, as correntes arrastaram-na cerca de mil milhas para sueste.

Posto o ponto na carta, eis o que se reconhece:

As ilhas mais próximas — a cem milhas, pelo menos — constituem o grupo das Kermadeck, rochedos estéreis, quase desabitados, sem recursos, e, além disso, como se se há-de chegar lá? A trezentas milhas para o sul, estende-se a Nova Zelândia, mas como acercar-se dela, se as águas correm para o largo? Para oeste, a mil e quinhentas milhas, fica a Austrália. Para leste, a alguns milhares de milhas, fica a América Meridional, pela altura do Chile. Para além da Nova Zelândia, está o oceano Glacial com o deserto antártico. Irá, pois, Standard-Island despedaçar-se nas terras polares? Será nessas costas que a futuros navegadores se depararão os restos de uma população inteira, morta de miséria e de fome?

Quanto às correntes desses mares, o comodoro Simcoe vai estudá-las com o máximo cuidado. Mas que sucederá se elas se não modificarem, se ele não encontrar correntes

opostas, se se desencadear um desses temporais formidáveis tão frequentes nas regiões circumpolares?

Estas notícias são bem azadas a provocar o pavor. Os espíritos cada vez se exasperam mais contra os autores do mal, esses nababos malfazejos de Milliard-City, que são responsáveis pela situação. É preciso toda a influência do rei de Malecária, toda a energia do comodoro Simcoe e do coronel Stewart, toda a autoridade destes sobre os mareantes e os soldados da milícia, para impedir uma sublevação.

Passa-se o dia sem alteração. Cada um teve de sujeitar-se ao arraçoamento no que respeita a alimentação e limita-se ao estritamente necessário, os mais abastados assim como os menos favorecidos da fortuna.

Entrementes, estabelece-se com extrema atenção o serviço das vigias e perscruta-se cuidadosamente o horizonte. Apenas apareça um navio, logo se lhe fará sinal, e talvez que seja possível restabelecer as comunicações interrompidas. Infelizmente, a ilha de hélice foi abatendo para fora das derrotas marítimas, e poucos navios há que atravessem estas paragens próximas do mar Antártico. E lá para o sul, diante das imaginações desatinadas, surge o espectro do pólo, iluminado pelos clarões vulcânicos do Erebus e do Terror!

Entretanto, dá-se uma circunstância favorável na noite de 3 para 4 de Abril. O vento do norte, tão violento há dias para cá, cai subitamente. Sucede-lhe uma calma podre, e a brisa roda bruscamente para sueste, por um desses caprichos atmosféricos tão frequentes nas épocas do equinócio.

O comodoro Simcoe retomou algum alento. Basta que Standard-Island seja impelida umas cem milhas para oeste para que a contracorrente a aproxime da Austrália ou da Nova Zelândia. Em todo o caso, parece travado o seu movimento na direção do mar polar, e é possível que se encontrem quaisquer navios pelas vizinhanças das imensas terras da Austrália.

Sol nado, a brisa do sueste é já muito fresca. Standard-Island sente-lhe a influência por forma bastante notável. Os seus altos monumentos, o Observatório, o palácio municipal, o templo, a catedral, fazem até certo ponto parede ao vento. Desempenham o ofício de velas a bordo deste colossal navio de quatrocentos e trinta e dois milhões de toneladas!

Se bem que o céu seja sulcado por nuvens rápidas, como o disco do Sol aparece de quando em quando, por certo que será lícito obter uma boa observação.

Com efeito, por duas vezes, consegue-se apanhar o Sol por entre nuvens.

Os cálculos estabelecem que, desde a véspera, Standard-Island ganhou dois graus para noroeste.

Ora, é difícil admitir que a ilha de hélice tenha obedecido apenas ao vento. Daí se conclui, pois, que ela entrou num desses redemoinhos que separam as grandes correntes do Pacífico.

Se ela tiver a fortuna de encontrar a corrente que se dirige para noroeste, as probabilidades de salvação tornam-se sérias. Mas, pelo amor de Deus! que isso venha depressa, porque mais uma vez foi preciso restringir as rações. As reservas diminuem numa proporção que deve criar sobressaltos em presença de dez mil habitantes a alimentar!

Quando se comunica a última observação astronômica aos dois portos e à cidade, produz-se nos espíritos um tal ou qual apaziguamento. É sabido com que rapidez uma multidão

pode passar de um sentimento ao outro, do desespero à esperança. Foi o que aconteceu. Esta população, tão diferente das massas de miseráveis empilhadas nas grandes cidades dos continentes, devia ser, e era com efeito, menos sujeita aos desvairamentos, mais reflectida, mais paciente. Verdade seja que, sob as ameaças da fome, nada há que não seja de temer...

Durante essa manhã, o vento indica tendência de refrescar. O barômetro baixa lentamente. O mar encapela-se em vagalhões largos e alterosos, prova de que sofreu grandes perturbações ao sueste. Standard-Island, dantes impassível, já não aguenta como de costume estes enormes desnivelamentos. Em algumas casas sentem-se de cima para baixo umas oscilações ameaçadoras e os objecto deslocam-se dentro delas. Tal qual como os efeitos de um terramoto. Este fenómeno, novo para os Milliardenses, é natural que origine vivíssima inquietação.

O comodoro Simcoe e o seu pessoal conservam-se em serviço permanente no Observatório, onde se concentram todos os ramos da administração. Estes abalos, que sacodem o edificio, não deixam de os preocupar, e eles vêm-se obrigados a reconhecer-lhes a extrema gravidade.

— Não resta dúvida — diz o comodoro — de que Standard-Island sofreu nas suas bases... Os compartimentos estão desconjuntados... O casco já não oferece a rigidez que o tornava tão sólido...

— E queira Deus — acrescentou o rei de Malecária — que ele não tenha de aguentar algum temporal violento, porque não lhe oferecia agora resistência suficiente!

Sim! E a população já deixou de ter confiança neste solo factício...

Sente que está em riscos de lhe faltar o ponto de apoio... Mais valia cem vezes a eventualidade de se despedaçar nas rochas das terras antárcticas! Este recear a cada momento que Standard-Island se abra de meio a meio, se afunde no meio dos abismos do Pacífico, cuja profundidade ainda a sonda não pôde atingir, é isso principalmente o que os ânimos mais vigorosos não podem encarar sem desfalecimentos.

Ora, é impossível pôr em dúvida que se produziram novas avarias em certos compartimentos. Houve anteparas que cederam, deram-se disjunções que fizeram saltar fora a rebitegem das chapas. No parque, ao longo da Serpentine, à superfície das ruas excêntricas da cidade, notam-se caprichosos empenos provenientes da deslocação do solo. Já se inclinam muitos edificios, e, caso abatam, arrombarão a infra-estrutura que lhes suporta os alicerces! Quanto aos rombos por onde entra a água, nem pensar em tapá-los. Que o mar se tenha introduzido em diversas partes do subsolo, é certíssimo, visto que a linha de flutuação se modificou. Em quase toda a periferia, tanto nos dois portos como nas baterias do Esporão e da Popa, essa linha mergulhou cerca de um pé, e, se o seu nível continuar a baixar, as vagas invadirão o litoral. Comprometida como se acha a estabilidade de Standard-Island, a sua submersão seria apenas questão de horas.

Esta situação, desejaria o comodoro Simcoe ocultá-la, por ser apropriada para determinar pânico, e talvez que ainda pior! A que excessos chegarão os habitantes contra os autores responsáveis de tantos males! Não podem procurar na fuga a salvação, como fazem os passageiros de um navio, meter-se nas embarcações pequenas, construir uma jangada em que se refugia uma tripulação na esperança de ser recolhida no mar... Não! Essa jangada é a

própria Standard-Island, prestes a soçobrar!

De hora para hora, durante esse dia, o comodoro Simcoe toma nota das alterações na linha de flutuação. O nível de Standard-Island não cessa de baixar. Portanto a infiltração continua através dos compartimentos, lenta, mas persistente, irresistível.

Ao mesmo tempo, o aspecto do tempo apresenta-se mau. O céu coloriu-se de tons lívidos, avermelhados, acobreados. O barômetro acentua o movimento descensional. A atmosfera apresenta todas as aparências de tempestade próxima. Por detrás das brumas acumuladas reduziu-se por tal maneira o horizonte que parece circunscrever-se ao litoral de Standard-Island.

Ao cair da noite rompem medonhas rajadas de vento. Sob a violência das vagas, que o impelem pela parte inferior, rangem compartimentos, quebram-se cruzetas, despedaçam-se chapas. Por toda a parte se ouvem estalidos metálicos. As avenidas da cidade, os relvados do parque ameaçam entreabrir-se... Por isso, ao chegar a noite, Milliard-City é abandonada pelos campos, que, menos sobrecarregados de pesadas edificações, oferecem mais segurança. A população inteira dissemina-se entre os dois portos e as baterias do Esporão e da Popa.

Por volta das nove horas, um brusco repelão sacode Standard-Island até aos seus fundamentos. A fábrica de Tribord-Harbour, que fornecia a luz eléctrica, acaba de se despenhar no abismo. É tão profunda a escuridão que não deixa ver nem céu nem mar.

Dentro em pouco, novos tremores de terra anunciam que as casas começam a desmoronar-se como castelos de cartas. Daí a poucas horas, nada restará da superestrutura de Standard-Island!

— Meus senhores — diz o comodoro Simcoe —, não podemos permanecer mais tempo no Observatório, que ameaça ruína. Vamos para o campo, onde aguardaremos o fim da tempestade.

— É um ciclone — elucida o rei de Malecária, mostrando o barômetro, que desceu a 713 milímetros.

Com efeito, a ilha de hélice está sob a influência de um desses movimentos ciclônicos que atuam como possantes condensadores. Estas tempestades giratórias, constituídas por massa de água redemoinhada em torno de um eixo quase vertical, propagam-se de oeste para leste, passando pelo sul para o hemisfério austral. Um ciclone é por excelência o meteoro fecundo em desastres e, para lhes escapar, é preciso chegar ao centro, que é relativamente sereno, ou, pelo menos, à parte direita da trajetória, o "semicírculo manejável", subtraído à fúria das vagas. Mas esta manobra é impossível por falta de motores. Desta vez não é nem a tolice humana nem a teimosia imbecil dos seus chefes que arrasta Standard-Island, é um formidável meteoro que vai acabar de aniquilá-la.

O rei de Malecária, o comodoro Simcoe, o coronel Stewart, Sebastião Zorn e os seus colegas, os astrónomos e os oficiais abandonam o Observatório, onde já não estão seguros. Era tempo! Duzentos passos dados, desaba a alta torre com um estrondo horrível, fura o solo do square, e some-se no abismo.

Dali a um instante, o edifício inteiro não passa de um montão de ruínas.

Entretanto, o quarteto lembra-se de subir pela Primeira Avenida e de correr ao Casino, onde se acham os seus instrumentos, que os artistas querem salvar, sendo possível. O Casino



conserva-se ainda de pé, conseguem chegar lá, sobem aos seus quartos, levam os dois violinos, a violeta e o violoncelo para o parque, aonde vão procurar refúgio.

Aí estão reunidos muitos milhares de pessoas das duas secções. Encontram-se ali as famílias Tankerdon e Coverley, e talvez que para elas seja uma fortuna não poderem ser vistas nem reconhecidas no meio das trevas.

Walter teve, contudo, a felicidade de se reunir a Miss Dy Coverley. Procurará salvá-la no momento da suprema catástrofe... Tentará agarrar-se com ela a qualquer destroço...

A rapariga adivinhou que o seu namorado está perto dela, e escapa-lhe este grito:

— Ah! Walter!

— Dy... minha querida Dy... estou aqui! Nunca mais a largarei.

Quanto aos nossos parisienses, esses não quiseram separar-se. Conservam-se uns ao pé dos outros. Frascalin não perdeu nem de leve o sangue-frio. Yvernés está muito nervoso. Pinchinat tem a resignação irônica.

Sebastião Zorn, esse repete a Atanásio Dorémus, o qual se decidiu por fim a reunir-se aos seus compatriotas:

— Bem prognostiquei eu que isto havia de acabar mal! Bem dizia eu!

— Deixa-te de tremolos em tom menor — grita-lhe Sua Alteza — e enfia pela goela abaixo os teus salmos da penitência!

Cerca da meia-noite, o ciclone redobra de violência. Os ventos que convergem encapelam vagas monstruosas e precipitam-nas de encontro a Standard-Island. Para onde a levará esta luta dos elementos? Acaso irá despedaçar-se em algum escolho? Desconjuntar-se-á em pleno oceano?

Agora, o seu casco está esburacado em mil pontos. As juntas estalam por todos os lados. Os monumentos, Saint-Mary Church, o templo, o palácio municipal, acabam de desabar e de se sumir nessas chagas hiantes pelas quais o mar jorra em repuxos potentes. Desses edifícios magníficos não se encontraria já um único vestígio. Que de riquezas, que de tesouros, quadros, estátuas, objecto de arte, aniquilados de vez! A população não tornará a ver um só resquício dessa soberba Milliard-City, quando romper o dia, se antes disso ela não se submergir com Standard-Island!

Com efeito, já o mar começa a estender-se pelo parque, pelos campos, onde o subsolo resistiu. A linha de flutuação baixou mais ainda. O nível da linha de hélice chegou ao nível do mar, e o ciclone arremessa para cima dela os vagalhões tremendos do mar largo!

Já não há abrigo nem refúgio em parte nenhuma. A bateria do Esporão, que está então a barlavento, não oferece nenhuma proteção nem contra os escarcéus, nem contra as rajadas, que açoutam como a metralha.

Escancaram-se os compartimentos, e o desconjuntamento propaga-se com um estrondo capaz de dominar os mais violentos ribombos do trovão... Aproxima-se a suprema catástrofe.

Pelas três horas da madrugada, fende-se de meio a meio o parque, conforme o leito da Serpentine-river, e por essa incisão jorra o mar em catadupas espessas.

Urge fugir quanto antes, e toda a população se dispersa pelos campos. Uns correm para os portos, outros para as baterias. Há famílias separadas, mães que debalde procuram os filhos, enquanto as vagas desenfreadas varrem a superfície de Standard-Island, como o faria

um macaréu gigantesco.

Walter Tankerdon, que se não afastou de Miss Dy, quer conduzi-la para o lado de Tribord-Harbour. Ela não tem forças para o seguir. Ele ergue-a quase inanimada, leva-a nos braços, vai assim através dos gritos de pavor da multidão, no meio desta escuridão horrorosa...

Às cinco horas da manhã, ouve-se um novo dilaceramento de metais na direção de leste.

Acaba de se desligar de Standard-Island um pedaço de uma meia milha em quadrado.

É Tribord-Harbour, são as suas fábricas, as máquinas, os seus armazéns que vão à tona de água...

Sob as lufadas cada vez mais medonhas do ciclone, então no cúmulo da violência, Standard-Island é sacudida como um destroço de naufrágio... O casco acaba de se desconjuntar... Separam-se compartimentos, e alguns, sobrecarregados de água, somem-se nas profundezas do oceano.

— Depois do crack da Companhia, o crack da ilha de hélice! — exclama Pinchinat.

E este dito resume a situação.

Agora, da maravilhosa Standard-Island restam apenas pedaços dispersos, semelhantes aos fragmentos esporádicos de um cometa despedaçado, que flutuam, não no espaço, mas na superfície do Pacífico!

# CAPÍTULO 14

## DESENLACE

Ao romper da alvorada, eis o que teria lóbrigado um observador se tivesse dominado estas paragens à altura de algumas centenas de pés: três fragmentos de Standard-Island, medindo entre dois e três hectares cada um, flutuam por aqueles paramos; uns doze de menor tamanho sobrenadam à distância de umas dez amarras uns dos outros.

O decrescimento do ciclone começou às primeiras claridades do dia. Com a rapidez especial destas grandes perturbações atmosféricas, o seu centro deslocou-se coisa de trinta milhas para leste. Todavia o mar, tão medonhamente sacudido., continua monstruoso, e estes destroços, grandes ou pequenos, jogam e balançam como navios num oceano furioso.

A parte de Standard-Island que mais sofreu foi a que servia de base a Milliard-City. Essa soçobrou de todo ao peso dos edifícios. Debalde se procurava qualquer vestígio dos monumentos, dos palácios que marginavam as principais avenidas das duas secções! Nunca foi mais completa a separação dos Bombordenses e dos Estibordenses e não era decerto assim que eles a sonhavam!

Acaso é considerável o número das vítimas? Há motivos para ter esse receio, se bem que a população se houvesse refugiado a tempo nos campos, onde o solo oferecia mais resistência ao desmembramento.

E então agora? Estão satisfeitos esses Coverley, esses Tankerdon, com os resultados que se devem à sua criminosa rivalidade? Não será já um deles quem governe com exclusão do outro! Subverteu-se Milliard-City, e com ela o preço enorme por que a pagaram! Mas nada de ter piedade pela sua sorte! Restam-lhes ainda milhões de sobra nos cofres dos bancos americanos e europeus para que lhes fique garantido na velhice o pão quotidiano!

O fragmento de maiores dimensões compreende esse trecho de campo que se estendia entre o Observatório e a bateria do Esporão. A sua superfície anda por três hectares, nos quais os naufragos — não é o nome que lhes convém — estão acumulados em número de três mil.

O segundo fragmento, de dimensões um pouco menores, conservou certas edificações que estavam próximas de Babord-Harbour, o porto com muitos depósitos de provisões e uma das cisternas de água doce. Quanto à fábrica de energia eléctrica, edifícios das máquinas e das fornalhas, esses desapareceram com a explosão das caldeiras.

É este último fragmento que serve de refúgio a dois mil habitantes. Talvez se possa estabelecer comunicação com o primeiro destroço, se é que não desapareceram todas as embarcações de Babord-Harbour.

Pelo que respeita a Tribord-Harbour, está na memória dos leitores que esta parte de Standard-Island se desprende violentamente pelas três horas da madrugada e sem dúvida soçobrou, porque, por mais que se alongue a vista, não se vê sinal dela.

Com os dois primeiros fragmentos vê-se um terceiro à tona de água, de uma superfície de quatro a cinco hectares, compreendendo a porção de campo que confinava com a bateria da

Popa, e no qual se encontram cerca de quatro mil náufragos.

Finalmente, uma dúzia de pedaços, medindo cada um alguns centos de metros quadrados, dão asilo ao resto da população salva do desastre.

Eis tudo o que resta do que foi a Jóia do Pacífico!

Cumpre, pois, avaliar em muitas centenas as vítimas da catástrofe. E ainda se devem dar graças a Deus por Standard-Island não ser tragada de todo pelas ondas do Pacífico! E acaso sobreviverá uma única testemunha deste sinistro, sem precedentes na necrologia marítima?

Não, urge não perder a esperança. Esses pedaços, que vogam ao deus-dará, transportam homens enérgicos, que porão em prática tudo quanto possa concorrer para a salvação comum.

É na parte adjacente à bateria do Esporão que estão reunidos o comodoro Simcoe, o rei e a rainha de Malecária, o pessoal do Observatório, o coronel Stewart, alguns dos seus oficiais, um certo número dos notáveis de Milliard-City, os membros do clero, finalmente, uma parte importante da população.

Aí também se encontram as famílias Coverley e Tankerdon, acabrunhadas pela medonha responsabilidade que pesa sobre os seus chefes. E não se sentem elas já feridas nas suas mais caras afeições, pela desapareção de Walter e de Miss Dy? Seriam recolhidos em qualquer dos outros fragmentos? Poderão conservar-se esperanças de os tornar a ver?

O Quarteto Concertante, assim como os seus preciosos instrumentos, está completo. Para empregar uma fórmula conhecida, "só a morte poderia separá-los!" Frascalin encara a situação com sangue-frio e não perdeu todas as esperanças. Yvernés, que tem por hábito considerar as coisas pelo lado extraordinário, exclamou perante este desastre:

— Dificil seria imaginar um fim mais grandioso!

Quanto a Sebastião Zorn, esse está fora de si. Nem o consola o facto de ter sido bom profeta, prognosticando as desventuras de Standard-Island, como Jeremias as desgraças de Sião.

Tem fome, tem frio, está constipado, tem ataques de tosse muito violentos, sucedendo-se sem interrupção. E o incorrigível Pinchinat a dizer-lhe:

— Ai! meu velho Zorn! Vê lá se pões aí um compasso de espera!

O violoncelista tem ganas de estrefegar Sua Alteza, o caso era ter força para isso.

E Calistus Munbar? Esse é simplesmente sublime! Sim, sublime! Não quer desesperar nem da salvação dos náufragos, nem da salvação de Standard-Island. Hão-de expatriar-se... Há-de consertar-se a ilha de hélice... Os fragmentos ainda não estão em mau estado, e não se há-de dizer que os elementos tenham levado o melhor dessa obra-prima de arquitetura naval!

O que é certo é que o perigo deixou de ser iminente. Tudo o que devia soçobrar durante o ciclone soçobrou com Milliard-City, os monumentos, os palácios, as habitações, as fábricas, as baterias, toda essa superestrutura de considerável peso. Naquele momento, os destroços estão em boas condições, a sua linha de flutuação elevou-se manifestamente, e as vagas já não lhes varrem a superfície.

Há, pois, um sério recalção, umas melhoras tangíveis, e, como está afastada da ameaça de submersão imediata, é melhor o estado sintomático dos náufragos. Renasce um pouco a

serenidade nos espíritos. Apenas as mulheres e as crianças, incapazes de raciocinar, não podem dominar o pavor.

E que aconteceu a Atanásio Dorémus? Logo no começo da catástrofe o professor de dança e de prendas de sala se viu arrebatado com sua velha criada em cima de um dos destroços. Mas uma corrente veio trazê-lo para o fragmento onde se encontravam os seus compatriotas do quarteto.

Entretanto, o comodoro Simcoe, como um capitão de um navio desmantelado, auxiliado pelo seu zeloso pessoal, pôs mãos à obra. Em primeiro lugar, será possível reunir os pedaços que flutuam isolados? Sendo isso impossível, poderá estabelecer-se comunicação entre eles? Esta última questão é sem demora resolvida afirmativamente, porque há muitas embarcações intactas em Babord-Harbour. Mandando-as de um para outro destroço, o comodoro Simcoe ficará sabendo de que recursos se pode dispor, quanto resta de água doce, quanto resta de víveres.

Mas haverá meio de marcar a posição desta flotilha de destroços em latitude e em longitude?

Não! À falta de instrumentos para tomar a altura, não é possível determinar o ponto, saber se a dita flotilha está próxima de um continente ou de uma ilha.

Pelas nove horas da manhã, o comodoro Simcoe embarca com dois dos seus oficiais numa lancha que foi mandada de Babord-Harbour. Esta embarcação permite-lhe visitar os diversos fragmentos, e eis o que se verifica no decurso desse inquérito.

Os aparelhos destinatários de Babord-Harbour estão destruídos, mas a cisterna ainda contém água potável para uns quinze dias, se se reduzir o consumo ao estritamente necessário.

Quanto às reservas dos armazéns do porto, podem elas assegurar a alimentação dos náufragos durante um lapso de tempo pouco mais ou menos igual.

É, pois, indispensável que dentro de duas semanas, quando muito, os náufragos tenham aportado a algum ponto do Pacífico.

Estas informações são até certo ponto tranquilizadoras. Todavia, o comodoro Simcoe vê-se constrangido a reconhecer que esta noite terrível fez muitas centenas de vítimas. Quanto às famílias Tankerdon e Coverley, é inexprimível a sua dor.

Nem Walter nem Miss Dy foram encontrados nos destroços visitados pela embarcação. No momento da catástrofe, o mancebo, levando nos braços a noiva desfalecida, dirigira-se para Tribord-Harbour, e desta parte de Standard-Island nada resta à superfície do Pacífico...

De tarde, tendo o vento abonançado de hora para hora, o mar caiu também, e os fragmentos mal sentem as ondulações largas. Graças à carreira estabelecida pelas embarcações de Babord-Harbour, o comodoro Simcoe ocupa-se em prover à alimentação dos náufragos, distribuindo-lhes apenas o que basta para não morrerem de fome.

Demais a mais, as comunicações cada vez são mais fáceis e mais rápidas. Os diversos fragmentos, obedecendo às leis da atração, como pedaços de cortiça à superfície de uma bacia cheia de água, tendem a aproximar-se uns dos outros. E como é que isto não havia de parecer de bom agouro ao esperançado Calistus Munbar, que entrevê a reconstituição da sua Jóia do Pacífico?

Decorre a noite em profunda escuridão. Vai longe o tempo em que as avenidas de

Milliard-City. as ruas dos bairros mercantis, os alfobres do parque, os campos e os prados resplandeciam à luz dos focos eléctricos, em que as luas de alumínio jorravam profusamente uma claridade deslumbrante pela superfície de Standard-Island.

No meio das trevas deram-se algumas colisões entre muitos dos fragmentos. É impossível evitar estes choques, mas por fortuna não tiveram eles tanta violência que causassem danos sérios.

Ao romper do dia, averigua-se que os destroços estão muito próximos e flutuam de conserva sem se chocarem no mar sereno e chão. Com algumas remadas passa-se de um para outro. O comodoro Simcoe facilitou tudo para regularizar o consumo dos víveres e de água doce. É essa a questão capital, bem o compreendem os náufragos, que se resignam.

As embarcações transportam muitas famílias, que andam à procura dos seus que não tornaram a ver. Que júbilo o daquelas que conseguem reunir-se, sem se afligirem com os perigos que as ameaçam.

Que angústias para as outras, que debalde invocaram os ausentes!

Evidentemente, uma das maiores felicidades é ter o mar abonançado. É talvez lamentável, contudo, que o vento não tenha continuado a soprar do sueste. Teria ajudado a corrente que, nesta parte do Pacífico, se dirige às terras australianas.

Por ordem do comodoro Simcoe, postam-se vigias de forma que possam observar o horizonte em todo o seu perímetro. Se aparecer algum navio, lhe farão sinais. Mas raros são os que passam por estas paragens longínquas nesta época do ano em que rebentam as tempestades equinociais.

É, pois, bem falível a probabilidade de descortinar algum fumo a enovelar-se acima da linha do céu e da água, alguma vela a recortar-se no horizonte... E, no entanto, por volta das duas horas da tarde, recebe o comodoro Simcoe a seguinte comunicação de uma das vigias:

— Ao rumo de nordeste, avista-se um ponto que se desloca sensivelmente, e embora se não distinga o casco, é certo que passa um navio à vista de Standard-Island.

Esta notícia provoca uma agitação extraordinária. O rei de Malecárliá, o comodoro Simcoe, os oficiais, os engenheiros, todos convergem para o lado onde acabava de se avistar o navio. Dá-se ordem para lhe chamar a atenção, já içando bandeiras no tope das antenas, já por meio de detonações simultâneas das armas de fogo de que se pode dispor. Se chegar a noite antes de se perceberem estes sinais, acenderá uma fogueira no fragmento testa de coluna, e, durante a noite, como será visível a grande distância, é impossível não darem por ele.

Não foi preciso esperar até à noite. A massa de que se trata aproxima-se visivelmente. Por cima dela desenvolve-se uma fumarada espessa, e não há dúvida de que ela procura acercar-se dos restos de Standard-Island.

Os óculos não a perdem de vista, conquanto o casco esteja pouco elevado acima do nível do mar e ela não possua mastreação nem velame.

— Meus amigos — exclama de repente o comodoro Simcoe —, não me engano! É um pedaço da nossa ilha... e não pode ser senão Tribord-Harbour, que foi arrastada para o largo pelas correntes! Somwah conseguiu fazer reparações na máquina e dirige-se para nós!

Acolhem esta notícia demonstrações de júbilo que atingem a loucura. Parece que está agora certa a salvação de todos! É como uma parte vital de Standard-Island que lhes volta

com esse pedaço de Tribord-Harbour!

Com efeito, o caso passou-se como supôs o comodoro Simcoe. Depois do dilaceramento, Tribord-Harbour, apanhado por uma contracorrente, foi impelido para o nordeste. Quando raiou o dia, o Sr. Somwah, oficial do porto, depois de fazer alguns reparos na máquina levemente danificada, voltou para o teatro do naufrágio, trazendo ainda consigo muitas centenas de sobreviventes.

Passadas três horas, Tribord-Harbour está apenas à distância de uma amarra da flotilha... E que transportes de alegria, que brados entusiásticos acolhem a sua chegada! Junto um do outro, tendo conseguido refugiar-se ali antes da catástrofe, vêem-se Walter Tankerdon e Miss Dy Coverley...

Entretanto, desde a chegada de Tribord-Harbour com as suas reservas de víveres e de água, entrevêm-se algumas esperanças de salvação. Esses armazéns possuem uma quantidade suficiente de combustível para mover as máquinas, alimentar dínamos, atuar sobre as hélices durante alguns dias. Esta força de cinco milhões de cavalos, de que ele dispõe, deve permitir-lhe o alcançar a terra mais próxima. Essa terra é a Nova Zelândia, segundo as observações feitas pelo oficial do porto.

Mas a dificuldade é que esses milhares de pessoas possam tomar passagem em Tribord-Harbour, cuja superfície não excede seis a sete mil metros quadrados. Se verão reduzidos a mandar buscar socorros a cinquenta milhas de distância?

Não! Esta navegação exigiria um tempo considerável, e as horas estão contadas. Não há um dia a perder, com efeito, se se quiser livrar os naufragos dos horrores da fome.

— Temos recurso melhor — lembra o rei de Malecária. — Os fragmentos de Tribord-Harbour, da bateria do Esporão e da bateria da Popa podem transportar a totalidade dos sobreviventes de Standard-Island. Liguemos estes três fragmentos com fortes amarras, e ponhamo-los em fila, como os lanchões atrás de um rebocador. Depois, Tribord-Harbour que tome a dianteira, e, com os seus cinco milhões de cavalos, nos levará à Nova Zelândia!

O conselho é excelente, é prático, tem todas as probabilidades de êxito, desde o momento em que Tribord-Harbour dispõe de tão poderosa força locomotriz. Volta a confiança ao ânimo da população, como se já estivesse à vista de um porto.

Emprega-se o resto do dia nos trabalhos necessários para a amarração por meio de correntes de ferro fornecidas pelos armazéns de Tribord-Harbour.

Calcula o comodoro Simcoe que, nestas condições, esse rosário flutuante poderá andar de oito a dez milhas em vinte e quatro horas. Portanto, dentro de cinco dias, auxiliado pelas correntes, terá vencido as cinquenta milhas que o separam de Nova Zelândia. Ora há a certeza de que as provisões podem durar até essa data. Todavia, por prudência, na eventualidade de qualquer demora, se manterá com todo o rigor o arraçoamento.

Terminados os preparativos, Tribord-Harbour toma a frente do rosário pelas sete horas da noite. Sob a propulsão das suas hélices, os dois fragmentos, por ele rebocados, deslocam-se lentamente por esse mar chão.

No dia seguinte, ao romper da alva, as vigias perderam de vista os últimos destroços de Standard-Island.

Não há incidente a mencionar nos dias 4, 5, 6, 7 e 8 de Abril. O tempo é favorável, a

vaga mal se percebe e a navegação taquara-seca em condições excelentes.

Pelas oito horas da manhã, a 9 de Abril, dá-se o sinal de terra pela amura de bombordo — terra alta, que se pode avistar a grande distância.

Marcado o ponto com os instrumentos conservados em Tribord-Harbour, não há dúvida nenhuma sobre a identidade desta terra.

É a ponta de Ika-Na-Mawi, a grande ilha setentrional da Nova Zelândia.

Passa-se ainda um dia e uma noite, e na manhã seguinte, a 10 de Abril, Tribord-Harbour vem encalhar a uma amarra do litoral da baía Ravaraki.

Que satisfação, que segurança não experimenta toda esta população ao sentir debaixo dos pés a terra verdadeira e não esse solo factício de Standard-Island! E, todavia, quanto tempo não teria durado este sólido aparelho marítimo se as paixões humanas, mais fortes que os ventos e os mares, não houvessem trabalhado para a sua destruição!

Os náufragos são recebidos com toda a hospitalidade pelos neozelandeses, que se apressam a abastecê-los de tudo quanto necessitam.

Logo à chegada a Auckland, capital de Ika-Na-Mawi, celebra-se, finalmente, o casamento de Walter Tankerdon e de Miss Dy Coverley, com toda a pompa que as circunstâncias comportam. Acrescentemos que o Quarteto Concertante faz-se ouvir pela última vez nesta cerimónia, à qual quisera assistir todos os Milliardenses. É essa uma união que deve ser próspera, e pena é que se não tivesse realizado mais cedo, para interesse comum! É certo que os noivos não possuem mais de um pobre milhão de rendimento cada um...

Mas, como observa Pinchinat, tudo leva a crer que ainda encontrarão felicidade nesta medíocre situação da fortuna!

Quanto aos Tankerdon, aos Coverley e outros notáveis, o seu projeto é voltarem para a América, onde não terão mais desavenças sobre o governo de uma ilha de hélice.

A mesma determinação pelo que respeita ao comodoro Simcoe, ao coronel Stewart, e aos oficiais, ao pessoal do Observatório e até ao superintendente Calistus Munbar, que está, em todo o caso, bem longe de renunciar à ideia de fabricação duma nova ilha artificial.

O rei e a rainha de Malecária não dissimulam as saudades que têm dessa Standard-Island, na qual esperavam terminar a existência! Esperamos que os ex-soberanos sempre encontrem um cantinho da Terra onde acabem os últimos dias ao abrigo de dissensões políticas!

E o Quarteto Concertante?

Pois diga lá o que disser Sebastião Zorn, o Quarteto Concertante não fez mau negócio, e seria ingratidão estar ainda zangado com Calistus Munbar, por o ter embarcado contra sua vontade.

Com efeito, desde 25 de Maio do ano anterior até 10 de Abril do presente, decorreram pouco menos de onze meses, durante os quais os nossos artistas viveram a vida regalada que se sabe. Receberam os quatro trimestres do seu ordenado, três dos quais estão depositados nos bancos de São Francisco e de Nova Iorque, os quais os entregarão à sua ordem em lhes convindo...

Depois da cerimónia do casamento em Auckland, Sebastião Zorn, Yvernés, Frascolin e Pinchinat foram despedir-se dos seus amigos, sem esquecer Atanásio Dorémus.



Em seguida embarcaram num vapor com destino a San Diego.

Chegados a 3 de Maio a esta capital da Baixa Califórnia, o seu primeiro cuidado é desculpam-se, por intermédio dos jornais, por terem faltado à sua palavra onze meses antes, e expressarem o seu vivo pesar por se terem feito esperar.

— Meus senhores, ainda éramos capazes de estar à vossa espera vinte anos mais!

Tal é a resposta do amável diretor dos saraus musicais de San Diego.

Não é possível ser-se mais indulgente nem mais delicado. Por isso, a única maneira de reconhecer tamanha cortesia é dar o concerto há tanto tempo anunciado!

E perante um público tão numeroso quanto entusiasta, o quarteto em fá maior, Op. 9, de Mozart, vale aos virtuosos, escapos do naufrágio de Standard-Island, um dos maiores triunfos da sua carreira de artistas.

Assim termina a história dessa maravilha do mundo, dessa incomparável Jóia do Pacífico! Bom é tudo quanto acabe bem, diz o vulgo, mas mau é tudo quanto acaba mal, e não é esse o caso de Standard-Island?

Acabada, não! Qualquer dia há-de ela ser reconstruída, ao que pretende Calistus Munbar.

E, no entanto — nunca é demais repeti-lo —, criar uma ilha artificial, uma ilha que se desloca pela superfície dos mares, não é porventura transcender os limites concedidos ao gênio humano, e não será defeso ao homem, que não dispõe dos ventos nem das ondas, usurpar tão temerariamente o que pertence ao Criador?

**FIM**